

Tâmara Maria Costa e Silva Nogueira de Abreu

**O livro para crianças em tempos de
Escola Nova:
MONTEIRO LOBATO & PAUL FAUCHER**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, para a obtenção do título de Doutor em Literatura Comparada.

Orientadora: Prof^a Dr^a Marisa Philbert Lajolo

Universidade Estadual de Campinas

2009

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

Ab86L	<p>Abreu, Tâmara Costa e Silva.</p> <p>O livro para crianças em tempos de Escola Nova : Monteiro Lobato & Paul Faucher / Tâmara Maria Costa e Silva Nogueira de Abreu. -- Campinas, SP : [s.n.], 2010.</p> <p>Orientador : Marisa Philbert Lajolo.</p> <p>Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.</p> <p>1. Lobato, Monteiro, 1882-1948 – Critica e interpretação. 2. Faucher, Paul, 1898-1967 – Critica e interpretação. 3. Escola nova. 4. Livros - História. 5. Livros e leituras para crianças. I. Lajolo, Marisa Philbert. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">tjj/iel</p>
-------	---

Título em inglês: The children's book in The New School years : Monteiro Lobato & Paul Faucher.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Monteiro Lobato; Paul Faucher; The New School; Book - History; Children's book.

Área de concentração: História e Historiografia Literária.

Titulação: Doutor em Teoria e História Literária.

Banca examinadora: Profª. Dra. Marisa Philbert Lajolo (orientadora), Profª. Dra. Orna Messer Levin, Prof. Dr. Ezequiel Theodoro da Silva, Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes, Profª. Dra. Tânia Regina de Luca. Suplentes: Prof. Dr. Paulo Franchetti, Profª. Dra. Beth Brait, Profª. Dra. Sandra Guardini Teixeira Vasconcelos.

Data da defesa: 19/04/2010.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária.

Folha de aprovação

BANCA EXAMINADORA:

Marisa Philbert Lajolo

Aljolo

Orna Messer Levin

Orna Messer Levin

Ezequiel Theodoro da Silva

Ezequiel Theodoro da Silva

Marcos Antonio de Moraes

Marcos Antonio de Moraes

Tânia Regina de Luca

Tânia Regina de Luca

Paulo Elias Allane Franchetti

Elisabeth Brait

Sandra Guardini Teixeira Vasconcelos

IEL/UNICAMP
2010

Este exemplar é a redação final da
tese / dissertação e aprovada pela
Comissão Julgadora em:

14/10/2010

201017296

*Para vovó Lourdes (in memoriam), a maior leitora que eu já
conheci, cuja casa era o meu Sítio do Picapau Amarelo.*

Agradecimentos

Ao formular os agradecimentos, relembro toda a trajetória percorrida ao longo dos anos dedicados a este doutoramento. A primeira coisa que me ocorre é um dos seus resultados: aprendi que precisamos mais dos outros do que supomos. Minha tese não se teria realizado sem o apoio, o trabalho, a generosidade, e a boa vontade de algumas pessoas – além de alguma dose de perseverança da minha parte.

Esta pesquisa, realizada em arquivos históricos públicos e privados, dependeu de muitas conversas com professores; das agências de fomento à pesquisa; de bibliotecários, documentalistas, e arquivistas; de proprietários de arquivos pessoais; de meus colegas pesquisadores; dos meus amigos; e da minha família. Assim, dirijo os meus mais sinceros agradecimentos:

- À FAPESP e à CAPES, pelas bolsas que financiaram por 4 anos este trabalho, no Brasil e na França respectivamente;
- à Professora Marisa Lajolo, por me receber de braços abertos para compor a sua equipe, pelas leituras atentas de cada projeto e texto meu, e por me ensinar muito do que hoje eu sei sobre a pesquisa em história literária;
- aos queridos Kazue Matuda Miura, Sônia Bertonnazzi, Nério Sacchi Jr., e Kelma Fontoura, da Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, pela atenção e generosidade de sempre;
- a Fabienne, bibliotecária da *école primaire* do Liceu Pasteur de São Paulo/Casa Santos Dumont, pela sua disponibilidade em ajudar e enorme simpatia;
- ao pessoal do CEDAE, em especial Lígia, Patrícia e Carmem, pelo carinho e boa vontade com os pesquisadores;
- ao pessoal da FNLIJ e do Cpdoc-FGV, pela boa recepção quando pesquisei no Rio;
- à Professora Idelette Muzart dos Santos, pela calorosa acolhida no seu grupo de pesquisa na Université Paris-X Nanterre e pela orientação durante o estágio no exterior;
- a Anne-Marie Chartier, grande fada-madrinha desta tese, pelas leituras e discussões de meus textos, por todas as portas que me foram abertas, por todo o material e todo o tempo que me foi disponibilizado, por sua imensa generosidade, enfim;

- a Cécile e Louis-Marie, bibliotecários da *L'Heure Joyeuse*, pelo extraordinário serviço prestado a esta tese, pelas agradáveis jornadas de trabalho, pelas ricas conversas, pelas refeições e cafés na cozinha da biblioteca; agradeço ainda a Viviane Ezraty pela sua atenção, e, em especial, a Madame Françoise Lévêque, pelo conhecimento compartilhado em muitas conversas e pelas preciosidades que me apresentou;
- a Monsieur François Faucher, por me ajudar a chegar à *Maison du Père Castor* em Forgeneuve-Meuzac, onde não havia nenhum transporte público ou hotel, pela enorme confiança e honra ao me entregar as chaves da casa de sua família e me hospedar no andar de baixo dos arquivos de seu pai (que ainda não haviam sido transferidos para a Médiathèque), por todas as nossas conversas, por me apresentar à cultura limousine, pela relação de respeito e amizade que nasceu dessa pesquisa;
- às bibliotecárias Maryse e Valérie (cara amiga), responsáveis pela Médiathèque e pelos Archives Du Père Castor, pela grande e valiosa ajuda que me deram para realizar esta pesquisa e pela sua enorme gentileza;
- a François Bos, responsável pelos arquivos do *Institut Jean-Jacques Rousseau*, pela colaboração durante a pesquisa em Genebra, e pela cópia dos artigos que, na época, foram enviados gentilmente a minha casa em Paris;
- a Jana Doubalova, pela sua cortesia e solidariedade em Praga, quando me levou até o Insitut Jedlicka e serviu como intérprete de tcheco-francês durante a minha entrevista com o diretor do instituto, Jan Picman;
- aos pesquisadores doutores Laurent Gutiérrez, Martin Stauffer e Priscila Fraiz, pela troca de idéias e de informações que contribuíram para esta tese;
- a Michelle Piriou, responsável pela biblioteca do *Centre de Recherche en Pédagogie Active* da *Ecole Nouvelle d'Antony* ;
- Aos Professores Roger Chartier (EHESS), Jean-Yves Mollier (Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines), e Annie Renonciat (Université Paris VII), pela atenção ao me receber e discutir este trabalho ;
- a Mme Nic Diament, pela boa acolhida durante a minha visita à *La Joie par Les Livres*;
- ao colega Luís Hellmeister de Camargo, pelo envio generoso do livro sobre Voltolino quando eu estava em Paris;

- ao Emerson Tin, à Cilza Bignotto, colegas do grupo de pesquisa *Monteiro Lobato e outros Modernismos Brasileiros*, pelo trabalho, conversas e material compartilhados;
- às minhas amigas Thaís Albieri, Raquel Afonso e Lucila Zorzato pelo companheirismo diário na Unicamp e pela valiosa amizade na vida;
- aos amigos e agregados da *República Personnalité*, sobretudo aos meus “manos” Bléia e Dani, por todas as emoções, alegrias, angústias, relatórios Fapesp e tensões pré-tese compartilhadas nos 2 primeiros anos do doutorado;
- aos amigos da *Maison du Brésil* com quem passei meu terceiro ano de doutorado, em especial a Iara e Eva, minhas duas grandes companheiras nessa casa onde dividimos as conquistas e as durezas de cada dia vivido num país estrangeiro;
- a Rogério Medeiros, velho amigo que verteu meu resumo para inglês da noite pro dia;
- a Cat e Juli, irmãzinhas desde a escola técnica, pelo apoio de sempre durante esse doutorado, obrigada por cada galho quebrado em nome da nossa velha amizade;
- a Nêga, amiga-irmã também dos tempos de escola, por ter me acompanhado e ajudado desde Recife até Paris, pela mão sempre estendida, presença constante em minha vida aonde quer que eu vá;
- a meu pai, Augusto, pelo incentivo e pelo custeio de todos os muitos livros que eu comprei na França;
- a Ariádne, minha amada mãe, pela força que me dá sempre, pelo seu braço firme, pela presença e dedicação eternas;
- a André, meu vizinho do quarto 104 em Paris, com quem me casei e segui em frente na vida, por todo o incentivo moral e material a este trabalho, em leituras de meus textos, em discussões proveitosas, conselhos e críticas; obrigada pelo salário que você me doou em certa ocasião, você no Brasil e eu na França, para financiar 15 dias de minha pesquisa em Forgeneuve; pelo companheirismo, pelo prumo que você me dá, pela generosidade sem par, por todo esse amor, muito obrigada.
- ao Lino, nosso filho, por toda a alegria que deu mais leveza à escrita desta tese.

Se, durante séculos, nós nem sequer pensamos em dar às crianças roupas que lhes fossem apropriadas, como pensaríamos em lhes dar livros?

(...)

Em que momento se pensou que elas podiam desejar outras leituras além daquelas da escola, outras obras além dos catecismos ou das gramáticas? Que revolucionário percebeu a sua existência e ousou consagrá-la? Que observador perspicaz, baixando os olhos, viu ao seu redor crianças? Que benfeitor lhes trouxe a alegria, multiplicada ao infinito, de possuir enfim um livro que fosse realmente delas?

Paul Hazard

« *Les Livres, les enfants et les hommes* », pp. 15-17.

(Tradução nossa)

Resumo

Este trabalho contempla a história do livro para crianças no Brasil e na França entre as décadas de vinte e quarenta e a sua estreita relação com o movimento renovador da educação em ambos os países; concentra-se no estudo das obras do brasileiro **Monteiro Lobato** (1882-1948) e do francês **Paul Faucher** (1898-1967), criador dos famosos álbuns do “Père Castor”. Amigos de importantes educadores do movimento da **Escola Nova**, Lobato e Faucher empreenderam experiências pioneiras na produção de livros para crianças. No trabalho de ambos, percebe-se uma semelhança fundamental: a existência de um projeto pedagógico subjacente ao projeto editorial. Mais do que comparar pontos em comum ou distintos na obra desses dois promotores de leitura, o objetivo principal, ao compará-los, é iluminar aspectos que engendram essas semelhanças e diferenças; é compreender que razões em jogo as condicionam dentro do contexto de produção, circulação e recepção dessas obras. Nesta tese, procurou-se discutir que tipo de leitura Lobato e Faucher fizeram da **Escola Nova**; como a adesão deles ao ideário do movimento escolanovista resulta em livros; que tipo de investimento cada um fez e o que resultou dessas escolhas: semelhanças? Diferenças? Com este fim, a pesquisa debruçou-se não apenas sobre livros, mas também sobre cartas pessoais, periódicos, fichas de edição, relatórios de vendas, prospectos de congressos, e toda sorte de impressos que documentam as atividades e as relações estabelecidas entre escritores, editores, artistas plásticos, intelectuais, políticos, pedagogos e educadores. As conclusões a que se chegou apontam para uma semelhança nos mecanismos de funcionamento do sistema literário no Brasil e na França dos anos 20, 30 e 40; semelhantes concepções de infância e educação em Lobato e Faucher, no entanto, diferentes métodos na realização dos projetos editoriais e literários que deram origem aos seus livros.

Palavras-chave: Monteiro Lobato, Paul Faucher, Escola Nova, História do Livro, Livro Para Crianças.

Abstract

This dissertation examines the history of children's books in Brazil and France between the decades of 1920 and 1940 and its close relation to the education renovating movement in both countries; it focuses on the work of the Brazilian author **Monteiro Lobato** (1882-1948) and the French **Paul Faucher** (1898-1967), creator of the famous *Père Castor* albums. While keeping friendship relations with eminent educators of the *Escola Nova* [New School or Progressive Education] movement, both Lobato and Faucher carried out pioneering practices in children's books production. It is possible to notice a fundamental common aspect in the work of both authors: the presence of a pedagogical project underlying their editorial project. More than comparing common and distinctive points in the work of these two supporters of reading, the main objective here is to elucidate some aspects that contribute to these similarities and differences by identifying the factors that shape these elements of comparison in the context of the creation, dissemination and reception of their work. In this dissertation, I sought to examine what was the perception that Lobato and Faucher had about the *Escola Nova* movement, how their connection to the movement reflect in their books, which pathways each of them took and what were the results of the choices they have made. Are they mostly differences or similarities? In trying to answer these questions, the research sought to examine not only books, but also personal letters, journals, notes, sales reports, conference proceedings, and all sorts of printings that document the authors' activities and the relations they established with writers, editors, artists, intellectuals, politicians and educators. The conclusions I have reached point toward a similarity in the literary systems of Brazil and French in the 20s, 30s and 40s; they also indicate similar conceptions of childhood and education in Lobato and Faucher; in contrast, however, the findings also reveal differences in the methods used in the editorial and literary projects that are at the origin of their books.

Keywords: Monteiro Lobato, Paul Faucher, Escola Nova, History of the Book, Children's Book.

Lista de Figuras

Figura 1	Capa da 1ª ed. de <i>Fábulas de Narizinho</i> (1921)	32
Figura 2	Capa da 1ª ed. de <i>Fábulas</i> (1922)	32
Figura 3	1ª página da carta de Octales a Lobato em 27/02/1941	39
Figura 4	Detalhe do verso da folha de rosto da Revista do Brasil nº 46	45
Figura 5	Detalhe da folha de rosto da P.E.N. nº 1 (1922)	52
Figura 6	Folha de rosto da 1ª ed. do livro de Buyse	61
Figura 7	Primeira página da carta de Lourenço Filho a Lobato	74
Figura 8	Detalhe do verso da falsa folha de rosto de <i>O Sacy</i> 1ª ed. (1921)	75
Figura 9	Primeira página da carta de F. de Azevedo a Lobato 02/08/1927	79
Figura 10	Certidão de declaração de associação do BFE	88
Figura 11	Prospecto original com o programa do Congresso de Locarno	94
Figura 12	Prospecto original do <i>Congrès de Nice</i>	98
Figura 13	Capa do Catálogo Geral da Companhia Editora Nacional 1932	108
Figura 14	<i>A menina do narizinho arrebitado</i> 5ª ed. (1928)	113
Figura 15	Folha de rosto de <i>O Circo de Escavallinho</i> (1929)	114
Figura 16	Pág. 183 de <i>História do Mundo para crianças</i> (1933)	115
Figura 17	Primeira página do relatório de atividades da CLI, de 31/03/1937	121
Figura 18	Detalhe da p. 62 do <i>Catálogo de Livros Escolares</i> da C.E.N. 1935	126
Figura 19	Capa do Catálogo Geral CEN 1933	134
Figura 20	Capa do Catálogo Geral CEN 1937	134
Figura 21	Detalhe da pág. 39 do Catálogo geral CEN 1933	140
Figura 22	Anúncio da col. <i>Bibliothèque Rose</i> publicada pela <i>Hachette</i>	145
Figura 23	Capa de <i>Je fais mes masques</i> (1931)	146
Figura 24	Catálogo à parte dos <i>Albums du Père Castor</i> para o ano de 1935	151
Figura 25	Folha de rosto de <i>La maison des oiseaux</i> (1942)	156
Figura 26	Ilustração de Rojan em <i>La maison des oiseaux</i> (1942)	156
Figura 27	Carta de Lourenço Filho a Paul Faucher, 18/4/1940	164
Figura 28	Capa da 1ª ed. de <i>As Reinações de Narizinho</i> (1931)	168

Figura 29	Folha de rosto da 1ª ed. de <i>As Reinações de Narizinho</i> (1931)	168
Figura 30	Folhas de guarda da 2ª ed. de <i>As Reinações de Narizinho</i> (1933)	172
Figura 31	Páginas 62 e 63 da 2ª ed. de <i>Reinações</i> , com grifos do autor	174
Figura 32	Capa do <i>Livres d'Étrennes</i> 1932	181
Figura 33	Folha de rosto do L. E. 1932	181
Figura 34	Carta de Paul Faucher à ilustradora Nathalie Parain	183
Figura 35	Detalhe da p. 319 do L. E. 1932	185
Figura 36	Capa da 1ª ed. de <i>Je découpe</i> (1931)	192
Figura 37	Folha de rosto (op. cit.)	192
Figura 38	Páginas 4 e 5 da 1ª ed. do <i>Je découpe</i> (1931)	194
Figura 41	Páginas 12 e 13 da 1ª ed. do <i>Je découpe</i> (1931)	195
Figura 40	Páginas 18 e 19 da 1ª ed. do <i>Je découpe</i> (1931)	195
Figura 41	verso da contracapa (op. cit.)	196
Figura 42	idem	196
Figura 43	Propaganda da coleção no final da 1ª ed. de <i>Je découpe</i>	197
Figura 44	Propaganda da coleção no final da 3ª ed. de <i>Je découpe</i>	197
Figura 45	Copyright na folha de rosto da 1ª edição (op. cit.)	202
Figura 46	Detalhe da folha de rosto de <i>Reinações</i> 1ª ed. (1931)	203

Lista de Tabelas

Tabela 1	Educadores contemporâneos de Lobato e Faucher	55
Tabela 2	Reforma das tarifas alfandegárias em 1926	105
Tabela 3	População do Brasil e da França nos anos de 1921 e 1936	110
Tabela 4	Organização dos Catálogos Gerais da CEN	132
Tabela 5	Títulos destinados a crianças conforme catálogos C.E.N. 1931-1937 ...	137
Tabela 6	Produção infantil de Lobato 1931-1940 (dados editoriais)	141
Tabela 7	Obras da autoria de Lobato segundo o gênero (1931-1940)	142
Tabela 8	Produção infantil de Faucher 1931-1940 (dados editoriais)	154
Tabela 9	Produção de livros de Lobato e de Faucher 1930-1940	157
Tabela 10	Inf. gerais e modo de organização na trajetória de <i>Reinações</i>	178
Tabela 11	Os livros que se transformaram em capítulos de <i>Reinações</i>	179
Tabela 12	Características dos 2 primeiros álbuns do Père Castor	184
Tabela 13	Diferenças bibliográficas entre os livros de Lobato-Faucher	204
Tabela 14	Tiragens: <i>Reinações/Je découpe</i> versus <i>Hist. do Mundo/Ribambelles</i> ..	206
Tabela 15	Ensino primário na França de 1922 a 1938	208-209
Tabela 16	Ensino Primário na França e no Brasil em 1933/1938	209

Sumário

Introdução	23
Capítulo 1 – Teorias pedagógicas modernas circulando entre dois continentes	45
1.1 A ESCOLA NOVA: origem, conceito e pressupostos	47
1.2 A revista Pour l'Ère Nouvelle	52
1.3 As idéias circulam porque as pessoas circulam	57
1.4 O Brasil na Escola Nova ou a Escola Nova no Brasil	60
1.4.1 A Revista do Brasil e a Escola Nova	64
1.4.2 O que dizem as cartas	73
1.5 Brasileiros no estrangeiro e estrangeiros no Brasil (1927-1932)	86
1.5.1 Nova York e Locarno em 1927: encontros memoráveis	87
1.5.2 František Bakule	89
1.5.3 O Brasil em Locarno	92
1.5.4 A <i>Education Nouvelle</i> no Brasil	95
Capítulo 2 – Livros para crianças no entre-guerras	101
2.1 A guerra do papel	104
2.2 Leitura e livros durante uma década de crise (anos 20)	107
2.3 Livros para crianças na tumultuada década de 30	117
2.3.1 A Comissão de Literatura Infantil	118
2.3.2 As pesquisas de opinião sobre a leitura infantil.....	127
2.4 Os catálogos da Companhia Editora Nacional nos anos 30	131
2.4.1 Modo de organização e apresentação	131
2.4.2 Títulos infantis nos catálogos: o espaço destinado à literatura infantil	135
2.4.3 Lançamentos e reedições por gênero	138
2.5 Os catálogos da Flammarion nos anos 30: os álbuns do Père Castor	143

2.5.1 O triunfo do álbum	146
2.5.2 Les Albums Du Père Castor	149
1.5.5 Os álbuns do Père Castor no Brasil	158
Capítulo 3 – Reinações e <i>Je découpe</i>: um estudo de caso	167
3.1 Quanto à origem dos livros	198
3.2 Quanto ao seu gênero ou classificação	198
3.3 Quanto ao projeto editorial	199
3.4 Quanto ao título escolhido	200
3.5 Quanto ao público visado (classe social)	201
3.6 Quanto aos dispositivos formais	202
3.7 Quanto às reedições, tiragens e vendas	205
3.8 Quanto ao número de leitores (alunos do ensino primário)	207
3.9 Quanto à estética	212
3.10 Quanto à estrutura da casa editora	213
3.11 Considerações finais deste capítulo	215
Conclusão	217
Referências bibliográficas	223
Anexos	231

Introdução

A profusão de estudos históricos que se concentram no período entre os anos vinte e quarenta do século XX parece proporcional à intensidade dos acontecimentos que alteraram a feição política e econômica de dezenas de países entre a primeira (1914-1918) e a segunda (1939-1945) guerra mundial. Se, por um lado, falar desse período pode renovar as discussões já existentes trazendo nova luz à análise de temas tradicionais nas ciências humanas, por outro lado, também pode falhar na ambição do propósito uma vez que há consideráveis riscos de se “chover no molhado”.

O mesmo risco de repetição e cansaço há para os estudos literários brasileiros quando o assunto é um escritor para crianças tão freqüentado quanto José Bento Monteiro Lobato (1882-1948). Junto à reedição recente de suas obras completas pela Editora Globo – após longa batalha judicial da família contra a editora Brasiliense (antiga detentora dos direitos autorais do escritor), muitas teses, dissertações, monografias, livros e um sem-número de artigos já foram publicados sobre Lobato;¹ e a razão de se continuar falando sobre ele é a impossibilidade de evitá-lo no caso de uma tese que se propõe a investigar uma parte da história do livro e da edição para crianças na primeira metade do século vinte.

Este trabalho contempla dois nomes da literatura infantil produzida no Brasil e na França dos anos 20, 30 e 40 do século passado, que podem ser considerados seus maiores representantes²: Monteiro Lobato e Paul Faucher (1898-1967), o criador dos célebres *Albums du Père Castor* que a casa *Flammarion* edita desde 1931. Devido à razoável fortuna crítica existente tanto sobre o primeiro, no Brasil, quanto sobre o segundo, na França, não há nada de original em estudá-los isoladamente. No entanto,

¹ Pesquisadores do projeto temático **Monteiro Lobato (1882-1948) e outros Modernismos Brasileiros** (financiado pela FAPESP) fizeram um levantamento de publicações acadêmicas sobre Monteiro Lobato e colocaram à disposição no site <http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/resultado.htm>

² Ambos são considerados aqui representantes de peso devido ao volume de sua produção no período em questão e à fortuna crítica existente sobre a sua obra. Tanto os livros de Lobato quanto os álbuns dirigidos por Faucher têm números significativos registrados em dados de tiragens, vendas e reedições que constam em documentos arquivados em suas respectivas editoras.

colocá-los em relação, considerando-os dentro de uma perspectiva comparativa na qual um poderia iluminar o outro, é o que enseja a novidade dessa tese de doutorado.

Por que Monteiro Lobato e Paul Faucher

Duas perguntas acompanharam a condução deste trabalho de pesquisa em literatura comparada, na preocupação de que ela fosse tanto pertinente quanto exequível. A primeira delas: por que comparar Lobato e Faucher? Ou, simplesmente, por que não comparar Lobato e o escritor Charles Vildrac³ (o que seria interessante mas de outro ponto de vista), por exemplo?

Em primeiro lugar, não é a comparação de dois escritores consagrados que nos interessa; em vez disso, procuramos tomar como parâmetro dois grandes “fazedores de livros” – ou promotores de leitura – que tenham conjugado as atividades de escrita e de edição. Em segundo lugar, mesmo tendo sido inicialmente um importante livreiro-editor dentro do grupo *Flammarion* e conhecido como um militante do movimento escolanovista, a atividade mais marcante de Paul Faucher foi inventar álbuns modernos para crianças, tendo dirigido a criação de 320 títulos em vida.

A segunda pergunta diz respeito à justificativa da nossa escolha: já que Lobato e Faucher não se conheciam, ou seja, se não houve modelos históricos de transmissão, o que é que motivou a comparação do trabalho de ambos? Tampouco a hipótese de haver semelhanças morfológicas ou materiais nos seus livros se sustentou desde o início da pesquisa, pois eles têm apresentações gráficas diferentes. Sem a comprovação de uma aproximação direta entre Lobato e Faucher, o que nos pareceu digno de atenção foi o fato de dois países geograficamente distantes como Brasil e França terem manifestado – entre os anos 20 e 40 – iniciativas editoriais relacionadas a um

³ Charles Messager (1882-1971), nascido no mesmo ano que Lobato, era o verdadeiro nome desse poeta, contista e autor de peças de teatro. Em 1924, Vildrac começa a escrever para o público infantil com o romance *L'île rose*, que tornou-se um clássico de grande sucesso entre leitores e bibliotecários. Essa obra é citada por vários estudiosos da história da literatura infantil francesa.

mesmo movimento educacional; foi o fato de dois homens que não se conheciam terem feito livros para crianças inspirados em um semelhante conceito de infância e educação.⁴

A nossa hipótese é a de que haveria entre esses autores um ponto comum: **projetos editoriais em aliança com projetos pedagógicos**. Em princípio, esta aliança é que justificaria o estudo, pois concordamos com Daniel-Henri Pageaux, para quem a “Literatura Geral e Comparada” não compara textos em si, mas através deles, faz dialogar as culturas. Nesse sentido, “a confrontação não é senão uma preparação para outras interrogações, outras pesquisas: colocar em relação textos, séries de textos, literaturas, culturas, e acompanhar seus diálogos.” (PAGEAUX, 1994, p. 5). Não se trata de detectar igualdades/desigualdades existentes por si sós, mas de torná-las possíveis através da análise de seus complexos condicionantes históricos.

“o fato comparado, o resultado da comparação não são “evidentes”: eles pertencem ao domínio das analogias, das equivalências, das filiações, das afinidades, enfim da ordem do relativo e que não pertence ao demonstrável. (...) Cada vez que o estabelecimento de relação leva a consolidar dicotomias, singularidades irreduzíveis, a literatura comparada não atingiu o seu objetivo: ela não criou nada de novo a partir do agrupamento operado, nada construiu nem “entre” nem “acima” dos textos agrupados.”. (op. cit., p. 17)

Assim, a aparente ausência de semelhança entre os livros de Lobato e de Faucher não nos impede de construir categorias de comparação que legitimem a relação que buscamos estabelecer. Nossa busca não é pela comparação dos livros em si, nem das trajetórias sociais de cada autor, mas através dessas duas instâncias, comparar o que elas revelam: a dinâmica da criação, da concepção, da circulação e da recepção desses objetos culturais destinados à infância no período e no contexto em questão.

Monteiro Lobato e Paul Faucher fizeram livros que não se separam do seu tempo, um tempo que é também do movimento renovador da educação ou simplesmente Escola Nova – à qual eles estavam ligados em menor ou maior grau. Está claro, todavia, que a filosofia educacional que seria subjacente a esses dois projetos editoriais não pode

⁴ Essa hipótese inicial apresentada no projeto de doutorado se confirmou durante a segunda parte da pesquisa, realizada na França, onde tivemos acesso às primeiras edições de Faucher, bem como à correspondência e a todos os arquivos do editor. Em Genebra (*Archives de l'Institut Jean-Jacques Rousseau*) e no Rio de Janeiro (cpdoc-FGV), através do estudo de arquivos históricos de educadores importantes, foi possível complementar a análise da relação entre os livros de Lobato e de Faucher e o movimento da “Escola Nova”, que constitui o tema central desta tese.

ser explicada unicamente por razões pedagógicas, mesmo que elas sejam muito importantes para a análise dessas obras.

Para traçar um paralelo entre Lobato e Faucher, há que se mobilizar vários fatores que podem explicar as semelhanças e diferenças nos seus livros, ou na atuação de cada um dentro do sistema literário ao qual pertenciam. Com esse propósito, procuraremos discutir suas obras observando: a que *público* (crianças do povo ou da elite?) se destinavam essas obras; quais as práticas de leitura previstas para seus leitores (leitura privada ou escolarizada?); dados de escolarização e analfabetismo em ambos os países; as teorias científicas em circulação na época (psicologia, biologia, pedagogia); temas e discursos presentes na imprensa e nas rodas de intelectuais que teriam resvalado para os livros de Lobato e de Faucher; o contexto político e econômico quando da produção das obras; a estrutura editorial da empresa que deu origem a esses livros; a situação do mercado de livros para crianças e a atuação de Lobato e de Faucher; os números de tiragens e vendas registrados nos arquivos de cada um.

Algumas questões iniciais

Partamos de uma pergunta elementar: quem foram Monteiro Lobato e Paul Faucher, e que papel tiveram na história do livro e da edição de seus países? Apesar de o primeiro dispensar apresentações nos meios acadêmicos brasileiros, algumas palavras nos parecem úteis para situá-los antes de dar início à discussão.

Os 16 anos que separam o nascimento de Monteiro Lobato (1882) e o de Paul Faucher (1898) não apagam a sua pertença a este final de século XIX, quando a transição para novos tempos envolvia uma sorte de acomodação geral em todos os setores da vida em sociedade. Ambos nascidos no campo – um no interior de São Paulo e outro no interior de Nièvre⁵, suas histórias familiares são marcadas por acontecimentos não muito conformes aos rígidos padrões interioranos da época. Vejamos, em breves palavras, como essas duas trajetórias encontram nos livros para crianças um destino comum.

Lobato foi criado pelos pais com o apoio moral e financeiro do avô materno, o Visconde de Tremembé, com quem tinha uma afetuosa relação. De uma ligação extra-

⁵ La Nièvre é um dos departamentos da região da Borgonha, região que fica no centro-leste da França.

conjugal entre seu avô e Anacleta (sua avó), uma humilde professora primária, nasceu Olímpia – a mãe do escritor. A menina Olímpia, cuja paternidade foi assumida pelo Visconde, foi criada pela sua mãe solteira mas teve um destino diferente: casou-se, dando à luz duas meninas e um menino, José, que conhecemos como Monteiro Lobato.

Tendo feito os estudos primários em Taubaté, Lobato passa as férias de sua infância e adolescência na fazenda do avô, entre as brincadeiras e as horas passadas na rica biblioteca (do tio) que o maravilhava. Ele vai para a capital estudar em um colégio interno dos 12 aos 15 anos e em seguida se preparar para prestar os exames de admissão no curso superior, para o qual a sua escolha – cursar Belas Artes – não prevaleceu. Embora não fosse filho, era um neto da elite, por isso acabou cedendo às pressões do avô e ingressou na Faculdade de Direito do Largo do São Francisco aos 18 anos, formando-se bacharel em dezembro de 1904.

De acordo com o seu principal biógrafo,⁶ o início de sua atividade literária começou cedo em pequenos jornais colegiais, grêmios literários e jornaizinhos de Taubaté. Cavalheiro conta que Lobato chegou a ter o próprio jornal, manuscrito, durante o internato. Também nos anos de faculdade, escreve praticamente todo o “Minarete” – jornal de seu amigo Benjamin Pinheiro em Pindamonhangaba. Até então, o estudante escrevia por brincadeira e só começaria a levar a sério os próprios textos mais tarde.

Enviando contos e artigos polêmicos para serem publicados em periódicos paulistas, foi a partir de 1914 que Lobato se fizera um nome conhecido, abrindo para si mesmo as portas dos jornais “sérios” e, com elas, as rodas de intelectuais ex-alunos da Faculdade de Direito – aliados ao Partido Republicano Paulista (PRP). A amizade com o grupo d’*O Estado de São Paulo*, dirigido por Júlio de Mesquita, e o prestígio dos seus textos lhe renderam o convite para comprar ações da *Revista do Brasil*.⁷

Em vez de acionista da *Revista*, Lobato compra o periódico em 1918 e torna-se não apenas o seu proprietário, mas transforma a empresa numa casa editora. Ele percebe as demandas da atividade literária pela dificuldade em editar seus próprios

⁶ CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: vida e obra*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955. Tomos I e II.

⁷ Sobre a importância do periódico para a historiografia literária brasileira, ver: LUCA, Tania Regina de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1999.

contos, então entra no mercado para suprir essa lacuna, além de fazer da revista um instrumento de cultura promotor do nacionalismo. Em 1920, o editor começa a escrever livrinhos de ficção para crianças – além das versões escolares desses mesmos livros – embora tenha se dedicado muito mais a essa atividade a partir de 1931, quando escreve *Reinações de Narizinho*, consagrando-se como o maior autor infantil do seu tempo.

Paul Faucher, por sua vez, era filho de um médico do pequeno município de Pougues-les-Eaux, onde viveu até os quatro anos de idade (1902), quando seus pais se separaram. A infância foi também um período de errância para Paul e seu irmão, Jean, pois junto com sua mãe, eles moraram em casa de familiares por três anos (até 1905), quando se transferiram para a casa da avó materna em Paris – ele tinha 7 anos. Após concluir o primário, Paul entra no lycée technique Jules Ferry de Versailles, por imposição do tio, onde se interna e se forma técnico-mecânico aos 18 anos (1916).

A França, que estava em guerra desde 1914, absorve o jovem no front até 1919, quando ele retorna à vida civil, profundamente marcado por essa experiência. Trechos do seu diário durante a guerra registram a sua admiração pela habilidade dos homens humildes (camponeses e artesãos) para encontrar as melhores soluções em circunstâncias as mais imprevisíveis;⁸ ele conta que seu superior reconhecia nele as qualidades de um organizador e lhe confia importantes responsabilidades para manter a sua bateria em bom funcionamento. Nesse período, Faucher encontra refúgio na sua mochila: uma antologia de poesia francesa que o ajuda a nutrir seu gosto pelos livros – aprendido com um professor de literatura a quem muito admirava no liceu Jules Ferry.

Terminada a guerra, em 1920 trabalhou num órgão do governo francês encarregado de restabelecer as fábricas após os prejuízos causados pela guerra; em 1921 torna-se diretor comercial de uma fábrica de peças para a indústria mecânica. Foi nesse momento que ele viu um anúncio de emprego da Flammarion e pediu demissão do cargo de *diretor* (na fábrica) para se tornar um livreiro comissionado, entregando pedidos aos editores da praça. Assim ele responde ao apelo da sua vocação e entra para o mundo dos livros: não como escritor, mas como comerciante.

⁸ Trechos reproduzidos em: **Le Père Castor PAUL FAUCHER 1898-1967**: um Nivernais, inventeur de l'album moderne. Actes Du Colloque de Pougues-les-Eaux, 20 et 21 novembre 1998. Conseil Général de la Nièvre, 1999.

Faucher era responsável pelo departamento de *livros de arte* em Lyon, onde o seu talento como livreiro não tardou a ser reconhecido e respeitado. Ali ele aprende sobre as encadernações de luxo, edita um boletim de informações da editora, inaugura a venda por consignação e faz contatos com os empresários de Lyon. Após conversar com eles, observava seus interesses e lhes enviava livros que pudessem ser úteis na sua área de atuação, sem compromisso; assim, criava cadastros para cada cliente, além de alavancar as vendas por correspondência e fazer estudo de mercado nas escolas.

Em 1927 o futuro *Père Castor* já tinha uma carreira sólida como livreiro e editor quando aderiu com fervor ao movimento escolanovista, fundando e dirigindo um de seus órgãos mais importantes na França – o *Bureau Français d'Education*. Nesse mesmo ano, ele cria com pioneirismo a coleção *Education* que passa a figurar no catálogo da Flammarion, e participa de um congresso internacional de educação em Locarno. Paralelamente, tinha planos de montar uma coleção de álbuns para crianças que servissem aos propósitos pedagógicos defendidos pela *Nova Educação*, mas só em 1931 ele consegue realizar seu projeto, editado pela Flammarion, e desde então passou a planejar e dirigir cada detalhe dos seus “álbuns do Pai Castor”.

Porque não há literatura sem livros

Contra a premissa estruturalista de que o texto é uma estrutura imanente, e com ela a insignificância das figuras do autor e do leitor; contra a exacerbada importância de um ou de outro para os estudos literários, nosso objeto de pesquisa é o **livro** em sua totalidade, considerando o texto como uma parte do todo que lhe dá forma material, desde as condições de sua produção até a sua recepção.

Esta perspectiva vem de estudiosos da história do livro e da leitura como Roger Chartier, Armando Petrucci, Michel Melot, e Gérard Genette. Este último reforça a valorização do *paratexto*⁹ nas obras literárias, afirmando que

A obra literária consiste, exhaustiva ou essencialmente, em um **texto** (...). Mas esse **texto** [grifos nossos] raramente se apresenta em estado nu,

⁹ Cf GENETTE, Gérard. *Seuils*. Paris : Editions du Seuil , 2002.

sem o reforço e o acompanhamento de um certo número de produções, elas próprias verbais ou não, como um nome de autor, um título, um prefácio, ilustrações, (...). Este acompanhamento, (...) constitui o que eu batizei alhures, (...), o *paratexto* [grifo do autor] da obra. (GENETTE, 2002, p. 7)

Segundo Genette, paratextos seriam os diversos elementos que acompanham *o texto* literário e que garantem a sua presença no mundo sob a forma de um livro. Na definição genettiana, tão ampla quanto heteróclita, cabem elementos diversos que constituem a materialidade da obra literária e orientam o ato de leitura: o título, a epígrafe, as ilustrações, o prefácio, a capa, títulos dos capítulos, as notas, entre outros.¹⁰ O paratexto constitui, segundo o autor, uma zona não somente de transição mas de *transação*: “lugar privilegiado de uma pragmática e de uma estratégia, de uma ação sobre o público a serviço, (...), de uma melhor acolhida do texto e de uma leitura mais pertinente – mais pertinente, entende-se, aos olhos do autor e de seus aliados”. (ibid., p. 8)

Esta tese conta ainda com outros instrumentos teóricos como a *Bibliografia Histórica* praticada por Donald F. Mackenzie¹¹, que só recentemente começou a ser reconhecida como um campo de pesquisa independente. O professor da Universidade de Oxford sublinha “a importância vital de uma história do livro em toda tentativa de restituição do passado” (p. 23) para os estudos de história literária. No prefácio da edição francesa do livro de Mackenzie, Roger Chartier (pp. 13-14) observa que

(...) a sociologia dos textos que ele propõe está de acordo com as correntes críticas que hoje, de um lado e de outro do Atlântico, aspiram a reinscrever as obras na história. A prática pode conduzir a uma sociologia da produção cultural, atenta às leis e às hierarquias próprias do campo literário (...). Ela pode levar também, como no caso do *New Historicism*, a situar a obra literária na sua relação com os “textos ordinários” (práticos, jurídicos, políticos, religiosos, etc.) que constituem o material sobre o qual ela se edifica e que estabelecem a possibilidade de sua inteligibilidade.

¹⁰ O autor divide o paratexto em 2 categorias: *peritexto* (elementos interiores) e *epitexto* (elementos exteriores à obra). Nesse último grupo, estão incluídos alguns textos que façam referência ou tenham alguma relação com a obra: entrevistas do autor, correspondências, diários, ou memórias.

¹¹ Cf MACKENZIE, D. F. *La bibliographie et la sociologie des textes*. Paris: Editions du Cercle de la Librairie, 1991.

Em respeito a essa linha de estudos literários aqui adotada, nosso foco de análise não se restringe às edições publicadas por Lobato e Faucher, mas se concentra igualmente em alguns documentos históricos coetâneos dos dois autores, a saber :

- sua correspondência pessoal (cartas);
- catálogos de editoras (das editoras de Lobato, da Flammarion e o *Livres d'Etrennes*¹²);
- periódicos onde circulariam as idéias em voga sobre infância/educação;
- estatísticas de escolarização e de alfabetização no Brasil e na França;
- prospectos de congressos de educação (com os temas abordados e os participantes)
- atas de reuniões de associações e organismos ligados à educação;
- o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (de 1932);
- Documentos da *Comissão de Literatura Infantil*,¹³ encontrados no Arquivo Lourenço Filho, do *Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil* – Fundação Getúlio Vargas (Cpdoc-FGV)

Levaremos em conta todo material aparentemente alheio à literatura, mas que possa nos dar subsídios para uma compreensão não-ingênua da atividade literária e editorial. Acreditamos que só assim será possível reconstituir o pano de fundo sobre o qual se estruturam esses livros, pois “Toda pesquisa historiográfica se articula sobre um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural.” (DE CERTEAU, 1986, p. 21)¹⁴

Consideramos o **livro**, e nesse caso o **livro infantil**, enquanto um produto das decisões e iniciativas de várias pessoas/funções dentro do *sistema literário*¹⁵ no qual está

¹² Catálogo dos lançamentos de final de ano, um suplemento anual da grande *Bibliographie de la France* – catálogo geral de livreiros e impressores.

¹³ A Comissão foi criada em 1936, durante a gestão de Gustavo Capanema no Ministério da Educação.

¹⁴ Prefácio de Michel de Certeau em : LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (dir.). *Faire de L'Histoire : 1 Nouveaux Problèmes*. Paris : Editions Gallimard, 1974.

¹⁵ Conceito formulado por Antonio Candido, segundo o qual a literatura só existe enquanto parte integrante de um sistema que a legitime. Para maiores detalhes, cf. idem, *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. 6ª ed. Belo Horizonte, Editora Itatiaia Ltda, 2000, (p.23). É interessante notar que Candido estava em consonância com outros críticos e teóricos do seu tempo, pois a primeira edição de *Formação* é de 1975, década na qual já estava em voga a idéia de literatura como “polissistema” proposta por Itamar Even-Zohar, idéia esta que foi continuada por Claudio Guillén em seu artigo “Literature as

inscrito; como um suporte gráfico portador de posicionamentos estéticos, ideológicos, políticos e mercadológicos dos seus realizadores. Tomamos o livro para crianças dos anos 30 – tempo de franca expansão do movimento renovador da educação em escala mundial – tal qual ele nos parece: como um objeto cultural de forte parentesco com a escola e freqüentemente revestido de propósitos pedagógicos.

As primeiras obras de Lobato para crianças tiveram a sua edição literária seguida de uma **versão escolar** como, por exemplo, *Fábulas de Narizinho* (1921). Esse livro provavelmente teve uma boa recepção, pois a obra foi aumentada com 48 novas fábulas e re-publicada como **livro de leitura** no ano seguinte, com o título *Fábulas* (1922). Ambas as edições foram publicadas pela casa *Monteiro Lobato & Cia editores*.

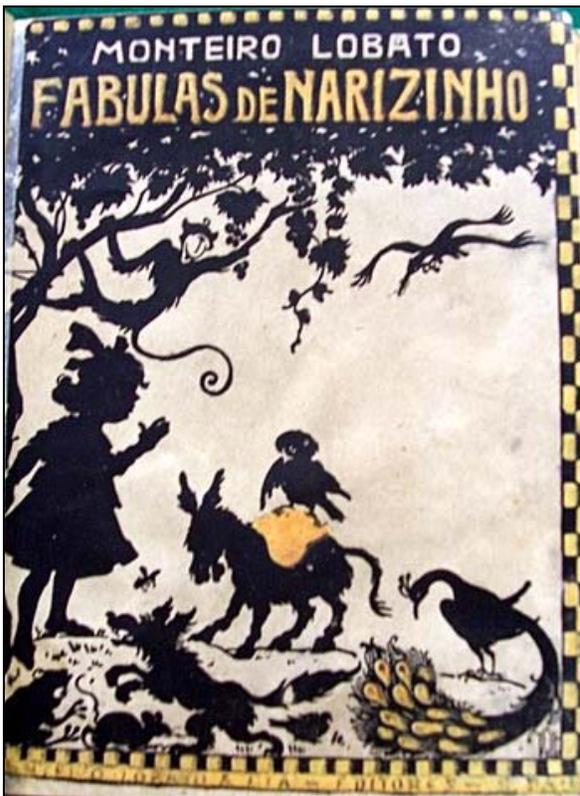


Figura 3 Capa da 1ª ed. de *Fábulas de Narizinho* (1921)¹⁶

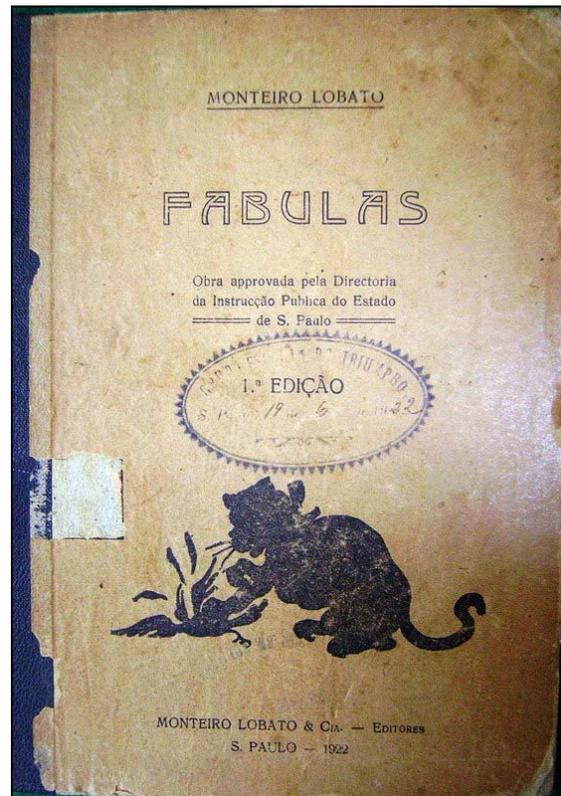


Figura 2 Capa da 1ª ed. de *Fábulas* (1922)

system” (Princeton University Press, 1971) e por José Lambert (Univ. de Louvain) em artigos e congressos de literatura.

¹⁶ As obras *Fábulas* e *Fábulas de Narizinho* pertencem ao acervo da Biblioteca Monteiro Lobato.

A primeira edição do **livro de leitura** *Fábulas* (1922) trazia na capa a seguinte inscrição: “Obra aprovada pela Directoria da Instrucção Publica do Estado de S. Paulo”; a segunda (1924) avisava que mais dois estados haviam aprovado o paradidático: Paraná e Ceará.¹⁷ Esta obra manteve-se vendável por mais de dez anos, pois os catálogos Companhia Editora Nacional nos anos 30 continuavam anunciando-a na seção de *Livros Escolares*.¹⁸

O mesmo tipo de *adaptação* já havia sido feita por Lobato anteriormente, no seu primeiro livro infantil: *A Menina do Narizinho Arrebitado*, lançado em 1920, em formato álbum. Acrescida de novos episódios, a obra ganhou a sua **versão escolar** em 1921, quando passou a se chamar *Narizinho Arrebitado: segundo livro de leitura para uso das escolas primárias*. Assim como *Fábulas* o seria posteriormente, *Narizinho Arrebitado* também foi aprovado e adotado pelas escolas públicas de São Paulo – que estavam sob o comando de Sampaio Dória, colega do escritor.

Mesmo com onze anos de distância entre o primeiro “Narizinho Arrebitado” (1920) e o primeiro “álbum do Pai Castor” (1931), ambos são criados por editores conhecidos por rupturas estéticas e inovações comerciais: produziram livros mais baratos, esteticamente modernos, de linguagem simples e com um resultado gráfico (capa, diagramação, fonte, cores, ilustração) mais atraente aos olhos do seu público-leitor; inauguraram a venda por consignação; investiram em propaganda, embora de maneiras distintas; e internacionalizaram a circulação de seus livros, que passaram a ser lidos fora do país – como Lobato fez no mercado editorial argentino,¹⁹ e Faucher, em maior escala, no europeu.

Cumprir lembrar que a modernização gráfica dos objetos impressos já se apresentava como uma tendência natural, uma vez que o período compreendido entre as

¹⁷ Sobre *Fábulas*, ver SOUZA, Loide Nascimento de. *Monteiro Lobato e o processo de reescritura das fábulas*. In: CECCANTINI, João e LAJOLO, Marisa (orgs.). **Monteiro Lobato livro a livro**: Obra infantil. 1ª ed. São Paulo: Editora UNESP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008, pp. 103-119.

¹⁸ Apesar de já terem sido mencionados nas teses de BEDA (1987) – sobre a trajetória de Octales Marcondes Ferreira – e de TOLEDO (2001) – sobre a coleção *Atualidades Pedagógicas* –, os catálogos da **Cia Editora Nacional** nos anos 30 são reproduzidos pela primeira vez nesta tese.

¹⁹ Sobre a atuação de Lobato no sistema literário argentino, ver ALBIERI, Thaís de Mattos. *São Paulo-Buenos Aires: a trajetória de Monteiro Lobato na Argentina*. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária). Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2009.

duas guerras é o tempo da expansão e modernização da indústria editorial, cujo progresso deve muito a invenções como as máquinas linotipo e monotipo – esta última foi preferida pelos impressores de livros a partir dos anos 20, tanto na França quanto no Brasil. Surgiam novas técnicas de impressão e reprodução de imagens, aumentando as tiragens e diversificando a produção, adaptando-se às demandas de um público cada vez maior. O próprio Lobato afirma que a sua editora adquiriu os primeiros monotipos de São Paulo, em carta a Godofredo Rangel, de 07 de abril de 1924:²⁰

Estamos em pleno *fervet opus* de reinstalação no novo prédio da rua Brigadeiro Machado, no Braz. Cinco mil metros quadrados de área coberta, tudo cheio de maquinas; entre elas, novidades: os primeiros monotipos entrados em S. Paulo. O linotipo compõe linhas inteiras; o monotipo funde tipo por tipo. Maravilha. (p. 264)

Os catálogos da C.E.N. dos anos 30 trazem capas de cores fortes e aspecto gráfico moderno, sinalizando que Octales continuava uma prática iniciada por Lobato na década anterior – a de não se prender a tradições e arriscar não apenas na publicação de novos autores mas também na inovação estética de suas capas.

Sobre a atuação de Lobato como editor entre 1918 e 1925, a tese de Cilza Bignotto merece ser citada, sobretudo pela importância dos documentos que recupera ao investigar, por exemplo, o processo de falência da Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato.²¹ O original estudo de Cilza trata das três primeiras casas editoras de Lobato: a **Olegário Ribeiro, Lobato e Cia**; a **Monteiro Lobato & Cia**; e **Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato**. Não entra no escopo do seu trabalho, portanto, a **Companhia Editora Nacional (C.E.N.)**, fundada em 1925 pelos sócios Monteiro Lobato e Octales Marcondes Ferreira²² a partir da falência da empresa anterior. A C.E.N., todavia, é de fundamental importância para o nosso estudo, pelo fato de ser esta a editora

²⁰ LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre: quarenta anos de correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel*. Tomo 2. São Paulo: Brasiliense, 1956.

²¹ BIGNOTTO, Cilza Carla. “*Novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato (1918-1925)*”. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária). Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2007.

²² A atuação e a trajetória de Octales como editor foi tema da dissertação de Mestrado de BEDA, Ephraim de Figueiredo. *OCTALES MARCONDES FERREIRA: formação e atuação do editor*. Dissertação (Mestre) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987.

que publicou todos os livros de Lobato entre 1926 e 1943 – período mais fecundo na sua produção como autor de livros infantis.

Outros pesquisadores em estudos anteriores a esta tese são unânimes em afirmar que Lobato procurou novas maneiras de conquistar um mercado – bens de consumo culturais para crianças e jovens – em crescimento, com muita consciência sobre os ganhos e perdas que envolvem esse tipo de negócio.²³ Naqueles anos 20 e 30, o líder de vendas da indústria editorial era o livro didático, os métodos da escola tradicional estavam sendo questionados e os leitores formados por esta escola estavam aprendendo uma nova maneira de lidar com o conhecimento, no Brasil e na França.

Convém, assim, apontar que Monteiro Lobato e Paul Faucher se iniciaram em atividades de edição e escrita para crianças num momento muito particular da história da educação de seus países, quando a sociedade brasileira exigia mais escolas para erradicar o analfabetismo que denegria a honra da nação desde o censo de 1920, quando São Paulo começava uma grande reforma e expansão da escola pública primária sob o comando de Sampaio Dória; e quando, na França, professores primários fortaleciam seus sindicatos, criavam sua própria revista e órgão difusor (*L'Ecole Libératrice*-1929), exigiam reformas no ensino primário e a escola privada se expandia como forte alternativa para inaugurar métodos **ativos** de ensino-aprendizagem, em oposição ao modelo de escola tradicional em voga.

Diante desse contexto, acreditamos que algumas contradições ou problemáticas se impunham aos profissionais do livro e da edição infanto-juvenis nos anos em questão. A primeira refere-se à **transmissão** (direta ou indireta?): como se dirigir diretamente às crianças, sem passar pela escola? Como fazer livros diferentes dos que havia até então? Seria possível dar à criança novos instrumentos para que ela fizesse a sua própria educação, como queriam os educadores escolanovistas?

A segunda questão concerne ao **público** a que se destinavam os livros infantis de Lobato e de Faucher, diante da necessidade de serem aprovados e incluídos dentro de um sistema literário que não exclui o escolar: para quem eles escrevem? Escrevem para as crianças ou para os pedagogos? Pretendemos, ao considerar tais aspectos envolvidos

²³ Sobre o mercado do livro e da edição no Brasil dos anos 30, ver os trabalhos de Lawrence Hallewell (1985), Sergio Miceli (2001) e Gustavo Sorá (1998).

na produção e recepção de livros infantis, refletir sobre a maneira como Lobato e Faucher teriam respondido a alguns desses problemas.

O que a Escola Nova teve a ver com a Literatura Infantil?

Ecolle Nouvelle nos países francófonos europeus (França, Suíça e Bélgica), *Progressive Education* nos Estados Unidos e Inglaterra, *Reformpädagogik* na Alemanha, *Escuela Nueva* na Espanha e países sul-americanos hispanófonos, e tantas outras traduções designam o movimento que tinha suas ramificações também em países do leste europeu como a Áustria, a Tchecoslováquia (atual República Tcheca), a Polônia, inclusive na então recente União Soviética. A **Escola Nova**, movimento de idéias sobre a educação que envolveu intelectuais, profissionais de diversas áreas e esferas sociais, desenvolve-se e ganha sua maior força entre as duas guerras mundiais, quando ocorrem os seus grandes congressos internacionais, manifestos e iniciativas de educadores e simpatizantes do escolanovismo em nível internacional.

Devido à complexidade da sua natureza e ao conflito de interesses no seio do próprio movimento, a **Escola Nova** teve características e iniciativas diferentes em cada país, diferenças que não lhe conferiam a unidade necessária para uma revolução de grandes conseqüências como pretendia. Em livro resultante de sua tese de doutorado, Annick Raymond²⁴ explora essas diferenças e divisões na vertente europeia do movimento, a partir do estudo dos anais, relatórios e resenhas dos congressos internacionais da *Ligue Internationale pour l'Education Nouvelle* (LIEN), ocorridos entre 1921 e 1945. Esses documentos foram publicados na revista francófona da Liga, **Pour l'Ère Nouvelle**, da qual falaremos no primeiro capítulo desta tese. Através do nosso estudo da correspondência de Paul Faucher, foi possível observar as disputas internas e políticas que separavam alguns dos militantes do escolanovismo europeu.

O que nos parece inegável é a marca da *Education Nouvelle* no campo intelectual desses países, pois as concepções de infância e educação não foram as mesmas após aqueles anos de discussões inflamadas e medidas práticas contra a escola

²⁴ RAYMOND, Annick. *L'Education Morale dans le mouvement de l'Education Nouvelle : comment éduquer moralement un enfant ?* Paris : L'Harmattan, 2002. 264 p.

tradicional-livresca e em prol de uma *escola ativa* – termo criado por Adolphe Ferrière para designar uma escola cujos princípios educativos tenham a criança como o centro do processo de ensino-aprendizagem, o agente e o sujeito de sua própria educação.

Esses indivíduos, que encontramos entre os correspondentes e amigos de Lobato e de Faucher,²⁵ são os mesmos que participam dos congressos de educação, ocupam cargos na educação pública, traduzem obras de pedagogia, escrevem artigos e livros que são publicados por esses editores nos anos 20 – o que nos dá subsídios para conhecer parcialmente quais eram as suas leituras sobre o tema naquela década.

Enquanto dirige a *Revista do Brasil*, Lobato publica artigos e resenhas sobre o problema da educação nacional, além de noticiar publicações e textos traduzidos sobre pedagogia, psicologia, higiene, escotismo, escola pública, a guerra, entre outros temas em voga. Sampaio Dória (Diretor da Instrução Pública de São Paulo de 1920 a 1926), Carneiro Leão (Diretor Geral da Instrução Pública no Distrito Federal de 1922 a 1926), Fernando de Azevedo (sucedeu Carneiro Leão de 1926 a 1930), João Köpke (autor de livros didáticos e manuais de leitura), Afrânio Peixoto (diretor da Escola Normal do Rio de Janeiro em 1915 e da Instrução Pública no Distrito Federal em 1916) e Carlos da Silveira (professor da Escola Normal de São Carlos) são alguns dos nomes que assinam artigos da R.B. entre 1918 e 1925.

Tendo sido editor e paralelamente escritor de 1918 a 1925, Monteiro Lobato publicou entre 1920 e 1931 vinte títulos inéditos para o público infantil, sendo o vigésimo a reunião da maior parte dos que o antecedem em um volume maior e melhor organizado em termos de composição visual: *Reinações de Narizinho* (1931). Este livro é considerado um marco dentro da obra lobatiana, pontuando o início de uma fase mais madura do autor para crianças, bem como a evolução no aspecto gráfico dos seus livros. Eles passaram a trazer capas, contracapas e guardas ricamente ilustradas; as cores se tornaram mais intensas e diversificadas; a fonte e a diagramação denotam maior cuidado estético; os textos se tornam bem maiores, e passaram também a trazer histórias mais densas no seu tema – problemas nacionais, questões de cultura, política, economia, língua, história, geografia, etc.

²⁵ Entre cartas e artigos consultados em arquivos no Brasil, na França e na Suíça, observa-se uma rede de nomes que se cruzam e cuja ponte seria Lourenço Filho, tanto pelas traduções, quanto pela participação em congressos internacionais e por seus contatos com os dirigentes do *Bureau International d'Education*.

Reinações de Narizinho parece inaugurar uma fase “pedagógica”²⁶ da sua produção literária infantil, se considerarmos a obra de Lobato em dois momentos: a primeira fase, *ficcional*, que iria de 1920 a 1930; e a segunda, *pedagógica*, que iria de 1931 a 1946.

Já foi observado por outros estudiosos²⁷ que, durante a década de vinte, a maior parte das publicações lobatianas eram contos de pura fantasia, tematizavam o folclore nacional e a cultura popular, traziam fábulas ou aventuras.²⁸ Mesmo as versões escolares de *Narizinho Arrebitado* (1921) e de *Fábulas* (1922) propunham narrativas maravilhosas para os alunos da rede pública paulista, num projeto de leitura literária descomprometido com a disciplina e a moralidade das cartilhas escolares em voga. Com exceção de *Hans Staden* (1927), que pela primeira vez apresentava às crianças uma versão menos romantizada da História do Brasil; e de *Jeca Tatu* (1924), uma cartilha para ensinar noções de higiene e saneamento às crianças através da personagem Jeca Tatu, os primeiros livros de Lobato eram essencialmente ficcionais.

As obras publicadas depois de *Reinações* apresentam uma feição não apenas ficcional mas também pedagógica, ao trazer noções de cultura geral e temas curriculares que abordam as **ciências** humanas, exatas e naturais. Os títulos de Lobato passam a ser organizados dentro de uma *série* (a série 1) dedicada à Literatura Infantil na coleção **Biblioteca Pedagógica Brasileira**, dirigida pelo educador Fernando de Azevedo.

Em carta de 27 de fevereiro de 1941, o editor de Lobato (que era seu ex-sócio Octales) faz um balanço de todos os seus livros publicado desde 1918, títulos da série adulta e da série infantil, com números de tiragem e lucro bruto das vendas.

²⁶ O termo “pedagógica” é usado aqui por se tratarem de livros voltados para a formação cultural geral e científica do leitor, tematizando disciplinas escolares como física, astronomia, gramática, matemática, geologia, história, geografia e biologia.

²⁷ Alguns dos estudos mais conhecidos estão publicados nos livros de Nelly Novaes Coelho, de Cassiano Nunes, e de Marisa Lajolo, além das biografias do autor feitas por Edgard Cavalheiro e por Carmen Lucia de Azevedo, Márcia Camargos e Vladimir Sacchetta. Os trabalhos de pesquisa mais recentes sobre a obra do escritor estão publicados em: CECCANTINI, João e LAJOLO, Marisa (orgs.). **Monteiro Lobato livro a livro**: Obra infantil. 1ª ed. São Paulo: Editora UNESP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

²⁸ *A Menina do Narizinho Arrebitado; O Sacy; Fábulas de Narizinho; O Marquez de Rabicó; A caçada da Onça; o Garimpeiro do Rio das Garças; O Noivado de Narizinho; O Gato Félix; Aventuras do Príncipe; A Cara de Coruja; O irmão de Pinocchio; O Circo de Escavalinho; Peter Pan; A Pena de Papagaio; O Pó de pirlimpimpim*; estes são alguns dos títulos publicados entre 1920 e 1930.

Este documento, integrante do *Fundo Monteiro Lobato (FML)*,²⁹ não traz dados completos, pois a longa lista não inclui títulos traduzidos pelo escritor para o público infanto-juvenil dentro da coleção Terramarear. Entretanto, através dele e dos catálogos da C.E.N. – consultados em pesquisas no acervo histórico da editora – fica comprovada a predominância de **temas escolares** nos dez anos que vão de 1931 a 1940. Nesse período, os lançamentos de Lobato somam 28 novidades, com uma média de 35,3% de livros de *ficção* e 64,7% de livros *pedagógicos*.³⁰

MLB

MONTEIRO LOBATO

São Paulo, 27 de fevereiro de 1941

Ilmo. Snr.
Monteiro Lobato
rua José Getúlio, 523
Capital

Prezado senhor,

Em resposta ao seu pedido verbal, relativo às edições de seus livros pela Cia. Gráfico-Editora Monteiro Lobato, já extinta e pela Cia. Editora Nacional, sua sucessora, temos a dizer que, segundo nossos livros, essas edições montam ao total de 1.029.500 exemplares, no valor global de 5.785.000 000. Abaixo damos a lista especificada dessas edições, ano por ano.

EDIÇÕES DA NOSSA ANTECESSORA, A CIA.
GRÁFICO-EDITORA "MONTEIRO LOBATO":

OBRA	TIRAGEM	TOTAL BRUTO
<u>1916-1926</u>		
1 - 9 - Urupês	30.000	120.000 000
10 - 15 - Cidades Mortas	25.000	92.000 000
16 - 18 - Idéias de Jeon Tatú	12.000	48.000 000
19 - 22 - Negrinha	25.000	100.000 000
23 - 25 - Onda Verde	12.000	48.000 000
26 - Problema Vital	2.000	4.000 000
27 - Os Negros	10.000	15.000 000
28 - 30 - A Men. do Neriz Arrebitado	60.000	180.000 000
31 - O Saef	5.000	15.000 000
32 - A Caçada da Onça	4.000	12.000 000
33 - Macaco que se fez Homem	5.000	20.000 000
34 - How Henry Ford is regarded...	500	
35 - Avent. de Hans Staden	5.000	20.000 000
36 - Manda da Lua	5.000	20.000 000
37 - Fábulas	10.000	30.000 000
38 - Jeca Taturinho	5.000	25.000 000
39 - O Carimpeiro	10.000	26.000 000
	<u>223.500</u>	<u>789.000 000</u>
EDIÇÕES DA CIA. EDITORA NACIONAL:		
<u>1926</u>		
40 - Meu Cativo (Hans Staden)	6.000	30.000 000
41 - História duma Viagem (Lery)	5.000	25.000 000
42 - O Choque das Raças	17.000	85.000 000
	<u>28.000</u>	<u>909.000 000</u>
<u>1927</u>		
43 - Mister Slang e o Brasil	3.000	15.000 000
44 - Avent. de Hans Staden	6.000	24.000 000
	<u>9.000</u>	<u>948.000 000</u>

Segue...

Figura 3 1ª página da carta de Octales a Lobato em 27/02/1941

²⁹ Depositado no Centro de Documentação Alexandre Eulálio (CEDAE), do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) – UNICAMP. Referência para localização: MLb 3.2.00407 ex 9

³⁰ Cf lista dessas obras em anexo (anexo nº 1).

É interessante notar que essa mudança ocorre justamente depois de Lobato tornar-se amigo de Anísio Teixeira (quando ambos moravam em Nova York) e tomar maior conhecimento da filosofia de John Dewey – da qual certamente já ouvira falar e cuja obra foi traduzida por Anísio para as editoras brasileiras. De retorno ao Brasil, Lobato também lera a obra do seu amigo, *A Educação Progressiva* (1932), à qual não poupou elogios, achando as suas idéias muito mais claras do que aquelas propostas pelo texto do *Manifesto aos Pioneiros da Educação Nova de 1932*.³¹

O sólido vínculo de amizade entre Lobato e Anísio começou em 1927, mesmo ano em que, coincidentemente, Paul Faucher vai ao 4º congresso internacional da LIEN³² em Locarno (Suíça) e lá conhece o professor primário e pedagogo tcheco František Bakulé (1877-1957). Esse encontro muda tanto as perspectivas de Faucher sobre educação e infância quanto a sua vida pessoal, pois é com Lida Durdikova (a assistente do pedagogo) que ele se casa anos depois. A admiração mútua e amizade com Bakulé permaneceram e fizeram de Faucher um grande colaborador do escolanovismo na França e Europa central.

Desde as primeiras pesquisas para esta tese, a coincidência de datas nos chamou a atenção: no mesmo ano de 1931, quando Lobato publica *Reinações* com uma “virada pedagógica” na edição de seus livros, Faucher se inicia como editor e produtor de livros para crianças, criando **les albums du Père Castor**. Seus dois primeiros álbuns (*Je fais mes masques* e *Je découpe*), de 1931, saíram do prelo encarregados de *missão pedagógica na Europa Central* pelo Ministro da Educação francês; da mesma forma que em menor escala Lobato, através das suas boas relações com a intelectuais e políticos paulistas, vendeu de uma só vez 30.000 exemplares do **Narizinho Arrebitado** (1921) para a Diretoria de Instrução Pública de São Paulo. Lobato teve ainda outros títulos em versão escolar, como **Fábulas** e **Hans Staden**. Ambos entraram na literatura infantil pela porta da escola e de lá se tornaram conhecidos do grande público infantil.

Paul Faucher, como já foi dito, trabalhando à frente de grandes filiais da livraria e editora *Flammarion* desde 1921, ao mesmo tempo frequentando encontros

³¹ Carta publicada em: FRAIZ, Priscila (Org.); VIANNA, A. (Org.). *Conversa entre amigos: correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato*. 1. ed. Salvador; Rio de Janeiro: Fundação Cultural do Estado da Bahia; Fundação Getulio Vargas, 1986. 117 p.

³² O congresso da *Ligue Internationale pour l'Education Nouvelle* ocorreu de 03 a 15 de agosto de 1927.

organizados pelo pedagogo Roger Cousinet, cria e dirige a coleção *Education* nessa casa editora em 1927. Dedicada a publicar os estudos mais recentes a respeito da psicologia infantil e da “educação nova”, a coleção foi a primeira do gênero no mercado editorial francês, mas a precoce novidade não provocou o sucesso esperado e foi interrompida no décimo segundo título, em 1933.

Entre os autores publicados por Faucher estão os nomes de John e Evelyn Dewey, Pierre Bovet, Adolphe Ferrière, Edouard Séguin e Paul Hazard. Foram anunciados ainda, como futuros lançamentos da coleção, os nomes de Ovide Decroly e Edouard Claparède, entre outros nomes de peso para os estudos de educação – nomes dos quais falaremos no capítulo um desta tese.³³ Exceto por aqueles já falecidos, a maior parte dos autores publicados por Paul Faucher na coleção *Education* era composta por médicos psiquiatras, psicólogos, sociólogos e professores de Faculdades de Educação européias que freqüentavam a sua livraria e eram seus companheiros nas associações que promoviam a *Education Nouvelle*.

Fato curioso é que alguns desses mesmos autores figuravam nas coleções de editoras brasileiras, junto aos nomes de Émile Durkheim, Henri Piéron, Henri Wallon e William Heard Kilpatrick. As obras foram traduzidas para o português por três amigos de Lobato e foram editadas dentro de coleções criadas e dirigidas também por eles: **Laurenço Filho**, a partir de 1927, traduz para a editora Melhoramentos e dirige a coleção *Bibliotheca de Educação*; **Anísio Teixeira**, a partir de 1931, traduz para a Companhia Editora Nacional – série *Atualidades Pedagógicas*;³⁴ esta série fazia parte da grande coleção *Biblioteca Pedagógica Brasileira*, dirigida por **Fernando de Azevedo**. Tendo Lourenço Filho se dedicado a traduzir obras, em sua maior parte, de língua francesa, Anísio Teixeira, por sua vez, traduzia um grande número de obras de língua inglesa. O norte-americano John Dewey foi o autor mais traduzido por Anísio e também o mais comentado por ele em suas cartas escritas a Lobato.

Dewey foi um dos mais importantes e conhecidos expoentes da Escola Nova, filósofo e professor emérito da *Columbia University*, tendo feito longas viagens de estudos pedagógicos e ensino em diversos países como Japão (1919), China (1919-21),

³³ Os títulos e autores da coleção *Education* estão no anexo nº 2.

³⁴ Os títulos desta série estão no anexo nº 3 e os autores publicados nas duas séries estão no anexo nº 4.

Turquia (1924), México (1926) e União Soviética (1928). Seus textos eram lidos tanto no Brasil quanto na Europa, onde dava conferências durante os congressos internacionais da LIEN. Sua filosofia educacional teria influenciado os autores em questão e seria um importante vínculo entre as representações de infância e educação presentes nos seus livros, guardadas as devidas diferenças nas leituras que Lobato e Faucher teriam feito do ideário escolanovista e na maneira como eles responderam a essa leitura – o tipo de investimento feito por cada um no seu âmbito de ação.

Para este fim, procuramos observar não apenas os objetos e fatos em si, mas a história dos *circuitos culturais* engendrados por intelectuais e instituições ligadas ao livro infantil no Brasil e na França entre os anos 1920 e 1940. Ligações diretas e indiretas, nem sempre óbvias, mas sutilmente imbricadas na extensa rede de contatos alimentada por cartas, congressos, reuniões, publicações periódicas (revistas e jornais) ou não (livros), manifestos, associações, comissões, viagens, cargos administrativos na esfera pública e privada. Enfim, uma gama variada de impressos documenta as relações estabelecidas entre escritores, editores, artistas plásticos, intelectuais, diretores da instrução pública, ministros, secretários, pedagogos e educadores.

Estudar tais impressos, sobretudo a correspondência de dois epistológrafos contemporâneos como Monteiro Lobato (1882-1948) e Paul Faucher (1898-1967), permitiu-nos estabelecer uma nova conexão entre a história cultural do Brasil e da França: o livro para crianças. O estudo dessas cartas vai de par com a investigação (complementar) dos arquivos de alguns integrantes da *Associação Brasileira de Educação*³⁵ – depositados no *Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil* da Fundação Getúlio Vargas (Cpdoc-FGV) – e do *Bureau International d'Education*³⁶, uma vez que esses educadores nutriram vínculos com Lobato (no caso dos integrantes da A.B.E.), com Faucher (no caso dos integrantes do B.I.E.), e também entre si, através dos congressos internacionais e das publicações das quais participavam.

³⁵ A A.B.E. foi fundada em 1924 inicialmente por engenheiros e médicos, preocupados com o problema da educação nacional, aos quais sem demora se uniram os profissionais da educação mais próximos de Lobato: Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, e Lourenço Filho.

³⁶ O B.I.E. foi fundado em 1925, em Genebra, por educadores que estavam igualmente à frente do *Institut Jean-Jacques Rousseau* (1912) como Pierre Bovet, Adolphe Ferrière e Edouard Claparède. O objetivo do Bureau era centralizar as iniciativas, pesquisas e instituições ligadas à educação em escala internacional.

Como foi dito, não nos interessa o objeto livro exclusivamente, mas o que está em torno dele: os dispositivos que envolvem a sua produção, circulação e recepção; as negociações dentro do sistema literário; os caminhos que esse produto percorre ao sair da editora (a livraria ou a escola?); o público a que se dirige; e os seus mediadores de leitura. E é por isso que os livros de Lobato e Faucher não são suportes editoriais comparáveis por si sós, mas a história que está por trás da sua criação merece ser examinada e cotejada.

Mais do que comparar pontos em comum ou distintos na obra desses dois promotores de leitura, nosso objetivo é iluminar aspectos que engendram essas semelhanças e diferenças; é compreender que razões em jogo as condicionam dentro do contexto de produção e recepção dessas obras. Espera-se, com o presente estudo, uma análise que dê conta de comparar mais do que biografias, livros e tiragens editoriais; espera-se, através dos exemplos de Lobato e Faucher, colocar duas histórias culturais em diálogo permitindo – desde que isso seja possível – que uma ilumine a outra.

Capítulo 1

Teorias pedagógicas modernas circulando entre dois continentes

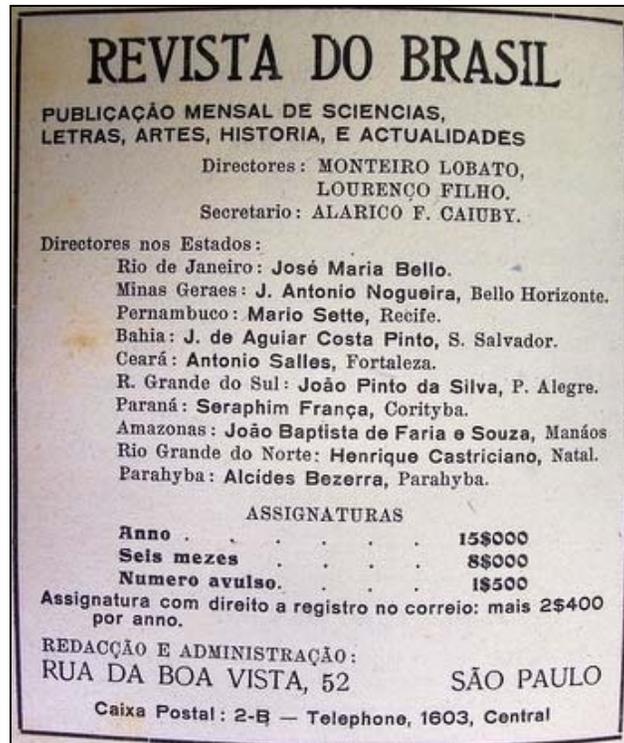


Figura 4 Detalhe do verso da folha de rosto da Revista do Brasil nº 46

O nº 46 da **Revista do Brasil (R.B.)**, em 1919, traz no verso da folha de rosto uma espécie de ficha editorial do periódico, conforme se vê na imagem reproduzida acima.³⁷ Tal detalhe bibliográfico – aparentemente desimportante para um leitor da revista que nela busca inteirar-se de assuntos culturais e de atualidades – é portador de informações relevantes para a compreensão das questões levantadas nesta tese. Assim, o nome de Lourenço Filho situado logo abaixo do de Monteiro Lobato, como **diretores** da revista, sugere que eles não apenas desfrutavam do mesmo status profissional, mas que compartilhavam das mesmas idéias – pelo menos enquanto dividiram esta função.

³⁷ **Revista do Brasil**. Ano IV, vol. 12 (Set.-Dez. 1919). Acervo da Biblioteca Monteiro Lobato.

Embora Lourenço Filho tenha permanecido apenas por 6 meses nesse cargo (de junho a dezembro de 1919), ele foi uma das primeiras relações de proximidade do escritor Lobato com o movimento renovador da educação, com as idéias do que mais tarde se chamaria **Escola Nova**. A importância da figura de Lourenço Filho é capital para o nosso estudo na medida em que ele se converte no grande articulador do movimento escolanovista brasileiro, em uma ponte mediadora das trocas internacionais efetivadas entre esses intelectuais no Brasil e no exterior, sobretudo nos arredores dos anos trinta.

O jovem professor primário viera para São Paulo em 1916 a fim de cursar a Escola Normal Secundária (ou Escola Normal da Praça), onde teve como mestre Antônio de Sampaio Dória. Cumpre lembrar que o ano de 1916 é particularmente importante por marcar a fundação de dois órgãos cujos representantes pertenciam à elite dos intelectuais paulistas: a **Revista do Brasil** (em janeiro) e a *Liga Nacionalista* (em dezembro). Nessa época, Lourenço Filho escrevia artigos sobre literatura na revista *Vida Moderna* e ganhava a vida trabalhando nas redações de jornais como o *Jornal do Commercio* (paulista) e, posteriormente, *O Estado de São Paulo* (OESP).

Participante das mesmas rodas, ele foi um dos primeiros auxiliares de Lobato quando este adquiriu a **R.B.**, em 1918, atuando primeiro como secretário e depois como diretor do periódico. Sobre esses círculos sociais, cujos integrantes eram em sua maioria republicanos e liberais formados tanto na Faculdade de Direito de São Paulo (Largo de São Francisco) quanto na Escola Normal da Praça, alguns estudos já se debruçaram. Para Almeida Júnior, ex-professor e amigo de Lourenço,

“(...) do convívio com Monteiro Lobato e com os intelectuais que o rodeavam, auferiu Lourenço Filho vantagens preciosas para a sua formação. (...) A redação da *Revista do Brasil* e do *Estado de São Paulo* [grifos do autor] constituíam então vasos comunicantes, de sorte que os personagens que se viam naquela, eram quase todos vistos também nesta última em que faziam as honras da casa Júlio de Mesquita (pai), Júlio de Mesquita Filho e Nestor Rangel Pestana. (...) Por fim, a título de prêmio por seu gosto literário, pela vivacidade de sua frase e elegância de seu estímulo, os “velhos” do grupo fizeram questão de incluí-lo entre os “imortais” da Academia Paulista de Letras, na categoria de membro fundador.³⁸

³⁸ ALMEIDA JÚNIOR, A. **Formação profissional de Lourenço Filho**. In: Associação Brasileira de Educação (org.). *Um educador brasileiro: Lourenço Filho*. Livro jubilar. São Paulo: Melhoramentos, s/d, pp. 27-44.

Diferente do que alguns estudos sobre Lobato parecem supor, muito antes de conhecer Anísio Teixeira, em Nova York (1928), ele já havia entrado em contato com os intelectuais da educação e, conseqüentemente, com o ideário que animava as ações desse grupo. Na verdade, Sampaio Dória, Carlos da Silveira e Fernando de Azevedo eram alguns dos educadores que já figuravam na **Revista do Brasil** desde a sua fundação em 1916 – nomes dos quais falaremos ainda neste capítulo. Ao tornar-se dono da empresa em 1918, Lobato resolveu manter o espaço desses educadores na **R.B.**; ele publicava muitos artigos e notícias sobre *infância* e *educação*, temas de destaque nas discussões que circulavam no ambiente paulista naquele momento.³⁹

Antes de prosseguir a nossa reflexão, vejamos o que foi o movimento da **Escola Nova**, suas teorias e propostas.

1.1 A ESCOLA NOVA: origem, conceito e pressupostos

Na fronteira entre os séculos XIX e XX já havia muitas revistas e instituições dedicadas ao estudo da infância e à propagação de novas teorias relativas à educação como, por exemplo, a *Société libre pour l'étude psychologique de l'enfant*. Criada em 1899 por Ferdinand Buisson, a instituição francesa foi dirigida por Alfred Binet a partir de 1902, e teve entre seus membros e colaboradores Roger **Cousinet** – talvez o principal militante pela **Escola Nova** na França e inspetor do ensino primário desde 1910. Em decorrência dos estudos dessa *Sociedade*, é criada em 1906 a revista *l'Educateur Moderne*, destinada a pais, professores, médicos, e a todos que se encarregam da criança, com o objetivo de formar o *educador moderno*, ou seja, aquele que conhece a personalidade das suas crianças e a respeita sua individualidade.

O nome **Escola Nova** foi adotado pela primeira vez por Cecil Reddie quando criou, em 1889, *The New School*, numa propriedade rural de Abbotsholme, interior da Inglaterra. O termo passou a ser usado para designar lares-internato situados no campo, de práticas pedagógicas inovadoras, onde a experiência pessoal da criança era o motor da aprendizagem. Nessas escolas, onde as turmas eram de **poucos alunos**, as vivências educativas davam-se **ao ar livre**, através de **trabalhos manuais** aplicados dentro de um

³⁹ Ver tabela com essas notícias e artigos publicados na **Revista do Brasil** entre 1916 e 1923 no anexo E.

sistema de **co-educação** dos sexos que estimulava a **autonomia** do educando sob o princípio da **liberdade** regido pelo chamado *self-government*. Esse sistema pressupõe um conselho de estudantes que toma decisões sobre o cotidiano escolar e no qual o professor seria um agente facilitador.

Algumas nuances foram matizando esse conceito de escola “nova”, de sorte que foram incluídas no rol das suas práticas educativas as seguintes atividades: artes (desenhar, colorir, música, canto, dança, modelagem, recorte, colagem, dobradura, etc.); ginástica natural;⁴⁰ jogos e brincadeiras; trabalhos individuais e também trabalhos em grupo; tarefas diversas (marcenaria, gráfica, jardinagem, agricultura, cuidar de animais, pequenos consertos, tarefas domésticas, entre outras); acampamentos e passeios a pé ou de bicicleta; a liberdade de escolha das atividades a partir dos interesses de cada um.⁴¹

Após longas temporadas visitando escolas novas de vários países europeus, Ferrière publica em 1919 um opúsculo onde ele retoma uma definição – que já havia sido publicada por ele em 1915 – sobre os **trinta traços característicos das escolas novas**. A quarta edição desse texto com os *trinta pontos*, revista e ampliada, é publicada sob a forma de um artigo na P.E.N. n° 15, em 1925.⁴² Esta parece ser a mais completa descrição do que era e do que pretendia uma instituição nesses moldes; em certa medida, aqui estaria uma receita de como deve ser o cotidiano de crianças e jovens em período de escolarização, pelo menos do ponto de vista europeu.

Uma vez que esta tese trabalha com a hipótese de que Monteiro Lobato e Paul Faucher fizeram livros para crianças a partir de uma concepção *escolanovista* da infância, é pela expectativa de leitura que eles tinham do seu público – crianças ativas – que eles orientaram a sua produção. A adesão de ambos aos princípios do movimento, a maneira como cada um se apropria dessas concepções, a leitura que cada um faz das teorias

⁴⁰ A ginástica natural – valorizando a interação do corpo com a natureza – era uma prática disseminada pelo movimento escoteiro (*scoot*), que era contemporâneo à Escola Nova e também se deu no Brasil.

⁴¹ Estimulava-se a iniciativa dos alunos dando-lhes a liberdade de escolher as atividades segundo os próprios interesses e aptidões, porém eles tinham obrigação de escolher.

⁴² É justamente esse artigo da P.E.N. que Lourenço Filho traduz e inclui no seu livro de 1929, **Introdução ao Estudo da Escola Nova** (pp. 162-164) – que veio a se tornar uma referência na história da literatura pedagógica brasileira. Observamos que, além de fazer uma adaptação do texto original, ele menciona apenas 29 dos trinta pontos enunciados por Ferrière. O item excluído do original é o 23º, que trata das tarefas sociais que os alunos devem exercer, todavia, não cabe a esta tese detalhar uma comparação entre os textos de Ferrière e a tradução feita por Lourenço Filho.

escolanovistas é que explicaria, em parte, as apostas que eles teriam feito em suas iniciativas editoriais. A fim de melhor compreender a criança “ativa” a quem Lobato e Faucher se dirigiam, optamos ainda por reproduzir alguns trechos da fala de Ferrière sobre as *características das escolas novas*:

- a Escola nova é um laboratório de pedagogia prática;
- ela visa a preparar as crianças para a vida moderna, com suas exigências materiais e morais;
- a Escola nova organiza trabalhos manuais;
- a Escola nova promove nas crianças trabalhos livres (atividades que ela escolha fazer);
- a escola nova entende por *cultura geral* a cultura do julgamento e da razão (método científico: observação, hipótese, verificação, lei);
- a escola nova baseia seu ensino sobre os fatos e experiências;
- a Escola nova recorre à atividade pessoal da criança (associando um trabalho concreto à maior parte dos estudos abstratos);
- a Escola nova estabelece seu programa a partir dos interesses espontâneos da criança;
- a classe será mais frequentemente uma classe-laboratório ou uma classe-museu do que um lugar de abstração pura;
- a escola nova forma em certos casos uma *república escolar* (onde uma assembléia geral toma todas as decisões importantes referentes à vida da escola);
- esse regime supõe uma influência moral preponderante do diretor sobre os “condutores” naturais da pequena república;
- na Escola nova procedemos à *eleição de chefes* (os alunos preferem ser conduzidos antes pelos seus chefes do que pelos adultos);
- a escola nova faz a educação da *consciência moral* (apresentando, todas as noites, às crianças leituras ou narrativas tomadas da vida ficcional ou real);
- a escola nova faz a *educação da razão prática* (suscitando nos adolescentes reflexões que estejam associadas de um lado à biologia, à psicologia e à fisiologia, de outro lado à história e à sociologia).⁴³

As concepções modernas de **infância** e **educação** que fundamentam os pressupostos escolanovistas têm origem em Rousseau e também em métodos educativos

⁴³ Tradução nossa. Para conferir o texto original, na íntegra, cf. FERRIÈRE, Adolphe. L'Ecole « nouvelle » et le Bureau international des Ecoles nouvelles. In : **Pour l'Ere Nouvelle** : Revue internationale d'éducation nouvelle. Genève, n° 15, 4^{ème} année, pp. 04-08, avril 1925.

pioneiros, sobretudo o de Pestalozzi e o de Fröbel. A influência do pedagogo teórico que foi Rousseau, e das práticas experimentadas por esses dois inovadores, foi declarada no discurso de abertura do Congresso de Montreux em 1923, pelo principal representante do movimento na Europa, Adolphe Ferrière – o texto foi reproduzido na revista **Pour l'Ère Nouvelle**.⁴⁴ De fato, os livros II e III do *Emílio* de Rousseau parecem um esboço da forma como a **Escola Nova** trataria algumas questões. Eis alguns dos temas tratados:

- *educação da sensibilidade* (incluindo “o bem-estar da liberdade”)
- *educação moral*
- *educação intelectual* (incluindo “partir do interesse sensível”; experiências, e não discursos”; “construção de máquinas”)
- *educação do corpo* (incluindo “exercícios físicos” e “preceitos de higiene”)
- *educação sensorial* (abordando os cinco sentidos)
- *educação manual e social* (incluindo “educação social”; e “necessidade de trabalho manual”)⁴⁵

Como se pode observar, as atividades praticadas nas instituições que se auto-denominavam “escolas novas” estão muito próximas ao modelo de educação prescrito por Rousseau; assemelham-se aos métodos pioneiros de Pestalozzi e de Fröbel, para os quais cada **criança** é única em sua maneira de sentir e estar no mundo, cada uma com suas características e aptidões inatas, que devem ser respeitadas. Para que se desenvolva plenamente, ela precisa basicamente de **liberdade e atividade**.

Com o tempo, o termo **Escola Nova** deixou de significar exclusivamente *instituições experimentais privadas situadas no campo* para se converter em movimento pedagógico que marcaria as décadas de 20 e 30 do século XX, atingindo também a escola pública em alguns países. Diretores de escola e professores primários insatisfeitos com os métodos tradicionais de ensino começaram a se reunir, trocar suas experiências em congressos e artigos; cientistas e intelectuais ligados à educação começaram a publicar seus estudos e teorias, criando um circuito de idéias e ações em larga escala, que traz em

⁴⁴ FERRIÈRE, Adolphe. L'École active et l'esprit de service. Discours d'inauguration. In : **Pour l'Ère Nouvelle** : Revue internationale d'éducation nouvelle. Genève, n° 8, 2^{ème} année, pp. 72-79, octobre 1923.

⁴⁵ ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Émile ou de l'éducation**. Paris : Garnier-Flammarion, 1966.

si diversas correntes de pensamento. O movimento ganhou mais teorias, mais adeptos, diferentes aplicações e também algumas contradições.

Para Martin Stauffer – que estudou *a Escola Nova brasileira* e sua posição (injustamente) marginalizada na pedagogia internacional – o movimento renovador da educação no Brasil foi mais importante do que as suas manifestações na Europa e Estados Unidos “porque essas Escolas Novas se concentraram nas escolas privadas e não foram realizadas reformas globais do ensino público como no Brasil”.⁴⁶

Entre os educadores brasileiros que já escreveram sobre a **Escola Nova**, foi justamente Lourenço Filho quem abordou o tema de forma mais detalhada em *Introdução ao Estudo da Escola Nova* (1929). A obra foi um marco tanto para a literatura pedagógica nacional, quanto para garantir o prestígio e a circulação internacional do autor; foi vertida em outras línguas, teve muitas reedições, uma delas prefaciada por Paul Fauconnet e elogiada por Édouard Claparède,⁴⁷ Henri Piéron, entre outros nomes que lideravam o movimento na Europa. Começando pela origem do termo **Escola Nova**, ele diz:

Esse singelo nome foi por alguns adotado para caracterização do trabalho em estabelecimentos que dirigiam e, logo também, por agremiações criadas para permuta de informações e propagação dos ideais de reforma escolar. Mais tarde, passou a qualificar reuniões nacionais e internacionais, bem como a figurar no título de revistas e séries de publicações consagradas ao assunto. Dessa forma, a expressão *escola nova* [grifo do autor] adquiriu mais amplo sentido, ligado ao de um novo tratamento dos problemas da educação, em geral.

Nessa acepção, ainda agora se emprega. Não se refere a um só tipo de escola, ou sistema didático determinado, mas a todo *um conjunto de princípios tendentes a rever as formas tradicionais do ensino*. [grifo nosso] Inicialmente, esses princípios derivaram de *uma nova compreensão das necessidades da infância, inspirada em conclusões de estudos da biologia e da psicologia*. [grifo nosso] Mas alargaram-se depois, relacionando-se com outros muito numerosos, relativos às funções da escola em face de novas exigências, derivadas de mudanças, da vida social.⁴⁸

⁴⁶ STAUFFER, Martin. **A Escola Nova brasileira como referência internacional**. s/d, p. 2. Artigo gentilmente enviado por e-mail pelo pesquisador Dr. Stauffer, da Universidade de Berna (Suíça), com quem troquei algumas idéias que contribuíram bastante para a elaboração deste capítulo da tese.

⁴⁷ Cf. carta de Fauconnet a L. Filho, prometendo o artigo solicitado sobre seu livro, no anexo nº 6.

⁴⁸ LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. **Introdução ao Estudo da Escola Nova**. 8ª ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1963. p. 17

Mas qual poderia ser considerado o ponto de partida oficial da **Escola Nova**? O estudo de RAYMOND (2002),⁴⁹ que investigou todos os anais dos **congressos** da *Ligue Internationale pour l'Education Nouvelle* (L.I.E.N), aponta um parâmetro razoável: mesmo que tenha se originado de um conjunto de práticas que vinham, desde o século XIX, sinalizando uma nova compreensão da infância em vários países, a **escola nova** se estabelece oficialmente, como movimento organizado, junto com a criação da Liga, durante o Congresso de Calais, em 06 de agosto de 1921. Teria surgido, portanto, a partir da institucionalização dessas teorias, que ganham propostas definidas, carta de princípios e planos de ação coordenados por órgão oficiais e divulgados por uma imprensa destinada especificamente à circulação dessas idéias, iniciativas, e discussões em revistas.

1.2 A revista *Pour l'Ère Nouvelle*

O principal órgão difusor da *Liga* era a revista francófona **Pour l'Ère Nouvelle** (P.E.N.), uma publicação trimestral iniciada em janeiro de 1922 – que depois veio a ser mensal.



Figura 5 Detalhe da folha de rosto da P.E.N. n° 1 (1922). Documento inédito.⁵⁰

⁴⁹ Op. Cit.

⁵⁰ Acervo dos Archives Institut Jean-Jacques Rousseau, na Université de Genève.

Já na folha de rosto, o leitor é informado a respeito do caráter internacional do periódico. Divulgam-se as versões inglesa e alemã da L.I.E.N. (*The New Era* e *Das Werdende Zeitalter*) ao lado do nome do redator-chefe (Ferrière).⁵¹

Pelo estudo de alguns números da revista,⁵² assim como do sumário completo das edições publicadas entre 1922 e 1939, foi possível ler alguns textos, ver os títulos de todos os artigos (durante esses dezessete anos) e seus autores. Graças a essa pesquisa, foi possível conhecer os temas discutidos pelo braço europeu do movimento, assim como os nomes mais ou menos presentes em suas páginas.

A atuação da P.E.N. foi fundamental para a construção de uma rede de cooperação internacional entre educadores de todos os países interessados em transformar a escola tradicional e suas antigas práticas. Enquanto veículo de propaganda dos ideais da *Education Nouvelle*, a revista permitiu aos intelectuais engajados nos mesmos propósitos de reforma educacional um diálogo entre as suas diferentes ramificações; ela congregava educadores de quase toda a Europa (incluindo os países nórdicos e do leste), dos países africanos francófonos, da Índia e também das Américas, inclusive o Brasil.

Adolphe **Ferrière**, autor de *A Escola Ativa*, escreve muitos artigos e notas em todos os números da revista, na qualidade de redator-chefe e militante infatigável da *Education Nouvelle*. Junto a ele, professores primários, diretores de escola, homens que tinham cargos públicos na educação, médicos e cientistas estudiosos das crianças, inclusive as *anormais*, imprimiam suas idéias nas páginas da **Pour l'Ère Nouvelle**.

Entre os seus colaboradores célebres estavam: Ovide **Decroly** – cujo método era baseado nos “centros de interesse” da criança; Roger **Cousinet** – defensor do trabalho livre (escolhido e conduzido pelo aluno) e em grupos; Henri **Wallon** – autor da teoria psicogenética e interacionista do desenvolvimento cognitivo infantil, propondo um estudo integral (inteligência-afetividade-movimento) da pessoa; e Georg **Kerschensteiner** – a favor da *escola do trabalho*. Também se via, com freqüência, artigos *de* ou *sobre* John **Dewey**, Maria **Montessori**, Jean **Piaget**, Célestin **Freinet**, Pierre **Bovet**, Henri **Piéron**, Carl Gustav **Jung**, entre outras personalidades.

⁵¹ Ferrière também era diretor do **Bureau International des Écoles Nouvelles** (B.I.E.N.); e professor do **Instituto Jean-Jacques Rousseau** (IJJR), a Escola de Ciências da Educação de Genebra.

⁵² Em nossa pesquisa nos AIJR, consultamos os n°s 1,2,3,4;7;12,13,14,15;30,31;67;72;82,83,84 e 85.

Não é difícil constatar que, além do ideário e das propostas em comum, o modo de organização e funcionamento do movimento renovador da educação era bastante semelhante nos diferentes continentes onde ele ocorria. Assim, os pioneiros da Escola Nova estavam sempre ligados às instituições e à imprensa periódica que organizavam e legitimavam as ações desses grupos. No caso da *Education Nouvelle*, sobretudo a parte francófona do movimento, as principais instituições na Europa eram, por ordem cronológica de fundação:

- *Bureau International des Ecoles Nouvelles* (B.I.E.N.) – fundado em 1899 por Adolphe Ferrière
- *Institut Jean-Jacques Rousseau* (I.J.J.R.) – fundado em 1912 por Edouard Claparède
- *Ligue Internationale pour L’Education Nouvelle* (L.I.E.N.) – fundado em 1921 por Adolphe Ferrière
- *La Nouvelle Education* (1921) – Associação fundada em 1921 por Roger Cousinet e Madeleine T. J. Guéritte
- *Groupe Français d’Education Nouvelle* (G.F.E.N.) – fundado em 1922 por Paul Fauconnet
- *Bureau International d’Education* (B.I.E.) – fundado em 1925 por Pierre Bovet
- *Bureau Français d’Education* (B.F.E.) – fundado em 1927 por Paul Faucher

Sobre o B.F.E., vejamos quais eram as suas propostas e atribuições:

Correspondente oficial do Bureau International d’Education de Genève, o B.F.E. participará dos congressos internacionais para o estudo das questões de educação. (...)

O B.F.E. recolherá e centralizará os documentos e informações próprios para divulgar entre o grande público francês as idéias novas e os resultados das experiências pedagógicas que, atualmente, se multiplicam pelo mundo.

(...)

O B.F.E. propõe-se enfim a fundar um lar-biblioteca, onde os pais e educadores poderão ler e tomar emprestadas as obras mais recentes e essenciais de psicologia e de pedagogia novas.

(...)⁵³\a

⁵³ Texto extraído de *L’Education*. n°10, juillet 1928, pp. 649-650. Documento gentilmente cedido pelo cientista da educação Dr. Laurent Gutiérrez, com quem troquei informações e documentos (sobre a Escola Nova) que contribuiram para esta tese. Tradução Nossa. No original : *Correspondant officiel du Bureau international d’Education de Genève, le B.F.E. participera aux congrès internationaux pour l’étude des questions d’éducation.* (...)

Na tentativa de visualizar quem eram os pioneiros da Educação Nova dentro de um grande grupo que incluía os brasileiros, foi composta uma lista de vinte e seis educadores, brasileiros e estrangeiros, contemporâneos de Monteiro Lobato e de Paul Faucher, contendo as seguintes informações: nome, ano de nascimento/morte, e país de origem. A eleição dos nomes dessa lista não exaustiva foi feita segundo os objetivos desta tese e compreende médicos, biólogos, psicólogos, sociólogos, pedagogos e professores. Eles são aqui considerados *educadores* por atuarem em profissões direta ou indiretamente relacionadas ao movimento da **Escola Nova**.

Tabela 1 – Educadores contemporâneos de Lobato e Faucher⁵⁴

Nome	Nascimento/morte	País
Georg Kerschensteiner	(1854-1932)	Alemanha
John Dewey	(1859-1952)	Estados Unidos
Maria Montessori	(1870-1952)	Itália
Hermann Lietz	(1868-1919)	Alemanha
Ovide Decroly	(1871-1932)	Bélgica
William H. Kilpatrick	(1871-1965)	Estados Unidos
Edouard Claparède	(1873-1940)	Suíça
Carl Gustav Jung	(1875-1961)	Suíça
Afrânio Peixoto	(1876-1947)	Brasil
František Bakule	(1877-1957)	Tchecoslováquia
Janus Korczak	(1878-1942)	Polônia
Pierre Bovet	(1878-1965)	Suíça
Adolphe Ferrière	(1879-1960)	Suíça
Henri Wallon	(1879-1962)	França

Le B.F.E. recueillera et centralisera les documents et informations propres à répandre dans le grand public français les idées nouvelles et les résultats des expériences pédagogiques qui, actuellement, se multiplient à travers le monde.

(...)

Le B.F.E. se propose enfin de fonder un Foyer - Bibliothèque, où les parents et les éducateurs pourront lire et emprunter les ouvrages les plus récents et les plus essentiels de psychologie et de pédagogie nouvelles.

⁵⁴ Os nomes estão dispostos em ordem cronológica de nascimento.

Roger Cousinet	(1881-1973)	França
Henri Piéron	(1881-1964)	França
A. Sampaio Dória	(1883-1964)	Brasil
A. Carneiro Leão	(1887-1966)	Brasil
Lorenzo Luzuriaga	(1889-1959)	Espanha
Armanda Álvaro Alberto	(1892-1974)	Brasil
M. B. Lourenço Filho	(1897-1970)	Brasil
Fernando de Azevedo	(1894-1974)	Brasil
Célestin Freinet	(1896-1966)	França
Jean Piaget	(1896-1980)	Suíça
Lev S. Vygotsky	(1896-1934)	Rússia
Anísio S. Teixeira	(1900-1971)	Brasil

Como foi dito, essa lista não pretende dar conta de todos aqueles que teriam contribuído com a **Escola Nova**, pois há nomes também importantes que não foram mencionados para se evitar um prolongamento excessivo da discussão.⁵⁵

Exceto Hermann Lietz, falecido em 1919, **todos** esses 26 educadores estavam *em plena atividade profissional* entre os anos 1925 e 1931.⁵⁶ Eles continuaram ativos, em sua maioria, durante os anos trinta e quarenta, experimentando novas práticas, circulando em outros países, publicando suas teorias, divulgando suas experiências científicas e pedagógicas em livros, periódicos e congressos.

Considerando que é justamente no período entre-guerras que Monteiro Lobato e Paul Faucher se cruzam na história da edição e do livro para crianças – daí o recorte que interessa a este trabalho, não é por acaso que eles têm uma relação transversal com a história da educação em seus países. Seja na edição de livros, seja no comando de uma revista (no caso da **R.B.** de Lobato entre 1918-1924) ou de uma instituição (no caso

⁵⁵ Apesar de não haver muitos alemães ou americanos na lista, sabe-se que eles tiveram nomes de grande importância para a psicologia experimental como Willelm Wundt e Stanley Hall.

⁵⁶ Tomamos o ano de 1931 como um limite em razão da morte, em 1932, de mais dois expoentes do movimento: Decroly e Kerschensteiner.

do BFE dirigido por Faucher entre 1927-1933),⁵⁷ as relações de camaradagem ou de grande amizade com esses intelectuais da educação alimentava – porque promovia diálogos e transações – as suas atividades enquanto promotores de leitura ou agentes de cultura. A recíproca não é menos verdadeira.

1.3 As idéias circulam porque as pessoas circulam

É certo que as pessoas se deslocam desde que o mundo é mundo e pelas mais variadas razões. Mas no caso específico daqueles estudiosos da infância que criaram as bases para uma revolução nos métodos pedagógicos tradicionais, essas migrações foram particularmente importantes para que a **Escola Nova** adquirisse uma dinâmica própria e se desdobrasse em diferentes ações renovadoras em escala mundial. Seus teóricos, mais do que suas teorias, foram os grandes responsáveis pela internacionalização do movimento.

Um primeiro exemplo a ser mencionado é Maria Montessori. Seu método de educação, elaborado a partir do trabalho dos franceses Itard e Séguin, foi aplicado tanto em crianças deficientes quanto em crianças normais, e lhe deu renome em toda a Itália e no mundo. Pessoas vinham de toda parte assistir a seus cursos internacionais de formação e visitar as *case dei bambini* – creches-escola criadas por ela em 1907. Por volta de 1910 foram criadas as primeiras escolas montessorianas na Suíça e nos Estados Unidos, mas é a partir de 1913 que ela ganha o mundo: viaja para dar cursos em vários países; seu material é fabricado na Inglaterra; suas participações nos congressos promovidos pelas instituições da *Nouvelle Education* atraem enorme público; sociedades e associações Montessori se espalham. Estados Unidos, Holanda, Áustria, Inglaterra, Espanha e Índia são alguns países onde ela esteve – nos dois últimos viveu exilada por alguns anos.

No número 4 da **Pour l'Ère Nouvelle**, de outubro de 1922, um artigo assinado pelo Dr. Ovide Decroly e por Raymond Buyse conta as impressões dos educadores belgas depois de passarem um dia na *Park School* (Buffalo, Nova York) em

⁵⁷ No caso de Lobato, além de escritor, editor, e diretor da Revista do Brasil, sabe-se que ele também foi editor da **Revista da Sociedade de Educação** de São Paulo entre 1923 e 1924. O estudo dessa sociedade foi objeto da tese de NERY, Ana Clara Bortoleto. **A Sociedade de Educação de São Paulo : embates no campo educacional (1922-1931)**. Tese (Doutorado em História da Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

maio daquele ano. A visita foi recepcionada e guiada por ninguém menos que John Dewey e as impressões relatadas foram as melhores possíveis:⁵⁸

É necessário dizer que nós estávamos convencidos? Sim, o nó do problema pedagógico está aí: é uma questão de ambiente. Ora, desde Rousseau não é mais permitido ignorar que só a natureza é realmente educativa. Por outro lado, John Dewey nos ensinou que a escola não devia mais ser um meio artificial, organizado com vistas a preparar os menores à vida dos adultos. Mas que ela devia fazer parte da própria vida, uma vez que nossas crianças passam nela a época de ouro da sua existência. (...) essas crianças, não esqueçamos, colaboraram na construção ou, em todo caso, na manutenção de cada parte da escola: é a escola *deles* [grifo do autor]. **Eles fazem seus próprios livros, eles pintam seus móveis, eles enfeitam a sua sala. Se a oficina é verdadeiramente o coração dessa escola ativa, a solidariedade social é a sua alma.** [grifo nosso] (p. 75)⁵⁹

As palavras de Decroly e Buyse testemunham a irmandade de princípios e práticas que aproximava a *Education Nouvelle* da *Progressive Education*. Na mesma edição de 1922, um texto não assinado menciona alguns órgãos dedicados à promoção do escolanovismo nos Estados Unidos: seriam cinco instituições – entre as quais estava a *Progressive Education Association* – fomentando o movimento renovador, além de oito escolas que experimentavam novos métodos pedagógicos naquele momento.

Mas o trajeto dos educadores tinha mão dupla. Assim como os europeus iam aos Estados Unidos para ver de perto os novos sistemas pedagógicos que estavam sendo praticados na década de vinte, os norte-americanos vinham à Europa participar dos congressos da Liga e tinham suas idéias divulgadas na P.E.N.: em 1927, cinco educadores vão ao Congresso da L.I.E.N., em Locarno, apresentar a renovação no ensino primário e nas escolas normais (formação de professores), e também falar sobre as suas concepções

⁵⁸ DECROLY, O. e BUYSE, R.. Le rêve entrevu: une journée à Park School (U.S.A.). **Pour l'Ere Nouvelle** : Revue internationale d'éducation nouvelle. Genève, n°4, 1^{ère} année, pp. 70-75, octobre 1922.

⁵⁹ Tradução nossa. No original: *Faut-il dire que nous étions convaincus ? Oui, le noeud du problème pédagogique est là : c'est une question de milieu. Or, depuis Rousseau il n'est plus permis d'ignorer que seule la nature est vraiment éducative. D'autre part, John Dewey nous a enseigné que l'école ne devait plus être un milieu artificiel, organisé en vue de préparer les mineurs à la vie des adultes, mais qu'elle devait faire partie de la vie elle-même, puisque nos enfants y passent l'âge d'or de leur existence. (...) Ces enfants, ne l'oublions pas, ont collaboré à la construction, ou en tout cas à l'entretien de chaque partie de l'école : c'est leur école. Ils font leurs propres livres, ils peignent leurs meubles, ils ornent leurs classes. Si l'atelier est vraiment le coeur de cette école active, la solidarité sociale en est l'âme.* (p. 75)

de liberdade na infância – tema do congresso. São eles: Carson Ryan, Harold O. Rugg, Carleton W. Washburne, Lucy L. W. Wilson, e Marietta Johnson.⁶⁰

Na conferência do Dr. Rugg, temos uma nova declaração de parentesco ideológico entre os escolanovistas americanos e europeus: “Desde a época de John Dewey, fundamos dúzias de escolas cujos princípios são exatamente aqueles da Liga internacional para a educação nova”.⁶¹ Tanto o relato da visita de Decroly e Buyse quanto esta conferência de Harold Rugg colocam Dewey como um elo de ligação entre a **Escola Nova** da Europa e a dos Estados Unidos.

E foi justamente John Dewey o ponto comum em meio às discrepâncias filosóficas que – segundo a historiografia da educação brasileira – teriam dividido os nossos educadores em dois grupos: os *renovadores* (ou liberais) e os *católicos* (ou conservadores). Ele parece ter sido o grande sintetizador das teorias modernas em educação, uma referência assumida e declarada pelos diferentes atores do movimento. As viagens de estudo para conhecer métodos pedagógicos em pelo menos três continentes indicam o seu interesse em compreender integralmente os sistemas educativos e buscar um modelo de escola a serviço de uma sociedade democrática.

Além das viagens de estudo das realidades educacionais realizados pelos principais nomes do movimento em países estrangeiros, outros fatores permitiram a construção de um espaço internacional onde circulavam as idéias da **Escola Nova**: as traduções de livros representando as suas teorias (livros utilizados sobretudo nos cursos de formação de professores); as coleções editoriais que reuniam essas obras; as revistas pedagógicas, onde eram veiculados artigos e notícias (nacionais e estrangeiras) sobre os novos métodos ; os congressos que reuniam esses intelectuais; e as instituições promotoras do movimento renovador como, por exemplo, associações de educadores (incluindo intelectuais de diversas áreas), agremiações e sindicatos de professores.

Entre 1926 e 1932 algumas edições da revista foram números especiais consagrados ao tema da escola nova em outros países, e algumas outras fizeram a

⁶⁰ As conferências foram publicadas numa série de 5 artigos intitulada **L’expérience des Etats-Unis**. P.E.N. n°31, 6^{ème} année, septembre-octobre 1927. pp. 194-203.

⁶¹ Tradução nossa. No original : « Depuis l’époque de John Dewey, on a fondé des douzaines d’écoles dont les principes sont exactement ceux de La Ligue internationale pour l’éducation nouvelle. » RUGG, Harold O. **Comment libérer les programmes**. Op. cit., p. 195.

cobertura dos congressos internacionais da Liga. O número 20 foi consagrado à **Escola Nova** nos países do leste europeu; o número 45 falava especialmente sobre as escolas da Turquia e da Ásia; o número 57 se dedicava às experiências pedagógicas da Polônia; os números 60, 61, 64, 65 e 67 e 75 trouxeram uma série de artigos sobre a **Escola Nova** nos países da América do Sul; e o número 68 foi destinado à educação nas colônias francesas situadas em países africanos. Vejamos como o Brasil entra na geografia do movimento.

1.4 O Brasil na Escola Nova ou a Escola Nova no Brasil

Desde 1911 artigos sobre as correntes modernas da pedagogia já circulavam nas *revistas das escolas normais* do interior paulista. Um estudo sobre esses periódicos mostra que, de 1911 a 1923, suas páginas divulgavam para o professorado nacional as teorias e métodos pedagógicos que estavam em voga na Europa e nos Estados Unidos – trata-se das teorias modernas que dariam base ao movimento da Escola Nova.⁶²

O artigo de Nery apresenta o círculo de professores e diretores que escreviam nessas publicações, entre os quais estão dois educadores que interessam em particular a esta tese, por terem sido também colaboradores da Revista do Brasil: Lourenço Filho e Carlos da Silveira. Sobre este último falaremos ainda neste capítulo.

Alguns textos eram escritos e outros traduzidos por professores das escolas normais, dentre as quais destacam-se a *Escola Normal Secundária de São Carlos* e a *Escola Normal Primária de Piracicaba*. Os assuntos tratados nos artigos eram temas muito atuais na imprensa pedagógica (ou imprensa periódica educacional) internacional: o ensino ativo; a educação pelos trabalhos manuais; e o interesse dos alunos como elemento estimulador da aprendizagem. A leitura dessas revistas teria contribuído para formar uma geração de professores primários e secundários engajados no projeto de reforma educacional que iria modernizar a escola paulista na década de 1920: a reforma Sampaio Dória.

⁶² NERY, Ana Clara Bortoleto. **Impressos de professores**: representações sobre educação e ensino nos periódicos paulistas (1911-1923). In: 31ª Reunião Anual da Anped, 2008, Caxambu. Anais. v. 1. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT02-4219--Res.pdf>> Acesso em: 23 jul. 2009.

O primeiro exemplo citado por NERY é o texto de João Lourenço Rodrigues publicado na revista *Excelsior!*, em 1911, com o título *Fazer para aprender*. Defendendo o valor pedagógico dos trabalhos manuais, o autor faz menção a Pestalozzi, Fröbel, William James, J. L. Hugues e Omer Buyse – citando o seu recente livro *Méthodes américaines d'éducation générale et technique*.

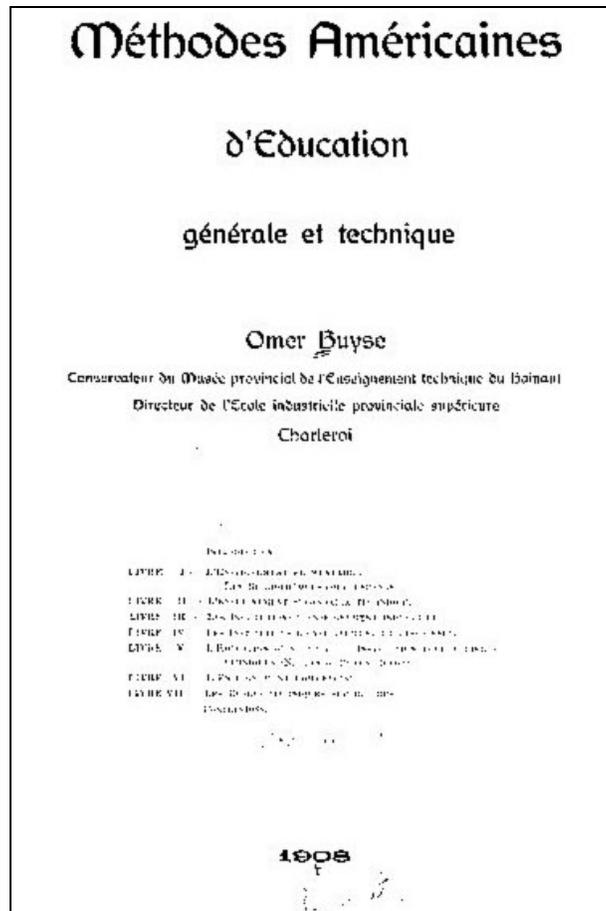


Figura 6 Folha de rosto da 1ª ed. do livro de Buyse⁶³

A obra de Buyse, publicada em 1908, falava de educação e ensino técnico nos Estados Unidos; teve grande repercussão no Brasil, influenciando educadores que mais tarde fariam as reformas escolares que marcaram o período republicano no país. A sua utilização entre os nossos normalistas parece ter tido longevidade, pois “Este mesmo livro

⁶³ BUYSE, Omer. **Méthodes américaines d'éducation générale et technique**. Paris : H. Dunod & E. Pinat ; etc., etc., 1908. 744 p. Esta obra foi digitalizada pelo Google (do acervo da biblioteca pública de Nova York) e está disponível em : <<http://www.archive.org/details/mthodesamricain01buysgoog>>. Acesso em 15 de setembro de 2009.

foi base para a Reforma do Ensino no estado da Bahia, elaborada por Anísio Teixeira, em 1926, e também foi traduzido e enviado para as bibliotecas e utilizado num curso de verão para os professores, pelo próprio Anísio.”⁶⁴

Em seu livro, Buyse aborda os seguintes aspectos da educação americana:

- 1- O ensino elementar – as bibliotecas para crianças
- 2- O ensino secundário técnico
- 3- As instituições de ensino industrial
- 4- As instituições de ensino profissional
- 5- A educação de uma raça – instruções para retardados étnicos
- 6- O ensino comercial
- 7- As escolas técnicas superiores.

A extraordinária recepção de *Méthodes américaines* no Brasil não espanta. Em um momento histórico no qual se questionava o papel social e moral da escola tradicional e se demandava uma mão-de-obra especializada para o trabalho na indústria, o ensino técnico ia ganhando espaço no sistema escolar de muitos países. Porém esse não era um assunto de professores, isto é, as discussões das questões educacionais modernas não se restringiam às revistas destinadas ao magistério mas se propagavam através da imprensa em geral. A **Revista do Brasil** se inscreve no movimento de idéias que renovaram a escola do século XX na medida em que traz artigos e notícias que circulavam nos impressos da comunidade pedagógica para discutir essas questões.

Após a leitura de um desses artigos publicados na **R.B.**, em 1919, intitulado *Em redor da Escola Profissional Masculina*, do professor Aprígio Gonzaga, Monteiro Lobato vai pessoalmente conhecer a referida escola, situada no bairro operário do Brás, e escreve elogiosa resenha sobre o que viu:

A sensação que aquilo dá é de entusiasmo e fé no futuro. **Aqueles meninos que batem o ferro, aplainam a madeira, modelam o barro, traçam desenhos ornamentais** – meninos arrancados à vadiagem das ruas – **são obreiros em gremem da grande pátria futura.** [grifo nosso] Vão eles breve constituir a melhor força propulsora da nossa

⁶⁴ CARVALHO apud NERY. Op. cit. p. 03.

civilização. (...) Nosso mal, concordam-no todos, é o absoluto desaparelhamento técnico. Existe a massa imensa dos Jecas em baixo e o bacharelismo por cima. No meio, essa classe operosa de mecânicos, marceneiros, decoradores, eletricitas, gravadores, etc., as formigas do progresso industrial faltam-nos por completo. Daí a necessidade de importá-las. Se em São Paulo a indústria pôde alçar-se ao nível em que está, deve-o ao técnico estrangeiro importado. Mas importá-los não é a solução completa, e não é solução nacional. É mister fazê-los aqui, educando para isso as nossas crianças.⁶⁵

O entusiasmo e a esperança que aquela visita provocou em Lobato deixam entrever a sua simpatia por um modelo de escola que atendia cada vez mais às exigências de uma sociedade em processo de modernização e industrialização. Valorizando as atividades de trabalho manual, naquele momento ele entra no coro dos educadores que reivindicam uma **escola nova**, embora aparentemente motivado por razões diferentes. Parece que Lobato idealizava uma escola engajada com o progresso econômico e este seria um alavancador do progresso moral.

Mas a propagação do ensino técnico já não era uma absoluta novidade. Desde a criação da *Sociedade Propagadora da Instrução Popular* (1873), que veio a se tornar, em 1882, o *Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo*, foram criadas muitas instituições de ensino técnico e profissionalizante no Brasil – principalmente em São Paulo – até 1920. Entre elas estavam a *Escola Profissional Masculina* e a *Escola Profissional Feminina* (ambas criadas em 1911), que assim se caracterizavam:

As Escolas Profissionais Feminina e Masculina do Brás são fundadas no interior desse processo de difusão de estabelecimentos de ensino para os trabalhadores e seus filhos na Primeira República. Além da capacitação técnica e profissional, afinadas com o ideário modernizador de uma sociedade que assiste aos primeiros passos de seu processo industrial, essas escolas apostam também na função moralizadora da educação voltada para o trabalho. Além de bons trabalhadores, e da valorização do trabalho manual em um país recém-saído da escravidão, deve-se formar "bons cidadãos". Os cursos, que duram cerca de três anos, são elaborados com base em aulas teóricas – português, geografia, aritmética etc. – e práticas, realizadas nas oficinas e ateliês. O desenho constitui o núcleo central do currículo, habilitando o artesão e operário para a execução de projetos e planos. As aulas de desenhos garantem ainda a "educação pela correção da visão e firmeza da observação",

⁶⁵ LOBATO, Monteiro. "Em redor da Escola Profissional Masculina". In: *Críticas e outras notas*. São Paulo: Brasiliense, 1965, p. 72.

articulando de modo exemplar habilitação técnica-especializada e formação moral.⁶⁶

Embora pareça um traço comum em todas as instituições de ensino não-tradicional, a utilização de métodos pedagógicos baseados em trabalhos manuais cumpria funções diferentes na escola técnica e na escola primária “nova”. Enquanto para aquelas as atividades escolares tinham uma finalidade formadora, sobretudo profissionalizante – em última instância *político-econômica*; para estas últimas, as atividades tinham uma finalidade educacional integral do indivíduo – em última instância *social*.

1.4.1 A Revista do Brasil e a Escola Nova

A participação da **Revista do Brasil** na divulgação do ideário da **Escola Nova** pode ser mensurada pelo conjunto de textos que ela veiculava abordando os temas da *infância* e da *educação*. Partindo desse princípio, em pesquisa realizada para esta tese, foram consultados todos os números da **R.B.** publicados de 1916 a 1923.⁶⁷ Entre artigos críticos; resenhas de livros; notícias sobre conferências, instituições, ou publicações; e notas diversas, foram encontradas 86 ocorrências concernentes aos temas visados nesse período de 8 anos da sua publicação. O recorte cronológico foi escolhido em função da relação de Lobato com o periódico nesse tempo, primeiro como leitor e colaborador, e depois como diretor-proprietário da revista.

Já no primeiro ano da revista (1916), foram encontradas doze menções à educação ou à infância, sendo onze artigos e uma nota, nessa ordem:

- 1- A alimentação das creanças nas escolas dos EUA (**E. F. Brown**)
- 2- Orientação social dos estudos universitários (**Gregório Alfaro**)
- 3- Como se deve estudar (**George Van Ness**)
- 4- As Mútuas Escolares na Itália (assinado com o pseudônimo *Minerva*)

⁶⁶ ESCOLA PROFISSIONAL MASCULINA DO BRÁS. In: ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL DE ARTES VISUAIS. (Seção instituições). São Paulo: Itaú Cultural, 2006. Disponível em: http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia_IC/index.cfm?fuseaction=instituicoes_texto&cd_verbete=5397. Acesso em: 28 jul. 2009.

⁶⁷ Para ver a tabela com todos os resultados da pesquisa, cf Anexos nº 5.

- 5- As promessas do escotismo (assinado com as iniciais R. M.)
- 6- O ensino da leitura pelo methodo analytico (**João Köpke**)
- 7- Biografia de João Köpke (s/a)
- 8- Educação moral e cívica (a propósito de um livro didático) parte I (**J. Köpke**)
- 9- Educação moral e cívica (a propósito de um livro didático) parte II (**J. Köpke**)
- 10- A Educação Nacional (s/a)
- 11- Finalidade Educativa (contribuição da sociologia) (**Sampaio Dória**)
- 12- nota sobre a revista dos inspetores escolares do DF: “A Escola Primária” (na seção “Publicações recebidas”- provavelmente de autoria dos editores)

O que se pode concluir de uma primeira observação acerca desses doze textos? Conforme se vê, apesar de se declarar uma revista nacionalista, a **Revista do Brasil** começou a tratar dos temas em questão através de autores estrangeiros. O primeiro artigo foi retirado de um importante periódico semanal americano, *Literary Digest*; o segundo foi escrito por Gregório Aráoz Alfaro, célebre médico argentino que veio a presidir o *Instituto Internacional Americano de Protección a La Infancia* nos anos 30; o terceiro artigo é do psicólogo americano George Van Ness Dearborn no qual ele dá uma espécie de fórmula para se obter sucesso nos estudos,⁶⁸ e nessa receita o primeiro passo é o *interesse* do estudante pelo assunto. Os dois artigos seguintes, embora de autoria desconhecida, tratam das escolas primárias italianas e do movimento escoteiro: ambos eram temas internacionais da atualidade. A escolha de tais assuntos indica que os editores da **R.B.** estavam a par do que se passava em terras estrangeiras (ou pelo menos em seus impressos); e que eles provavelmente julgavam que a educação de outros países interessaria aos seus leitores.

Só a partir do número 5 da revista é que aparecem textos de brasileiros, tratando de assuntos nacionais ou de teor pedagógico geral. O primeiro é João Köpke, professor, autor de cartilhas, manuais didáticos e livros de leitura de grande sucesso devido ao número de suas reedições. O artigo de Köpke, *O ensino da leitura pelo*

⁶⁸ O texto foi extraído do seu livro recém-publicado: **How to learn easily**: practical hints on economical study. Boston: Little, Brown, and Company, 1916. A obra de Van Ness foi digitalizada e está publicada na internet. Disponível em : < <http://www.archive.org/stream/howtolearneasil01deargooq#page/n7/mode/1up>> Acesso em: 29 jul. 2009

methodo analytico, é o texto da conferência de mesmo título proferida em 11 de maio de 1916 no prédio do Jardim da Infância da *Escola Normal da Praça*. O fato de a **R.B.** publicar uma conferência de Köpke no calor da hora, que acabara de se realizar, deve ter atraído muitos leitores do professorado paulista.

Assim como Köpke, outro nome de peso na instrução pública de São Paulo aparece em um artigo no primeiro ano da revista: Antônio de Sampaio Dória – professor catedrático de Psicologia, Pedagogia e Educação Cívica da *Escola Normal da Praça*. Ele disserta sobre *a finalidade social da educação* em artigo de 11 páginas, disseminando as idéias que mais tarde aparecerão na sua prática como Diretor geral da Instrução Pública de São Paulo: a reforma Sampaio Dória inaugura, em 1920, uma fase que marcou a história da educação brasileira.

Só em 1917, brasileiros em prol de um movimento renovador da educação (que fariam as reformas estaduais do ensino na década de 20) entram na lista de colaboradores da **R.B.** como maioria. Exceto por aqueles que falam a respeito da educação alemã e inglesa, do ensino técnico em Portugal, e da menção ao método Montessori (temas também presentes na *Pour l'Ère Nouvelle*), a maioria dos textos são escritos por brasileiros e enfocam questões nacionais a partir daí.

Sampaio Dória volta a aparecer, mas entram em cena novos autores: **Carlos da Silveira**, com cinco colaborações; **Fernando de Azevedo** e **Oliveira Lima**. Professor-visitante na Universidade de Harvard, em 1917 Oliveira Lima morava nos estados Unidos e já era um intelectual de renome internacional; escritor, conhecido por suas conferências na Universidade de Paris, ele também foi bibliófilo e embaixador do Brasil em diversos países. Por sua vez, Fernando de Azevedo era ainda um jovem professor de 23 anos, recém-chegado de Belo Horizonte para concluir o curso jurídico na Faculdade de Direito de São Paulo. Posteriormente, trabalha para jornais paulistanos e torna-se professor de Literatura e Latim na *Escola Normal da Praça da República* em 1920.

A lista a seguir mostra os textos veiculados durante o segundo ano da revista, na seqüência em que eles aparecem:

- 1- nota sobre o livro “O Brasil e a educação popular” de Carneiro Leão (na seção “Publicações recebidas”, provavelmente de autoria dos editores)
- 2- Fins da educação sob o ponto de vista brasileiro (sugestões) (**Carlos da Silveira**)
- 3- PEDAGOGIA: requisitos necessários a quem se propõe ao trabalho educativo – habilitação técnica do professor (**Carlos da Silveira**)
- 4- Ensino Primário: colaboração da família no trabalho escolar (**Carlos da Silveira**)
- 5- Educação Hygienica (**Fernando de Azevedo**)
- 6- O meu professorado em Harvard (**Oliveira Lima**)
- 7- Missões de professores paulistas (**Carlos da Silveira**)
- 8- A paralytia infantil (s/a)
- 9- A vista das creanças (sic) (s/a)
- 10- nota sobre o livro “O método Montessori” de Luisa Sergio (na seção “Publicações recebidas”)
- 11- Methodologia do ensino e Literatura Didactica: o atributo específico da literatura didactica é a intuição analytica (**Sampaio Dória**)
- 12- Questões de ensino público: a medicina pedagógica e sua acção no lar e na escola – gabinetes de anthropometria escolar (**Carlos da Silveira**)
- 13- A instrução técnica em Portugal (**Alfredo Bensaúde**)
- 14- O Brasil e o professor primário (**M. F. Pinto Ferreira**)
- 15- Educação alleman e educação ingleza (**Visc. De Santo Thyrso**)

Quem era então Carlos da Silveira? Professor de Psicologia Experimental, Pedagogia e Educação Cívica da *Escola Normal de São Carlos*, desde 1913. Educador atuante na imprensa pedagógica de São Paulo, ele foi um dos escolhidos por Sampaio Dória para levar adiante a reforma de 1920, quando foi nomeado diretor da *Escola Normal do Brás*. “Membro da *Liga Nacionalista de São Paulo*, fez parte de umas das diretorias da *Associação Brasileira de Escoteiros* e vice-presidente da *Sociedade de Educação de São Paulo*, [grifos nossos] em 1924.” (NERY. op. cit., p. 7)

Assim como já foram mencionados anteriormente os percursos trilhados por Lourenço Filho, Sampaio Dória e Fernando de Azevedo, a participação de Carlos da Silveira em tais instituições é sintomática: pela trajetória social e profissional dos

intelectuais citados nesse estudo chega-se a uma dinâmica institucional do movimento renovador da educação brasileira, iniciado em São Paulo em 1920. Eis algumas delas:

- Faculdade de Direito de São Paulo
- Escola Normal da Praça
- Escolas Normais
- *Jornal O Estado de São Paulo*
- Revista do Brasil
- revistas pedagógicas⁶⁹
- Companhia Editora Nacional
- Editora Melhoramentos
- Liga de Defesa Nacional
- Liga Nacionalista de São Paulo
- Liga Nacionalista do Brasil
- Academia Brasileira de Letras
- Academia Paulista de Letras
- Associação Brasileira de Educação
- Sociedade de Educação de São Paulo
- *Inspetorias e Diretorias* da Instrução Pública
- Institutos de Educação
- escolas da rede pública

Esta é apenas *uma parte* dos órgãos e publicações que congregavam os educadores e intelectuais da *classe dirigente* brasileira naquele tempo. Esta era uma elite composta, em sua maioria, por paulistas, mineiros e fluminenses – sendo que o estado de São Paulo tinha mais representantes e maior poder político. Quer fossem juristas, médicos, escritores, editores, professores, ou funcionários públicos, comumente uma

⁶⁹ Por revistas “pedagógicas” entende-se aqui toda a imprensa periódica educacional. Por exemplo: revistas das Escolas Normais; revistas das Diretorias da Instrução Pública; revistas de associações de professores e agremiações diversas.

mesma pessoa participava de instituições diferentes e assim os mesmos nomes circulavam em grupos diversos, mas de interesses semelhantes.

Sobre as relações entre os dirigentes da *Liga Nacionalista de São Paulo* e do jornal *OESP*, Valéria Antonia Medeiros esclarece:

(...) a Liga Nacionalista não foi o primeiro local de encontro desses homens. Antes disso, eles construíram uma rede de relações que pôde ser flagrada, também, em diversas outras instituições, algumas das quais participavam decisivamente da direção política e cultural, particularmente, do estado de São Paulo, tais como: a Faculdade de Direito de São Paulo – local de formação acadêmica de grande parte dos membros da Liga Nacionalista e dos diretores do referido jornal – e outras instituições de caráter secreto como, por exemplo, as lojas maçônicas e a Sociedade dos Patriotas.

Portanto a decisão desses homens de engajarem-se na fundação da Liga Nacionalista deve ser entendida como mais um local de encontro e atuação dessa rede de relações que colaborou na produção e divulgação de **um projeto de nação, no qual as causas educacionais tinham papel privilegiado.** [grifo nosso] Nesse mesmo projeto atuaram os responsáveis pela fundação e direção do jornal *O Estado de S. Paulo*. Não por acaso verificou-se uma simbiose entre ambas instituições.

(...)

Os laços de sociabilidade desenvolvidos por esses homens foram suficientemente fortes, a ponto de levarem adiante um projeto de “reconstrução nacional” – **no qual a educação tinha lugar decisivo** [grifo nosso]– ultrapassando o período de existência da Liga Nacionalista, cujas atividades foram suspensas, em 1924, por decreto presidencial.⁷⁰

É interessante observar que o cruzamento de nomes dos integrantes dessas instituições pode conduzir tanto ao rol de intelectuais que escreviam na **R.B.** quanto ao elenco de correspondentes de Monteiro Lobato. Ele próprio, como se sabe, além de escritor, editor, e diretor da **Revista do Brasil**, também era da turma dos egressos da *Faculdade de Direito*, *habitué* do grupo do *OESP* e, muito antes de se tornar, ele também, um imortal da *Academia Paulista de Letras*, encarregou-se de editar a *Revista da Sociedade de Educação* entre os anos 1923 e 1924.

⁷⁰ MEDEIROS, Valéria Antônia. **O jornal *O Estado de São Paulo* como principal divulgador das propostas educacionais da Liga Nacionalista de São Paulo** (1916-1924). VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, 2006, Uberlândia. Anais. Disponível em: <http://www.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/282ValeriaAntoniaMedeiros.pdf> Acesso em: 30 jul. 2009.

A **R.B.** n° 80, publicada em agosto de 1922, na seção resenha do mês, anuncia que um órgão acabara de ser criado: a *Sociedade de Educação de São Paulo*.⁷¹ Entre os seus integrantes estavam alguns colegas de Lobato: Renato Jardim, Macedo Soares, Fernando de Azevedo, Brenno Ferraz, Almeida Júnior, Sampaio Dória, e Leo Vaz. Note-se que naquele ano Lourenço Filho fazia a sua reforma no Ceará, mas ao retornar a São Paulo ele se junta aos seus camaradas na *Sociedade*.

Naturalmente, esses homens não tinham a mesma compreensão acerca das questões educacionais, nem os mesmos objetivos quando travavam suas disputas pelas tomadas de decisão sobre os rumos da educação brasileira. Embora o assunto mereça atenção e seja abordado em nosso estudo, as divergências e embates no campo educacional são um capítulo extenso desta história e constituem objeto de tese de outros pesquisadores. Voltemos aos textos sobre *educação e infância* veiculados na **Revista do Brasil**, sob a direção de Monteiro Lobato.

No ano em que a propriedade da *Revista do Brasil S.A.* é transferida para Monteiro Lobato (1918), a revista começa trazendo o artigo *Ensino e Nacionalismo*, de Carlos da Silveira; noticia ainda a segunda edição de *A Educação Popular*, de Carneiro Leão; e reproduz *A educação e a defesa nacional*, texto da conferência de Afrânio Peixoto para a Liga de Defesa Nacional (no Rio de Janeiro). Os textos de Silveira e de Peixoto, em certa medida, confirmam a importância da educação nas aspirações nacionalistas da República Velha.

Entre maio e agosto de 1918 sai uma resenha sobre o *Anuario do ensino do estado de S. Paulo* (de 1917), publicação organizada pela Diretoria Geral da Instrução Pública – na época a cargo de Oscar Thompson; em seguida, vem o texto da conferência proferida por Afrânio Peixoto na Biblioteca Nacional (Rio): *O ensino da linguagem*. No último trimestre, são reproduzidos mais dois artigos do interesse dos educadores brasileiros: *Educação e Saneamento*, de Afrânio Peixoto;⁷² e *A proteção da infância nos estados Unidos*, de Henri Goy.⁷³ Daí se pode depreender que quando Lobato adquire a

⁷¹ Op. cit., pp.389-391. Para maiores informações sobre a *Sociedade*, ver tese de NERY (op. cit.).

⁷² O texto fora publicado antes na revista *A Escola Primária*, do Rio de Janeiro. **Revista do Brasil**. Ano III, vol. 9 (Setembro-Dezembro 1918), pp. 119-120. Acervo da Biblioteca Monteiro Lobato.

⁷³ Texto extraído da *Revue France*. Paris, 25 de setembro de 1918. Idem, pp. 376-377.

revista, o seu público já se mantinha atualizado a respeito tanto das estatísticas escolares de São Paulo quanto das idéias modernas em torno da educação.

Em 1919, além de ser informado sobre a publicação do *Guia Brasileiro de Escotismo* (de Hilário Freire), o leitor da **R.B.** encontra dois artigos científicos: um sobre psicologia pedagógica (do italiano Ugo Pizzoli) e outro sobre psiquiatria (do Dr. Franco da Rocha) – ramos da ciência que estavam voltados para pesquisas sobre a criança. Pizzoli era então bastante conhecido do professorado paulista, pois

Em 1914 Altino Arantes, presidente do Estado de São Paulo, contratou Ugo Pizzoli, pelo período de seis meses, para ministrar cursos de *alta cultura pedagógica*, assim se dizia, para os diversos graus de hierarquia do magistério primário. Salvaguardado por Thompson e por Quaglio, o *apostolo della pedagogia scientifica* ministrou um curso livre e popular de antropologia pedagógica e psicologia experimental para um grupo de professores do interior do Estado, e outro, de *alta cultura pedagógica, para diretores de grupos e inspetores escolares*. [grifos do autor]⁷⁴

Convém repetir que em 1919, Lourenço Filho dirigiu a **R.B.** junto com Lobato, angariando assim mais colaboradores envolvidos com o projeto renovador da educação nacional. Naquele ano, mais dois artigos assinados por Mário Pinto Serva chamam a atenção para a realidade nacional: *Conselho Nacional de Educação*, onde ele propõe a criação desse órgão com urgência; e *O Ensino no Brasil – a situação do ensino nos diferentes estados*, trazendo dados estatísticos de escolarização em várias regiões do Brasil e comparando-os à realidade dos países desenvolvidos. Em sua análise, porém, Serva não cita a fonte de onde teria extraído tais informações.

Além de publicar textos e veicular propagandas, a **Revista do Brasil** S.A. revendia obras em língua estrangeira, comercializando impressos editados em outros países e destinados aos estudos em ciências humanas. Assim, na seção *Resenha do Mez* do número 57 (setembro de 1920), há uma lista intitulada *Obras de Sociologia, História e Política*, indicando provavelmente um catálogo informal, com os preços ao lado de cada título vendido pela **R.B.**; nessa lista constam vários livros franceses, que representam

⁷⁴ MONARCHA, Carlos. Sobre Clemente Quaglio (1872-1948): notas de pesquisa patrono da cadeira nº 31 “CLEMENTE QUAGLIO”. Boletim da Academia Paulista de Psicologia, julho-dezembro, año/vol. XXVII, número 002. 2007. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/946/94627205.pdf>> Acesso em: 11 ago. 2009.

cerca de 70% do total. Em seguida vê-se outra lista, intitulada *Obras de Pedagogia*, com doze títulos, sendo dez em língua francesa, um em língua espanhola (de Pablo Pizzurno) e outro provavelmente em inglês (de Spencer). Eis o “catálogo” com os autores e seus respectivos títulos, conforme consta na página 91:

- 1- Spencer – *Education*
- 2- Montessori – *Les “case dei bambini”*
- 3- Compayré – *Histoire de la pédagogie*
- 4- Monin – *Médecine de l’enfance*
- 5- Perez – *Les trois premières années de l’enfant*
- 6- Perez – *L’éducation dès le berceau*
- 7- Munch – *Les parents et professeurs d’aujourd’hui*
- 8- Pizzurno – *La escuela primaria*
- 9- Souquet – *Les écrivains pédagogiques*
- 10- Tissot – *Les Prussiens et l’Allemagne*
- 11- Tissot – *Les Russes et les Allemands*
- 12- Tissot – *Vienne et les viennois*⁷⁵

A predominância de obras em língua francesa sugere que pelo menos uma parte do público da **R.B.** (profissionais da instrução pública de São Paulo) freqüentava autores francófonos e, portanto, tinham afinidades pedagógicas com as teorias da *nova educação* que circulavam em países como Suíça, Bélgica e França naquele momento. Num movimento contrário, quer dizer, voltado para a imprensa educacional do país, a **Revista do Brasil** também divulgava as revistas de educação das Escolas Normais – que chegavam à mesa de Lobato freqüentemente – reproduzindo os sumários completos de algumas delas.⁷⁶ O periódico exercia, dessa forma, o duplo papel de instância difusora do ideário escolanovista e mediadora de leitura pedagógica para os educadores brasileiros.

⁷⁵ **Revista do Brasil**. Ano V, vol. 15 (Set-Dez 1920), p. 91. Acervo da Biblioteca Monteiro Lobato.

⁷⁶ As revistas enviadas pelas Escolas Normais paulistas à redação da **R.B.** eram divulgadas na seção *Bibliografia*, dentro da sub-seção *Publicações recebidas*.

1.4.2 O que dizem as cartas

O fato de Lobato colaborar – através da divulgação em sua revista e da publicação em sua casa editora – com o movimento escolanovista que se consolidava entre os seus colegas educadores no início da década de vinte lhe rendia bons frutos: a adoção de seus livros para crianças nas escolas dirigidas por esses “camaradas”.

Uma carta escrita por Lourenço Filho em julho de 1922, nos fornece algumas pistas para compreender o jogo de interesses que mobilizava as relações entre escritores ou editores de livros infantis e intelectuais da educação. Vejamos a carta, na íntegra:

Lobato,

Você não tem razão. A esta hora já terá recebido o jornal com a nota oficial da aprovação e adoção dos seus livros, bem como do Dr. Doria.

E veja como você é ingrato: o único embaraço na minha ação, aqui, foi exatamente o resultado da aprovação de Narizinho arrebicado. O clero me moveu tremenda guerra, sob o pretexto de que a adoção do livro visava ridicularizar a sagrada religião católica. Foi preciso, para manter a aprovação, que eu inventasse haver uma 2ª edição, sem os inconvenientes da primeira.

Lembra-se você de que lhe falei sobre aquele tópico dos freis com os sacramentos, etc. Esse tópico, aí mesmo, ofendeu a muitos professores. Você só terá vantagens em suprimi-lo, quando reeditar o livro.

A minha reforma vai triunfando rapidamente. O terreno estava quase virgem e você sabe que na terra de cegos quem tem dois olhos vê muito... Mandar-lhe-ei jornais com notícias, para que você fale das minhas habilidades na Revista. Estou iniciando o recenseamento escolar e pondo em prática a obrigatoriedade. Até dezembro a matrícula estará triplicada. É preciso fazer leitores para a Revista e para os livros que você edita.

Se tivesse tempo, mandava-lhe algumas notas interessantes sobre assuntos daqui, inclusive a Padaria Espiritual, de que ainda encontrei 2 representantes vivos: o Rodolpho Teóphilo e o Antonio Salles. Este último tem um romance – Aves de arribação, que você deve editar. A 1ª edição foi limitadíssima, sem reclame, sem nada. Uma edição sua fará o livro conhecido como merece, porque é admirável. O Salles está agora no Rio; e ele não me pediu nada, mesmo porque só terminei a leitura do livro há alguns dias. Acredite, porém, Aves de arribação é dos melhores romances nacionais e que você terá lucros certos com a edição. Por que não me manda a Revista?

Abraços. Saudade aos camaradas.

Do
homem fiel⁷⁷

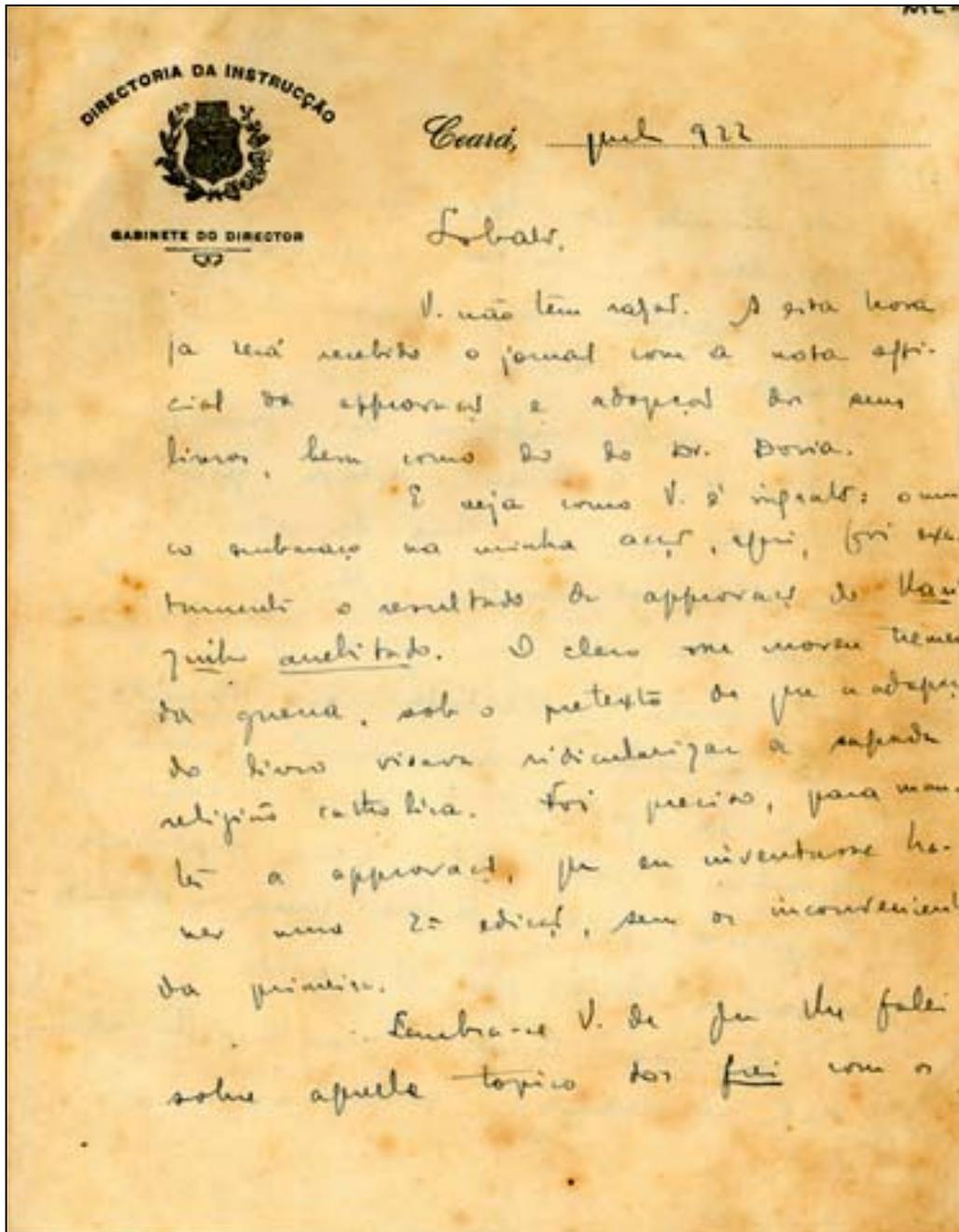


Figura 7 primeira página da carta de Lourenço Filho a Lobato

⁷⁷ Carta do *Fundo Monteiro Lobato* (FML)/CEDAE-Unicamp, localização: MLb 3.2.00284 cx 6

Pelo início das palavras de Lourenço Filho, pode-se deduzir que esta é uma resposta a uma carta que Lobato lhe enviara, provavelmente cobrando o seu empenho para adotar *Narizinho Arrebitado* nas escolas públicas do Ceará.

Naquele julho de 1922, Lobato gozava do status de maior editor do Brasil, e começara a se fazer um nome conhecido na literatura infantil. E quanto a Lourenço Filho? Tendo sido indicado por Sampaio Dória, a pedido do governo cearense, para comandar uma reforma na educação daquele estado, ele deixou o cargo de professor (de Psicologia e Pedagogia) e diretor pedagógico da *Escola Normal de Piracicaba* para assumir o posto de *Diretor Geral da Instrução Pública do Ceará*.⁷⁸

A queixa de Lobato é rebatida por Lourenço Filho com a notícia da “aprovação e adoção dos seus livros, bem como do Dr. Dória”. Os livros aos quais ele se refere são aqueles classificados como livros de leitura no catálogo da editora: **Narizinho Arrebitado: segundo livro de leitura para uso das escolas primárias** (1921) e, provavelmente, **Fábulas** (1922). Conforme foi dito na introdução da tese, trata-se da “versão escolar” de dois títulos publicados no ano anterior: *A Menina do Narizinho Arrebitado* (1920) e *Fábulas de Narizinho* (1921).

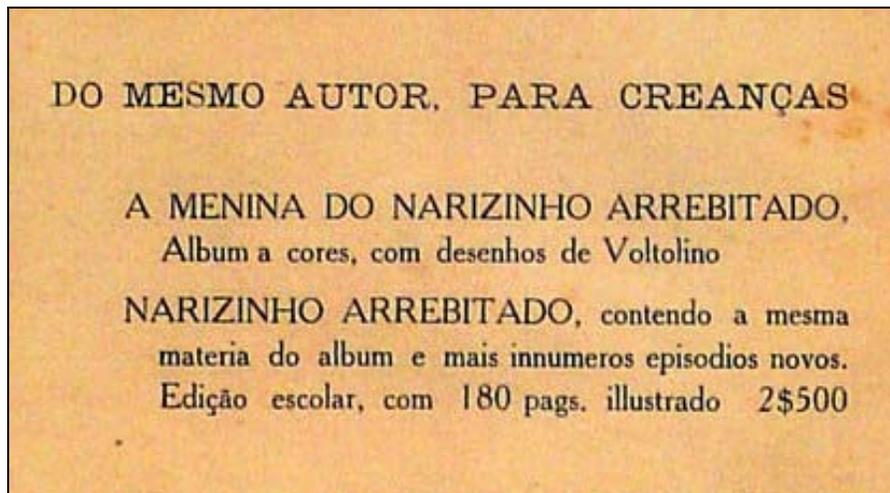


Figura 8 detalhe do verso da falsa folha de rosto de *O Sacy* (1ª ed. 1921)

⁷⁸ Em Piracicaba, Lourenço Filho havia fundado em 1921 a **Revista de Educação**, onde divulgou as suas primeiras experiências pedagógicas e ganhou notoriedade. No Ceará, além do cargo na instrução pública, ele ensina na Escola Normal da capital, reforma e inaugura os novos prédios da *Escola Modelo* e da *Escola Normal*. A sua reforma do ensino teve tal repercussão no movimento da **Escola Nova** que o nome de Lourenço Filho firmou definitivamente o seu lugar no grupo dirigente da educação pública brasileira.

A imagem reproduzida acima ilustra a forma como ele anunciava, em outras obras de sua autoria, as duas versões do *Narizinho*:⁷⁹

Os originais de *Narizinho* e *Fábulas* eram textos ricamente ilustrados por Voltolino, que se destacavam pelo seu aspecto gráfico, cartonados e impressos em papel de boa qualidade. Para entrarem no mercado escolar, as obras ganharam uma roupagem mais popular: papel de qualidade inferior; menos ilustrações e em preto e branco; encadernação em brochura; aumento de páginas e episódios. Dessa forma os *livros de leitura* de Lobato puderam ser comprados em grande quantidade pelos governos estaduais, entre os quais estavam os de São Paulo, Paraíba e Ceará.

Mas adotar *Narizinho* nas escolas públicas do Ceará causou problemas a Lourenço Filho diante da Igreja Católica, que se sentiu ridicularizada por Lobato e, por isso, se opôs à aprovação governamental. Em sua carta, o educador relembra ao escritor que já havia lhe apontado o ponto polêmico: “Lembra-se você de que lhe falei sobre aquele tópico dos freis com os sacramentos, etc. Esse tópico, aí mesmo, ofendeu a muitos professores. Você só terá vantagens em suprimi-lo, quando reeditar o livro.”

O tópico mencionado por Lourenço Filho está no episódio VII (*A enfermaria*), quando Narizinho passeia pelo Reino das Águas Claras guiada pelo seu anfitrião, o Príncipe Escamado. Em visita aos enfermos internados no hospital do Reino, lê-se o seguinte trecho:

Mais adiante, em outra cama, gemia o pae-barata, ferido mortalmente pela rã verde.

– Como vae este freguez? Perguntou o príncipe.

– Muito mal, respondeu Caramujo. (...)

– Já se confessou? Indagou o príncipe.

– Confessou-se agorinha mesmo e vae commungar neste instante. Ahi vem Frei-Louva-a-Deos com os sacramentos.

Nem bem pronunciara o medico taes palavras, eis que entra Frei-Louva-a-Deos, acompanhado dum mosquito coroinha. Era tão triste a scena que Narizinho, commovida, sentiu vontade de chorar. O frade

⁷⁹ A foto foi gentilmente cedida pela colega Cilza Bignotto e fez parte da sua pesquisa de Doutorado.

animou o doente, falou da beleza do céu das baratas e ofereceu-lhe a hostia: uma escamazinha de peixe.⁸⁰

Esse trecho já existia na edição original, lançada em 1920 em formato álbum, com uma pequena diferença: três palavras foram acrescentadas e só uma foi suprimida. No texto de Lobato, a Igreja Católica é representada por dois insetos e a hóstia sagrada por “uma escamazinha de peixe”; Some-se a isto, a confissão e extrema unção de uma barata. Tais elementos, de fato, devem ter provocado severas críticas ao livro, pois nunca antes disso um escritor trouxera elementos do clero e da liturgia católica para a ficção infantil com tão pouca reverência.

No parágrafo seguinte, Lourenço Filho parece orgulhoso do seu trabalho quando sentencia: “A minha reforma vai triunfando rapidamente. (...) Mandar-lhe-ei jornais com notícias, para que você fale das minhas habilidades na Revista.” Enviar jornais cearenses com matérias elogiosas sobre a *sua* reforma, para serem comentadas ou reproduzidas no periódico de Lobato, era uma maneira inteligente de fazer auto-propaganda em um veículo cultural poderoso como a Revista do Brasil.

Ainda sobre a reforma, ele diz: “Estou iniciando o recenseamento escolar e pondo em prática a obrigatoriedade. Até dezembro a matrícula estará triplicada. É preciso fazer leitores para a Revista e para os livros que você edita.” A fala de Lourenço Filho ilustra as estratégias de marketing pessoal praticadas por intelectuais da época, que se valiam de uma moeda de troca segura: os favores recíprocos. Através da reforma no Ceará, ele multiplicaria as matrículas de alunos nas escolas e, conseqüentemente, aumentaria a quantidade de leitores para os livros e a revista de Lobato. A fórmula é vantajosa para ambos: eu adoto o seu livro e você fala bem de mim na sua revista, assim você ganhará mais dinheiro e eu ganharei mais prestígio.

Lourenço Filho segue falando sobre a *Padaria Espiritual*, uma associação de intelectuais boêmios (os “padeiros”) que se reunia em Fortaleza entre 1892 e 1898. Ele cita dois dos seus integrantes, ainda vivos: Rodolpho Teóphilo e Antônio Salles. E indica *Aves de arribação* (de Antônio Salles) como um livro que Lobato *deve* editar: “Uma edição sua fará o livro conhecido como merece, porque é admirável. (...) Acredite, porém,

⁸⁰ LOBATO, Monteiro. **Narizinho Arrebitado: segundo livro de leitura para uso das escolas primárias**. 1ª ed. São Paulo: MONTEIRO LOBATO & C. editores, 1921. pp. 22-23. A obra foi consultada no acervo da Biblioteca Monteiro Lobato.

Aves de arribação é dos melhores romances nacionais e que você terá lucros certos com a edição.” Vê-se, nessas palavras, o reconhecimento de que a chancela da editora de Lobato é garantia de aceitação pelo público. O conselho de Lourenço Filho, segundo ele, é movido pelo critério de merecimento da obra, em sua opinião. No entanto, a certeza de obter lucros com a publicação da obra de Salles parece não ter persuadido Lobato, pois só em 1929 a obra será editada pela Companhia Editora Nacional.⁸¹

Mais tarde, Em 1927, quando Lobato era adido comercial do governo brasileiro em Nova York, Fernando de Azevedo conta ao amigo sobre o seu projeto de reforma do ensino, conforme se vê na transcrição parcial da carta, reproduzida abaixo.

Meu caríssimo Lobato

Muito obrigado pelo seu carinhoso cartão. Todos nós pensamos constantemente no grande Lobato, de cuja ausência nos consola a idéia de que é feliz em New-York, e de que nos dirá, um dia, desse grande povo as coisas mais justas e mais belas que se poderiam escrever. Qual será a América do Norte vista por esse olho penetrante de observador, que é Monteiro Lobato?

(...)

Está pronto o meu projeto de reforma de ensino, que já estudava quando partiu do Rio. Vai ferir-se, nos meios da instrução do Distrito Federal, a primeira batalha séria em benefício da educação nacional. Não sei se a ganharei. Sei que ainda vencido, serei vencedor. Procurei fazer obra de ciência e de sinceridade, para erguer, sobre o caos das nossas leis pedagógicas, um sistema escolar, inteiriço e completo, ajustado a rigor à realidade e inspirado nos grandes ideais modernos de educação. [grifos do autor] Mima-me o Prefeito com o seu apoio integral, e o Presidente, com o seu interesse solícito e amigo, preocupados, um e outro, em servir ao país.

O Alarico Silveira, adoentado. Em licença por três meses. Mas, com os poucos dias de repouso que já gozou, ganhou cores e disposição. As primeiras apreensões que tivemos, com as notícias de seu estado de saúde, vão cedendo lugar às esperanças de o vermos completamente restabelecido em breve. Adeus.

Uma novidade: o Jahú acaba de pousar na represa de Santo Amaro...S. Paulo, ao que dizem os telegramas afixados às portas das redações, delira de entusiasmo.

Recomendações aos seus.

Afetuosamente
Fernando

⁸¹ Trata-se de uma segunda edição do livro de Salles, pois a primeira foi impressa em 1914. No caso de Rodolpho Teóphilo, o catálogo da Monteiro Lobato & Cia anuncia, no ano seguinte (1923), a obra “A sedição do Joazeiro”.

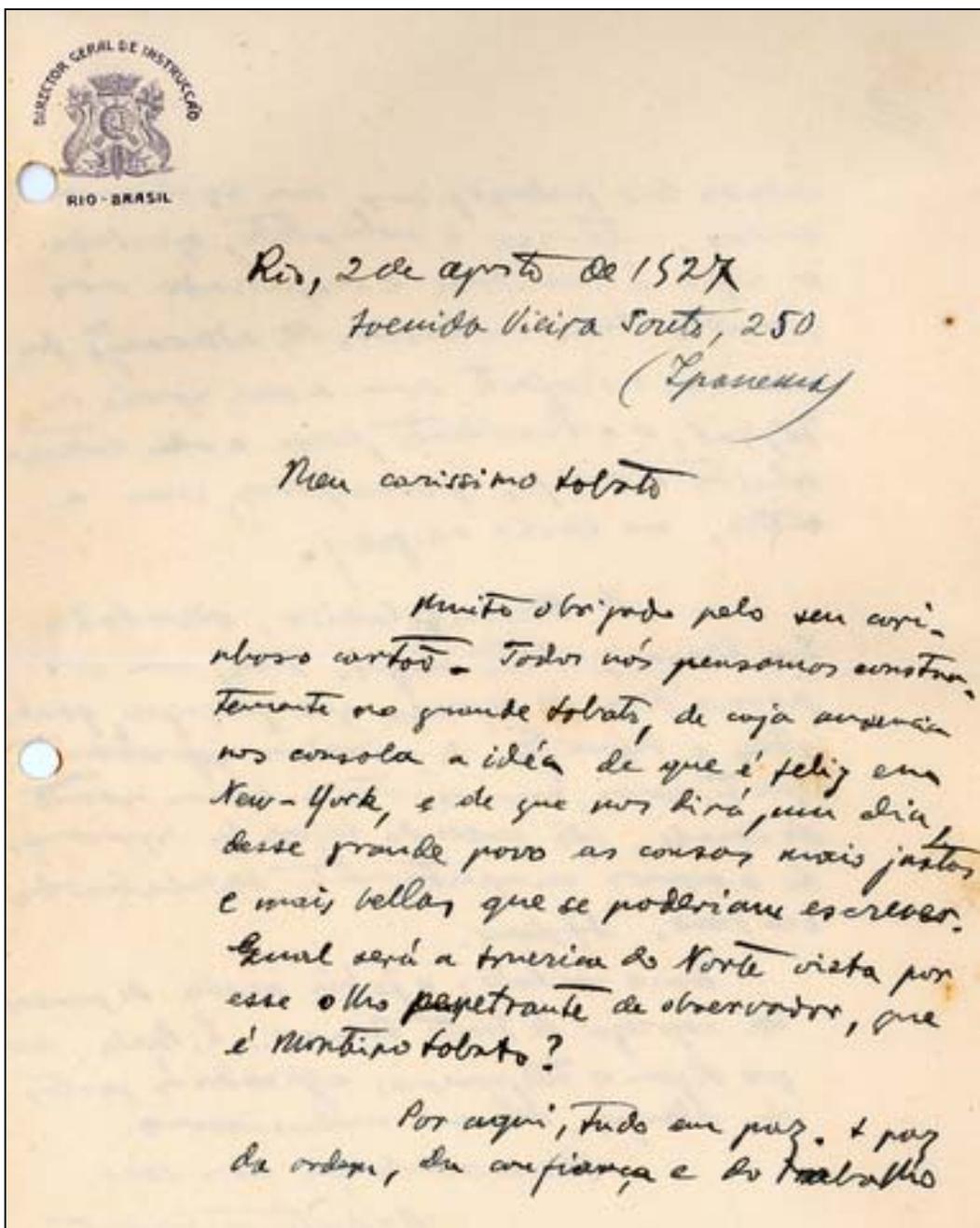


Figura 9 1ª pág. da carta de F. de Azevedo a Lobato. Documento inédito.⁸²

Como ele disse na carta a Lobato, havia uma *batalha séria* travada entre o educador (apoiado pelo prefeito da cidade e pelo presidente do estado fluminense) e os vereadores do município que, com a reforma, se veriam submetidos a uma nova

⁸² Carta de 02/08/1927. Acervo do FML/CEDAE-Unicamp. Localização: MLb 3.2.00358 cx 7

legislação, seriam obrigados a “arregaçar as mangas” e perderiam o antigo privilégio de indicar nomes para os cargos da instrução pública. Em meio ao conflito político que agitava a imprensa do Rio, merece atenção o texto de Lobato publicado em *A Manhã* de 06 de fevereiro de 1927, com o título *O pólipio das leis de ensino*:

O que há a fazer na Instrução do Rio é, não diremos reorganizá-la, mas organizá-la, pois nunca foi organizada. O que se organizou sob o disfarce de aparelhamento da Instrução Pública foi apenas esse sórdido parasitismo que entre nós invade, contamina e esteriliza a coisa pública. (...) O Conselho (Municipal), máquina de fazer leis com vista única no favoritismo, foi criando, com o tempo, um pólipio que hoje, ou é extirpado, ou dará cabo da Instrução de uma vez para sempre. Em São Paulo, único estado onde existe realmente instrução, as leis do ensino se compendiam em um folheto de 50 páginas e sob o regime destas leis simples e pouco numerosas, tudo marcha a contento. (...) **A reforma, reconstrução ou construção do ensino no Distrito Federal só depende disso – destruição do pólipio.** [grifo nosso] O Conselho precisa reabilitar-se, engolindo o monstro que procriou e, em troca votar uma lei singela como a de São Paulo. Fará isso o Conselho? Ecco! A função do Conselho nunca foi trabalhar em prol do bem público e sim servir a amigos, quer dizer, aperfeiçoar o polipeiro do favoritismo. (LOBATO apud XAVIER e FREIRE, 2002, p. 11)⁸³

Nas cartas a Godofredo Rangel, publicadas n’*A Barca de Gleyre* (op. cit.), o escritor costumava criticar o clientelismo e o favoritismo que ditava as regras do jogo em instituições como a *Academia Brasileira de Letras*, a *União Jornalística do Brasil*, e na política em geral. Interessante é notar que, em maior ou menor medida, a amizade também favorece os empreendimentos literários e editoriais de Lobato, confirmando o valor dessas relações para o êxito dos seus investimentos.

A defesa da legislação que regia a educação pública paulista como um modelo a ser seguido pelo Rio de Janeiro mostra que Lobato tinha conhecimento de causa. O sucesso da gestão de Sampaio Dória realmente instigou as reformas em outros Estados nos anos vinte, de maneira que os seus Presidentes convidavam educadores

⁸³ XAVIER, Libânia Nacif e FREIRE, Américo. **Educação e política na reforma da instrução pública do Distrito Federal (1927-1930)**. II Congresso Brasileiro de História da Educação, 2002, Natal. **Anais**. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema4/0484.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2009.

paulistas para visitar ou até mesmo “arrumar a casa”, através de missões, conferências e cargos para comandar a instrução pública:

No Ceará , o convite para que um educador paulista coordenasse a reforma da instrução pública naquele estado já é demonstrativo da repercussão anteriormente assinalada. Dentre os procedimentos introduzidos na reforma paulista incorporados pela reforma cearense o autor cita a adoção do recenseamento escolar; a criação das escolas reunidas e o estabelecimento de medidas nacionalizadoras em relação ao ensino particular, dentre outras. A Reforma baiana, liderada por Anísio Teixeira representa, ainda segundo Nagle, a consolidação jurídica das mudanças inauguradas com a reforma paulista, por ter apresentado “a mais ampla e minuciosa estrutura jurídica montada para servir à escolarização” (Nagle, apud XAVIER e FREIRE, op. cit., p. 03).

Mas as influências das idéias reformadoras não parecem exclusivamente nacionais. Ainda na carta de Azevedo, a certa altura ele afirma: “Procurei fazer obra de ciência e de sinceridade, para erguer, (...), um sistema escolar, inteiriço e completo, ajustado a rigor à realidade e inspirado nos grandes ideais modernos de educação.” Daí pode-se depreender que o sistema escolar projetado por ele para o Distrito Federal espelhava-se nos mesmos princípios norteadores do movimento escolanovista que se passava concomitantemente na Europa e nos Estados Unidos.

Fernando de Azevedo conclui sua carta dando notícia a Lobato sobre o estado de saúde de um amigo em comum – Alarico Silveira, que nessa época já mantinha excelentes relações com Lobato e era *chefe da Casa Civil do Presidente da República*, Washington Luís Pereira de Souza.⁸⁴

Além da missiva que acaba de ser comentada, outras cartas foram trocadas entre Lobato e os homens da educação: Afrânio Peixoto, Sud Menucci, Sampaio Dória, e Anísio Teixeira eram alguns deles. Também estão entre os seus correspondentes alguns políticos como Washington Luís e Alarico Silveira, e outros intelectuais que assinariam em 1932 o *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*, redigido por Fernando de Azevedo, como Júlio de Mesquita Filho e Roquette Pinto.

⁸⁴ Washington Luís, antes de ser Presidente do Brasil (1926-1930), fora Presidente do Estado de São Paulo (1920-1924), tendo Alarico Silveira como Secretário do Interior. Foi nessa gestão que o governo paulista comprou 30.000 exemplares do *Narizinho* de uma só vez para distribuir nas escolas.

Ainda de Nova York, é para Alarico que Lobato vai escrever em 1928, em duas ocasiões: primeiro recomendando-lhe a leitura do livro mais recente do seu amigo Anísio Teixeira, e depois apresentando-lhe Octales Marcondes Ferreira. Em carta de 22 de junho de 1928, endereçada a Anísio Teixeira, Lobato diz:

Meu caro Anísio:

Recebi o seu livro e estou a lê-lo com o interesse e a simpatia que me causam os trabalhos “pensados”. Que penetração, que visão segura do problema! Poucas vezes na vida tenho encontrado inteligência lúcida como a sua e tão penetrante. (...)

Mande um exemplar ao Alarico Silveira, secretário da Presidência. E outro ao Fernando de Azevedo, Diretor de Instrução no Rio. [grifo nosso] A eles escreverei recomendando que leiam religiosamente o seu trabalho e tenho a certeza de que de dois pelo menos você será entendido. Um grande abraço de parabéns.

(...)

Adeus. Creia que tem em mim um furioso entusiasta da sua maravilhosa inteligência a serviço da arte de bem ver e compreender.

Do Monteiro Lobato⁸⁵

Essa carta foi escrita após a primeira estada do jovem Anísio nos Estados Unidos, para estudos que duraram de maio a novembro de 1927,⁸⁶ quando ele e Lobato se conheceram. Vê-se que o educador contou com o forte apoio de Lobato para introduzi-lo na roda dos dirigentes da política educacional brasileira – fato que será examinado mais adiante, neste capítulo.

Na segunda carta, endereçada a Alarico, escrita em 10 de dezembro de 1928, Lobato lhe apresenta Octales (o dono da **Companhia Editora Nacional**) e pede ajuda nas dificuldades encontradas nos negócios do seu amigo e editor:

Meu caro Alarico,

⁸⁵ FRAIZ e VIANNA (op. cit.), p. 31.

⁸⁶ Para maiores detalhes sobre as duas temporadas de Anísio nos Estados Unidos, cf. NUNES, Clarice. **Anísio Teixeira: a poesia da ação**. Bragança Paulista, SP: EDUSF, 2000.

Apresento-te o meu velho companheiro de lutas pro-livro, hoje diretor da casinha que renasceu das cinzas da que ruiu por terra, como a Fenix da fabula. (...)

Amigo que és da nossa cultura e de todas as tentativas que tendem a fazê-la dia a dia mais forte, estou certo de que o receberás como ele merece e o ajudarás de modo eficiente.

Quem faz por um editor faz pela cultura do país, *isn't it?*

Do como sempre,

M. Lobato⁸⁷

A velha amizade de Lobato e Alarico encontra uma interessante extensão nas afetuosas cartas trocadas, na década de 30, entre o escritor e o filho do político: o pequeno leitor *Alariquinho*.⁸⁸

A correspondência mais significativa, do ponto de vista afetivo, que Lobato manteve com um educador brasileiro é aquela que está no *Arquivo Anísio Teixeira*, sob os cuidados do Cpdoc da Fundação Getúlio Vargas.⁸⁹ Trinta e nove cartas trocadas entre Lobato e Anísio, no período de 1928 a 1947, foram publicadas em livro organizado por Fraiz e Vianna. (op. cit.); esses documentos revelam a afinidade de pensamento que os aproximou e a relação de amizade que foi se consolidando ao longo do tempo.

A segunda visita de Anísio aos Estados Unidos aconteceu de meados de 1928 a meados de 1929, com duração de dez meses. Nessa ocasião, a amizade com Lobato se fortalece, criando raízes profundas, de tal sorte que Anísio volta ao Brasil trazendo consigo uma – conhecida – carta de apresentação redigida pelo escritor. Já que Anísio faria uma parada no Rio antes de seguir viagem para a Bahia, Lobato não perdeu a oportunidade de apresentá-lo ao líder da educação pública no Distrito Federal: Fernando de Azevedo.

⁸⁷ Transcrição parcial da carta. Para ver o texto na íntegra, cf. LOBATO, Monteiro. **Cartas Escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1964. p. 110.

⁸⁸ A correspondência entre o escritor e as crianças que o liam foi assunto da tese de doutorado de SILVA, Raquel Afonso da. **Entre livros e leituras**: um estudo de cartas de leitores. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária). Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2009.

⁸⁹ Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Apenas uma exceção foi encontrada em nossa pesquisa: uma carta que não pertence ao acervo do Cpdoc-FGV e sim ao FML/Cedae-Unicamp. Esta carta foi escrita por Anísio em 07/09/1946, quando estava em Londres. Localização: MLb 3.2. 00450 cx 9.

O encontro de fato aconteceu, mediado pelo *laissez-passer* escrito por Lobato. Mesmo sendo um texto bem conhecido,⁹⁰ julgamos oportuno reproduzi-lo aqui.

“Fernando: Ao receberes esta, pára! Bota pra fora qualquer senador que esteja aporrinhando. Solta o pessoal da sala e atende o apresentado, pois ele é o nosso grande Anísio Teixeira, a inteligência mais brilhante e o melhor coração que já encontrei nesses últimos anos da minha vida. O Anísio viu, sentiu e compreendeu a América e ele te dirá o que realmente significa esse fenômeno novo no mundo. Ouve-o, adora-o como todos que o conhecemos o adoramos e torna-te amigo dele como nos tornamos eu e você. Bem sabe que há uma certa irmandade do mundo, em que os irmãos, quando se encontram, reconhecem-se. Adeus. Estou escrevendo a galope, a bordo do navio que vai levando uma grande coisa para o Brasil: o Anísio lapidado pela América. Lobato.” (VIDAL: 2000, p. 161)⁹¹

Após esse encontro, já de volta à Bahia, Anísio reforça os laços de amizade e escreve tanto a Fernando de Azevedo quanto a Monteiro Lobato. Em suas longas cartas, ele fala do retorno à casa, da experiência nos Estados Unidos e da sua impressão sobre o primeiro encontro com o Diretor Geral da Instrução no Rio. Abaixo segue a transcrição parcial das cartas, com os trechos de maior interesse para esta tese.

Começando pela carta escrita em papel timbrado da Diretoria-Geral de Instrução da Bahia, em 8 de julho de 1929, lê-se:

Meu caro Fernando,

(...)

Mas, nem os trabalhos que logo me cairiam pesados sobre os ombros, nem essa complicada vidinha de representação da província, me fizeram esquecer **a bondade e o afeto com que você me recebeu aí no Rio.** [grifo nosso] Eu já lhe disse aí o bem que me fez esse contato com o seu espírito e com a sua obra. (...)

(...)

Ajunte a isto, o contato pessoal com você e com os seus auxiliares e compreenderá a razão porque a minha ligeira passagem pelo Rio valeu por uma renovação do meu entusiasmo. (...)

(...)

⁹⁰ As reproduções dessa carta de Lobato não são totalmente idênticas nas citações que encontramos, pois há algumas poucas palavras (supostamente de Lobato) que constam em determinadas citações e não aparecem em outras. Optou-se por usar, nesta tese, a versão reproduzida por VIDAL, conforme será citado a seguir.

⁹¹ VIDAL, Diana Gonçalves (Org.). **Na Batalha da Educação**: Correspondência entre Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo (1929-1971). Bragança Paulista: EDUSF, 2000, 215 p.

Permita, porém, que lhe renove os meus agradecimentos de coração, enquanto alimento a esperança de que o vá rever breve, para estreitar melhor um conhecimento que foi para mim um prazer e uma honra.

Muito seu admirador e amigo Anísio Teixeira.⁹²

Anísio agradece a *bondade* e o *afeto* com que foi recebido em sua visita – provavelmente em razão da estima de Azevedo por Lobato – com palavras de respeito e simpatia. A partir daí, foi dado o passo definitivo para que Anísio entrasse no grupo dos *chefes* da educação brasileira: em 1930 ele foi convidado por Fernando para prestar o concurso da Escola Normal que estava sendo organizada sob o seu comando; e em 1931, quando lhe foi possível sair da Bahia para morar no Rio, foi chamado pelo ministro Francisco Campos para dirigir o ensino secundário no Distrito Federal.

Ao escrever a Lobato contando a boa impressão causada pelo encontro com Fernando de Azevedo, Anísio recebe em resposta uma carta nova-iorquina datada de julho de 1929, com o seguinte comentário no final:

Caro Anísio

(...)

O que me dizes do Fernando é o que eu esperava. Fernando é em si uma obra d'arte da natureza e tudo quanto dele sai vem com esse caráter de obra d'arte que com tanta justeza lhe notaste na obra que empreendeu no Rio. Quanto mais a fundo o conheceres mais me agradecerás o ter-te revelado esse admirável irmão da grande irmandade. **Prevejo que do encontro de ambos bons frutos hão de surgir.** [grifo nosso] Pena foi não te haver também apresentado ao Alarico Silveira, outro homem que merece tua *acquaintance*. Hei de o fazer quando tornares ao Rio.

(...)

So long! ...

Lobato⁹³

O escritor tinha razão: bons frutos surgiram do encontro mediado por ele. Com a entrada de Anísio Teixeira no grupo de comando da educação nacional – isto porque na Bahia o seu trabalho ainda não tinha tanta visibilidade e importância, formara-

⁹² VIDAL (op. cit.), pp. 13-14.

⁹³ FRAIZ e VIANNA (op. cit.), pp. 32-34.

se o quadro de elite entre os intelectuais *pioneiros da educação nova*, que transformaria profundamente a escola brasileira dali em diante. Inclusive, parece certo supor que, como um efeito dominó do jogo de amabilidades mútuas, Fernando de Azevedo teria mediado o primeiro encontro de Lourenço Filho e Anísio Teixeira, ocorrido, ao que tudo indica, em setembro de 1929 em São Paulo.⁹⁴

As cartas trocadas entre Monteiro Lobato, Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira, deixam entrever como alguns deslocamentos – mesmo os aparentemente desprezíveis – marcam ou interferem decisivamente nos caminhos pelo qual passarão os indivíduos em suas trajetórias profissionais. Porque ensejam importantes relações de amizade, os encontros promovidos por essas viagens servem às vezes de plataforma para um salto qualitativo na formação, na carreira, e na posição desses homens dentro dos seus respectivos campos de atuação.

1.5 Brasileiros no estrangeiro e estrangeiros no Brasil (1927-1932)

Pela pesquisa realizada nos arquivos de Paul Faucher e do IJRR,⁹⁵ comparada ao estudo anterior feito nos arquivos do FML/Cedae-Unicamp e do Cpdoc-FGV, chegou-se a impressos inéditos que não apenas apontam as relações entre livros infantis e escolas, mas revelam uma aproximação insuspeita: nomes de educadores brasileiros, americanos e europeus, participando das mesmas rodas, vale dizer, indicando posições teóricas semelhantes a respeito da infância e da educação.

Os impressos se dividem, principalmente, em cartas pessoais de Faucher e de Lobato; artigos na revista *Pour l'Ère Nouvelle* e na Revista do Brasil; prospectos e programas dos congressos internacionais de Locarno e de Nice; as coleções *Education* da editora Flammarion, *Biblioteca de Educação* da Melhoramentos, e a série *Atualidades Pedagógicas* – da coleção *Biblioteca Pedagógica Brasileira* – da Companhia Editora

⁹⁴ Num depoimento, Anísio afirma que conheceu Lourenço Filho em São Paulo depois de voltar dos E.U.A., no ano de 1929. Ver: TEIXEIRA, Anísio. **Lourenço Filho e a educação**. In: Associação Brasileira de Educação (org.). *Um educador brasileiro: Lourenço Filho*. Op. cit., pp. 65-68. Quanto ao mês de setembro, ele foi citado numa carta de Lobato, escrita de NY em 16/10/1929: “Meu caro Anísio Em mãos a tua de 22, feita em São Paulo.” Cf. FRAIZ e VIANNA, op. cit., p. 41.

⁹⁵ *Archives du Père Castor*, situado na *Médiathèque Du Père Castor* em Forgenueve-Meuzac, interior da França; e *Archives Institut Jean-Jacques Rousseau*, em Genebra, Suíça.

Nacional. Pelos vínculos percebidos entre os *promoteurs de leitura* que foram Lobato e Faucher e os homens da educação em seus países, respectivamente, vê-se que a edição do livro para crianças dependia de negociações e estratégias semelhantes no Brasil e na França do período entre as décadas de vinte e quarenta.

1.5.1 Nova York e Locarno em 1927: encontros memoráveis

O ano de 1927 pontua uma coincidência marcante nas biografias de Monteiro Lobato e de Paul Faucher: o encontro com os educadores Anísio Teixeira, em Nova York, e František Bakule, em Locarno, respectivamente.

Em abril partiram dois desconhecidos: Lobato para assumir um cargo na Embaixada Brasileira em Nova York, e Anísio para fazer cursos de educação no *Teachers College* da Universidade de Columbia. “Ao terminá-los, em fins de agosto, seguia em viagem educacional, sob os auspícios do *International Institute do Teachers College*, visitando seis diferentes estados.” (NUNES, op. cit., p.115).

Não se sabe em que momento exato ele e Lobato se conhecem, mas isso não é um dado absolutamente relevante. Concluída a sua primeira experiência americana, Anísio Teixeira volta ao Brasil em novembro de 1927, trazendo na bagagem leituras diversas, relatos de visitas às escolas norte-americanas, muitas reflexões, e uma franca amizade: Monteiro Lobato.

Paul Faucher deixa a França para passar doze dias na Suíça, a fim de participar do grande *Congrès de Locarno*, ocorrido no período de 3 a 15 de agosto de 1927. Lá se reuniram mil e duzentos⁹⁶ educadores dos quatro cantos do mundo para discutir a noção de “liberdade” em educação. Nesse tempo, o editor Faucher estava em pleno processo de criação de dois lugares decisivos para estabelecer seu nome entre os principais militantes pela *Education Nouvelle*: a inédita **coleção *Education*** da editora *Flammarion* (coleção criada e dirigida por ele); e o ***Bureau Français d’Education*** – associação criada por Faucher e fundada oficialmente em 23 de setembro de 1927, conforme se pode ver no documento a seguir:

⁹⁶ Na ocasião, a Revista *Pour L’Ère Nouvelle* dedicou dois números especiais à cobertura completa do congresso, divulgando crônicas, relatos dos passeios e os textos das suas conferências na íntegra. Ver: FERRIÈRE, Adolphe. **V Chronique du congrès**. In : P.E.N. n° 32, novembre 1927, p. 262.

Préfecture de Police

RÉPUBLIQUE FRANÇAISE
LIBERTÉ - ÉGALITÉ - FRATERNITÉ

96-L. 313-4.

Récépissé de Déclaration d'Association
(Loi du 1^{er} Juillet 1901. — Art. 5)

3^e DIVISION
2^e DIVISION
5^e BUREAU

TRAVAIL
et Prévoyance Sociale

1860

A la date du 23 Septembre 1927
M. Paul Faucher, Président
demeurant à Paris
rue de l'Arbalète, 10
a effectué la déclaration d'une association portant la dénomi-
nation de Bureau français d'éducation
et dont le siège social est fixé à Paris
rue Dufort-Rochereau, 77
Il a déposé à l'appui de cette déclaration :
1^o Deux exemplaires des statuts de l'association ;
2^o La liste des personnes chargées de l'administration ou de
la direction de l'association ;
3^o non registre

La déclaration doit, dans le délai d'un mois, être rendue publique par les soins de l'association, au moyen de l'insertion au Journal Officiel d'un extrait contenant la date de la déclaration, le titre et l'objet de l'association, ainsi que l'indication du siège social. Décret du 16 août 1901, art. 1^{er}.)
Les associations sont tenues de faire connaître dans les trois mois tous les changements survenus dans leur administration ou leur direction ainsi que toutes les modifications apportées à leurs statuts. (Loi du 1^{er} juillet 1901, art. 5.)
Les modifications apportées aux statuts et les changements survenus dans l'administration ou la direction de l'association, sont transcrits sur un registre tenu au siège de toute association déclarée; les dates des récépissés relatifs aux modifications et changements sont mentionnées au registre.
Ce registre doit être coté par première et par dernière page et paraphé sur chaque feuille par le Préfet de Police ou son délégué. (Décret du 16 août 1901, art. 6 et 31.)

3.60

Pour le Préfet de Police :
LE SECRÉTAIRE GÉNÉRAL DÉLÉGUÉ,
[Signature]

Figura 10 Certidão de declaração de associação do BFE. Documento inédito.⁹⁷

1927 era um ano muito propício para Faucher participar de um evento desse porte, uma vez que ali seriam travados contatos auspiciosos para o seu projeto pedagógico e editorial. Mas Locarno lhe trouxera algo mais: o primeiro diálogo com o pedagogo tcheco Bakule, em quem encontraria afinidade de idéias e de sentimentos, dele

⁹⁷ Acervo dos Archives Du Père Castor (Forgeneuve).

tornando-se amigo e compadre.⁹⁸ Paul Faucher se declara profundamente tocado ao ouvir o **Coral Bakule**,⁹⁹ e se impressiona pelo extraordinário trabalho daquele mestre-amigo das crianças socialmente desfavorecidas dos subúrbios e da periferia de Praga: deficientes físicos, órfãos, pobres.

1.5.2 František Bakule

Bakule iniciara a carreira de professor primário em 1897, fortemente influenciado pela leitura dos textos pedagógicos de Tolstói, mas as suas práticas não se adequavam ao esquema da escola pública tradicional da antiga Tchecoslováquia – a República Tcheca só seria criada em 1918. Ele mesmo explicara, na conferência do congresso de Heidelberg (1925): “Em 1900 eu adotei como lema: caminho livre para o educador, liberdade para a criança.”¹⁰⁰ Por não se sujeitar às regras impostas pelo rígido sistema escolar tcheco, as iniciativas libertárias e modernas da pedagogia de Bakule não agradavam aos seus superiores, provocando severas críticas e punições institucionais que o afastaram cada vez mais da autonomia que lhe era característica.

Bakule não adotava punições severas, disciplina rigorosa, nem posturas autoritárias; sua relação era de amor e respeito; procurava organizá-los em sociedades autônomas, conscientizando-os sobre o papel de cada um na vida em comunidade. Ele deixava à disposição dos alunos de 12 e 13 anos a sua coleção de clássicos literatura universal, lia junto com eles, e depois se colocava à sua escuta. Os meninos eram estimulados a pensar criticamente, emitir seus julgamentos e criar suas próprias obras de arte; apenas algumas vezes o professor permitia que os alunos recitassem lições dos manuais para atenuar as suas difíceis relações com as autoridades escolares. Com suas palavras, ele descreve seus métodos de ensino:

⁹⁸ Paul Faucher casou-se com a sua assistente, Lida Durdikova, em 1932. O primeiro filho do casal, não por acaso chamado François, teve František (François em tcheco) Bakule como padrinho.

⁹⁹ Trechos do seu diário em Locarno foram reproduzidos em: FAUCHER, François. Aux sources d’une création en mouvement. In : **Le Père Castor PAUL FAUCHER 1898-1967**. op. cit., pp. 15-48.

¹⁰⁰ Tradução nossa. No original : « *En 1900 j’ai adopté pour devise : voie libre pour l’éducateur et liberté pour l’enfant.* » Para maiores detalhes, cf. FAUCHER, François. **Une pédagogie de la vie par la vie**: František Bakule. Paris : Fleurus, 1975, p. 8.

Conduzindo meus alunos a toda parte, eu lhes ensinava a ler no livro da vida e da natureza, mais do que nos manuais escolares, e assim, eu lhes abria os olhos, as orelhas, todos os sentidos.

Eu lhes falava sobre tudo, depois eu os encorajava a refletir, a fazer um julgamento pessoal e a exprimir livremente sua opinião.

Desta maneira, não sendo meus alunos os imitadores passivos de meus pensamentos sobre a vida e a arte, mas tendo a possibilidade de exprimir livremente suas opiniões, seja em atos, seja em pensamentos, produziram-se resultados surpreendentes (...).¹⁰¹

Bakule se tornara conhecido na região da Boêmia não só pelo coral de estudantes de *Malá Skála*, mas também pelas conferências que ele organizava e artigos que publicava. O professor fazia questão de compartilhar as suas experiências educativas, além de ser um crítico da sua própria formação, opondo-se aos métodos ortodoxos transmitidos de geração em geração aos estudantes normalistas. Não é de se estranhar que naquele tempo ele tenha ganhado inimizades entre os inspetores da educação, os dirigentes da Escola Normal, e a igreja católica em seu país.

Mas o renome de Bakule ultrapassaria as fronteiras da Tchecoslováquia pelo seu trabalho mais importante: a educação de deficientes físicos. Primeiro à frente do **Instituto Jedlička** (1913-1919), depois dirigindo o **Instituto Bakule** (1921-1937).

O primeiro instituto foi idéia do cirurgião-ortopedista Rudolf Jedlička, que planejou um lar-escola para *tratamento e educação* de deficientes físicos, que seria mantido através de doações; ele convidou Bakule para dirigir a casa, encarregando-se da sua parte pedagógica. Transformado em hospital de mutilados durante a guerra de 1914-1918, agora subvencionado pelo Estado, o instituto adotou uma prática inédita: a co-educação de adultos inválidos e crianças deficientes de nascença. Os adultos aprenderiam (pelo exemplo das crianças) a conviver com as próprias limitações, descobrindo novas possibilidades de reinserção social pelo aprendizado do trabalho manual nas oficinas do Instituto Jedlička.

¹⁰¹ Tradução nossa. No original : *En conduisant mes élèves partout, je leur apprenais à lire dans le livre de la vie et de la nature, plutôt que dans les manuels scolaires, et ainsi, je leur ouvrais les yeux, les oreilles, tous les sens. Je leur parlais de tout, puis les encourageais à réfléchir, à se faire un jugement, personnel et à exprimer librement leur opinion.*

De cette manière, mes élèves n'étant pas les imitateurs passifs de mes pensées, sur la vie et sur l'art, mais ayant la possibilité d'exprimer librement leur avis, soit en actes, soit en pensées, il se produisit des résultats surprenants (...). BAKULE apud FERRIÈRE, Adolphe. **Trois pionniers de l'Éducation Nouvelle** : Hermann Lietz, Lombardo-Radice, Frantisek Bakule. Paris : Ernst Flammarion Éditeur, 1928, (collection Education), pp. 177-178.

Com a guerra, a proposta do Instituto foi se modificando, de maneira que as suas dependências passaram a abrigar também uma grande fábrica de próteses e produtos ortopédicos. Ao se desviar do projeto sócio-educativo do início, divergências entre Bakule e o conselho administrativo se acentuaram; ele voltou a ser perseguido por inimigos que eram inspetores da educação; e a casa estava perdendo a autonomia pedagógica, pois se via pressionada a se adequar aos programas oficiais da escola tradicional e fornecer diplomas reconhecidos pelo governo.

Em 1916 Bakule é destituído de sua função de diretor, voltando a ser apenas professor; além disso o sistema de educação do instituto sofre uma reforma imposta pelos chefes da instrução pública. O clima tenso e hostil não arrefece nos anos seguintes, de forma que em janeiro de 1919 divergências com o Dr. Jedlička levaram ao rompimento entre eles diante do conselho. Bakule é expulso e proibido de ter qualquer contato com seus alunos. Porém, as crianças não se resignam e escrevem cartas a seus pais, pedindo para segui-lo aonde ele fosse. Algumas famílias decidem confiar-lhe os seus filhos e uma situação inédita é criada: Bakule se vê na rua, com doze crianças (onze meninos e uma menina) deficientes sob a sua responsabilidade, mais duas ajudantes que haviam sido suas alunas em *Malá Skála*.

1919 e 1920 foram tempos de fome, frio, e muitas adversidades para Bakule e suas crianças fisicamente imperfeitas. Convém lembrar que terminada a guerra, seguiram-se dias sombrios e de muita pobreza no país, ou seja, não era fácil encontrar portas abertas. Confiante na sua capacidade de superação, o grupo decidiu lutar pela sobrevivência através do próprio trabalho. Dormindo em abrigos emprestados pela Cruz Vermelha tcheca, erraram pelas estradas do país ganhando a vida do jeito que sabiam: Bakule dava conferências pagas; as crianças vendiam objetos de madeira trabalhados pelas suas mãos (caso as tivessem) ou pés; e faziam apresentações de marionetes na rua.

Duas ajudas financeiras foram oferecidas, mas as crianças recusaram: “Meus alunos não aceitarão nada, assim eles decidiram, antes de persuadir o público sobre a retidão da sua maneira de agir; eles desejam provar, esses estropiados, que eles são capazes de ganhar a sua vida e que eles podem bastar-se a si mesmos.”¹⁰²

¹⁰² BAKULE apud FAUCHER op. cit., 1975, p. 124.

Somente por volta de 1921 uma ajuda se mostra irrecusável pelo mérito que ela encerra: a Cruz Vermelha americana concede o *prêmio de honra* de 25 mil dólares a Bakule e seus meninos. Mesmo assim, eles não quiseram receber o dinheiro em mãos, preferiram deixá-lo com a Cruz Vermelha tcheca para que ela administrasse uma parte para uso próprio e outra parte para a construção do **Instituto Bakule**. Uma terceira parte desse dinheiro foi doada para crianças pobres da Rússia.

O instituto segue em frente e cresce praticando a co-educação de crianças normais e deficientes, por meio de diversas atividades artísticas e manuais, dentre as quais se destaca o coral Bakule. A cada concerto, as crianças do coral economizavam para realizar um sonho: ir aos estados Unidos para agradecer o prêmio recebido.

Em 1923, quarenta cantores embarcam acompanhados de cinco adultos e cinco deficientes para uma turnê na América. Começando pelo *Carnegie Hall* – maior casa de shows de Nova York, e passando pela *Casa Branca*, a série de 150 concertos do coral Bakule foi um sucesso estampado nos jornais de várias cidades. A cada nova apresentação, Bakule tinha oportunidade de conversar com educadores americanos, que se diziam impressionados pela riqueza de tal experiência pedagógica. Interessante é saber que um dos encontros foi com **John Dewey**, na Universidade de Columbia.

Daí em diante, o Instituto e o **coral Bakule** ganham reputação mundial, são admirados e convidados a cantar em vários países, e assim chegam aos congressos da L.I.E.N. em Heidelberg (1925) e, posteriormente, em Locarno (1927).

1.5.3 O Brasil em Locarno

Um balanço do evento registrara que 84 instituições enviaram delegados oficiais e 42 países foram representados no *Congrès de Locarno*. Segundo os números divulgados na revista *The New Era*,¹⁰³ havia 267 congressistas vindos da Alemanha, 162 dos Estados Unidos, 129 da Inglaterra, 122 da Suíça, 63 da Polônia, 46 da Escócia, 39 da França; havia também participantes da Austrália, Nova Zelândia, Japão, China, Índia, África do Sul, **Brasil**, Peru, entre outros países. Apesar de longa, a crônica de Ferrière ao descrever o “bom astral” do congresso é significativa :

¹⁰³ FERRIÈRE, Adolphe. V **Chronique du congrès**. Op. cit, p. 262.

Um clima de família – a palavra “tribo” seria mais justa – penetrava nossas fileiras lotadas. (...). A **Educação Nova** [grifo nosso] reunia aqui seus pioneiros, seus fiéis, seus amigos e curiosos: fiéis de amanhã. De todos os pontos do planeta eles vieram. O calor de um entusiasmo comum os penetrou. Eles vibraram nos mesmos sotaques, eles se indignaram com os mesmos abusos da Escola tradicional; a mesma alegria fez bater seus corações na presença das conquistas recentes da teoria e da prática, conduzindo à visão de um mundo melhorado por uma infância mais sã (...).

(...)

Desde essa sessão de abertura, cada um compreendeu que os assuntos a discutir não constituiriam todo o congresso, mas que **um dos elementos do sucesso**, no presente e no futuro, **era a atmosfera emocional: a alegria, o entusiasmo, os encontros, as amizades entrelaçadas, as resoluções** (...). [grifos nossos]

(...)

A lembrança de boas horas felizes torna a nossa tarefa mais fácil. Porque os incidentes cômicos não faltaram. Somente, sem dúvida, os iniciados saberão o que contém de sal a evocação dos brincos da Sra Ensor, do banho dos naturistas alemães na Isola Madre, das danças no “grotto” de Ponte Brolla, da foto coletiva, daquela onde se percebe o grave professor Dr. Ed. Claparède tal qual um fauno no meio das ninfas (romenas, **brasileiras** e outras), da canção cômica de Sr. Maso, etc. É preciso evocar, além disso, **as emoções inesquecíveis do coral Bakule**, (...), sem esquecer as doçuras da praia? É preciso, no próprio seio do congresso, lembrar as exposições, **o filme brasileiro** [grifos nossos], as muitas sessões de projeções das seções, as excursões dos geólogos? Tudo isto não se conta. Mas aqueles que viveram essas horas guardam-lhes um lugar especial na sua memória. (*ibid*, pp. 262-263)¹⁰⁴

¹⁰⁴ Tradução nossa. No original:

Un air de famille – le mot « tribu » serait plus juste – pénétrait nos rangs serrés. C’est qu’un même idéal avait servi de centre de ralliement. L’Éducation nouvelle réunissait ici ses pionniers, ses fidèles, ses amis et des curieux : fidèles de demain. La chaleur d’un enthousiasme commun les a pénétrés. Ils ont vibré aux mêmes accents, ils se sont indignés des mêmes abus de l’Ecole traditionnelle ; la même joie a fait battre leur coeur en présence des conquêtes récentes de la théorie et de la pratique, conduisant à la vision d’un monde rendu meilleur par une enfance plus saine (...).

Dès cette séance d’ouverture, chacun a compris que les sujets à discuter ne constitueraient pas tout le congrès, mais qu’un des éléments du succès, dans le présent et dans l’avenir, était l’atmosphère spirituelle ; la joie, l’enthousiasme, les rencontres, les amitiés nouées, les résolutions (...).

(...)

Le souvenir de bien des heures joyeuses nous en rend la tâche plus facile. Car les incidents comiques n’ont pas manqué. Seuls, sans doute, les initiés sauront ce que contient de sel l’évocation des boucles d’oreilles de Mrs Ensor, du bain des naturistes allemands à l’Isola Madre, des dans au « grotto » de Ponte Brolla, de la photo collective, de celle où l’on aperçoit le grave professeur Dr. Ed. Claparède tel un faune au milieu des nymphes (roumaines, brésiliennes et autres), de la chanson comique de M. Maso, etc. Faut-il évoquer par ailleurs les émotions inoubliables du chœur Bakulé, l’illumination de la ville, (...), sans oublier les douceurs de la plage ? Faut-il, au sein même du congrès, rappeler les expositions, le film brésilien, les nombreuses séances de projection des sections, les excursions des géologues ? Tout cela ne se raconte pas. Mais ceux qui ont vécu ces heures leur gardent une place spéciale dans leur souvenir. Ibid, pp. 262-263.

A descrição denota o *entusiasmo* que marca o feitiço da **Escola Nova** tanto no Brasil quanto no exterior, especialmente na década de 1920. O clima de boa disposição, fé no futuro, e de união fazia com que os educadores se imbuíssem de um sentimento unívoco de missão, uma missão de bravos guerreiros trabalhando por um mundo melhor. Some-se a isto a importância dos contatos e amizades, das horas de lazer que promoviam laços importantes durante os congressos da Liga. Enfim, Locarno parece ter sido um grande acampamento de verão onde se deram as mãos os educadores do mundo todo, a fim de participar da grande roda que trabalharia pela implementação de uma **escola nova**.

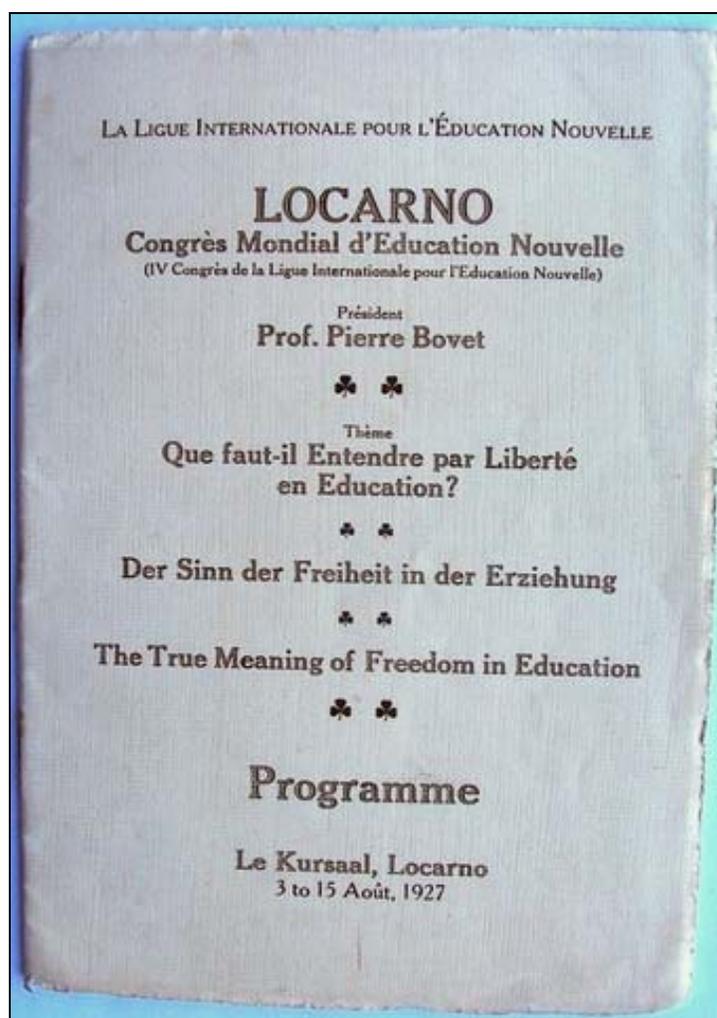


Figura 11 Prospecto original com o programa do Congresso de Locarno.
Documento inédito¹⁰⁵

¹⁰⁵ Acervo dos Archives Du Père Castor.

Nos congressos da L.I.E.N., nunca houvera tamanho engajamento, tantos participantes como em Locarno. Entre as “brasileiras”, das quais fala Ferrière, estava Laura Jacobina Lacombe, professora, pedagoga e integrante da A.B.E.. Vale ressaltar que pela primeira vez o Brasil participava de um congresso da Liga: através de um filme no qual Laura Lacombe apresentou os resultados da gestão de Carneiro Leão na Diretoria da Instrução Pública do Distrito Federal, de 1922 a 1926.

O filme apresentado por Lacombe enaltece o esforço de Carneiro Leão e do professorado do Rio, por terem implementado várias iniciativas em prol da melhoria da saúde das crianças: o *Pelotão da Saúde*, o *Copo de Leite*, a *Sopa escolar*, e a prática da *educação física*. Nele também há números que mostram o aumento da frequência escolar e o tipo de ensino que é dispensado nas escolas públicas: o *ensino ativo*. A proximidade com as escolas novas americanas e européias é clara:

Nas aulas de Desenho do primeiro ano, os alunos são livres para escolher seu tema.

Na sala, o trabalho manual escolhido é o *sloyd*, ou trabalho da madeira. À parte os trabalhos nas oficinas, as crianças fazem trabalhos manuais em quase todas as matérias das aulas, desde que haja uma oportunidade. (...)

Nas aulas de agricultura, as crianças plantam e cultivam tudo o que a região produz, sob a supervisão do professor. (...) ¹⁰⁶

Depois de Locarno, o mundo ouve falar na **Escola Nova** brasileira. Através de Laura Lacombe, abre-se caminho para um valioso intercâmbio entre os educadores do Brasil e da Europa.

1.5.4 A *Education Nouvelle* no Brasil

Em 1927 Lourenço Filho inaugurava a coleção *Bibliotheca de Educação* (editora Melhoramentos) publicando *Psychologia experimental*, de Henri Piéron. Em seguida, vem Edouard Claparède, com *A escola e a psychologia experimental* (1928);

¹⁰⁶Tradução nossa. No original: *Dans les classes de Dessin de 1^{ère} année, les élèves sont libres de choisir leur sujet. En classe, le travail manuel choisi est le sloyd, ou travail du bois. A part les travaux dans les ateliers, les enfants font des travaux manuels, dès qu'il y a [sic] une occasion. (...) dans les classes d'agriculture, les enfants plantent et cultivent tout ce que la région produit, sous la vue du professeur. (...)*. LACOMBE, Laura. In : P.E.N. n° 31, op. cit., pp. 218-219.

Émile Durkheim, com *Educação e sociologia* (1929); e Adolphe Ferrière, com *A lei biogenética e a escola ativa* (1929).

Os nomes escolhidos por Lourenço Filho para compor a coleção é um indício não só das suas leituras, mas dos contatos internacionais que ele tinha naquele momento, uma vez que ele precisaria tratar de direitos autorais com os autores. E é pela sua vasta correspondência que se pode constatar o seu esforço em criar uma valiosa rede de contatos e trocas, o enorme *capital social* de que ele dispunha – para usar um termo de Pierre Bourdieu.

Entre seus correspondentes estavam justamente alguns destes líderes: Kilpatrick, Claparède, Bovet, Fauconnet, e Ferrière. Este último, aproveitando um convite para vir ao Chile, fez uma excursão de seis meses pela América do Sul em 1930. Mas Ferrière escreve a Lourenço Filho explicando que, ao chegar ao Rio, ele foi desaconselhado a desembarcar (em plena **Revolução de 30**), tendo que adiar a sua “*grande tournée au Brésil*” – possivelmente para 1933.¹⁰⁷ Assim ele continua a carta:

(...)

O Senhor encontrará no número de março de 1931 da revista “*Pour l’Ere Nouvelle*” meu artigo sobre a escola nova no Brasil, escrito a partir dos fascículos de revistas de 1929 e 1930 que eu recebi no Rio da Sra. Celina Padilha. Eu traduzi também dois artigos que serão igualmente publicados, um do Diretor Fernando de Azevedo e outro do Sr. Moraes, Diretor da Escola Normal do Espírito Santo.

Eu tive a grande alegria de saber por vossa nova revista que o Senhor acaba de ser nomeado Diretor da Instrução Pública de São Paulo. Eu vos felicito de todo o coração e eu estou convencido de que esta prova de compreensão da escola nova, da parte das autoridades, é um sinal de que o Brasil está se orientando do lado da psicologia da criança e de suas aplicações. **Na teoria, ele já está na primeiríssima fila do mundo inteiro.** [grifo nosso] Na prática, ele estará tão logo as gerações de futuros professores formados nas escolas normais substituam pouco a pouco os mestres antigos, aqueles que são velhos demais para poder mudar.

É um prazer receber o meu livro (não sei qual deles) que o Senhor traduziu. (...)

¹⁰⁷ Carta de 03 de janeiro de 1931. Documento inédito consultado no **Arquivo Lourenço Filho** do Cpdoc-FGV. Classificação: LF c 1929.02.05, rolo 1, fotograma 0116-0117.

Eu me alegro em me corresponder convosco com mais frequência do que no passado e sobretudo de vê-lo enfim em 1933 se tudo correr bem – ou em 1932 no Congresso da Educação Nova!¹⁰⁸

Na qualidade de coordenador, por assim dizer, do movimento da Escola Nova na Europa, Ferrière nos dá algumas informações importantes nesse documento: na década de 30 os educadores da Europa já tinham conhecimento do movimento renovador que estava acontecendo também no Brasil; o B.I.E. recebia material da imprensa periódica educacional brasileira; a revista P.E.N. publicou, em algumas edições, artigos e notícias sobre a **Escola Nova** brasileira; Ferrière convidou Lourenço Filho para participar do congresso internacional da Liga em 1932.

A resposta do *diretor do Instituto de Educação do Distrito Federal* (Lourenço Filho também era então chefe de gabinete do Ministro da Educação e Saúde, Francisco Campos) ao convite de Ferrière pode ser vista no próprio prospecto do *Congrès de Nice*, que traz seu nome entre os participantes. Situado na parte inferior da coluna esquerda, abaixo do nome de Paul Fauconnet, Lourenço Filho aparece entre os conferencistas do Congresso da L.I.E.N. que se realizaria em Nice no ano de 1932.

Ter o nome impresso entre Bovet, Cousinet, Dewey, Freinet, Kerschensteiner, Piaget, Wallon, entre outros, representa o êxito de Lourenço Filho na conquista de um espaço entre os dirigentes do movimento escolanovista internacional. Segundo pudemos constatar nas pesquisas para esta tese, nenhum educador brasileiro gozou de tanto renome quanto ele entre os intelectuais da educação na Europa nos anos 30.

¹⁰⁸ Tradução nossa. No original : (...) *Vous trouverez dans le numéro de mars 1931 de la revue « Pour l'Ere Nouvelle » mon article sur l'éducation nouvelle au Brésil, écrit d'après les fascicules de revues de 1929 et 1930 que j'ai reçus à Rio de Madame Celina Padilha. J'ai traduit aussi deux articles qui paraîtront également, l'un du Directeur Fernando de Azevedo et l'autre de M. Moraes, Directeur de l'Ecole Normale de Espirito Santo.*

J'ai eu la grande joie d'apprendre par votre nouvelle revue que vous veniez d'être nommé Directeur de l'Enseignement public de l'Etat de Sao Paulo. Je vous en félicite de tout coeur et je suis convaincu que cette preuve de compréhension de l'éducation nouvelle de la part des autorités est un signe que le Brésil s'oriente du côté de la psychologie de l'enfant et de ses applications. En théorie, il est déjà au tout premier rang du monde entier. En pratique, il le sera aussitôt que les générations de maîtres futurs formés dans les écoles normales remplaceront peu à peu les maîtres anciens, ceux qui sont trop vieux pour pouvoir changer.

Cela me fait plaisir de recevoir celui de mes livres (j'ignore lequel) que vous avez traduit. (...) Je me réjouis de correspondre avec vous plus fréquemment que par le passé et surtout de vous voir enfin en 1933 si tout va bien – ou en 1932 au congrès de l'Education Nouvelle !

Quelques Orateurs

Cette liste est forcément incomplète, du fait que les réponses d'un grand nombre de personnes sollicitées par nous d'assister au Congrès et d'y prendre la parole n'ont pu encore nous parvenir :

- | | |
|---|---|
| <p>M. le professeur Thomas ALEXANDER, Teacher's College, Columbia University, New-York.</p> <p>D^r Gertrud BAUMER, de Berlin.</p> <p>M. G. BERTIER, directeur de l'Ecole des Roches.</p> <p>M. F.-L. BERTRAND inspecteur primaire de la Haute-Garonne.</p> <p>M. BOURJADE, professeur à la Faculté de Lyon.</p> <p>D^r W. BOYD, de l'Université de Glasgow.</p> <p>M. Pierre BOYET, directeur de l'Institut J.-J.-Rousseau, Genève.</p> <p>M. le professeur Cyril BURT, de l'Université de Londres.</p> <p>M. CATTIER, directeur de l'E. N. de Charleville.</p> <p>M^{me} COIRAULT, inspectrice générale des Ecoles maternelles.</p> <p>M. R. COUSINET, inspecteur primaire à Sedan.</p> <p>M. le P^r G.S. COUNTS, Teacher's College, Columbia University, New-York.</p> <p>E. Salter DAVIES, directeur de l'Enseignement, Kent, Angleterre.</p> <p>M. le Prof. John DEWEY, de l'Université de Columbia, New-York.</p> <p>D^r Virgil DICKSON, Berkeley Public Schools, California.</p> <p>D^r R. DOTRENS, Ministère de l'Instruction Publique, Genève.</p> <p>M. R. DUTHIL, professeur à l'Ecole Normale de Nancy.</p> <p>D^r G.W. EYBERS, Department of Education Union of South Africa.</p> <p>M. P. FAUCONNET, professeur à la Sorbonne.</p> <p>M. Lourenço FILHO, directeur de l'Instruction Publique à Sao-Paulo, Brésil.</p> <p>D^r Aloys FISCHER, Munich.</p> <p>M^{me} FLAYOL, directrice honoraire d'Ecole Normale.</p> <p>M. le P^r H. FLEURE, de l'Université de Manchester.</p> <p>M. C. FREINET, directeur de « l'Imprimerie à l'Ecole », à Saint-Paul (A.-M.).</p> <p>M. GOUHIER, professeur à la Faculté de Lille.</p> | <p>D^r and Mrs. GRUENBERG, Child study Association, New-York.</p> <p>D^r Nils HANNINGER, Board of Education, Stockholm.</p> <p>M. HUBERT, doyen de la Faculté des Lettres de Lille.</p> <p>M. G. HEBERT ancien directeur du Collège d'athlètes de Reims.</p> <p>M^{me} JOUENNE, directrice d'Ecole de plein air, Paris.</p> <p>M. le P^r KATZAROFF, de l'Université de Sofia, Bulgarie.</p> <p>D^r G. KERSCHENSTEINER, Munich.</p> <p>M. Robert LANE, inspecteur en chef de l'Instruction Publique, Los Angeles.</p> <p>M. le D^r LAFORGUE, Paris.</p> <p>M. G. LAPIERRE, secrétaire de la Fédération internationale des Associations d'instituteurs, Paris.</p> <p>M. LEBRUN, sous-directeur du Musée pédagogique.</p> <p>M^{me} Jadwiga MICHALOWSKA, Varsovie.</p> <p>M. le P^r J. PIAGET, directeur du B. I. E., Genève.</p> <p>M. le D^r PIERON, du Collège de France.</p> <p>D^r José REZZANO, Buenos-Ayres.</p> <p>D^r Harold HUGG, Teacher's College, Columbia University, New-York.</p> <p>D^r Fr. SCHNEIDER, Cologne.</p> <p>D^r W. SCHOHAUS, Kreuzlingen (Suisse).</p> <p>M. A. SIEGFRIED, professeur à l'Ecole libre des Sciences politiques, Paris.</p> <p>M. SOURIAU, professeur à la Faculté de Nancy.</p> <p>D^r ULICH, Dresde.</p> <p>M. Paul VALERY, de l'Académie Française.</p> <p>M. A. VULLIOD, professeur à l'Université de Nancy.</p> <p>D^r WALLON, professeur à la Sorbonne.</p> <p>D^r Carleton WASHBURNE, inspecteur de l'Instruction publique, Winnetka, Chicago.</p> <p>D^r Marian TE WATER, de l'Université de Pretoria.</p> <p>D^r E.N. WHITE, Merrill-Palmer School, Détroit.</p> |
|---|---|

Figura 12 Lista de oradores em prospecto original do *Congrès de Nice*. Documento inédito.¹⁰⁹

Cartas também documentam as gentilezas impressas (prefácios, resenhas elogiosas, propagandas) trocadas entre Lourenço Filho e educadores suíços, franceses, belgas, norte-americanos, colombianos, cubanos, equatorianos, argentinos. É verdade que muitas vezes eles não se escreviam para discutir a escola nova, pois uma parte da correspondência traz negociações de edições e elogios ao livro *Introdução ao Estudo da Escola Nova*¹¹⁰ – seu passaporte de entrada para a elite internacional da educação.

O intercâmbio escolanovista Brasil-Europa também esteve estampado nas páginas da revista **Pour L'Ère Nouvelle**. Seguindo o clima de “descoberta” do Brasil

¹⁰⁹ O documento pertence aos Archives Du Père Castor.

¹¹⁰ Op. cit.

após a excursão de Ferrière à América do Sul, o número 67 da P.E.N. (abril-maio de 1931) foi dedicado à **Escola Nova brasileira**, com 3 artigos: o primeiro dele mesmo, o segundo de Fernando de Azevedo e o último de Deodato de Moraes.¹¹¹

O artigo de Ferrière começa entusiasmado e não esconde a sua impressão: “Que surpresa encontrar no Brasil uma das formas mais completas da Educação Nova! Ainda ontem, esse país era, do ponto de vista pedagógico, um dos mais atrasados do mundo.”¹¹² Em seu texto, ele atribui tal “milagre” à reforma de Fernando de Azevedo no Distrito Federal. Ainda nesta edição, encontram-se duas referências elogiosas a Lourenço Filho: uma resenha sobre *Introdução ao Estudo da Escola Nova* (op. cit.), assinada com as iniciais P.R. (provavelmente Pedro Rosseló), trazendo uma pequena nota biográfica do autor e, ao final, a expressa recomendação de leitura do livro; e também a seguinte nota:

No dia seguinte à revolução de outubro, o Sr. Lourenço Filho, **o mais antigo e o mais competente dos defensores da Escola nova no Brasil** [grifo nosso], foi nomeado diretor da Instrução Pública do Estado de São Paulo. Esta nomeação marca a orientação franca e sem reticência do Brasil para a educação moderna.¹¹³

O elogio de Ferrière só confirma o mencionado prestígio de Lourenço Filho diante dos escolanovistas europeus, bem como a troca de idéias entre eles e os brasileiros. Encerrando este capítulo sobre os movimentos de reforma da educação no início do século XX, passaremos a outra importante *renovação* promovida em várias partes do mundo, desta vez no âmbito da cultura impressa para crianças: **o livro infantil**.

No próximo capítulo, confrontaremos a história do livro para crianças no Brasil e na França, dentro do período histórico que concerne a esta tese, tomando como principais referências as obras de Monteiro Lobato e de Paul Faucher – o Père Castor.

¹¹¹ P.E.N. n° 67, 10^{ème} année, avril-mai 1931. Os artigos são : *L'Éducation Nouvelle au Brésil*, de Adolphe Ferrière (pp. 85-90) ; *L'École Nouvelle et la réforme*, de Fernando de Azevedo (pp. 90-95) ; e *L'École Active brésilienne d'Espírito Santo*, de Deodato de Moraes (pp. 96-99).

¹¹² FERRIÈRE, op. cit., p. 85.

¹¹³ Ibid., p. 90. Tradução Nossa. No original : *Au lendemain de la révolution d'octobre, M. Lourenço Filho, le plus ancien et le plus compétent des défenseurs de l'Éducation nouvelle au Brésil, a été nommé directeur de l'Instruction publique de l'Etat de São Paulo. Cette nomination marque l'orientation franche et sans réticence du Brésil vers l'éducation moderne.*

Capítulo 2

Livros para crianças no entre-guerras

Monteiro Lobato (1882-1948) e Paul Faucher (1898-1967) foram homens de livros. Pela extraordinária ação que empreenderam na criação e na edição de livros destinados à infância,¹¹⁴ eles se aproximam historicamente na medida em que contribuíram para modernizar e promover a literatura infantil de seus países. Seus projetos editoriais inovadores, somados ao sucesso de vendas dos livros que criaram, impulsionaram a indústria e o mercado da edição no turbulento período delimitado pelas duas guerras mundiais. Antes de discutir quais os parâmetros possíveis de comparação entre a obra de um e de outro, optou-se por observar o contexto de produção dessas obras.

As pesquisas realizadas para esta tese nos levaram a constatar que a história da edição no Brasil e na França, embora sejam realidades bem distintas, tem pontos em comum. Um deles tem a ver com a expansão da indústria editorial, ocorrida no pós-guerra, quando a vida urbana exigia novas formas de entretenimento, o número de leitores crescia e se diversificava. Por expansão editorial leia-se não apenas novas casas de edição, mas também oficinas gráficas, máquinas, linotipistas, encadernadores, papéis, tinta, escritores, direitos autorais, escolas, bibliotecas, livrarias, consumidores, leitores, empregos, salários, e livros, para não ir adiante.

Mas se, nas proximidades dos anos 20, a indústria e o mercado de edição de livros na França eram mais desenvolvidos do que no Brasil (além de ter mais editores, impressores e livrarias, os catálogos anunciavam mais títulos, e os profissionais do livro já eram uma classe sindicalizada desde 1886),¹¹⁵ em que sentido se pode comparar o sistema literário desses dois países?

¹¹⁴ Enquanto Lobato escrevia literatura para o público adulto e infantil, os livros criados ou dirigidos por Faucher destinavam-se exclusivamente às crianças.

¹¹⁵ Embora tenha havido agremiações de profissionais gráficos registradas em São Paulo desde as vésperas do século XX, só em 1919 seria criado o seu primeiro sindicato – a **União dos Trabalhadores Gráficos**. Já na França, o Sindicato das Indústrias do Livro (*Cercle de la Librairie*) foi fundado em 1847, mas só se tornou uma entidade sindical profissional em 1886 agrupando vários sindicatos: de editores; de livreiros; de impressores tipógrafos; de papelheiros; de encadernadores, brochadores, douradores; e também o sindicato

Primeiro, em seu contexto econômico de produção. Para ilustrar o parentesco histórico, vejamos um trecho do discurso de Pierre Decourcelle, proferido na sessão de abertura do Segundo Congresso Nacional do Livro (*Deuxième Congrès National du Livre*), ocorrido em Paris de 13 a 18 de junho de 1921. Suas palavras parecem familiares:

... de 1917 a 1920, um funesto concurso de condições econômicas desencadeou sobre o nosso mercado do livro uma crise sem precedente. A alta vertiginosa dos carbonos e das polpas (de celulose) teve como efeito o salto nos custos do papel e das encadernações a preços proibitivos. Ao mesmo tempo, o congestionamento dos transportes paralisava todos os negócios, enquanto a lei de oito horas pesava cruelmente sobre todas as indústrias, já, duramente sobrecarregadas pelo aumento dos salários. Com isso, os custos de fabricação do livro sofriam altas que atingiam até 1.000%, apesar das quais os editores se viam forçados a impor à venda de suas obras apenas um aumento médio de 200%, comercialmente insuficiente para se defender, entretanto grande o bastante para desagradar aos compradores e, paralisando os negócios, provocar um prejuízo que ameaçava em sua existência, muitas de nossas mais antigas e de nossas mais sólidas casas de edição.¹¹⁶

O panorama é conhecido. Quatro meses antes desse congresso, em fevereiro de 1921, Lobato escrevera a Rangel: “A encadernação anda caríssima; e talvez tenhamos de dispensá-la, enquanto o dólar estiver no que está.”¹¹⁷ Mas o editor ainda não sabia que a crise ficaria pior nos anos seguintes, e no final de 1923, as suas palavras a Rangel dão a medida dos fatos: “A vendagem dos livros tem caído; todos os livreiros se queixam – mas

para a proteção da propriedade intelectual. Dentre os citados, o mais importante sempre foi o sindicato dos editores, fundado em 1892. Para maiores detalhes, cf. CHARTIER, Roger ; MARTIN, Henri-Jean. *Histoire de l'édition française*, t. IV, *Le Livre concurrencé*, 1900-1950, Fayard-Cercle de la librairie, 1991.

¹¹⁶ Tradução nossa. No original : “... de 1917 à 1920, un funeste concours de conditions économiques a déchaîné sur notre marché du livre une crise sans précédent. La hausse vertigineuse des charbons et des pâtes eut pour effet de faire bondir les coûts du papier et des cartonnages à des prix prohibitifs. En même temps, l'encombrement des transports paralysait toutes les affaires, tandis que la loi de huit heures pesait cruellement sur toutes les industries, déjà, grévées lourdement par la majoration des salaires. De ce fait les prix de revient matériel du livre subissaient des hausses qui atteignaient jusqu'à 1000 pour 100, malgré lesquelles les éditeurs s'astreignaient à n'imposer à la vente de leurs ouvrages qu'une augmentation moyenne de 200 pour 100, commercialement insuffisante pour se défendre, assez grosse néanmoins pour rebuter les acheteurs et, en arrêtant les affaires, provoquer un trouble qui menaçait dans leur existence, plusieurs de nos plus anciennes et de nos plus solides maisons d'édition.” DECOURCELLE, Pierre apud RENONCIAT, Annie. **Les livres d'enfance et de jeunesse em France dans les années vingt (1919-1931)**. Tese (Doutorado em Histoire et Sémiologie du Texte et de l'image). UFR Sciences des textes et documents, Université Paris 7 - Denis Diderot, Paris, 1997, vol. 1, p. 38.

¹¹⁷ LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre*. Vol. 2. Op. cit., p. 227.

o público tem razão. Câmbio infame, aperto geral, vida cara. Não há sobras nos orçamentos para a compra dessa absoluta inutilidade chamada “livro”. *Primo vivere.*”¹¹⁸

Cotejando as palavras de Decourcelle e de Lobato, vê-se que a indústria de livros na França passava por problemas semelhantes àqueles vivenciados no Brasil. De ambos os lados, a situação era a seguinte:

- grande instabilidade financeira;
- inflação crescente;
- desvalorização da moeda;
- greves de trabalhadores gráficos (por redução da carga horária, aumento do
salário e melhores condições de trabalho);
- leis cada vez mais protecionistas contra as importações
- impostos exorbitantes

A legislação que controlava o comércio exterior foi um ponto extremamente prejudicial ao setor do livro (autores, ilustradores, editores, gráficos e livreiros) nesses países, pois o papel (matéria-prima do livro) era um produto industrializado que dependia diretamente da importação, cujos impostos eram proibitivos.

2.1 A guerra do papel

O papel foi o principal problema enfrentado pelas editoras na década de vinte porque ele dependia de dois fatores econômicos: a importação e o mercado de câmbio internacional. E foi justamente após o Armistício de 1918 que o mundo se viu em crise econômica, sob medidas protecionistas para reerguer o mercado interno de cada país. No caso da França, a quantidade de papel produzida nas fábricas era suficiente para abastecer os seus editores de livros, mas a polpa de celulose necessária para fazê-lo era importada, portanto estava sujeita a uma sobrecarga fiscal que acabava por encarecer o livro no final da cadeia de produção.

¹¹⁸ *Ibid.*, pp. 259-260.

No Brasil, foi Monteiro Lobato quem trouxe a público o problema do papel, que afligia os editores brasileiros naqueles anos vinte, em razão do imposto exorbitante ao qual estava sujeito. Acontecia o seguinte: a maior parte do papel usado para imprimir livros era importada, assim como as máquinas, e ambos eram tarifados por quilo – segundo ele, a tinta também era importada. Para entrar no Brasil, o quilo do papel para imprimir livros custava mais caro do que o quilo do livro, impresso fora do país; livros de Portugal eram livres de imposto. Havia poucas fábricas produzindo papel brasileiro – que além de custar mais caro do que o seu congêneres estrangeiro, tinha qualidade inferior.

O problema começou com uma lei criada em 1918, aumentando o imposto sobre o papel importado (para a impressão de livros) em 3.000 %, o que onerou de forma absurda os custos de produção. A saída encontrada pelos editores de livros foi entrar em aliança com os jornais e revistas, já que estes gozavam de privilégio importando papel de imprensa por um preço muito menor. Assim, os jornais compravam mais papel do que precisavam e vendiam aquele excedente aos editores de livros por preços justos.

Tal camaradagem ilícita, segundo Lobato, foi o que salvou a indústria do livro e permitiu que fossem impressas as cartilhas de nossas crianças, que desde 1918 “aprenderam a ler por contrabando...”.¹¹⁹ O contrabando de papel foi ainda mais válido se levarmos em conta que esta prática foi o principal elemento facilitador, em um quadro economicamente tão desfavorável, do boom editorial que colocou São Paulo à frente do setor no país e fez o Brasil produzir livros como nunca – até então.

Em 1926, pressionado pelos grupos produtores de papel brasileiro, o governo Artur Bernardes – no final do mandato iniciado em 1922 – anunciou novas regras que, além de impedir definitivamente o contrabando de papel, implementavam consideráveis aumentos nas tarifas alfandegárias. Naquele ano, Lobato morava no Rio de Janeiro e, como colaborador de um periódico carioca (“O Jornal”), foi de lá que ele espalhou aos quatro ventos a sua indignação pela “guerra ao livro”.¹²⁰ Suas crônicas trazem em

¹¹⁹ LOBATO, Monteiro. *Mr Slang e o Brasil e Problema Vital*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1950, p. 188. (Obras Completas, vol. 8)

¹²⁰ Este é o título do primeiro texto da série de quatro crônicas de Lobato publicadas n’*O Jornal* em 1926. Esses textos, não datados, foram reunidos e publicados em 1927, na segunda parte (intitulada *Opiniões*) do livro *Mr Slang e o Brasil*. São eles: “**Guerra ao Livro**” (pp. 165-168), “**A Morte do Livro**” (pp.181-186), “**A Desencostada**” (pp. 187-191) e “**Assessores**” (pp. 193-196). *Ibidem*.

números os valores dos impostos cobrados sobre os produtos importados para a confecção de livros, expõem o projeto de lei que propunha a reforma das tarifas alfandegárias, criticam o governo, esmiúçam o caso com ironia e sarcasmo. A título ilustrativo, a tabela a seguir contém os dados divulgados por Lobato nos textos mencionados.

Tabela 2 – Reforma das tarifas alfandegárias em 1926¹²¹

PRODUTO	IMPOSTO
Livro impresso no exterior	Livre
Livro impresso em Portugal	Livre
Papel impresso para publicidade (cartaz, cartão, catálogo, prospecto, etc.)	150 réis por kg
Papel em branco para publicidade (cartaz, cartão, catálogo, prospecto, etc.)	Preço variável em até 750 réis por kg
Máquinas gráficas (linotipo, monotipo, dobradeira, costuradeira, guilhotina, etc)	150 réis por kg
Tinta para impressora	Não mencionado
Papel para jornal/revista	10 réis por kg
Papel para livro	Preço variável de 400 a 800 réis por kg

Fonte: LOBATO, 1950 ; HALLEWELL, 1985.¹²²

Não satisfeito, Lobato enviou uma carta ao futuro presidente Washington Luís,¹²³ em 26 de maio de 1926, explicando a difícil situação dos editores e cobrando da

¹²¹ Estes foram os dados divulgados por Lobato nos artigos de *O Jornal*. LOBATO, Monteiro. Op. cit., p. 184. Se comparados com aqueles fornecidos por HALLEWELL (p.273), há dois valores que não coincidem: de acordo com o historiador, o papel para livro custaria 300 réis/kg (400-800 réis em Lobato); e o livro impresso em países estrangeiros (exceto Portugal, que era isento) custaria 110 réis/kg (livre, segundo Lobato). Nem Lobato nem Hallewell mencionam as fontes de onde teriam extraído tais informações; tampouco, em nossa pesquisa, foram encontrados registros que comprovem a veracidade de suas versões.

¹²² HALLEWELL, Lawrence. **O livro no Brasil**: sua história. Tradução de Maria da Penha Villalobos e Lélío Lourenço de Oliveira. São Paulo: T. A. Queiroz; Edusp, 1985.

sua gestão (que começaria em 15 de novembro de 1926) uma providência a fim de desonerar o livro. A carta, que além de publicada por Lobato também foi citada por Hallewell (pp. 216-217), traz, em anexo, um cálculo real do lucro obtido pelo editor Francisco Alves com a venda de uma cartilha escolar das mais populares na época. O conteúdo do anexo merece ser reproduzido:

Anexo

Demonstração do lucro obtido pelos editores de uma cartilha de preço baixo (por exemplo: a “Cartilha da Infância”, citada pelos defensores dos direitos aduaneiros proibitivos), com os atuais direitos aduaneiros sobre o papel áspero para impressão.

O preço da venda avulsa, de **\$600** (grifo nosso), é assim distribuído:

Ao autor (20% de direitos autorais).....	\$120
Comissão aos revendedores (30%).....	\$180
Encadernador (cartonagem a mais barata).....	\$120
Trabalho tipográfico.....	\$055
Papel custo CIF – 65 gramas a 19-0-0 por tonelada ¹²⁴	\$042
Direitos aduaneiros – 65 gramas a 1\$100 por quilo.....	<u>\$071</u> <u>\$113</u>
\$588	
Ao Editor.....	<u>\$012</u>
<u>\$600</u>	

Não haveria, positivamente, lucro algum para o editor, pois a pequena margem de 12 réis (2 por cento) não bastaria para cobrir, sequer, um terço dos juros do capital empatado na edição.

O contrabando referido na carta é que permite comprar-se por 1\$000 a 1\$200 o papel que deveria custar 1\$750 e, dando uma margem extra de \$045 por volume, torna possível a venda de uma cartilha, devidamente cartonada, por \$600 – com um lucro de cerca de 9% para o editor.

Informações obtidas na Livraria Alves.¹²⁵

¹²³ Washington Luís Pereira havia vencido as eleições presidenciais, mas ainda não tinha tomado posse do cargo na data da carta.

¹²⁴ Segundo HALLEWELL, o papel custava 19 libras por tonelada. Na impossibilidade de grafar o símbolo do sterling (£), Lobato deve ter recorrido a estes zeros.

¹²⁵ LOBATO, Monteiro. **Cartas Escolhidas**. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1970, pp. 101-102. (Obras Completas, vol. 16).

A *Cartilha da Infância*, de Thomaz Galhardo, que já passava da 100ª edição, era então uma das mais antigas e populares cartilhas brasileiras. O preço de 600 réis era realmente módico, se levarmos em conta que a *Cartilha de Alfabetização*, de Benedicto Tolosa, anunciada no catálogo de 1925 pela *Cia Graphico-Editora Monteiro Lobato*, custava 2.500 réis. Devido ao grande porte do parque gráfico da editora de Lobato e à qualidade gráfica das obras por ele editadas, provavelmente seus livros custavam mais caro do que os das demais editoras.

Com relação ao elevado custo para se editar um livro, as queixas de Lobato parecem ter ecoado entre os políticos, pois no mesmo ano surgiram dois projetos de lei para reduzir as tarifas aduaneiras. Entretanto, deduz-se que tais projetos não foram aprovados, pois em 1937 Lobato iria escrever uma carta ao ministro Francisco Campos, na qual, entre outros assuntos, ele volta a abordar a situação desfavorável dos editores.¹²⁶

2.2 Leitura e livros durante uma década de crise (anos 20)

A despeito do instável lastro econômico no qual se assentava a indústria da edição durante os anos vinte, as crianças brasileiras eram cada vez mais numerosas e consumiam cada vez mais objetos impressos. A expansão escolar e as reformas estaduais do ensino faziam avançar o número de matrículas, demandando maior produção de livros escolares (cartilhas de alfabetização, livros de leitura, didáticos e paradidáticos), filão lucrativo para o qual se inclinariam muitos editores de literatura – como Lobato e Otales.

Desde as primeiras traduções dos contos de fadas estrangeiros *em português brasileiro*, para as coleções homônimas – Biblioteca Infantil – das edições *Quaresma* (ainda no século 19) e *Melhoramentos* (a partir de 1915), a leitura infantil no Brasil começava a ganhar espaço e se impor como uma prática social em expansão. Entretanto, a leitura estava praticamente restrita ao espaço – ou à mediação – escolar, pois a literatura infantil brasileira só começaria a constituir um mercado a partir da década de 1920.

A excelente recepção de *Saudade* (1919), de Thales de Andrade, registrada na imprensa da época, sinalizava o desejo de renovação da nossa literatura infantil. Críticas elogiosas de 27 intelectuais de peso foram reproduzidas no catálogo geral da **Companhia**

¹²⁶ *Ibid.*, pp. 207-209.

Editora Nacional (C.E.N.) de 1932, servindo como propaganda da 19ª edição do livro. Nesse catálogo, é impressionante constatar que a editora dedicou 22 páginas inteiras à apresentação da *série Thales de Andrade*,¹²⁷ dentre as quais 17 eram sobre *Saudade*. Os autores dos elogios estampados nessas páginas eram, em sua maioria, intelectuais e educadores de São Paulo e do Rio de Janeiro: Sud Menucci, Lourenço filho, Sampaio Dória, João Köpke, Arthur Neiva, Othoniel Motta, Léo Vaz, Amadeu Amaral, Afrânio Peixoto, Carneiro Leão, Monteiro Lobato, entre outros.

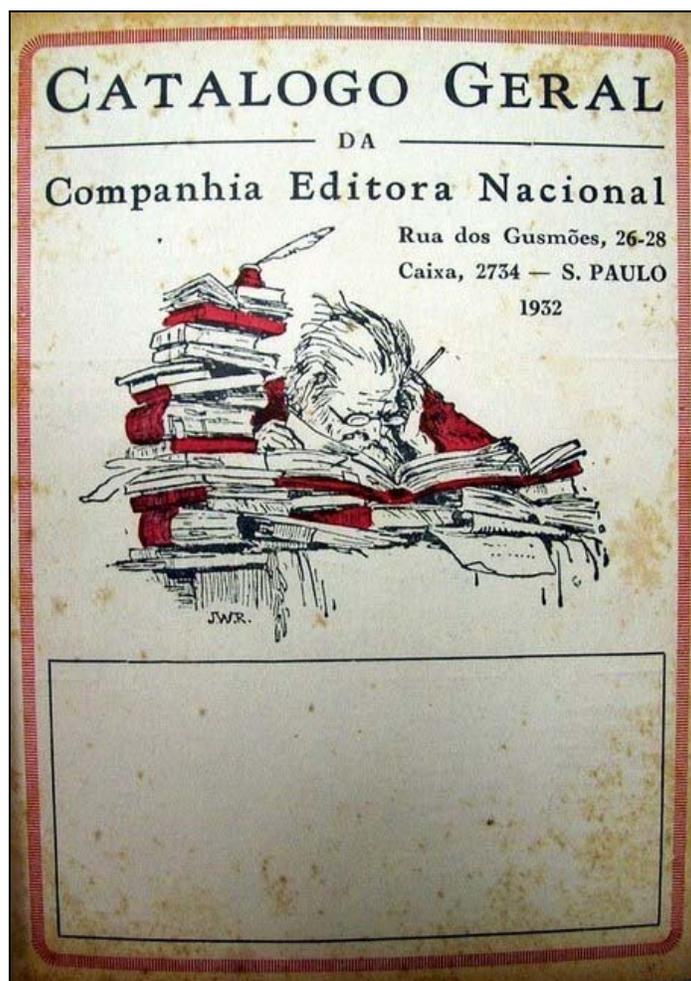


Figura 13 Capa do Catálogo Geral da Companhia Editora Nacional 1932.¹²⁸

¹²⁷ A série era composta de 7 obras: a cartilha *Ler Brincando*; cinco livros de leitura escolar (sendo que dois tinham a menção “no prelo”); e o sétimo, destinado aos alunos do 4º ano, foi anunciado ainda inacabado (com a menção “em preparação”) e sem título, apenas como “um livro de nacionalização e civismo”. Daí duas conclusões: livros de Thales eram lucro certo e o marketing da C.E.N. extremamente competitivo.

¹²⁸ Documento inédito. *Acervo Histórico IBEP-Nacional*.

Depois do livro de Thales de Andrade, a segunda grande novidade nas letras infantis foi *A Menina do Narizinho Arrebitado* (op. cit.), obra de estréia de Monteiro Lobato, em 1920. Tornando-se um livro de leitura escolar, mas com proposta bem diferente de *Saudade* – cujo enredo exaltava a natureza e a vida do campo, *Narizinho Arrebitado* representou a primeira ousadia na ficção infantil brasileira, sem as lições de bons costumes ou nacionalismo, saindo do ambiente rural de um sítio para o reino maravilhoso das águas claras. Suas vendas e reedições em altas tiragens convidaram o autor a enveredar por este caminho: literatura infantil.

Os anos que seguem são um processo de maturação e modernização, tanto da indústria editorial, quanto do próprio gênero literário infantil. Alheio à crise, o livro para crianças ganha mais títulos e passa a ocupar duas seções nos catálogos de editores: literatura escolar (ou didática) e literatura infantil. Mas, a julgar pelos livros disponíveis no mercado, ainda seria preciso transpor alguns anos para que a literatura infantil abandonasse as lições de civismo e moralidade, a linguagem ainda bitolada, as gravuras em preto e branco (nas coleções populares) e os formatos *álbum* à antiga (nas edições de luxo), excessivamente grandes para serem manejados pelo próprio leitor – a criança.

Na França, um panorama diferente configurava a entrada na década de vinte. O mercado do livro para crianças vivia um período de estagnação, sem novos títulos e sem aumento nas vendas. Acredita-se que o horror da guerra tenha deixado os franceses tão abatidos moralmente – sob a influência de sentimentos amargos – que não restara disponibilidade intelectual para escrever histórias dedicadas às crianças; isso explicaria, talvez, o número reduzido de autores para o público infantil.¹²⁹

Quanto à estagnação do leitorado, ela seria uma conseqüência direta do fenômeno de “desnatalidade” que atingiu a França no pós-guerra, fazendo com que as matrículas escolares do ensino primário não crescessem durante todo aquele decênio. De fato, se compararmos a população da França e do Brasil em dois momentos, 1921 e 1936, veremos que o nosso crescimento demográfico, nesse período de 15 anos, foi superior a 10 milhões de habitantes, ao passo que as estatísticas francesas registram um aumento de pouco mais de 2 milhões de habitantes, conforme a tabela a seguir.

¹²⁹ RENONCIAT, op. cit., pp. 161-163.

Tabela 3 – População do Brasil e da França nos anos de 1921 e 1936

POPULAÇÃO FRANÇA-BRASIL		
País/Ano	1921	1936
Brasil	31.457.887	42.395.151
França	38.775.000	41.194.000

Fonte: RENONCIAT (op. cit.); IBGE.¹³⁰

Considerando especificamente as crianças francesas em idade de 5 a 14 anos, às quais se destina o livro infanto-juvenil, houve ainda um decréscimo em sua população: de 6.420.000 crianças, em 1921, para 5.869.000, em 1931.¹³¹

Diferentes circunstâncias engendram diferentes estratégias por parte dos editores de literatura infantil. Se no Brasil eles precisavam produzir com menor custo e em maior quantidade para um efetivo escolar cada vez maior, na França, com a inércia das matrículas escolares, eles precisavam, além de reduzir os custos, dinamizar o mercado e conquistar mais leitores:

Esta situação exige dos editores que eles modifiquem suas estratégias de venda e de produção: o problema essencial que se coloca de agora em diante para eles não é satisfazer uma demanda crescente, lançando no mercado um número mais importante de títulos (crescimento extensivo), mas sim ampliar o círculo de seus leitores, conquistar públicos que até então tinham pouco a ver com os livros, oferecer fórmulas novas, acessíveis ao maior número de pessoas e suscetíveis a seduzi-las (crescimento intensivo).¹³²

¹³⁰ As informações relativas à França foram obtidas em RENONCIAT (*Ibid.*, vol. 1, p. 45); os dados relativos ao Brasil estão disponíveis em: http://www.ibge.gov.br/seculoxx/arquivos_pdf/populacao.shtm. Acesso em 19 de novembro 2009.

¹³¹ *Ibid.*, vol. 1, p. 45.

¹³² *Ibid.*, vol. 1, pp. 45-46. Tradução Nossa. No original : *Cette situation exige des éditeurs qu'ils modifient leurs stratégies de vente et de production : le problème essentiel qui se pose désormais à eux n'est pas de satisfaire une demande accrue en lançant sur le marché un nombre plus important de titres (croissance extensive), mais bien d'élargir le cercle de leurs lecteurs, de s'attacher des publics jusqu'alors peu concernés par les livres, d'offrir des formules nouvelles accessibles au plus grand nombre et susceptible de le séduire (croissance intensive).*

Para reduzir o custo de fabricação, os editores franceses se unem, decidem racionalizar a produção e padronizar a fabricação dos livros destinados ao grande público: ¹³³ dentro dos vários padrões combinados, eles seriam feitos em grandes tiragens. Uma das conseqüências dessa iniciativa foi a multiplicação das *coleções* – assaz adequadas a projetos editoriais que visem à produção em série. Em suas muitas facetas, reuniam-se histórias em fascículos ou brochuras, periódicos, álbuns de atividades recreativas, contos e romances em edições populares ou livros de bolso.

Beneficiados pelos bons resultados da padronização dos livros populares, os editores logo se voltam para uma fatia paralela do mercado: as edições de luxo. Por esse viés, dá-se uma grande renovação dos objetos editoriais, ampliando as possibilidades gráficas e estéticas, diversificadas para atender a todos os gostos. Essa evolução segue em frente até os anos 1930, quando os catálogos de final de ano já trazem em seus anúncios a prova de que o livro pode ser um extraordinário presente de Natal ou Ano Novo. A partir daí, vendem-se álbuns artísticos em impressões cada vez mais sofisticadas, belos livros de imagens (seja em litografia ou fotografia); expande-se a produção de álbuns em papel, tecido ou em papelão rígido; criam-se livros-jogo, livros-brinquedo, caixas-livro com papéis de carta e envelopes ilustrados, produtos para todos os gostos.

Embora aparentemente não tenha havido no Brasil semelhante organização da classe dos profissionais do livro, o mercado e o público continuavam crescendo nos últimos anos da década de vinte, como foi dito, ombro a ombro com os efetivos escolares. Experiências gráficas pioneiras também foram feitas por Monteiro Lobato e por outros gráficos e editores paulistas, como mostra o estudo de LIMA (1985);¹³⁴ entretanto, parece que essa estética moderna se aplicava a um tipo clássico de suporte material: periódicos e livros. A inovação dos suportes em si, conferindo diversidade aos bens de consumo industrializados para crianças, ficaria por conta da *Melhoramentos*, a única editora que teria se arriscado a fabricar brinquedos infantis a partir de 1930.¹³⁵

¹³³ Esta padronização abrangia os formatos das folhas, os tipos de dobra do papel, os caracteres, os espaçamentos, os papéis, o modo de encadernação e os materiais usados em geral. Para maiores detalhes, cf. RENONCIAT, op. cit., pp. 228-230.

¹³⁴ LIMA, Yone Soares de. **A ilustração na produção literária**: São Paulo – década de vinte. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros-USP, 1985.

¹³⁵ Segundo tabela consultada no artigo de RAZZINI (p. 9), no ano de 1930 a Melhoramentos teria fabricado cinco brinquedos. Maiores detalhes em RAZZINI, Márcia de Paula Gregório. *A Produção de*

A *Melhoramentos* sempre foi a grande concorrente das editoras dirigidas por Lobato (de 1918 a 1925) e por Octales (de 1925 em diante), sobretudo porque desde 1915 o alvo da sua produção se concentrava em livros infantis e didáticos, um setor que também viria a ser de importância capital para a C.E.N.

Importante destacar que a produção de livros de literatura infanto-juvenil estava em sintonia com a produção didática e com o período de incentivo à leitura extensiva na escola e a produção da Editora Melhoramentos aponta seguramente esta aproximação. Além disso, a produção da editora aponta que **o mercado de trabalho para escritores e ilustradores estava bem desenvolvido** [grifo nosso], sobretudo se levarmos em conta que tanto os livros didáticos dirigidos ao curso primário quanto os livros de literatura infanto-juvenil passaram a apresentar cada vez mais ilustrações, sendo comum a participação dos artistas nos dois segmentos. (*Ibid.*, p. 8)

O uso de ilustrações nos livros didáticos era de fato uma tendência crescente, principalmente na década de trinta. Em 1931, o anúncio da cartilha *Ler Brincando* (de Thales de Andrade), no *catálogo geral* da C.E.N., afirma que ela contém 690 ilustrações; dois anos depois, o *catálogo de livros escolares* anuncia 700 ilustrações para a mesma cartilha. Diferentemente do que ocorria com as editoras francesas, os catálogos da C.E.N. não eram ilustrados até o ano de 1925; eles só passaram a estampar, em preto e branco, as imagens dos livros anunciados a partir de 1932.

Tanto a *Melhoramentos* quanto a C.E.N. foram pioneiras na modernização dos livros para o público infantil no Brasil. Ambas trouxeram inovações nos textos (pelo uso da linguagem corrente brasileira) e na apresentação visual dos livros. Os de Lobato, que são o objeto de nosso estudo, já nos anos 20 tinham capas e ilustrações bastante coloridas, folhas de guarda decoradas e uma bela diagramação. Muitos deles traziam na folha de rosto ou na primeira página um frontispício ilustrado, como se pode ver na imagem a seguir.

Livros Escolares da Editora Melhoramentos na Primeira República. XXX INTERCOM – Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2007, Santos-SP. Anais. Disponível em: <<http://intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1479-2.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2008. Durante as pesquisas em arquivos, procuramos consultar os catálogos da Melhoramentos mas o pedido de visita ao arquivo foi ignorado pela editora. No artigo citado, a autora informa apenas a *quantidade* de títulos lançados a cada ano, de 1907 a 1940. O nome dos títulos, as tiragens, entre outros dados, são de posse da autora, mas não foram disponibilizados para esta tese em função de uma futura publicação do seu Pós-Doutorado.



Figura 14 *A menina do narizinho arrebitado* 5ª ed. (1928)¹³⁶

Quanto à afirmação de que o mercado de trabalho para ilustradores estava bem desenvolvido, não parece ter sido exatamente assim. Nos anos vinte, enquanto na França alguns editores publicavam coleções de álbuns que ficaram conhecidas pelo nome do ilustrador,¹³⁷ indicando o status de que o artista desfrutava nos livros para crianças, no Brasil, alguns livros não traziam informação alguma sobre eles, nem sequer tinham a assinatura do artista nos desenhos,¹³⁸ o que denota uma desvalorização do nosso profissional das artes plásticas naquele tempo.

¹³⁶ Acervo da Biblioteca Monteiro Lobato.

¹³⁷ Dois exemplos: a coleção de álbuns ilustrados por Benjamin Rabier, *Les Plus Beaux Albums de Benjamin Rabier* (incluindo a famosa série do pato *Gédéon* iniciada em 1923), para a editora *Garnier Frères*; e a coleção ilustrada por Félix Lorient, *Grands Albums Lorient* iniciada em 1927 pela Hachette.

¹³⁸ *O Marquez de Rabicó* (1925), *A Tempestade* (1925), *Aventuras do Príncipe* (1928) e *Peter Pan* (1930). Às vezes havia uma assinatura ilegível, como em *O Gato Felix* (1928). Acervo Biblioteca Monteiro Lobato.

Alguns livros traziam ilustrações de dois artistas diferentes, mas os créditos só se referiam a um deles, indicando desrespeito aos direitos autorais do ilustrador.

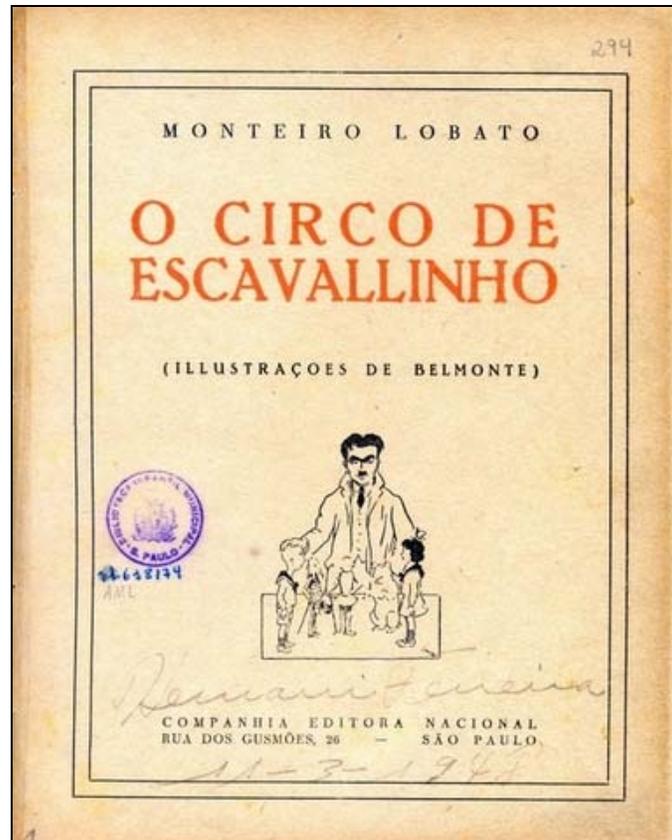


Figura 15 Folha de rosto de *O Circo de Escavallinho* (1929)¹³⁹

Em Lobato, por exemplo, as folhas de rosto de *O circo de escavallinho* (1929) e de *Peter Pan* (1930) trazem uma ilustração de autoria do alemão Kurt Wiese, embora os ilustradores dessas obras sejam outros: no caso d'*O circo de escavallinho*, uma inscrição na mesma folha de rosto (reproduzida acima) que traz o desenho de Wiese anuncia que as ilustrações da obra são de Belmonte; e no caso do *Peter Pan*, o nome do ilustrador é omitido. Ainda mais impressionante é a 2ª edição de *Aventuras de Hans Staden* (1932), cujo prefácio informa que a obra é ilustrada por Kurt Wiese; entretanto, além da capa, muitas ilustrações (em cores e de página inteira) dentro do volume estão assinadas pelo artista italiano Franco Cenni, que havia chegado ao Brasil no ano anterior (1931).

¹³⁹ Acervo da Biblioteca Monteiro Lobato

Outro caso digno de atenção é haver o nome de Jurandir Ubirajara Campos como autor das ilustrações de *História do mundo para as crianças* (1933) quando, na verdade, ele apenas plagiou as imagens extraídas de fontes diversas. Em pesquisa na Biblioteca Monteiro Lobato, vimos que a 1ª edição de *História do Mundo* está arquivada em um pequeno dossiê que mostra o processo de criação da obra: o livro de Lobato, riscado a lápis, está acompanhado do livro que originou a sua adaptação (*A child's history of the world*, de Virgil M. Hillyer); e dentro do volume, vários recortes de figuras extraídas de pelo menos três obras (em português, inglês e francês). As folhas soltas contem as imagens originais copiadas por Campos – a maioria tirada do livro de Hillyer.

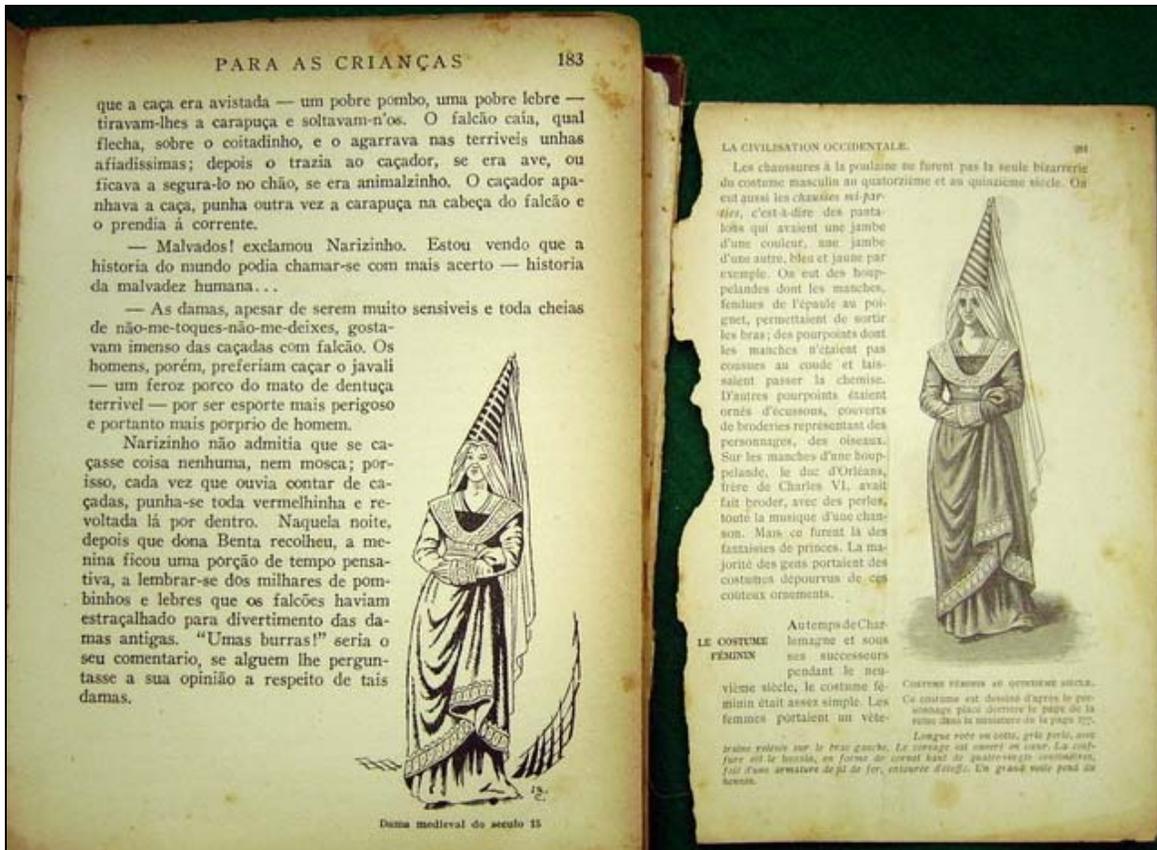


Figura 16 Pág. 183 de *História do Mundo para crianças* (1933) e, à direita, folha avulsa que teria sido usada como modelo copiado pelo ilustrador e pelo editor¹⁴⁰

¹⁴⁰ LOBATO, Monteiro. *História do mundo para as crianças*. 1ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933. Obra do acervo da *Biblioteca Monteiro Lobato*, São Paulo.

A fotografia anterior exhibe a página 183 da primeira edição de *História do Mundo para as crianças* de Lobato (à esquerda) e, à sua direita, a página arrancada de um livro em francês, com a imagem correspondente (original) que foi copiada por Campos.¹⁴¹

Tais práticas abusivas parecem ter sido comuns no período que concerne a este estudo. Ao que tudo indica, no Brasil, elas se restringiam aos direitos do ilustrador, gozando o escritor de um status mais respeitado pelos editores.

Convém esclarecer que a **C.E.N.** tinha contrato legal com seus ilustradores e, até onde se sabe, pagava bem pelos seus serviços.¹⁴² Porém, casos como este deixam duvidosa a postura da editora frente às leis autorais, pois não se sabe se Octales estava a par das irregularidades, ou se ele confiava – de olhos fechados – a Lobato as decisões sobre a ilustração de seus livros. E Lobato? Tampouco se sabe até que ponto ele participou ou delegou a responsabilidade pela ilustração dessa obra a Campos, que era seu genro.

É curioso notar que, no mesmo ano em que *História do Mundo* foi lançado, o catálogo geral da **C.E.N.** trazia, na página 32, uma nota com as seguintes palavras:

A **Companhia Editora Nacional**, desde a sua fundação (1926) até a impressão deste catálogo (fins de Agosto de 1933), já editou livros de autores estrangeiros e nacionais, cerca de 4.250.000 de exemplares, **tendo pago de direitos autorais** [*sic*] **2.620:000\$000 m/ m/** [grifo nosso]¹⁴³

Mais de 4 milhões de exemplares e mais de 2 mil contos de réis eram dois números vultosos para o período. Resta saber que parcela desses direitos foi destinada aos escritores, em detrimento dos ilustradores cujos nomes não estavam declarados nas obras.

¹⁴¹ Pela posição da ilustração na página, pode-se dizer que até mesmo a diagramação foi tomada como modelo pela Companhia Editora Nacional.

¹⁴² A tese de BIGNOTTO (op. cit.) mostra que as editoras que pertenceram a Lobato “praticavam várias modalidades de negociação de direitos autorais.” (p. 329). Todavia, os contratos analisados na tese referem-se apenas a escritores. O único ilustrador cujo contrato – de “locação de serviços constantes” – foi mencionado é Kurt Wiese.

¹⁴³ COMPANHIA EDITORA NACIONAL. **Catálogo Geral nº 10** – Setembro 1933. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933, p. 32.

2.3 Livros para crianças na tumultuada década de 30

Os anos 30 nos países industrializados são marcados, economicamente, pela Grande Depressão provocada pelo *crash* de 1929 na bolsa de Nova York. Na França, além da inflação e do desemprego, a Terceira República vivia ainda uma crise política, permeada por escândalos e trocas ministeriais, de tal sorte que houve seis governos de maio de 1932 a fevereiro de 1934. Tal qual no Brasil, recrudescem as clivagens entre ideologias totalitárias de direita e de esquerda; em Paris surgem manifestações de rua que mostram o descontentamento da sociedade para com o sistema político vigente.

No Brasil, a Revolução de outubro de 1930 encerrou a era “café-com-leite” para iniciar uma República Nova, excluindo São Paulo do jogo político e conferindo amplos poderes a Getúlio Vargas. A *Era Vargas* traz mudanças profundas na estrutura política do país: novos ministérios, novas leis trabalhistas, novos parâmetros econômicos e sociais para o Brasil. Ainda nessa década, eventos relevantes (pelas suas conseqüências políticas) foram a *Revolução Constitucionalista de 1932* – grande conflito armado de oposição ao governo Vargas – em São Paulo, e duas constituições são promulgadas: 1934 e 1937. Esta última instaurou a ditadura do *Estado Novo* (1937-1945), colocando o país à mercê das decisões do chefe do executivo, auxiliado por seus interventores estaduais.

Com um esquema de ditadura política que não excluía a dominação *cultural* das massas, o Estado Novo criou uma poderosa máquina burocrática a fim de “imprimir suas marcas em todos os domínios de atividade ligados ao trabalho de dominação, em especial nos diversos níveis do sistema de ensino e no campo da produção e difusão cultural.”¹⁴⁴ Assim, o **Ministério da Educação e Saúde** (M.E.S.), criado em 1930, não se limitou aos problemas da educação, mas ganhou braços em todos os setores da cultura e foi um dos mais importantes veículos de transmissão da ideologia do Estado Novo.

Para controlar todas as instâncias de produção e difusão cultural no país, o aparato institucional criado nos anos 30 e 40 desdobrou a ação do M.E.S. em várias frentes: literatura, rádio, cinema e música. Foram criadas instituições como: a **Comissão**

¹⁴⁴ MICELI, Sérgio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 78.

de Literatura Infantil (1936); a *Comissão Nacional do Livro Didático* (1937),¹⁴⁵ a *Comissão de Teatro Nacional* (1936); o *Serviço de Radiodifusão Educativa* (1937); O *Instituto Nacional do Cinema Educativo* (1937); o *Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* (1937); o *Instituto Nacional do Livro*; (1937); o *Instituto Nacional de Pesquisas Pedagógicas* (1938); e o *Conservatório Nacional de Canto Orfeônico* (1942) – para a institucionalização do ensino da “música como elemento de cultura cívica”.¹⁴⁶

Diante do diverso rol de instituições subordinadas ao *Ministério da Educação e Saúde*, compreende-se por que “Não é possível falar de educação e cultura no Brasil sem a menção de Gustavo Capanema, ministro da Educação e Saúde de Getúlio Vargas de 1934 a 1945.”¹⁴⁷ Tendo como seu chefe de gabinete o poeta Carlos Drummond de Andrade, em sua gestão, Capanema cercou-se de intelectuais de sua geração, velhos conhecidos, ou figuras a quem admirava. Eram arquitetos, poetas e artistas modernistas, educadores partidários de diferentes credos, católicos e liberais, modernos e conservadores, nem sempre simpáticos uns aos outros. A historiografia da cultura e da educação brasileira se refere ao seu ministério como uma zona paradoxal e rica, espaço de tensões e de liberdades, dentro das limitações impostas pelo seu cargo político.

2.3.1 A Comissão de Literatura Infantil

Dentre as instâncias reguladoras da atividade cultural do país durante a gestão Capanema, uma diz respeito ao nosso estudo: a **Comissão de Literatura Infantil (CLI)**. Criada em abril de 1936, a Comissão tinha o papel de governar a produção literária infantil em língua portuguesa (inclusive as traduções) existente no país. Seus sete membros reuniam-se uma vez por semana, no gabinete do Ministro, para controlar a leitura infantil no país, isto é, avaliar, prescrever, vetar e/ou promover os livros para

¹⁴⁵ Sobre a história e a formação desta Comissão, ver: FERREIRA, Rita de Cássia Cunha. **A Comissão Nacional do Livro Didático durante o Estado Novo** (1937-1945). Dissertação (Mestre) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2008.

¹⁴⁶ Termo de Mário de Andrade, no projeto apresentado a Capanema entre 1938 e 1939. Também houve projetos de Villa-Lobos e de Magdalena Tagliaferro para o que viria a ser o *Conservatório*. Detalhes em: SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena M^a B.; e COSTA, Vanda M^a R. **Tempos de Capanema**. São Paulo: Paz e Terra, Fundação Getúlio Vargas, 2000.

¹⁴⁷ SCHWARTZMAN *et al.*, op. cit., p. 27.

crianças em circulação, conforme julgassem o seu mérito. Eis os nomes convidados por Capanema: Elvira Nizinska da Silva, Jorge de Lima, Murilo Mendes (secretário), José Lins do Rego, Manuel Bandeira, Maria Junqueira Schmidt, substituída no mês seguinte por Maria Eugênia Celso, e Cecília Meireles, substituída dois meses depois por Lourenço Filho, que assumiu o cargo de Presidente. (FRAIZ, 1999)¹⁴⁸

O primeiro volume do *Anuario Brasileiro de Literatura* (1937) publicou um artigo elogioso sobre a CLI (acompanhado de uma foto de página inteira do ministro Capanema),¹⁴⁹ falando da sua criação, seus membros, comentando as atribuições do órgão e relatando as atividades desenvolvidas no ano de 1936. O texto, não assinado, diz que “De Maio a Dezembro de 1936 a comissão examinou e classificou 209 livros de literatura infantil. (...) Nos últimos dias de Dezembro a comissão enviou aos jornaes uma lista de vinte livros que lhe pareceram especialmente recommendaveis (...)”. (p. 220). O primeiro autor da lista reproduzida no artigo é Monteiro Lobato, com três obras recomendadas: *Fábulas*, *Memórias da Emília*, e *D. Quixote das Crianças*. Ao final, lê-se ainda:

A comissão tem intervindo junto à Associação Brasileira de Imprensa no sentido de serem melhorados os suplementos infantis de jornaes e revistas, e os programmas infantis de radio; (...) suggeriu ao Governo a criação de bibliothecas ambulantes para serem utilizadas pelas crianças pobres; discutiu varias theses relativamente à literatura infantil; abriu três concursos para livros infantis, sendo um *álbum de estampas, com texto breve, para crianças em idade pré-escolar* [grifo nosso], um livro para crianças de 8 a 10 annos e outro para crianças acima de 10 annos.¹⁵⁰

A Comissão parece ter se interessado em melhorar toda a produção cultural destinada à infância brasileira e em tentar levar a literatura infantil até as massas. Chama a atenção o concurso de “**álbum de estampas**, com texto breve, para crianças em idade

¹⁴⁸ FRAIZ, Priscila. **Intelectuais, educadores e escritores no Ministério Capanema**: A Comissão de Literatura Infantil. 1999. 14 p. Produção científica inédita, resultante de suas pesquisas nos Arquivos Gustavo Capanema e Lourenço Filho, ambos do Cpdoc-FGV. O texto foi gentilmente cedido pela autora, em conversas trocadas por e-mail, em junho de 2008.

¹⁴⁹ S/a. **Anuario Brasileiro de Literatura**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1937, pp. 220-221;315.

¹⁵⁰ Op. cit., p. 315.

pré-escolar”, por ser este um gênero editorial muito explorado na França e cujas características estão presentes na maior parte dos álbuns do Père Castor daquela época. Mesmo que os álbuns de Faucher só tenham chegado ao Brasil no final de 1937,¹⁵¹ o concurso é um forte indício de que já em 1936 os integrantes da comissão (pedagogos e escritores) estavam atualizados sobre as tendências editoriais em voga, pelo menos na Europa, para este público específico.

Um relato mais completo do trabalho realizado pela CLI de 1936 a 1938 pode ser observado em documentos – depositados no Cpdoc-FGV – como os resumos das atas de reunião e os relatórios anuais apresentados pelo secretário Murilo Mendes, que descrevem as seguintes atividades:

- discussões e análises sobre o papel da Literatura Infantil, sua definição e limites, seus raios de ação e possibilidades, as quais resultaram em vários depoimentos escritos e na definição de se trabalhar somente com os livros infantis extraprogramáticos;
- discussão e estabelecimento de uma ficha-padrão classificatória de cada obra;
- relação de livros estrangeiros recomendáveis para tradução;
- abertura de concurso promovido pelo Ministério para livros infantis, com os respectivos resultados;
- palestras mensais ao microfone da PRA2 (Rádio Ministério da Educação), sobre assuntos ligados à literatura infantil;¹⁵²
- exame de 476 (quatrocentos e setenta e seis) livros, com recomendação dos melhores.¹⁵³

¹⁵¹ Cf. neste capítulo o item 2.5.3 “Os álbuns do Père Castor no Brasil”.

¹⁵² Em 13/01/1937 é instituído o Serviço de Radiodifusão Educativa. A lei obrigava as emissoras a transmitir diariamente pelo menos 10 minutos de programação educativa. Deste ato, surge a PRA-2 - Rádio Ministério da Educação. Sobre a Rádio Mec, cf. http://www.radiomec.com.br/70anos/70anos_crono.asp

¹⁵³ FRAIZ. Op. cit., pp. 5-6.

COMISSÃO DE LITTERATURA INFANTIL

"Sr. Ministro :

Em cumprimento á circular n. 384 de V. Excia., datada de 17 de março deste anno, tenho a honra de passar ás suas mãos o relatório das actividades desta Comissão durante os mēses de janeiro e fevereiro.

Nesses dois mēses os serviços da Comissão resentiram-se da ausencia do seu então Presidente, o prof. Lourenço Filho, que se achava na Europa, em comissão deste Ministerio, e de mais dois de seus membros, que estiveram enfermos.

Passo a fazer um resumo dos trabalhos segundo o livro de actas.

Sessão de 6 de janeiro - I) Exame da obra intitulada "O Meu Piano", da prof. Angelica Rezende Garcia (methodo para ensinar de piano). II) - Comunicação referente á nota publicada pela imprensa, sobre os 22 livros infantis que a Comissão recommenda ao publico. São estes os seguintes : "Memorias de Emilia", "Dom Quixote das Crianças" e "Fabulas", de Monteiro Lobato; "Meu torão", "Historia do Brasil para crianças", de Viriato Corrêa; "Era uma vez", de Viriato Corrêa, em collaboração com João do Rio; "Contos do país das fadas", de Gondim da Fonseca; "Lendas dos nossos indios", de C. H. denburger; "Uma historia verdadeira", de Olga Ferraz Hehl; "Historia de matto virgem", de Paulo Ribeiro de Magalhães; "Historias de Papai João", de Erico Verissimo; "Novellas Infantis", de L. Contreras; "Pinocchio", de Colloidi, trad. por Mary Baxter Lee; "Pinocchio na Africa", de Cherubini, trad. por Mary Baxter Lee, "A Ilha do Tesouro", de R. S. Stevenson, trad. por Pepita de Leão; "Heidi", de Johann Spiri, trad. de Pepita de Leão; "Faisca e Maneco", de Laboulaye;

Figura 17 Primeira página do relatório de atividades da CLI, de 31/03/1937¹⁵⁴

¹⁵⁴ Relatório de atividades da CLI assinado por Murilo Mendes, de 31/03/1937, 3p. Documento inédito. Arquivo Lourenço Filho, Cpdoc-FGV. Classificação: LFc 36.06.01, rolo 1, fotogramas 188-200.

Segundo os relatórios redigidos pelo secretário da CLI, Murilo Mendes, entre os 476 livros (brasileiros e estrangeiros) examinados pela Comissão, 18 títulos de Lobato foram aprovados e recomendados a público. No entanto, note-se que, dentre eles, 13 eram traduções e adaptações de clássicos da literatura mundial, e apenas 5 obras eram ficcionais de sua autoria. O texto de FRAIZ informa ainda ter havido uma seleção dos melhores livros infantis, conferindo-lhes uma pontuação e conceito. Dentre os 38 livros eleitos na categoria BONS, 8 eram de Lobato; e entre os 5 conceituados como ÓTIMOS, um era o *Coração* (E. De Amicis) e quatro eram de Lobato, mas eram traduções.¹⁵⁵ Eis os títulos e suas respectivas avaliações:

- 1- *O Saci*
- 2- *Reinações de Narizinho* (BOM - 86 pontos)
- 3- *Novas Reinações de Narizinho*
- 4- *Caçadas de Pedrinho*
- 5- *Memórias de Emília* (BOM - 86 pontos)
- 6- *Fábulas* (BOM - 86 pontos)
- 7- *Aventuras de Hans Staden*
- 8- *O Irmão de Pinocchio* (BOM)
- 9- *Peter Pan* (BOM - 86 pontos)
- 10- *Robinson Crusóé* (BOM)
- 11- *Pinocchio* (BOM)
- 12- *Contos de Andersen* (ÓTIMO)
- 13- *Novos Contos de Andersen*
- 14- *Contos de Grimm* (ÓTIMO)
- 15- *Novos Contos de Grimm* (ÓTIMO)
- 16- *Contos de Fada de Perrault* (ÓTIMO)
- 17- *Alice no País das Maravilhas*
- 18- *D. Quixote das Crianças* (BOM)

¹⁵⁵ A autora não menciona quantos desses 476 livros examinados foram aprovados e recomendados.

A lista nos leva a concluir que foram excluídas pela Comissão as obras de Lobato que traziam temas didáticos ou de feição pedagógica, mesmo que nenhuma delas tenha sido submetida a exame, o que é de se duvidar), como: *Viagem ao Céu*, *História do Mundo para as Crianças*, *Emília no País da Gramática*, *História das Invenções*, *Aritmética da Emília*, *Geografia de D. Benta*, *O Poço do Visconde*, e *Serões de D. Benta* – todos publicados entre 1932 e 1937, ou seja, no calor da hora das reuniões da CLI.

Em seu texto, FRAIZ questiona “por que Monteiro Lobato, escritor infantil por excelência, não fez parte da Comissão.” (ibid, p. 13). A pesquisadora levanta duas hipóteses que poderiam responder a sua questão: os atritos de Lobato com o governo por causa das suas atividades industriais com o petróleo; o fato de ele não ter participado do círculo intelectual modernista – que tinha representantes dentro da Comissão.

Em lugar de buscar as razões pelas quais Lobato foi excluído da *panela* convidada por Capanema para compor a CLI, preferimos expandir a questão: por que justamente os livros “pedagógicos” de Lobato não entraram na lista dos recomendados? O que haveria, em Lobato, de inadequado para as políticas de leitura visadas pelo Ministério da Educação nos anos trinta?

Para melhor compreender que tipo de literatura esse governo considerava adequada para crianças, é válido observar um trecho do documento intitulado *Literatura Infantil*, atribuído ao presidente da Comissão, Lourenço Filho:

Muito embora toda obra de literatura infantil deva revestir-se de uma intenção educativa geral, não deverá conter, por isso mesmo, episódios, cenas ou reflexões que conduzam o pequeno leitor a conclusões menos construtivas do ponto de vista da nascente formação sentimental. Justamente, porque há, no adulto, desajustamentos emocionais; a esse respeito é que os recursos da *ironia*, do *sarcasmo* ou de *reflexões cétricas* lhe agradam. Por essas razões todas são condenados trabalhos escritos com o sentido de público duplo, isto é, livro para ser lido tanto por adulto como pela criança, à maneira de Monteiro Lobato. *O livro destinado às crianças deve ser escrito somente para elas. Os comentários irônicos, ou mesmo sarcásticos, freqüentes em Lobato, não podem ser apreciados pelas crianças. E se o forem, o trabalho lhes será então contra-indicado...*[grifos nossos]¹⁵⁶

¹⁵⁶ Ibid., pp. 12-13.

Se comparado aos pareceres de Lourenço Filho sobre os livros avaliados para entrar (ou não) na coleção **Biblioteca Infantil**,¹⁵⁷ não resta dúvida de que o discurso é o mesmo. Muitos desses pareceres inéditos foram parcialmente reproduzidos por SOARES (2007),¹⁵⁸ em um livro no qual publica os resultados de sua pesquisa de doutorado. Nesses documentos, Lourenço Filho defende uma literatura infantil que inspire sentimentos de ternura, bondade e segurança emocional, trazendo a representação de um mundo “justo, reto e belo”.¹⁵⁹ Os predicados mencionados como desejáveis pelo educador apontam para uma literatura bem comportada, ingênua, moralizante, patriótica, ciosa dos valores morais católicos, respeitosa das leis e instituições sociais e políticas em geral.

Para o presidente da Comissão, além de não conter críticas ao governo ou à igreja, os livros para crianças tinham um compromisso com a verossimilhança; a ficção não devia dar livre espaço ao maravilhoso, nem humanizar personagens animais, sob o argumento de que “Esse procedimento leva, antes de tudo, a veicular noções errôneas de história natural.”¹⁶⁰ Também não era apreciado o uso de metáforas, ironia, ou sarcasmo, uma vez que “o vocabulário infantil é limitado, e limitada também a sua capacidade de perceber metáforas. (...) A criança tem sede do *objetivo*: o imaginário que se lhe deve apresentar é o de seu realismo intelectual, isto é, a capacidade que ela tem de se transpor do plano real para um plano fictício que ela aceita ainda como real.”¹⁶¹

Em geral, as apreciações de Lourenço Filho sobre os livros para crianças manifestam uma preocupação legítima com a produção de sentido engendrada pelo ato da leitura, mas essa diligência é baseada em uma visão obtusa, quase ignorante, da arte literária. Conferindo à literatura infantil uma função primordialmente educativa, havia

¹⁵⁷ A partir de 1926, Lourenço Filho foi diretor e consultor da **Biblioteca Infantil** da Melhoramentos; no ano seguinte (1927), ele cria a **Biblioteca de Educação** da mesma editora e se torna responsável pelas duas coleções.

¹⁵⁸ Os pareceres de Lourenço Filho foram analisados no capítulo 5 da obra. Cf. SOARES, Gabriela Pellegrino. **Semear horizontes**: uma história da formação de leitores na Argentina e no Brasil, 1915-1954. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

¹⁵⁹ LOURENÇO FILHO *apud* SOARES, op. cit., p. 351.

¹⁶⁰ *Ibid.*, p. 359.

¹⁶¹ *Ibid.*, p. 362.

certo fascismo no tipo de controle exercido pelo Ministério da Educação sobre esta e as demais produções culturais para a infância (cinema, teatro e música), concebidos como instâncias formadoras de ideologias.

Respondendo à pergunta feita anteriormente, sobre a razão da exclusão dos livros “pedagógicos” de Lobato nas listas de obras recomendáveis divulgadas pela CLI: Monteiro Lobato ficou à margem das escolhas da Comissão porque os seus títulos que abordavam temas didáticos não se encaixavam na ideologia que presidia as políticas de leitura previstas pelo Ministério Capanema.

História do mundo para as crianças (1933) provavelmente não entrou na lista dos livros recomendáveis porque conta a história "invasão" da América como um grande genocídio praticado por espanhóis e portugueses, além de criticar os crimes da Santa Inquisição em nome da Igreja Católica; *Emília no País da Gramática* (1934) ataca os gramáticos e filólogos conservadores; *Geografia de Dona Benta* (1935) é considerado um livro separatista e cheio de críticas ao Governo Federal; *O Poço do Visconde* (1936) atualiza a criança sobre a questão do petróleo no Brasil, representando, dentro da ficção infantil, o embate político que estava em curso pela sua exploração no país.

E é um engano da "Comissão" julgar que em livros de ficção da autoria de Lobato só há fantasia e “conveniências” literárias. *Reinações de Narizinho* (1931) tem ironia, irreverência, feminismo e crítica ao governo através da metáfora do Reino das Abelhas; *As Caçadas de Pedrinho* (1933) não são só aventuras: trazem muitas críticas diretas ao serviço público, inclusive D. Benta se declara "oposicionista" ao governo na 5ª edição de 1939 como mostra o trabalho de Mestrado de ROCHA.¹⁶²

Mesmo nos livros aparentemente mais inocentes, Lobato encontrava uma maneira de dar livre curso às suas críticas diante das questões sociais e políticas, e de manter sua postura liberal, moderna e insubordinada. Sua literatura tinha clara afinidade com a filosofia educacional de Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira, defensores de uma moral laica e afinados com as políticas editoriais da **Companhia Editora Nacional**. Isto nos leva a considerar que, naquele momento, Lobato e Lourenço Filho estavam

¹⁶² ROCHA, Jaqueline Negrini. **De caçada às caçadas** : o processo de re-escritura lobatiano de *Caçadas de Pedrinho* a partir de *A Caçada da Onça*. 2006. 122 f. Dissertação (Mestre) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

militando em frentes opostas de trabalho, daí o seu afastamento e a ausência de cartas, nos arquivos, documentando a continuidade da amizade entre os dois.

A Comissão que o educador dirigia era de posicionamento católico, conservador e autoritário, sofrendo influência direta do intelectual Alceu de Amoroso Lima. O homem que acusava Lobato, Anísio e Fernando de comunistas, perseguindo os dois últimos incessantemente, era o mesmo Alceu a quem Capanema devia o seu cargo e a quem concedia largo espaço nas decisões que conduziam o seu Ministério. Essas diferenças políticas explicariam, pelo menos em parte, a inadequação dos livros de Lobato perante as finalidades educativas da Comissão de Literatura Infantil. Explicariam, portanto, a omissão de dois dos maiores *best sellers* da C.E.N., *História do Mundo para as crianças* (1933) e *Emília no país da gramática* (1934) entre as obras recomendadas.



Figura 18 Detalhe da pág. 62 do *Catálogo de Livros Escolares* da C.E.N. de 1935.¹⁶³

¹⁶³ A imagem mostra os três records de vendas do de 1934: *História do Mundo para as crianças* (1933) com 35 mil exemplares; *Emília no país da gramática* (1934) 25 mil exemplares impressos em um ano de existência; e *História do Brasil para crianças* (1934), de Viriato Corrêa, 20 mil exemplares.

Por causa da má reputação dos livros “pedagógicos” de Lobato perante o Ministério da Educação, é provável que eles também tenham sido excluídos da seleção de livros infantis brasileiros que ganharam projeção e circulação internacional no final da década de 30, através do *Service de Littérature Enfantine* do **B.I.E.**, em Genebra. Na verdade, era a segunda vez que esta seção do **B.I.E.**,¹⁶⁴ presidida por Blanche Weber, solicitava a uma autoridade educacional no Brasil que respondesse à enquete onde seriam indicados os nossos melhores livros para crianças e jovens.¹⁶⁵

2.3.2 As pesquisas de opinião sobre a leitura infantil

Nos anos 1920 e 1930, as pesquisas de opinião (inquéritos ou enquetes) eram uma prática recorrente nos meios intelectuais e educacionais. No Brasil, três importantes inquéritos sobre a leitura infantil e juvenil foram realizados e tiveram seus resultados publicados em jornais dessa época:

- em 1926, Armanda Álvaro Alberto, presidente da *Seção de Cooperação da Família* da **A.B.E.**, realiza o primeiro inquérito – promovido pela *Comissão de Leitura* daquela seção abeana – sobre leitura infantil, em um questionário dirigido a crianças das escolas do Distrito Federal. O resultado é publicado em dois boletins da A.B.E. (1927 e 1928), no *Jornal do Commercio* do Rio e, posteriormente, na Revista *Schola* (1930);
- em 1927, Lourenço Filho realiza *Um inquérito sobre o que os moços lêem*, junto a estudantes normalistas de 17 a 19 anos, cujo resultado é publicado na revista *Educação* de outubro de 1927;
- em fins de 1931,¹⁶⁶ Cecília Meireles organizou um inquérito com crianças de 11 a 14 anos, alunos do 3º, 4º e 5º anos primários, em 24 escolas públicas do Distrito Federal. Essa investigação permitiu a Cecília Meireles conhecer as prioridades literárias da futura

¹⁶⁴ *Bureau International d'Education*, órgão de educação da UNESCO, com sede na Suíça.

¹⁶⁵ A primeira sondagem, da qual falaremos a seguir, foi em 1929.

¹⁶⁶ Na gestão de Anísio Teixeira como Diretor Geral de Instrução Pública do Distrito Federal (1931-1935).

clientela e foi um dos parâmetros que contribuiu para a seleção e constituição do acervo da biblioteca infantil *Pavilhão Mourisco*, sob sua responsabilidade.¹⁶⁷

Sobre o inquérito organizado por Armanda Álvaro Alberto em 1926, que resultou em uma bibliografia de literatura infantil com leituras recomendadas a pais e professores, é importante ressaltar a opinião da educadora sobre Lobato:

No caso das crianças pequenas, um dos autores com maior número de obras recomendadas foi Monteiro Lobato, com as obras: “Fábulas”; “O noivado de Narizinho”; Aventuras do príncipe”; “O gato Felix”; “A cara de coruja”; “O irmão do Pinocchio”; “O circo de escavalinho” e “O romance da raposa”. Para o grupo católico, no futuro, Monteiro Lobato será um autor a se tirar ilações menos convidativas. Para D. Armanda, no entanto, Lobato “ **sintetizava as mudanças que se esperava no âmbito da literatura infantil.**” [grifo nosso] E completa: “Faz-se anunciar um acontecimento que a ABE logo saudou como início de uma genuína literatura infantil brasileira: O acontecimento Monteiro Lobato. Realmente: antes e depois de Lobato – são as duas épocas que dividem o que há escrito em livros destinados à juventude”¹⁶⁸

Em 1929, uma primeira iniciativa de alcance internacional foi organizada pelo **B.I.E.**, em Genebra, a fim de promover o espírito de colaboração internacional entre os povos: uma enquete sobre os livros para crianças em 26 países, entre os quais estava o Brasil. A responsável pelo inquérito, Blanche Weber, teria recebido de Armanda Álvaro Alberto uma resposta (baseada no inquérito de 1926) acompanhada de 50 livros, doados pelos nossos editores, “para que figurassem na exposição internacional de livros para crianças, organizada pelo *Bureau*.” (*Ibid.*, p. 50).

Além dessa exposição permanente, após os inquéritos, o **B.I.E.** publicava catálogos multilíngües, divididos por nacionalidade, com os livros que integravam essa biblioteca internacional.¹⁶⁹ O número de países participantes e de livros recebidos pelo *Bureau* crescia a cada ano, de maneira que a coleção aumentaria de 3.500 volumes, nos

¹⁶⁷ Cf. PIMENTA, Jussara Santos. **Pavilhão Mourisco**: biblioteca e educação em Cecília Meireles. In: 24ª REUNIÃO ANUAL DA ANPEd, 2001, Caxambú. **Anais**. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/24/T0203884598885.doc>> Acesso em: 03 nov. 2009.

¹⁶⁸ STRANG, Bernadete de L. S. **O Saber e o Credo**: Os Intelectuais Católicos e a Doutrina da Escola Nova (1924-1940). 2008. Tese. (Doutorado em Educação) – PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2008, p. 51.

¹⁶⁹ Para maiores informações, cf RENONCIAT, op. cit., pp. 169-170.

anos trinta, para 28.500 títulos infantis, em 1969 – quando o acervo foi doado para a Biblioteca Internacional da Juventude de Munique.¹⁷⁰ (SORIANO, 1975, p. 387)

É interessante observar que justamente em 1929, uma outra exposição de livros infantis tivera notoriedade: *Le livre d'enfant en U.R.S.S.* apresentava 164 livros “de criança” russos. O evento acontecera na *Librairie Bonaparte*, muito freqüentada por intelectuais e artistas do bairro *Saint-Germain-des-Près*. Organizada por Blaise Cendrars e Jacques Povolozky, a exposição, em cartaz de 27 de abril a 22 de maio, trouxe a lume a extraordinária estética desses livros. O interesse pelos objetos destinados à infância vinham se mostrando desde o início do século nas exposições e salões de arte parisienses, que passaram a reservar um espaço para expor livros e álbuns infantis.

Voltando aos inqueritos, em 1938, o Brasil participaria novamente de uma enquete do **B.I.E.**, mas desta vez quem responde pela literatura infantil brasileira é a *Diretoria de Informações, Estatística e Divulgação*, com a colaboração da *Comissão de Literatura Infantil*, ambas do **Ministério da Educação e Saúde**. A carta de Madame Weber explica a finalidade do pedido ao Diretor de Estatística, Teixeira de Freitas.¹⁷¹

Nós nos propomos a publicar, ao final de nossa enquete, uma lista analítica das melhores obras para a juventude publicadas nos países da América Latina (...). O relatório e as listas farão com que sejam largamente conhecidas as publicações de vosso país e suscitarão, estamos certos, numerosas traduções.

Nós vos agradecemos antecipadamente pela vossa preciosa colaboração que nos permitirá dar a vosso país o lugar que ele merece na nossa coleção internacional. Essa **exposição permanente de livros para a juventude** [grifo nosso] recebe um grande número de visitantes (professores, jornalistas, homens de Estado, bibliotecários, editores e autores de todos os países, o que contribui muito para a difusão das obras que nela figuram; sendo um dos objetivos da nossa iniciativa suscitar a tradução das melhores obras, nossa exposição constitui uma real vantagem para os países que nela estão representados.¹⁷²

¹⁷⁰ SORIANO, Marc. **Guide de littérature pour la jeunesse**. Paris : Flammarion, 1975.

¹⁷¹ Uma cópia dessa carta é enviada ao novo presidente da *Comissão*, Manuel Bandeira, pedindo a sua colaboração. Arquivo Lourenço Filho, Cpdoc-FGV. Classificação: LFc 36.06.01, rolo 1, fotograma 200.

¹⁷² Carta de 25/05/1938. Documento inédito. Arquivo Lourenço Filho, Cpdoc-FGV. Classificação: LFc 36.06.01, rolo 1, fotograma 199. Tradução nossa. No original: *Nous nous proposons de publier, au terme de notre enquête, une liste analytique des meilleurs ouvrages pour la jeunesse publiés dans les pays d'Amérique Latine (...). Le rapport et les listes feront largement connaître les publications de votre pays et susciteront, nous en sommes sûrs, de nombreuses traductions.*

A carta inédita é um bom indicador de que as instituições dedicadas à educação, em diversos países, tinham um compromisso com a promoção da literatura infantil. Na exposição e nos catálogos internacionais do **B.I.E.**, os livros brasileiros para crianças pareciam encontrar um espaço na Europa. Este espaço, no entanto, ainda tardaria a ser reconhecido, pois nos anos 70, uma obra de referência obrigatória para estudos em literatura infanto-juvenil na França ainda se mostraria ignorante da história da literatura infantil brasileira. Após mencionar o complexo de inferioridade, em matéria de literatura infanto-juvenil, manifestado pelos países “em vias de desenvolvimento”, o autor declara:

Os artesãos do livro para crianças olham para o lado do estrangeiro e estimam que a sua própria literatura é fraca e que tudo, ou quase tudo, está por fazer. No Brasil, após a Primeira Guerra Mundial, Lobato traduz as obras-primas estrangeiras da literatura infantil e as acomoda para o uso das crianças de seu país; uma escola verista, com Thales de Andrade, tenta abordar os problemas específicos da vida brasileira, mas a visão de **Saudade** [grifo do autor] é influenciada pelo sentimentalismo de *Cuore* de De Amicis. Tudo se passa como se os escritores autóctones tivessem dificuldades para se afirmar, para encontrar um tom específico.¹⁷³

Resumir a história da literatura infantil brasileira, às traduções de clássicos infanto-juvenis feitas por Lobato e ao *Saudade* de Thales de Andrade, é tão falso quanto injusto. O autor revela desinformação do assunto tratado e um grave descuido para com a pesquisa científica, uma vez que seu *Guia* transmite uma visão equivocada das nossas letras em uma obra extremamente consultada por estudantes de literatura infanto-juvenil na França. A primeira edição da obra é de 1959, mas as reedições de 1974 e de 2002

Nous vous remercions à l'avance de votre précieuse collaboration qui nous permettra de donner à votre pays la place qu'il mérite dans notre collection internationale. Cette exposition permanente de livres pour la jeunesse reçoit un grand nombre de visiteurs (professeurs, journalistes, hommes d'Etat, bibliothécaires, éditeurs et auteurs) de tous pays, ce qui contribue beaucoup à la diffusion des ouvrages qui y figurent ; susciter la traduction des meilleurs ouvrages étant un des buts de notre entreprise, notre exposition constitue un réel avantage pour les pays qui y sont représentés.

¹⁷³ Tradução nossa. No original : « *Les artisans du livre pour enfants regardent du côté de l'étranger et estiment que leur propre littérature est faible et que tout, ou presque tout, reste à faire. Au Brésil, après la Première Guerre Mondiale, Lobato traduit les chefs-d'œuvre étrangers de la littérature pour enfants et les accomode à l'usage des enfants de son pays ; une école veriste, avec Thalès [sic] de Andrade, essaie d'aborder les problèmes spécifiques de la vie brésilienne, mais la vision de **Saudade** est influencée par le sentimentalisme de *Cuore* [grifos do autor] de De Amicis. Tout se passe comme si les écrivains autochtones avaient des difficultés à s'affirmer, à trouver un ton spécifique.* » SORIANO, op. cit., p. 203.

trazem a público o mesmo texto, sem nenhuma alteração. Reduzir Monteiro Lobato a traduções do estrangeiro e desconhecer a sua importância como autor deixa uma lacuna lamentável na historiografia da literatura infantil brasileira produzida na França.

2.4 Os catálogos da Companhia Editora Nacional nos anos 30

Segundo os Estatutos da Companhia Editora Nacional, a empresa foi fundada em 15 de novembro de 1925,¹⁷⁴ reerguida sobre os escombros da *Cia Graphico-Editora Monteiro Lobato*. Sob o comando de Octales Marcondes Ferreira, em sociedade com Lobato, a C.E.N. volta a crescer no final dos anos 1920 e vem a ser, no final da década seguinte, a maior casa editora do país.

Para obter dados concretos que possibilitassem construir um parâmetro de comparação minimamente razoável entre a produção de livros infantis brasileiros e os franceses dos anos 30 (dentro do recorte Lobato-Faucher aqui proposto), foi feita uma pesquisa nos *catálogos* e nas *fichas de edição* das duas editoras às quais se refere o nosso estudo, a C.E.N. e a *Flammarion*.

Começando pelos catálogos da C.E.N., o estudo compreendeu onze volumes:

- *Catálogo Geral* dos anos 1931, 1932, 1933, 1934, 1935 e 1937;¹⁷⁵
- *Catálogo de Livros Escolares* dos anos 1933, 1934, 1935, 1936 e 1937.

Nesses catálogos, foram observadas mais detidamente as seções voltadas para crianças e jovens, assim classificadas: *livros escolares*, *literatura infantil* e *leitura infantil*. Lobato estava presente nas duas primeiras seções, pois a rubrica *leitura infantil* agrupava apenas livros para crianças feitos em outras editoras e revendidos pela C.E.N..

Uma vez que o nosso objetivo final consiste em comparar os *livros de literatura infantil* de Lobato aos *álbuns do Père Castor* produzidos por Faucher, a seção **literatura infantil** de cada *Catálogo Geral* foi priorizada em nossa análise. Foram abordados os seguintes aspectos: modo de organização e apresentação, incluindo-se o

¹⁷⁴ Cf BEDA, op. cit., p. 219.

¹⁷⁵ Sobre 1932, foram consultados dois volumes não idênticos, encadernados separadamente, indicando que nesse ano teriam sido publicados dois catálogos pela C.E.N.; o catálogo de 1936 não consta nos arquivos.

papel das coleções; número de títulos; número de lançamentos e de reedições; tiragens impressas a cada ano.

2.4.1 Modo de organização e apresentação

No que concerne ao modo de organização dos *catálogos gerais*, por uma primeira observação do seu conteúdo, depreende-se duas coisas: o esforço de organização da casa e a evolução das políticas editoriais da C.E.N. nos anos trinta. Os catálogos são divididos por **seções**, que agrupam os livros segundo o gênero editorial. A partir de 1931, estes gêneros são separados por coleções, bibliotecas e séries, adequando-as ao perfil de público leitor visado para essas obras.

Mas os catálogos ainda sofrem alterações entre 1931 e 1932: mudam os nomes das seções, migram os títulos de uma para outra, novas divisões aparecem ou desaparecem. Só em 1933, quando já era sucesso a coleção **Biblioteca Pedagógica Brasileira** (B.P.B.), é que se nota maior estabilidade nas suas divisões, a cada ano com mais novidades. Assim, de 1933 a 1937, temos a seguinte evolução na organização dos catálogos gerais:

Tabela 4 – Organização dos Catálogos Gerais da CEN

Publicação	Seções (por gênero)	Coleções/séries
Catálogo Geral 1933	24	7
Catálogo Geral 1934	26	8
Catálogo Geral 1935	38	15
Catálogo Geral 1937	39	18 ¹⁷⁶

Como se pode ver, as coleções (incluindo as “bibliotecas” e séries), que não passavam de duas em 1931, começam a tomar fôlego em 1933, e rapidamente se

¹⁷⁶ O catálogo de 1939 apresenta 20 coleções, segundo pesquisa de TOLEDO, Maria Rita de Almeida. **A indústria de livros, a materialidade do impresso e o campo educacional: reflexões sobre a organização do acervo histórico da Companhia Editora Nacional**. III CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2004, Curitiba. Anais. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Individ/Eixo1/019.pdf>> Acesso em: 28 Jul. 2008.

ento em coleções de livros populares, padronizados, publicados em série, com as mesmas características materiais, e por um baixo custo de fabricação. Além de baratear o custo, considera-se que outra vantagem das coleções seria a fidelização do leitor, que se sentiria inclinado a conhecer os demais livros da sua área de interesse, e cultivar o prazer de constituir a sua própria “biblioteca” ou coleção.

Tomando como referência as edições do *Anuário de Brasileiro de Literatura* de 1939 até 1943, MICELI (op. cit.) analisa a expansão do mercado do livro no Brasil nesse período, trazendo números sobre a produção das casas editoras do país. A **Companhia Editora Nacional** (também proprietária da *Civilização Brasileira* desde 1932) desponta como a maior de todas, centrando a sua produção nos gêneros *ficção* (22%) e, em primeiro lugar, *didáticos* (26%).¹⁷⁷ Pelo quadro nº 4 – que mostra a produção das 6 maiores editoras segundo o gênero – pode-se ver que ela é a única editora cuja distribuição de títulos contempla todos os gêneros elencados. Tal ecletismo, associado à ênfase nos *didáticos* e nas coleções de romances altamente vendáveis, talvez seja um dos fatores que respondem pela sua liderança no mercado.

A fim de expor a diversidade de gêneros que compunham o menu editorial da **C.E.N.** já no início da década de trinta, enumeramos abaixo as 16 seções e 20 sub-seções anunciadas no catálogo de 1931:

- 1- Poesias
- 2- Bibliotheca das Moças (coleção)
- 3- Romances
- 4- Contos e chronicas
- 5- Literatura, ensaios, crítica, etc.
- 6- Viagens
- 7- Arte culinária e Homeopathia
- 8- Medicina
- 9- Pharmacia
- 10- Livros Educativos (Educação social, Psychoanalyse, Saúde, Optimismo)
- 11- Direito
- 12- Obras de contabilidade
- 13- Livros Escolares**
- 14- Literatura Infantil**
- 15- Os Romances do povo (coleção)

¹⁷⁷ *Ibid.*, p. 153.

- 16- Edições Alheias (dividida em 20 rubricas: *Diccionários; Pequenos Vocabulários; Alguns Livros Escolares; **Leitura infantil**; Edições Quaresma; Obras Educativas; Bibliotheca de Philosophia Popular; Alguns Livros para Moças; Religião-Occultismo; Bibliotheca de Sciencias Occultas; Pharmacia; Medicina e Diversos Annexos; Direito; Literatura Diversa; Utilidade e Prática; Outros Autores; Obras Scientificas; Methodos de Língua, Secretários; Sem Autores; Livros de Modinhas*)

Quanto à apresentação, um sofisticado desenho em cores discretas, feito por José Wash Rodrigues, ilustrava a capa do catálogo de 1932. Porém, a partir de 1933, esta sobriedade dá lugar a volumosos desenhos em linhas retas e cores fortes, materializando a preocupação da empresa em editar as suas obras dentro de uma estética moderna.

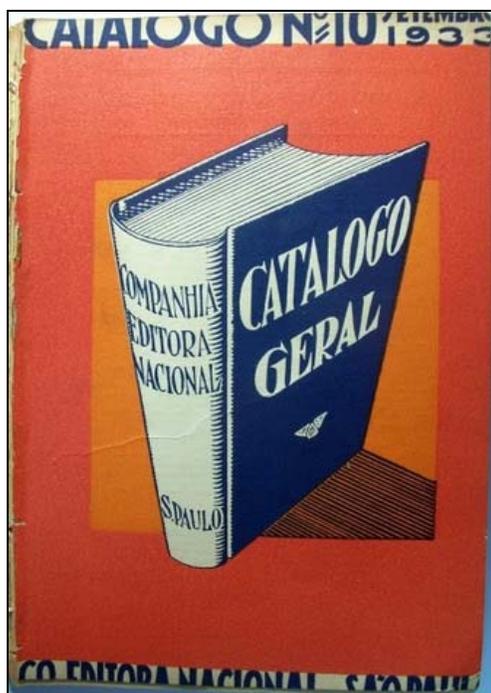


Figura 19 Capa do Catálogo Geral CEN 1933

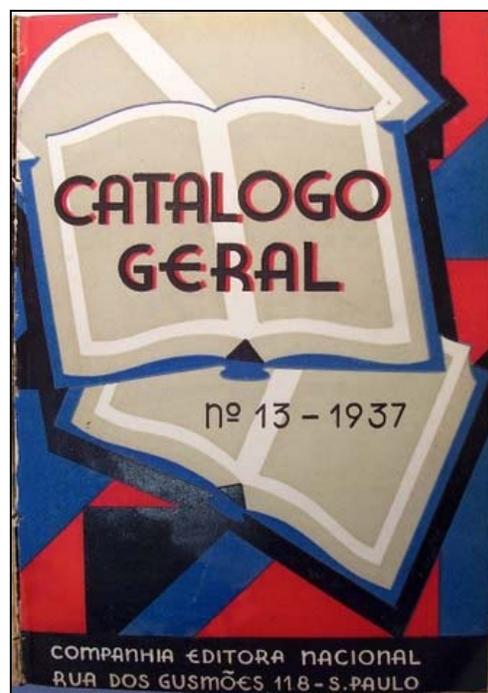


Figura 20 Capa do Catálogo Geral CEN 1937¹⁷⁸

Tendo se tornado uma grande exportadora de livros para Portugal, os livros editados pela C.E.N. causaram forte impressão no mercado lusitano pelo arrojo das capas. Já em outubro de 1933, a agência de notícias americana *United Press* comentava:

¹⁷⁸ Os catálogos pertencem ao *Acervo Histórico IBEP-Nacional*.

Percorre-se Lisboa e em todas as montras das livrarias, das tabacarias e até nos pequenos ‘guichets’ dos cafés, nós encontramos os livros das edições brasileiras, todos eles com suas capas berrantes, que dão uma nota de vida e de cor, junto à tristeza das edições portuguesas (...).” O fato está causando certo mal-estar nos editores nacionais. (...) O público, ao ver um livro na montra, fixa os olhos nas capas das edições brasileiras.¹⁷⁹

2.4.2 Títulos infantis nos catálogos: o espaço destinado à leitura infantil

Quanto aos títulos destinados à leitura infantil nos anos 30, os catálogos da C.E.N. apontam para uma política editorial cada vez mais subordinada ao projeto pedagógico que orienta as suas publicações: a coleção **Biblioteca Pedagógica Brasileira**. A partir da criação da B.P.B., em 1931, não se tratava mais de produzir livros para crianças ou adultos, mas para estudantes (do ensino primário, secundário, técnico e superior) e professores, sob a orientação e o (re)nome de Fernando de Azevedo:

Azevedo, ao organizar as coleções, vinculava o seu projeto de educação às [sic] elas, ganhando um espaço estratégico para a divulgação de suas idéias e a do grupo ao qual estava vinculado. (...) Portanto, seu trabalho na editora, de certo modo, dava continuidade ao que já fizera na Reforma de 1927. Como especialista na área de educação estava autorizado a constituir um projeto de leitura específico para o público visado, prescrevendo aquilo que era necessário para a sua formação. Neste sentido, a empresa, ao convidar tal nome para colaborador, acaba por constituir sua identidade com as propostas de publicação do convidado e conseqüentemente, uma imagem perante a clientela.¹⁸⁰

No início da década de 30, os títulos para o público infantil ocupavam três seções do catálogo da C.E.N.: *Literatura Infantil*, *Leitura Infantil* e *Livros Escolares*. Na primeira, mais de 50% dos títulos eram de Lobato (incluindo os autorais, as traduções e as adaptações),¹⁸¹ seguidos de uma lista com obras alheias;¹⁸² a segunda seção, *Leitura*

¹⁷⁹ HALLEWELL, op. cit., pp. 279-280.

¹⁸⁰ TOLEDO, op. cit., p. 8.

¹⁸¹ A partir de 1932, foram introduzidos na lista da B.P.B. 2 volumes traduzidos por Lobato: *contos de Andersen*, e *contos dos irmãos Grimm*. No ano seguinte, entrou a tradução feita por Lobato do *Pinóquio* (Collodi).

¹⁸² Os autores e títulos eram Dolores Barreto (**Dodoca**), G. A. Bürger (**Aventuras do Barão de Münchhausen**), Max Yantock (**Trapaças do Capitão Farófia**), Fergan di Ferrenzona (**Os três**

Infantil, extinta a partir de 1933, trazia contos diversos (de fadas, das mil e uma noites, entre outros), muitos deles editados por outras casas e revendidos pela C.E.N.; e a terceira seção, *Livros Escolares*, agrupava todo tipo de didáticos, cartilhas e *livros de leitura*.

Livros de leitura interessam (indiretamente) a esta tese porque, apesar do seu caráter instrumental de aprendizagem e “treino” da leitura, são livros que transitam no limiar – não muito óbvio – entre dois gêneros: literatura infantil e literatura escolar. Tal confluência de gêneros pode ser encontrada, por exemplo, em *Saudade*, de Thales de Andrade (1919), e *Fábulas* (1922), de Monteiro Lobato. Mesmo supondo que os autores tivessem criado essas obras visando à sua adoção em escolas públicas paulistas, nem a *intencionalidade* dos autores nem o *rótulo* que as classifica como *livros para o ensino da leitura* seriam suficientes para afastá-las da sua condição de **literatura infantil**. Afinal, *a priori*, livros de leitura são sempre literatura.

Cumprе assinalar que até 1932 esses livros didáticos vinham sendo anunciados na seção *Livros Escolares* dos *catálogos gerais*, e que a rubrica “ensino da leitura” aparece pela primeira vez como uma seção em destaque no *catálogo escolar* de 1933. Esta mudança talvez possa ser atribuída ao interesse crescente, da parte dos educadores e intelectuais envolvidos com a **Escola Nova**, pelas práticas de leitura de crianças e jovens – interesse que vinha se manifestado através de, entre outras ações, inquéritos de leitura como os já mencionados no item 2.3.2 deste capítulo.

A tabela 5, na próxima página, exhibe o número de títulos lançados pela **Companhia Editora Nacional** para o público infantil, conforme foram anunciados nos catálogos gerais dos anos de 1931 até 1937, considerando-se todas as obras à venda, sem distinção entre lançamentos e reedições.

Os números dão uma idéia de quantos títulos editados pela C.E.N. podiam ser encontrados nas prateleiras das livrarias ou em bibliotecas escolares naquele tempo. Conforme se pode verificar na tabela, a quantidade **total** de livros anunciados para crianças sofreu algumas baixas, ao longo dos anos 30, e voltou a crescer em 1937. Este ano chama a atenção em particular, pois, segundo MICELI,¹⁸³

mosqueteiros de pau), Condessa de Ségur (**Ursão, Blondina, O Bom Henriquinho, A princesa Rosita, e O camundongo cinzento**) Epicteto Fontes (**Creanças da minha terra**), e Viriato Correia (**No reino da bicharada, Arca de Noé, e A varinha de condão**).

¹⁸³ Op. cit., p. 146.

Monteiro Lobato foi o maior best-seller de 1937, com 1,2 milhão de exemplares de livros e traduções sob sua responsabilidade, ou seja, mais de metade dos 2,3 milhões de exemplares impressos pela Companhia Editora Nacional e sua sucursal, a Editora Civilização Brasileira. Tal cifra corresponde a praticamente um terço da produção total brasileira nesse ano.

Tabela 5 – Títulos destinados a crianças conforme catálogos C.E.N. 1931-1937

Ano	Literatura Infantil		Leitura		Total
	Lobato ¹⁸⁴	Outros autores	Leitura Infantil	Leitura escolar	
1931	16	14	26	9	65
1932	20	14	18	8	60
1933	19 ¹⁸⁵	15	0	9	43
1934	18	15	0	8	41
1935	21	12	0	11	44
1937	22	4	0	41	67

As nuances dos números apresentados nos permitem perceber alguns detalhes da produção naquele decênio:

- A rubrica **Leitura Infantil**, desaparece dos catálogos gerais a partir de 1933, indicando possivelmente que nesse ano a **C.E.N.** deixou de revender obras infantis publicadas por outras casas editoras;

- na seção **Livros Escolares**, os livros de leitura somam aproximadamente uma dezena até que, em 1937, percebe-se um aumento considerável dos títulos, atestando a consolidação do gênero como principal fonte de lucro da empresa;

- na seção **Literatura Infantil**, os títulos de Lobato foram aumentando discretamente, mantendo uma média de 20 anúncios por ano/catálogo. Sobre essa média, é preciso levar em conta que, por uma estratégia de marketing (que chamava a atenção

¹⁸⁴ Foram incluídas tanto as obras da autoria de Lobato quanto aquelas traduzidas e adaptadas por ele. Optamos por excluir as obras anunciadas no catálogo com a menção “exgottada” [sic], considerando nessa tabela só aquelas que efetivamente estavam à venda.

¹⁸⁵ É comum alguns títulos serem anunciados em páginas separadas. Nesse ano, por exemplo, 16 obras estão anunciadas nas páginas 33-37 e 3 obras nas páginas 39-40. Companhia Editora Nacional, Catálogo Geral nº 10, Setembro de 1933. Cf. reprodução digitalizada das páginas 33-41 deste catálogo no Anexo 14.

pela quantidade de títulos), pelo menos até 1933 Octales anunciava todos os livros de Lobato em conjunto, inclusive os títulos esgotados – que traziam no lugar do preço a menção “obra exgottada” [*sic*];

- outra tática comercial da C.E.N. consistia em anunciar, ao final das seções, os futuros títulos a sair, com a menção “no prelo” ou “próximas publicações”; ou antecipando-se ainda mais: “obras contractadas a sahir brevemente”.¹⁸⁶ Daí se depreende que os catálogos funcionavam muito mais como agentes publicitários do que como simples vendedores. Assim, a C.E.N. anunciava livros lobatianos do passado, do futuro e do presente, sendo que estes últimos englobavam lançamentos, reimpressões, obras autorais, traduções e adaptações feitas por Lobato.

- O número de títulos de “outros autores” de **Literatura Infantil** se manteve estável, sofrendo uma grande queda em 1937, quando Lobato triunfa como o maior autor do gênero no Brasil. Ao seu lado, apenas *História do Brasil para Crianças* continua a fazer sucesso e *Meu torrão* se mantém vendável, ambas de Viriato Corrêa; duas obras parecem esperar apenas que sejam vendidos os últimos exemplares até desaparecerem do catálogo: *Ursão* (Condessa de Ségur) e *As trapaças do Capitão Farófia* (Max Yantock).

2.4.3 Lançamentos e reedições por gênero

Considerando-se, dentro da produção de Monteiro Lobato para crianças, os números distintos de lançamentos e reedições a cada ano, bem como as tiragens e o gênero a que pertencem esses títulos novos e antigos, é possível perceber as especificidades do mercado de livros para crianças nos anos 1930. Todavia, chegar a esses números não é tarefa das mais simples, uma vez que as fontes documentais que registram *dados editoriais* dos anos 20 e 30 são imprecisas – carecem de informações

¹⁸⁶ Um livro de **Cecília Meireles** foi anunciado no Catálogo Geral de 1932 (p. 106) como futuro integrante da série I da **B.P.B.**. A obra seria ilustrada por Correia Dias e teria por título “**Histórias de todos os paizes** [*sic*] **do mundo**” (coletânea de contos de Perrault, Selma Lagerlöf, Dickens, Kipling, Roubakine, etc.). O mesmo se deu com **Lourenço Filho** (**Philosophia e Educação**) e **Armanda Álvaro Alberto** (**Pequena história de literatura infantil**), cujos títulos tinham a menção “obras contractadas a sahir brevemente” na série II da **B.P.B.**; ambos foram anunciados no *Catálogo de Livros Escolares* de 1933 e jamais foram publicados pela C.E.N.. Não se sabe se teriam havido contratos desfeitos ou acordos verbais não honrados, mas o motivo pelo qual não se realizaram essas obras naquele momento é digno de interesse.

completas ou trazem dados sobre a mesma obra que não coincidem quando cotejados – e, portanto, impõem à pesquisa mais desafios e um maior rigor.

Além dos **catálogos**, as fontes de pesquisa disponíveis para se consultar o histórico editorial da produção infantil de Lobato são as seguintes:

- uma **carta** assinada por Octales, de 27 de fevereiro de 1941, com o balanço anual (título, tiragem, e faturamento) das suas obras publicadas entre 1918 e 1940;
- as **fichas** originais de cada livro com o *Movimento de Edições* (datas, tiragens e tipografia) e as **primeiras edições** que estão no *Acervo Histórico IBEP-Nacional*;
- uma **bibliografia** (título, edição e localização do volume) de obras infantis lobatianas;
- uma **planilha** contendo o movimento das edições (título, data, edição, tipografia, tiragem, etc.) de obras de Lobato e outros autores editados pela **C.E.N.**.

As duas últimas são recentes e resultam do valioso trabalho de pesquisadores de mestrado e de doutorado em vários arquivos e bibliotecas.¹⁸⁷

O estudo das seis fontes mencionadas foi de grande importância para esta tese, de sorte que pudemos cotejar as informações contidas em cada uma e perceber ainda algumas lacunas a serem preenchidas sobre os dados de edição de alguns livros de Lobato. Por exemplo: embora não conste na carta-balanço de Octales, tampouco na *bibliografia* e nem na *planilha* mencionadas, a tradução feita por Lobato do clássico *Pinóquio*, ela existiu e foi reimpressa 12 vezes – segundo consta na *ficha n° 74* do *Movimento de Edições* consultada nos arquivos da **C.E.N.**. Consultamos também nesses arquivos as seguintes edições originais de *Pinocchio*:

- 1ª edição (1933)
- 2ª edição (1938)
- 3ª edição (1940)
- 5ª edição (1945)
- 7ª edição (1955)
- 8ª edição (1957)

¹⁸⁷ A **bibliografia** (arquivo eletrônico em *Word*) e a **planilha** (arquivo eletrônico em *Excel*) estão disponíveis em: < <http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/>>. Este website divulga os resultados de pesquisas de mestrado e doutorado integradas ao projeto temático *Monteiro Lobato (1882-1948) e outros Modernismos Brasileiros*, coordenado pela Prof^a Dr^a Marisa Lajolo e financiado pela FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo).

10ª edição (1962)

Este livro era o 13º volume da série I da **B.P.B.** e seu preço de capa era 7 mil réis, conforme se pode ver no anúncio do catálogo de 1933:

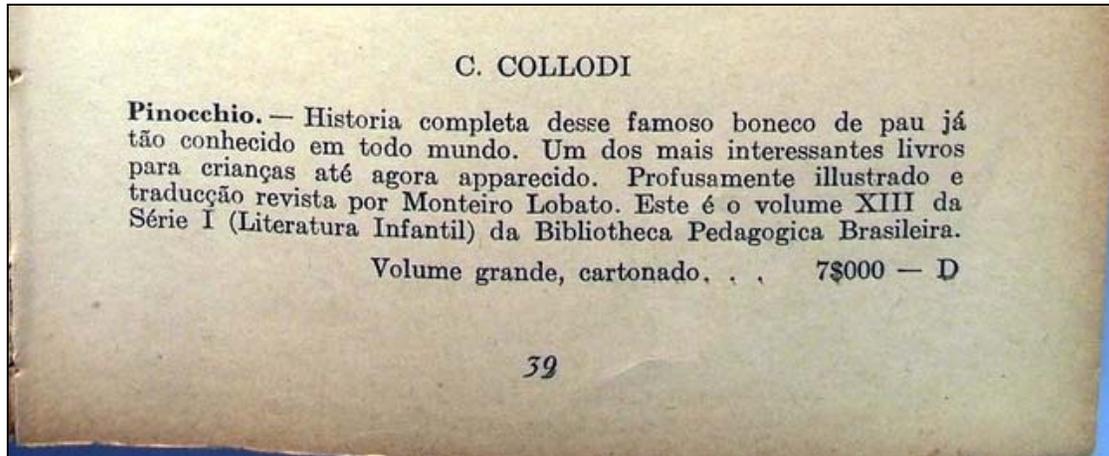


Figura 21 Detalhe da pág. 39 do Catálogo geral CEN 1933

Na carta de Octales também deixaram de ser mencionados o *Robinson Crusóe* (1931), a 2ª edição de *As Caçadas de Pedrinho* (1934), a 5ª edição de *O Saci* (1935),¹⁸⁸ e a 3ª edição de *Alice no País das Maravilhas* (1936). As omissões nos levam a constatar que o balanço assinado pelo próprio editor, baseado nos registros da empresa, não é exato. Enquanto fonte primária para a pesquisa em história literária, o documento merece ser utilizado com cuidado.

Equívoco de outra ordem foi a repetição, na referida carta, da 4ª edição de *História do Mundo para as Crianças* em 1935, aparecendo duas vezes o título, a tiragem e o faturamento obtido, provavelmente por falta de atenção da pessoa que datilografou esse balanço tão extenso e carregado de algarismos. Sem uma investigação nas *fichas do Movimento de Edições* da empresa, não teria sido possível chegar a essa conclusão e tomaríamos por certa uma edição que muito provavelmente não existiu.

Uma última obra que não aparece nas *fichas do Movimento de Edições*, nem nos recentes arquivos eletrônicos (bibliografia e planilha) produzidos por pesquisadores

¹⁸⁸ A 5ª edição de *O Saci* revelou-se um mistério durante a pesquisa. Nenhuma das fontes de consulta faz menção a esta obra, embora sejam citadas a 4ª e a 6ª edições. O único registro encontrado nos arquivos da C.E.N. (Acervo Histórico IBEP-Nacional) é o **Catálogo Geral nº 12**, de Setembro de 1935, que traz o anúncio da 5ª edição de *O Saci* na página 26.

da obra de Lobato, é a tradução feita por ele dos *Contos de Fadas* de Perrault. Publicado em 1934, *Contos de Fadas* teve a 1ª edição tirada em 10 mil exemplares, segundo carta de Octales. Dessa obra, foram consultadas nos arquivos da editora as seguintes edições: 1ª (1934), 2ª (1937), 3ª (1939), e 6ª (1949).

A fim de complementar os dados já obtidos por colegas pesquisadores em trabalhos anteriores, e operando com todas as fontes de consulta mencionadas, optou-se por tentar recuperar as tiragens das obras omitidas através do exame da média de tiragens de outras do mesmo gênero em anos próximos e da inferência de uma tiragem estimada. Assim procedendo, a tabela abaixo mostra um panorama da produção infantil de Lobato, com o número de títulos publicados a cada ano, distinguindo lançamentos de reedições, bem como as tiragens impressas para estes volumes.

Tabela 6 – Produção infantil estimada de Lobato 1931-1940

Ano	Lançamentos	Reedições	Nº de Títulos	Tiragem
1931	4	0	4	22.000
1932	3	2	5	31.000
1933	5	2	7	68.000
1934	4	9	13	132.500
1935	3	5	8	87.000
1936	2	4	6	47.000
1937	4	6	10	90.000
1938	0	9	9	62.000
1939	2	7	9	64.000
1940	1	10	11	84.000

Para verificar a inclinação do autor pelos temas curriculares ou didáticos (que chamaremos genericamente de “obras pedagógicas”) em seus livros escritos na década de trinta, tomaremos como referência os livros de sua autoria e adaptações, excluindo as traduções de clássicos da literatura mundial. Dentre essas obras que consideramos

autorais, separaremos os **lançamentos** por *gênero* em duas categorias: obras de pura *Ficção* ou obras *Pedagógicas*.

Tabela 7 – Obras da autoria de Lobato segundo o gênero (1931-1940)

OBRAS DE FICÇÃO	OBRAS PEDAGÓGICAS
O pó de pirlimpimpim (1931)	Viagem ao céu (1932)
As Reinações de Narizinho (1931)	História do mundo para as crianças (1933)
As caçadas de Pedrinho (1933)	Emília no país da gramática (1934)
Novas reinações de Narizinho (1933)	Aritmética da Emília (1935)
Memórias da Emília (1936)	Geografia de D. Benta (1935)
Histórias de Tia Nastácia (1937)	História das invenções (1935)
O Sítio do Picapau Amarelo (1939)	O poço do Visconde (1937)
	Serões de Dona Benta (1937)
	O minotauro (1939)
	A reforma da natureza (1940)

Pelos conteúdos de cada obra “pedagógica” mencionada no quadro acima, vê-se que Lobato pôs em livros um vasto programa de disciplinas que incluía várias áreas do conhecimento: astronomia, história geral, língua portuguesa, matemática, geografia, cultura geral, geologia, física, química, mitologia grega e fisiologia (ramo da biologia). E é de se supor que as idéias não tenham partido apenas de Lobato, pois, em carta a uma leitora fiel, ele diz: “Quer ser minha colaboradora? Mande dizer que livro quer que eu escreva. Quem sabe se V. me dá uma boa idéia para este ano. Ainda não resolvi sobre o assunto dos 4 livros que a Cia Editora quer que eu dê para o fim do ano.”¹⁸⁹

O *projeto editorial* de Lobato e Octales nos anos 30 adequava-se à proposta pedagógica da coleção à qual estava subordinado, dirigida por Fernando de Azevedo. Isto

¹⁸⁹ Realmente, esta era a média de livros novos lançados por Lobato a cada ano (cf. tabela 6). Esta carta foi objeto de pesquisa da tese de Raquel Afonso da Silva (op. cit.) e foi gentilmente cedida pela pesquisadora.

significa também dizer que a *série I* (Literatura Infantil) da **Biblioteca Pedagógica Brasileira** encerrava uma proposta moderna de educação moral, não confessional, de acordo com os princípios da *Nova Educação*: formar uma cultura onde o homem seja capaz de dominar os problemas do seu tempo, de seu mundo.¹⁹⁰ Justamente aí reside o ponto de encontro Monteiro Lobato e Paul Faucher: ambos fizeram livros dentro de um projeto editorial que estava subordinado a um projeto pedagógico – e um projeto pedagógico escolanovista.

2.5 Os catálogos da Flammarion nos anos 30: os álbuns do Père Castor

No intuito de conhecer uma parte do mercado de livros para crianças na França dos anos 1930, e mais precisamente uma fatia desse mercado representada pelos álbuns produzidos por Paul Faucher, foram investigados os catálogos **Livres d'Étrennes**.¹⁹¹ Os cinco volumes consultados referem-se aos anos de 1930, 1931, 1932, 1933 e 1934. Paralelamente, outros materiais compõem o conjunto de fontes documentais consultadas na pesquisa: **catálogo “Étrennes 1935 Les Albums du Père Castor”** (edição à parte), **catálogo “Les Albums Du Père Castor 1937”**; **fichas** originais com os dados editoriais **de cada livro** (título, autor, ilustrador, formato, nº de páginas, preço, edições, ano e tiragem); **relatório de vendas anuais** de 1936 a 1960; **primeiras edições** e também edições subseqüentes de uma mesma obra.

Em novembro de 1930, os anunciantes do *Livres d'Étrennes* somavam 140 livreiros-editores. Naturalmente, eles não representavam cem por cento do número total, pois havia muitas editoras de pequeno porte, sobretudo fora de Paris, que não anunciavam os seus produtos no catálogo. Devido à extensão de cada catálogo *Livres d'Étrennes*, e ao grande volume de álbuns do Père Castor a serem consultados, não foi possível estender a pesquisa aos catálogos da segunda metade da década de trinta. De qualquer forma,

¹⁹⁰ WALLON, Henri apud FAUCHER, Paul. **L'Éducation, L'Homme et l'Enfant**. Meuzac: Les amis du Père Castor, 1998. Resposta de Henri Wallon à enquete realizada por Paul Faucher entre 1931 e 1932. Os resultados foram publicados na seção *Enfance* do semanário *Les Nouvelles Littéraires*.

¹⁹¹ O *Livres d'Étrennes* (Livros de Estréia) era o suplemento anual da grande *Bibliographie de la France* – catálogo geral de livreiros e impressores – contendo os anúncios lançados pelas editoras ao final de cada ano. *Étrennes* são o termo usado na França para designar os presentes oferecidos tradicionalmente no primeiro dia do ano.

considera-se que os cinco anos pesquisados são suficientes para se ter uma noção de como estava o mercado quando Faucher se iniciou em sua atividade editorial e como ele se insere nesse mercado.

A indústria e o mercado de livros para crianças na França, como já foi dito, estava muito mais desenvolvido do que no Brasil. Enquanto as editoras *Melhoramentos*, *Companhia Editora Nacional* e *Globo* respondiam pela maior parte da produção infantil nacional nos anos 30, algumas das principais casas francesas que produziam livros infantis eram: *Librairie Hachette* (com os grandes álbuns ilustrados por Félix Lorient na série homônima e as coleções *Bibliothèque Rose*, *Bleue*, *Verte* e *Blanche*); *Librairie Garnier Frères* (álbuns ilustrados por Benjamin Rabier e coleção *Bibliothèque Infantine*); *Editions Gautier-Languereau* (jornal *La semaine de Suzette*, álbuns de *Bécassine*, e coleções diversas); *Librairie Fischbacher* (o clássico *Pierre l'ébourrifé*, versão francesa do *João Felpudo*, coleções para crianças de 6-8 e também de 8-12 anos); *Editions Nelson* (várias coleções para crianças e jovens); *Librairie Plon* (álbuns diversos); *Maison Alfred Mame et Fils* (clássicos, contos, romances, temas e gêneros diversos); *Larousse* (coleções de álbuns e histórias ilustradas); ***Librairie Ernst Flammarion*** (álbuns diversos); *Librairie Tolmer* (álbuns de luxo); *Fernand Nathan* (álbuns de colorir e álbuns-panorama dobráveis); entre outras.

Quando Paul Faucher iniciou-se no ramo livreiro, a ***Flammarion*** era a segunda editora mais importante da França, concentrando a sua produção nos seguintes gêneros: literatura geral, obras científicas, manuais práticos e livros clássicos.¹⁹² Em matéria de literatura infantil, duas coleções iniciadas há mais de um século envelheciam o catálogo da editora até 1928, quando inicia-se a renovação dos seus livros infantis, que culminará na publicação dos dois primeiros álbuns do Père Castor em 1931.

Ainda no *Livres d'Étrennes* para o ano de 1930, publicado em novembro de 1929, a ***Flammarion*** anunciava 12 títulos para o público infantil, aumentando para 25 títulos no ano seguinte (1930/31). Para se ter uma idéia do atraso, no mesmo ano de 1930 a gigante *Hachette* divulga para as *étrennes* de 1931 nada menos do que 117 **álbuns** para

¹⁹² CHARTIER; MARTIN. op. cit., t. IV, pp. 173-175.

crianças,¹⁹³ isto sem contar todos os livros de contos e romances infanto-juvenis da coleção *Bibliothèque Rose* (com mais de cem títulos) e suas congêneres.

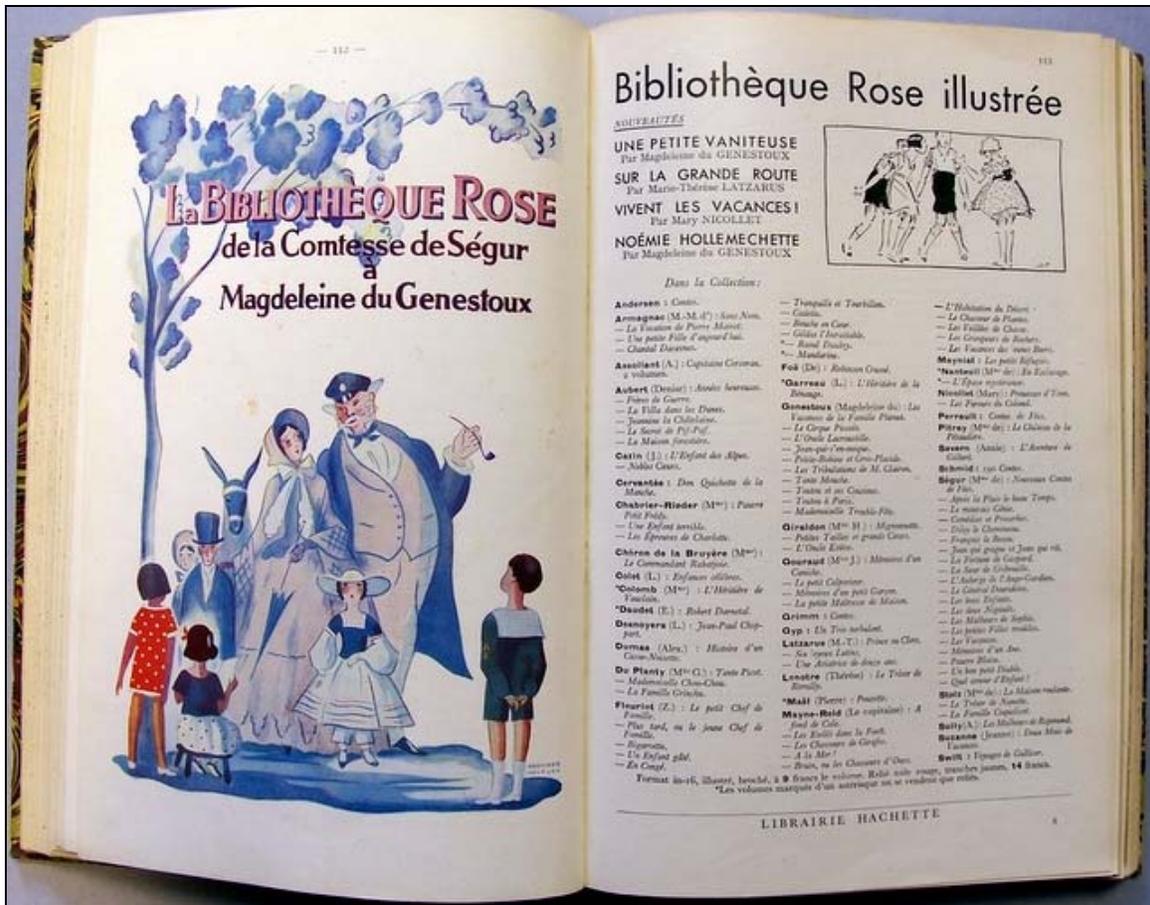


Figura 22 Anúncio da coleção *Bibliothèque Rose* publicada pela *Librairie Hachette*.¹⁹⁴

Tendo se rendido ao segmento infantil e ao futuro promissor que seduzia os editores no limiar dos anos 30, a Flammarion concordou em patrocinar o projeto editorial inovador de Paul Faucher, cujos planos de publicação eram antigos e resultavam de um longo e profundo trabalho de pesquisa e experimentação. Antes de publicar seus dois primeiros álbuns em 1931, *Je fais mes masques* e *Je découpe*, Faucher dedicou anos de estudo e trabalho à frente do movimento da *Nouvelle Éducation*; debruçou-se sobre a

¹⁹³ Sobre a predominância do **álbum** no mercado francês de livros para crianças, falaremos no item 2.5.1.

¹⁹⁴ BIBLIOGRAPHIE DE LA FRANCE. **Livres d'Étrennes et publications périodiques pour l'année 1932**. Paris: Cercle de La Librairie, 1931, pp. 112-113.

psicologia bibliológica (estudo psicológico do livro e do leitor) de Nicolas Roubakine,¹⁹⁵ e já havia feito projetos experimentais de leitura usando livros-teste e aplicando questionários aos leitores em bibliotecas públicas como a *L'Heure Joyeuse*.

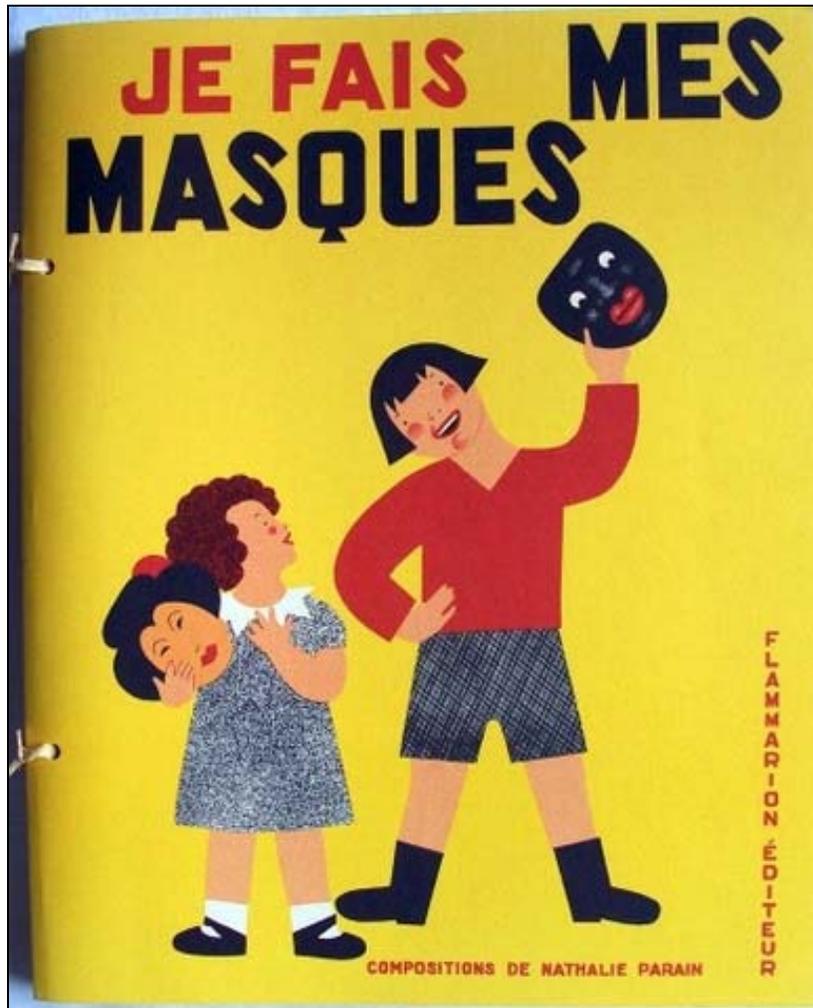


Figura 23 Capa de *Je fais mes masques* (1931)¹⁹⁶

A editora deu carta branca a Faucher, confiança da qual não se arrependeria mais tarde, pois ainda na década de trinta os álbuns do Père Castor dariam prova de seu êxito, seriam adotados em bibliotecas escolares, ganhariam renome internacional e

¹⁹⁵ Nicolas Roubakine (1862-1946), eminente teórico russo precursor dos estudos sobre o livro e a leitura.

¹⁹⁶ PARAIN, Nathalie. *Je fais mes masques*. Paris : Flammarion Éditeur, 1931. Esta foi uma edição fac-similar com tiragem de 250 exemplares não comercializáveis, lançada em 2006 por ocasião da inauguração da *Médiathèque Intercommunale Maison Du Père Castor*. Acervo pessoal de François Faucher.

traduções em vários idiomas. Paul Faucher ganharia ainda um reconhecimento oficial, recebendo em 1962 o Prêmio europeu do livro para crianças.¹⁹⁷

2.5.1O triunfo do álbum

Basta folhear os catálogos *Livres d'Étrennes* para perceber-se que a maior parte dos objetos editoriais impressos destinados à infância são classificados como “**álbum**” nos anos 30. Invertendo a hierarquia que privilegiava o texto de um livro em detrimento de sua ilustração, o **álbum** cede o espaço da página primordialmente para a **imagem**, conferindo-lhe um status privilegiado dentro dos livros para a infância.

Admitindo materiais os mais diversos em sua composição (além do papel comum, tecido e papelão eram os materiais mais usados), impresso nos mais variados tamanhos, e trazendo tanto histórias quanto propostas de atividades manuais, o **álbum** viria modificar não apenas o aspecto, mas também as finalidades de um livro infantil; ele dá ensejo a uma nova relação entre leitor e livro, a novas práticas de leitura. O livro deixa de ser essencialmente um texto, uma criação artística abstrata, para se tornar um objeto concreto a ser manuseado, olhado, usado. A versatilidade do suporte – que permite criações artísticas diversas sob esta mesma classificação – e a supremacia da imagem que o século XX vivenciava, foram dois fatores que provavelmente concorreram para que o mercado editorial dirigido às crianças se dobrasse aos encantos do **álbum**.

Etimologicamente, a palavra vem do latim, *albus* e significava alvo, branco, livro em branco. Os usos feitos dos livros em branco eram diversos: tabuetas onde se escreviam avisos oficiais e nomes de oficiais públicos na Roma antiga; caderneta de viajantes para escrever notas ou recolher autógrafos e sentenças; livro para colecionar selos, cartões, figuras, entre outros objetos de afeição.

Com o tempo, os álbuns foram ganhando novos usos (de estampas, de fotografias, de música, etc.), mas conservaram a diversidade e a flexibilidade das funções a que se prestam. Se pensarmos que “O álbum é em primeiro lugar, um livro que se

¹⁹⁷ SORIANO, Marc. *Les livres pour les enfants* : sur la piste du Père Castor. Meuzac : Les amis du Père Castor, 1998.

declara como tal (...)”,¹⁹⁸ isto leva a supor que, em princípio, qualquer livro infantil pode ser chamado de **álbum** – embora a recíproca não seja verdadeira. Talvez por esta razão tenha servido tão bem aos propósitos da indústria editorial dirigida às crianças e à pluralidade dos **álbuns do Père Castor**.

O álbum para crianças é um objeto cultural complexo, suporte de expressão plástica e gráfica, mas não necessariamente literária. No período em questão, trata-se de um produto industrial moderno, subordinado a finalidades de natureza comercial e, não raro, pedagógica – daí se pode depreender a afinidade desse suporte com o gênero infantil. Livros para **ver**, para colorir, para recortar, dobrar, colar, ou encaixar; livros para cantar, dançar, jogar e brincar. A liberdade dada ao pequeno *leitor* parece atestar que

Uma das particularidades do álbum é, com efeito, ser submetido constantemente a marcas de apropriação e de expressão infantis, suscitar pintura, recorte e riscos sobre os textos e a imagem impressos. De imediato, ele não é somente lido, nem mesmo passivamente olhado, mas ele suscita intervenção ativa da criança, provocando gestos que o adulto julga profanadores. (*Ibid.*, p. 147)¹⁹⁹

No Brasil, o termo “**álbum**” também gozou de prestígio nos catálogos e livros infantis das décadas de 20 e 30, colocando obras diversas sob esta mesma classificação: livros de imagem para o ensino intuitivo na educação infantil; livros de figuras para a distração da família; literatura infantil com poucas páginas e ilustrações. O próprio editor Monteiro Lobato, nos anos vinte, assim chamou o seu primeiro livro – *A menina do narizinho arrebitado* – devido, provavelmente, a três fatores: o número de páginas (43); o formato clássico (in-4°) dos álbuns europeus para crianças; e à elegância da sua apresentação, com inúmeras ilustrações de Voltolino.

¹⁹⁸ Tradução nossa. No original: « *L'album, c'est en premier lieu un livre qui se déclare comme tel (...).* » LE MEN, Ségolène. **Le romantisme et l'invention de l'album pour enfants**. 1994. *Revue Française d'Histoire du Livre*, n° 82-83, vol. 63, pp. 145-175.

¹⁹⁹ Tradução nossa. No original: « *L'une des particularités de l'album est, en effet, d'être soumis constamment à des marques d'appropriation et d'expression enfantines, de susciter coloriage, découpage e griffonnage sur le texte et l'image imprimés. D'emblée, il n'est pas seulement lu, ni même passivement regardé, mais il suscite l'intervention active de l'enfant, provoquant des gestes que l'adulte juge profanateurs.* »

Parece-nos que Lobato qualificava as suas obras mais ilustradas e de poucas páginas como álbum de figuras: *O Sacy* (1921); *Fábulas de Narizinho* e *O Marquês de Rabicó* (1922); *Jeca Tatuzinho* (1924); *O garimpeiro do Rio das Garças* (1925); *Aventuras do Príncipe* e *O Gato Felix* (1928). No catálogo geral da *Cia Graphico-Editora Monteiro Lobato* de 1925, *Jeca Tatuzinho* foi anunciado como bellissimo álbum com trichromias”.²⁰⁰

Mas a concepção tradicional de *álbum para crianças* como um livro bem ilustrado estava longe de incluir todas as possibilidades materiais que esse gênero editorial alcançaria nos anos 30. Nessa década, já não se falava mais em álbum nos catálogos da **Companhia Editora Nacional**, e todas as obras de Lobato passam a ser anunciadas como **livros** ‘cartonados’ e ‘ilustrados’.

Sobre os critérios que orientaram os editores em questão a classificar seus impressos como livro ou álbum, parece ter havido um senso comum, no ramo editorial em geral, que guiava tais denominações. Até onde sabemos, naquele tempo não havia uma norma internacional para regulamentar as publicações classificadas como “**livro**”. Só em 19 de novembro de 1964, a UNESCO recomendaria que os países adotassem a seguinte convenção: “Um livro é uma publicação não periódica impressa contando pelo menos 49 páginas, excluídas as páginas de capa, editada no país e oferecida ao público.”²⁰¹ A partir daí fez-se uma distinção importante para que o livro ganhasse uma mesma definição em todos os países do mundo.

2.5.2 Les Albums Du Père Castor

Após longos anos de trabalho preparando um projeto de edição que unisse as exigências artísticas e pedagógicas visadas por Faucher para criar álbuns com propostas diversas, adaptados aos diferentes níveis de leitura e de desenvolvimento psicomotor de

²⁰⁰ O catálogo foi anexo da tese de doutorado de Bignotto (op. cit.) e foi gentilmente cedido pela pesquisadora.

²⁰¹ Tradução nossa. No original : « Un livre est une publication non périodique imprimée comptant au moins 49 pages, pages de couverture non comprises, éditée dans le pays et offerte au public ». **Conferência Geral da UNESCO**, Paris, de 20/out a 20/nov de 1964. Disponível em: <http://portal.unesco.org/fr/ev.php-URL_ID=13068&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html>. Acesso em: 03 fev. 2010.

seus leitores de 01 a 14 anos, entra em cena uma nova maneira de conceber livros para crianças: o trabalho em equipe. Os álbuns do Père Castor “não podiam ser obra de um só”,²⁰² pois a sua concepção demandava conhecimentos de psicologia, pedagogia aplicada, literatura, arte gráfica e edição.

A produção de Paul Faucher junto à Flammarion rendeu 90 títulos diferentes nos dez anos que vão de 1931 a 1940.²⁰³ Se é verdade que os autores e ilustradores contratados por Faucher formavam um enorme time, não é menos verdade que esse time só entrava em campo sob suas expressas orientações. Muitas vezes era Faucher quem idealizava o álbum em todos os aspectos de sua concepção, e convidava os seus parceiros de equipe; ele discutia todos os detalhes com os artistas, escritores e pedagogos que o acompanhavam, e coordenava diretamente todas as decisões sobre a produção junto aos seus superiores, Charles e Henri Flammarion.

A correspondência freqüente entre Paul Faucher e Charles Flammarion no início dos anos 40, quando eles discutiam à distância os detalhes de fabricação para cada álbum, traz bons exemplos para ilustrar como se davam essas decisões; as cartas dão uma idéia da autonomia que Faucher tinha para deliberar as indicações que orientavam a concepção material dos álbuns e a sua organização em coleções ou livros de prêmio. Ele se ocupava de toda a parte editorial (escolha de temas, atividades, textos, ilustrações, colaboradores, papel, cor, fonte, e projeto gráfico geral) e a empresa da parte comercial e industrial (impressão, distribuição, publicidade, contabilidade, escolha das máquinas impressoras de acordo com as especificidades de cada álbum) formando uma parceria de bases sólidas, na qual as idéias de Faucher guiavam toda a concepção dos livros.²⁰⁴

Nos *álbuns do Père Castor*, a autoria é uma questão bem interessante a ser observada. Sabemos que eram de sua autoria os muitos prefácios, alguns textos e as idéias mestras que dirigiam os seus álbuns. Na qualidade de “diretor de coleção”, Faucher atuava como um compositor e maestro de orquestra: na apresentação, são os músicos que executam, pelo menos aparentemente, o trabalho. Se é certo que, por legitimidade,

²⁰² FAUCHER, Paul. (Texto de uma conferência pronunciada em 1958) **Comment adapter la littérature enfantine aux besoins des enfants**. Meuzac : Les amis du Père Castor, 1998, p. 5.

²⁰³ A lista com todas as obras e seus respectivos autores está no Anexo nº 11.

²⁰⁴ Cf. Cartas originais (documentos inéditos) no anexo nº 12.

escretores e ilustradores são reconhecidos como *autores* de uma obra artística em livro, também é verdade que o selo “Père Castor” ganhou tanto espaço que teria provocado certo apagamento da autoria desses artistas, sobrepondo-se aos autores nela impressos. Melhor dizendo: desde a capa, uma inscrição já indicava que os álbuns não eram dos artistas plásticos nem dos escritores (quando o álbum tinha texto), mas eram “do Père Castor”. A pertença das obras à matriz ideológica representada pela figura do Père Castor fez a força dessa grande coleção infantil – além da extraordinária proposta pedagógica que estes livros encerravam.

LES ALBUMS DU PÈRE CASTOR!

Voici des images, voici des contes, voici des jeux, voilà des découpages, des pliages, du collage..., enfin, de quoi amuser et occuper les enfants, depuis les tout-petits jusqu'aux très grands, pendant de longues heures, les jours de pluie et les jours de soleil, à la maison et à l'école, au jardin et dans les bois.

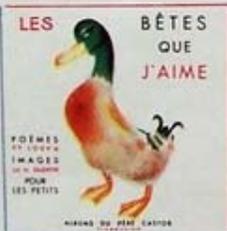
Des Albums du Père Castor, il y en a pour tous les goûts, pour tous les âges, pour toutes les circonstances...

Sous leurs aspects divers, on reconnaît pourtant, entre eux, un "air de famille" ... On devine le plan d'ensemble qui, devant apparaître plus nettement au fur et à mesure des publications, guide déjà l'équipe d'écrivains, d'artistes et d'éducateurs, qui collaborent à cette collection.

Enfin, ce qui caractérise surtout les Albums du Père Castor, c'est que, faits avec des enfants, en pleine activité joyeuse, ils sont vraiment faits pour les enfants.

Nouveauté

Nouveauté



Album de 32 pages
(21 x 21)
16 images en couleurs.

Les délicieux petits poèmes de Louÿs et l'exquise fraîcheur des images d'Hélène Guertik font de ce petit ouvrage, le livre idéal des enfants de 3 à 8 ans.

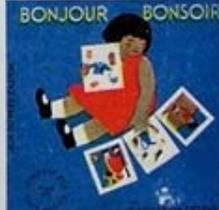
8 fr. 75



Album de 36 pages (23 x 21)
Histoire d'une famille d'écureuils racontée par Lida, illustrée par Rojankowsky. Récit et illustrations rivalisent de vie et de charme. Observation scrupuleuse de la nature, fantaisie, poésie, mouvement, chaque page réveille les dans exceptionnels des auteurs de ce petit livre qui fera les délices des enfants de 5 à 13 ans.

6 francs.

Nouveauté



14 pages (21 x 21)
Création nouvelle.

Cet album spécialement étudié pour les tout-petits contient 6 fairs cartons à détacher, illustrés par Nathalie Paratin. Les enfants qui commencent à parler peuvent y reconnaître les actes de leur vie quotidienne et les objets de leur entourage. Le classement et le maniement des cartons d'après certaines données constituent, pour les tout-petits, une série de jeux de tout premier ordre.

9 francs.

Étrennes
1935

E. FLAMMARION, ÉDITEUR, 26, RUE RACINE — PARIS

Figura 24 Catálogo à parte dos *Albums du Père Castor* para o ano de 1935²⁰⁵

Inicialmente, os álbuns do Père Castor eram anunciados apenas no **Livres d'Étrennes**; mas em 1935 eles já tinham um catálogo separado, impresso em cores, trazendo as imagens de todas as capas anunciadas, conforme se vê na imagem anterior.

No que concerne ao modo de organização dos catálogos dos álbuns do Père Castor, as séries e coleções – estratégia comercial também adotada pela C.E.N. a partir de 1931 – começaram a se delinear em 1934, com a primeira coleção “*Roman des bêtes*” (Romance dos bichos).²⁰⁶ Todos os álbuns dessa coleção foram escritos e ilustrados pela dupla Lida-Rojan.²⁰⁷ Posteriormente, quase todos os álbuns seriam organizados em 4 grandes séries, excetuando-se aqueles que não se encaixavam em nenhuma delas por trazerem uma proposta de natureza muito diversa e de certa forma isolada. A diversidade das atividades abordadas por Faucher e seus colaboradores revela a riqueza do trabalho psicomotor e educativo dos álbuns do Père Castor:

- 1- “*Pour les tout petits*” (Para os pequeninos): abecedário em imagens, jogos de observação/dedução/reflexão em cartas (com letras ou com palavras associadas a imagens), livros com textos curtos ilustrados, cantigas de roda, canções e danças da tradição popular;
- 2- “*Le bonheur de lire*” (A felicidade de ler): histórias de animais, contos de literatura infantil, poesias, cantigas, álbuns-surpresa trazendo contos com óculos mágicos para ver as imagens em duas dimensões.
- 3- “*Le plaisir de jouer*” (O prazer de brincar/jogar): jogos de cartas, jogos de mesa, brincadeiras em grupo, álbuns-loto, álbuns-puzzle;
- 4- “*La Joie d’inventer*” (A alegria de inventar): atividades manuais e artísticas diversas como recorte e montagem, recorte e colagem, pintura a lápis de cor, dobradura, vitrais com papel celofane, teatro de sombras,

²⁰⁵ Documento inédito. Acervo do *Fonds Historique de la Bibliothèque de L'Heure Joyeuse* – Paris.

²⁰⁶ A série *Roman des bêtes* teve 8 títulos (publicados entre 1933 e 1939) que foram reeditados em grandes tiragens e permaneceram entre os grandes sucessos de venda pelo menos até os anos 60.

²⁰⁷ Os textos da *Roman des bêtes* eram escritos por Lida Durdikova (ex-assistente de Bakulé e esposa de Paul Faucher) e ilustrados por Féodor Rojankovsky (ilustrador emigrado russo que trabalhou por mais de uma década como ilustrador de Faucher).

manuais ensinando técnicas de pintura em cerâmica, linogravura, modelagem, tecelagem, entre outros.

Em uma conferência feita em Girenbad (Suíça) a 18 de maio de 1957, intitulada “*La mission éducative des albums du Père Castor*”²⁰⁸, Paul Faucher faz uma retrospectiva do seu trabalho com os álbuns, começando pelas origens: quando ele dirigia uma livraria durante o dia e dedicava todas as noites ao *Bureau Français d’Education*.

Assim ele define os seus objetivos ao iniciar o seu projeto de publicação:

Nada de álbuns pesados, grossos, caros, cartonados, de um gosto duvidoso, mas álbuns de uma rica substância assimilável, de um formato manejável, de poucas páginas, respondendo a exigências artísticas escrupulosas, porém com um preço baixo, a fim de atingir o máximo possível de crianças.

(...)

Esses primeiros álbuns, fiéis ao compromisso e ao princípio fundamental da Educação Nova, tiveram a missão de favorecer a atividade criativa das crianças, propondo-lhes todos os tipos de trabalho que despertassem a sua iniciativa, feitos para elas e ao seu gosto (...).

É porque eles traziam jogos construtivos para as crianças que esses álbuns foram colocados sob o signo de um animal destinado por instinto à construção: o castor. (op. cit., pp. 10-12)²⁰⁹

Encontrar uma nova fórmula para um gênero já existente no mercado foi um dos passos alcançado por Faucher. Embora não tenha inventado o álbum, certamente consagrou-se por ter renovado e modernizado o conceito de álbum na França. Contra os tantos álbuns baratos mas sem beleza, contra os poucos álbuns luxuosos mas caríssimos, contra o álbum de atividades manuais que servia de passatempo e não se baseava em critérios pedagógicos explícitos: os álbuns do Père Castor aparecem como uma

²⁰⁸ Publicada pela *Association des Amis du Père Castor*, numa coleção chamada *Textes Fondateurs*. Cf. FAUCHER, Paul. **La mission éducative des albums du Père Castor**. Meuzac: Amis Du Père Castor, 1998.

²⁰⁹ Tradução nossa. No original, em francês:

Plus d’albums lourds, épais, chers, cartonnés, d’un goût douteux, mais des albums d’une riche substance assimilable, d’un format maniable, de peu de pages, répondant à des exigences artistiques scrupuleuses, et cependant d’un prix bas, afin de toucher le plus d’enfants possible.

(...)

Ces premiers albums, fidèles à mon engagement et au principe fondamental de l’éducation nouvelle, eurent pour mission de favoriser l’activité créatrice des enfants, en leur proposant toutes sortes de travaux qui faisaient appel à leur initiative, à leur adresse et à leur goût (...).

C’est parce qu’ils apportaient des jeux constructifs aux enfants que ces albums furent placés sous le signe d’un animal voué d’instinct à la construction : le castor.

alternativa de baixo preço, fácil manuseio, qualidade estética e proposta educativa moderna. Estudiosos são unânimes em afirmar que a novidade das suas pesquisas, experiências e iniciativas marcaram de forma relevante a história do livro e da edição para crianças.

O movimento de edições e de vendas dos *álbuns do Père Castor* mostram a evolução dessa coleção, sobretudo nos anos de 1936 a 1938, quando as tiragens atingiram o seu apogeu, chegando a 282.900 exemplares em 1938. No *Catálogo Albums Du Père Castor 1937*, que traz fotos (em preto e branco) de todas as capas anunciadas, os títulos aparecem com uma nota-resenha de cada um, indicando o cuidado com que Faucher lidava com a organização e a divulgação da sua obra. Na mesma época, o relatório de vendas do ano de junho de 1937 a junho de 1938 confirmava a saída daquele volume de tiragens: 248.479 exemplares vendidos.²¹⁰ Vejamos a produção dos álbuns de 1931 a 1940.

Tabela 8 – Produção infantil de Faucher 1931-1940 (dados editoriais)

Ano	Lançamentos	Reedições	Nº de Títulos	Tiragem
1931	2	0	2	20.000
1932	5	0	5	37.000
1933	12	4	16	118.500
1934	16	2	18	185.200
1935	19	3	22	182.820
1936	13	11	24	218.330
1937	12	12	24	253.900
1938	10	17	27	282.900
1939	6	3	9	128.000
1940	2	9	11	126.545

²¹⁰ Relatório de vendas *Vente des Albums du Père Castor année 1936-1937 (juin à juin)*. s/a, s/d, 5 fls. Documento inédito. **Archives du Père Castor**, Forgeneuve, França. Cf. documento em Anexos nº 7.

De acordo com a tabela 8, os dois primeiros anos de publicação dos álbuns do Père Castor foram de inserção no mercado e divulgação da novidade. A boa recepção desses 7 álbuns iniciais pode ser inferida pelo salto em todos os números do ano de 1933: o número de títulos triplica, sendo que 75% são lançamentos; saem as primeiras reimpressões, praticamente inalteradas; De 1934 a 1938, o êxito dos álbuns de Faucher é patente em todos os registros de tiragens e vendas.

Em 1939 inicia-se um período difícil para toda a Europa com a eclosão da II Guerra Mundial. Paul Faucher, junto à sua esposa Lida Durdikova e mais alguns amigos próximos com seus respectivos filhos, retira-se para a casa de campo da sua família. Na casa de Forgeneuve, uma zona livre durante os anos da IIª guerra que acolheu alguns artistas (inclusive Feodor Rojankovsky), são improvisadas uma escolinha de atividades artísticas para preencher o tempo das crianças e um ateliê de fabricação artesanal dos álbuns, de onde saíam os originais enviados para serem impressos em Paris, com todas as orientações de Faucher escritas em notas numeradas.

Em alguns anos, a penúria de materiais para fabricar os livros fez com que estes saíssem em edições econômicas: volumes de pequeno formato (12,5 x 15 cm), 20 páginas, brochados, impressos em papel de qualidade inferior, com a técnica da zincografia, mas sempre de bom gosto. Este novo formato gerou a coleção *Petits Père Castor*, que teve 18 volumes até o fim da guerra, em 1945, mas não parou aí. Nessa coleção, os seis primeiros álbuns contavam um pouco da vida animal; eles foram ilustrados por Rojan, sendo que um foi escrito por Lida e quatro eram de autoria do próprio Faucher, que assinava com o pseudônimo Paul François.²¹¹ Eis os títulos dos textos escritos por Faucher::

- 1- Mes amis (1941)
- 2- Drôles de bêtes (1941)
- 3- Une histoire de souris (1942)
- 4- La maison des oiseaux (1942)

²¹¹ Provavelmente o pseudônimo usado por Faucher é uma junção do seu nome ao nome do seu primeiro Filho, François.

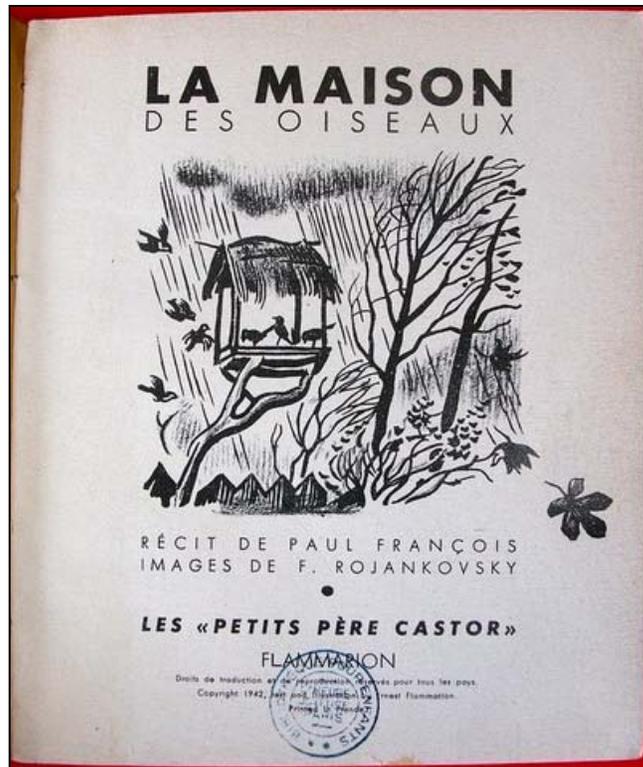


Figura 25 Folha de rosto de *La maison des oiseaux* (1942)²¹²



Figura 26 ilustração de Rojan em *La maison des oiseaux* (1942)²¹³

²¹²François, Paul e Rojankovsky, F. *La maison des oiseaux*. Paris : Flammarion, 1942. (Les « Petits Père Castor ») Documento inédito. *Fonds Historique – Bibliothèque de L'Heure Joyeuse*.

²¹³ *Ibid.*, pp. 10-11.

Neste capítulo foram vistos, separadamente, os números de títulos lançados por Monteiro Lobato e Paul Faucher nos dez anos que vão de 1930 a 1940. A fim de comparar os dados de produção dos livros infantis de ambos, eles foram reproduzidos numa mesma tabela, conforme se vê abaixo :

**Tabela 9 – Produção de livros de Lobato e de Faucher 1930-1940
(lançamentos/reedições/tiragens)**

ANO	LIVROS MONTEIRO LOBATO			ALBUMS DU PÈRE CASTOR		
	Lançamento	Reedição	Tiragem total	Lançamento	Reedição	Tiragem total
1931	4	0	22.000	2	0	20.000
1932	3	2	31.000	5	0	37.000
1933	5	2	68.000	12	4	118.500
1934	4	9	132.500	16	2	185.200
1935	3	5	87.000	19	3	182.820
1936	2	4	47.000	13	11	218.330
1937	4	6	90.000	12	12	253.900
1938	0	9	62.000	10	17	282.900
1939	2	7	64.000	6	3	128.000
1940	1	10	84.000	2	9	126.545

Como se pode observar, as tiragens iniciais são próximas, mas ao longo dos anos os álbuns do Père Castor atingem e mantêm tiragens mais altas do que as de Lobato, o que indica a existência de um leitorado infantil mais numeroso na França do que no Brasil. Pelos dados reproduzidos nas tabelas a nossa escola ainda estava em expansão, o analfabetismo e a evasão escolar eram altos, e a leitura uma competência rara: a quantidade de crianças que haviam concluído o primário – aptas a ler – somava menos de 5% da população de 10 a 14 anos no Brasil em 1940.²¹⁴

²¹⁴ Das 5.328.080 crianças entre 10-14 anos, apenas 240.383 concluíram o ciclo primário, segundo estatísticas do IBGE. Disponível em: < http://www.ibge.gov.br/seculox/arquivos_pdf/educacao.shtm>. Acesso em 27 Julho 2009. Cf tabela com esses dados comparativos do ensino primário no item 3.8 do próximo capítulo.

2.5.3 Os álbuns do Père Castor no Brasil

Mesmo não tendo chegado às mãos dos professores primários do Brasil (como ocorreu em outros países), os álbuns do Père Castor bateram na porta das bibliotecas e escolas de São Paulo e do Rio de Janeiro em 1937 e 1938.²¹⁵ Seguindo uma prática comum entre intelectuais e *homens de livros*, seja no Brasil seja na França, Paul Faucher procurou saber qual dentre os seus amigos teria contatos para compartilhar no meio cultural e educacional brasileiro. Entre aqueles que lhe foram indicados, estavam Rubens Borba de Moraes, Gustavo Capanema e Lourenço Filho. Curiosamente, até onde constatou esta pesquisa, Monteiro Lobato não foi incluído.

Paul Faucher enviara uma carta e alguns livrinhos a Rubens Borba de Moraes em 1937. Naquela época, Rubens Borba era diretor da *Divisão de Bibliotecas do Departamento de Cultura de São Paulo*, ou seja, um excelente agente para divulgar e adotar seus álbuns nas bibliotecas infantis e escolares brasileiras.

Em carta de 17 de dezembro de 1937, Rubens Borba responde a Paul Faucher em papel timbrado com as seguintes palavras:

Senhor:

Eu vos agradeço infinitamente pela vossa delicadeza enviando-me os álbuns do Père Castor que eu acabo de receber.

O Senhor Pierre Deffontaines terá sem dúvida vos falado sobre o grande interesse que nós temos na Divisão de Bibliotecas do Departamento de Cultura de São Paulo pelas publicações de livros para crianças. Infelizmente vossos belíssimos álbuns nos eram completamente desconhecidos. Eu os mostrei às nossas bibliotecas infantis, onde eles tiveram, apesar da diferença das línguas, o mais vivo sucesso da parte das crianças e das grandes pessoas que as freqüentam para os seus estudos de psicologia infantil.

Eu espero poder vos escrever em breve a respeito de uma adaptação em português de vossos magníficos álbuns.

Queira aceitar, senhor, com meus agradecimentos, a expressão de meus sentimentos mais distintos.

²¹⁵ A pesquisa realizada para esta tese nos *Archives Du Père Castor* revelou-se uma grata surpresa: no dossiê da correspondência pessoal de Paul Faucher existem quatro cartas que dizem respeito à **educação** e à **literatura infantil** no Brasil.

Como se pode observar, a ponte que ligou Faucher e Rubens Borba foi o geógrafo francês que nos anos 30 inaugurou a cátedra de geografia na Universidade de São Paulo e na Universidade do Distrito Federal. Deffontaines “Foi também um dos principais responsáveis pela criação da Associação dos Geógrafos Brasileiros, do Conselho Nacional de Geografia e da *Revista Brasileira de Geografia*.”²¹⁷

Rubens Borba, um grande conhecedor de bibliotecas e livros, afirma que os álbuns do Père Castor nos eram completamente desconhecidos até então. Naquele ano de 1937, entretanto, assim como Lobato era o escritor que mais vendia no Brasil (com uma tiragem de 90.000 títulos infantis impressos),²¹⁸ os álbuns de Faucher estavam entre os *best sellers* na França, atingindo a marca de 66 títulos e 222.407 exemplares vendidos em um ano (de junho de 1936 a junho de 1937).²¹⁹

Apesar do interesse que esses álbuns teriam despertado – segundo afirma Rubens Borba – entre os leitores e bibliotecários brasileiros, nenhuma iniciativa para adotá-los ou adaptá-los em português foi levada a cabo na época. Apenas na década de

²¹⁶ Documento inédito. Acervo dos **Archives Du Père Castor**. Localização: *Dossier 87*.

Tradução nossa. No original :

Monsieur

Je vous remercie infiniment de votre obligeance en m’envoyant les albums du Père Castor que je viens de recevoir.

Monsieur Pierre Deffontaines vous aura sans doute parlé du grand intérêt que nous avons à la Division des Bibliothèques du Département de Culture de São Paulo pour les publications de livres pour enfants. Malheureusement vos magnifiques albums nous étaient complètement inconnus. Je les ai fait exposer à nos bibliothèques pour enfants où ils ont eu, malgré la différence des langues, le plus vif succès de la part des enfants et des grandes personnes qui les fréquentent pour leurs études de psychologie d’enfants.

J’espère pouvoir vous écrire bientôt à propos d’une adaptation en portugais de vos magnifiques albums.

Veillez agréer, Monsieur, avec mes remerciements l’expression de mes sentiments les plus distingués.

*Rubens Borba de Moraes
Directeur des bibliothèques*

²¹⁷ FERREIRA, Marieta de Moraes. Diário pessoal, autobiografia e fontes orais: a trajetória de Pierre Deffontaines. XXII ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 1998, Caxambu. **Anais**. Disponível em: <<http://ivairr.sites.uol.com.br/deffontaines1.htm>> Acesso em: 15 Jul. 2009.

²¹⁸ Dados encontrados em carta de Octales a Lobato em 27/02/1941 (op. cit.)

²¹⁹ Números encontrados no relatório de vendas original: *Vente des albums du Père Castor*. Documento datilografado, **Archives du Père Castor**. Cf reprodução digitalizada em Anexos nº 7.

1970 alguns títulos seriam traduzidos e publicados pela editora Ática, mas não permaneceram por muitos anos no catálogo.

Em 04 de maio de 1938 Faucher continua a divulgação de sua obra no Brasil, desta vez enviando uma carta de apresentação e alguns álbuns a **Lourenço Filho**.²²⁰ Este, na época, ainda comandava a **Biblioteca Infantil** da editora *Melhoramentos*, mas as duas cartas encontradas não trazem nenhum indício de que ele tenha se interessado em adaptar os célebres álbuns de Faucher para incluí-los na referida coleção.

As duas cartas que serão reproduzidas em seguida registram uma parte do diálogo mantido entre Lourenço Filho e Paul Faucher.

Senhor,

Por recomendação do Senhor Professor Pierre Deffontaine [sic], eu tomo a liberdade de vos enviar, em um pacote separado, uma seleção de álbuns do Père Castor.

O Senhor Professor Deffontaine [sic] me falou da sua intenção em vos falar ele mesmo sobre esta coleção dos **Álbuns do Père Castor, todos inspirados pelo espírito da educação nova, e que resultam de uma longa elaboração pedagógica e artística.** [grifo nosso]

Antes de fazer esses álbuns, eu realizei, em 1926, a publicação da coleção « Education », que teve por colaboradores A. Ferrière, Bovet, Dewey, Paul Hazard, etc. ...

Fundador do *Bureau Français d'Education* (seção francesa do *Bureau International d'Education* de Genebra), eu sou ainda atualmente vice-presidente do *Groupe Français d'Education Nouvelle* (seção francesa da *Liga Internacional pela Educação Nova*), e nós não podemos deixar de ter amigos comuns entre os membros dos congressos internacionais de educação, que eu freqüentei assiduamente durante muitos anos.

Eu me permito juntar à documentação anexa concernente aos álbuns do Père Castor um relatório muito sucinto sobre a literatura infantil, que eu apresentei no Congresso Internacional do Ensino Primário e da Educação Popular ocorrido em Paris em Julho de 1937.

²²⁰ Nessa mesma data, Faucher enviou uma carta de conteúdo semelhante, porém mais concisa, ao Ministro da Educação, Gustavo Capanema. Localização: *Dossier* 84. Ambas são documentos inéditos. Acervo dos **Archives du Père Castor**.

Esperando que o Senhor queira dispensar sua atenção a alguns desses documentos, eu vos peço que aceiteis, Senhor, a expressão de meus sentimentos distintos.²²¹

É interessante notar que, após apresentar seus álbuns inspirados na **Escola Nova**, Paul Faucher enfatiza a sua atividade na área da *educação* em vez de salientar a sua atuação como autor e diretor de coleção editorial. Pelas instituições que ele dirigia e os eventos dos quais participava, pode-se entrever o papel de Faucher como um importante colaborador do movimento na Europa.

Diferente de Lobato que, embora fosse (ele também) um *homem de ação*, defendia a sua filosofia educacional apenas através da literatura, Paul Faucher empunhava a bandeira da *Education Nouvelle* e dela participava ativamente, tanto através das instituições do movimento renovador quanto através dos livros infantis, que ele concebia enquanto *suportes artistícos com fins pedagógicos*.

Note-se que as estratégias usadas para fazer contatos e divulgar o próprio nome dentro e fora do sistema literário eram as mesmas no Brasil e na França: Faucher evoca os amigos comuns que ele e Lourenço Filho certamente teriam no meio educacional, apontando para a irmandade de convicções que os aproximava. Tais estratégias estão presentes em boa parte das centenas de cartas que foram consultadas durante os anos desta pesquisa, nos arquivos de Monteiro Lobato e de Paul Faucher. Em todos os dossiês consultados nos **Archives du Père Castor**, há uma quantidade

²²¹ Carta de P. Faucher a L. Filho, de 04 de maio de 1938. Documento Inédito. Localização: *Dossier 89*. Tradução nossa. No original :

Monsieur,

Sur la recommandation de Monsieur le Professeur Pierre Deffontaine [sic],²²¹ je prends la liberté de vous adresser, dans un paquet séparé, un choix d'albums du Père Castor.

Monsieur le Professeur Deffontaine [sic] ma fait part de son intention de vous entretenir lui-même de cette collection des Albums du Père Castor, tous inspirés de l'esprit de l'éducation nouvelle, et qui résultent d'une longue mise au point pédagogique et artistique.

Avant de réaliser ces albums, j'avais entrepris, en 1926, la publication de la collection « Education », qui eut pour collaborateurs A. Ferrière, Bovet, Dewey, Paul Hazard, etc ...

Fondateur du Bureau Français d'Education (section française du Bureau International d'Education de Genève), je suis encore actuellement vice-président du Groupe Français d'Education Nouvelle (section française de la Ligue Internationale d'Education Nouvelle), et nous ne pouvons manquer d'avoir des amis communs parmi les membres des congrès internationaux d'éducation, que j'ai fréquentés assidûment pendant de nombreuses années.

Je me permets d'ajouter à la documentation ci-jointe concernant les albums du Père Castor un rapport très succinct sur la littérature enfantine, que j'ai présenté au Congrès International de l'Enseignement Primaire et de L'Education Populaire qui s'est tenu à Paris en Juillet 1937.

Espérant que vous voudrez bien accorder votre attention à ces quelques documents, je vous prie d'agréer, Monsieur, l'expression de mes sentiments distingués.

impressionante de cartões e cartas de agradecimento pelos álbuns enviados por Faucher às autoridades e instituições públicas ou privadas – todas ligadas à *educação* e à promoção da *leitura* em vários países. Isso quer dizer que ele investia muito em divulgar seus álbuns, provavelmente destinando previamente uma parte da tiragem impressa a esse tipo de oferta ou publicidade.

Em se tratando de dois grandes epistológrafos, pela correspondência de Lobato e de Faucher vê-se que as suas profissões dependiam, em certa medida, dessas cartas para fazer circular e divulgar seus livros, e para manter a rede de relações que sustentava a sua atividade editorial e literária.

Apesar de não terem sido encontradas as cartas que teriam dado seqüência ao diálogo travado entre Faucher e Lourenço Filho, uma última carta, datada de 18 de abril de 1940, foi escrita pelo brasileiro em papel timbrado do INEP-MEC.²²²

Dessa vez, em vez de Paris a missiva foi endereçada a Meuzac, um distrito do departamento de Haute-Vienne, na região de Limousin.²²³

Meu caro Confrade:

A sua gentileza em remeter-me cinco de seus novos livrinhos – *Albums du Père Castor* – tocaram-me especialmente. E, mais ainda, pelos dizeres de seu cartão: “... *provisoirement rendu à la vie civile...*” Acredite, meu caro Confrade, que sinto os tristes momentos de guerra porque deve passar o seu espírito, sempre tão cheio de ternura e, por isso, inimitável no escrever para crianças.

Dirijo, além dêste Instituto, uma coleção de edições brasileiras, onde se encontram também livros para crianças. Em separado, faço remeter-lhe três dêsses livros, pedindo a sua opinião.

Creia-me com a maior simpatia intelectual, seu confrade amigo.

Lourenço Filho

²²² O **Inep** foi criado, por lei, em 13/01/1937, sendo chamado inicialmente de *Instituto Nacional de Pedagogia*. No ano seguinte, o órgão começou realmente a funcionar, mudando de nome para *Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos* e tendo como diretor-geral Lourenço Filho.

²²³ Em Meuzac fica a propriedade rural da família Faucher. Ainda hoje existe a antiga casa e o terreno onde foi construída a **Médiathèque Du Père Castor**, midiateca e museu em memória de Paul Faucher.

Esta carta, enviada dois anos depois daquela reproduzida anteriormente, deixa entrever a repetição do gesto de Faucher: ele envia a Lourenço Filho mais cinco novos álbuns, acompanhados de um cartão que dizia ter ele sido “provisoriamente devolvido à vida civil”. Era o início da Segunda Guerra Mundial, tempo em que Paul Faucher se retirou de Paris para uma zona livre, no caso, a sua casa de campo de Forgeneuve, em Meuzac. Como foi dito anteriormente, lá ele passou os rudes anos da guerra, acompanhado de sua esposa, seus filhos pequenos e alguns amigos, montou um provisório *Atelier Du Père Castor* – onde se fabricavam, em condições materialmente limitadas, os álbuns concebidos em equipe.

Lourenço Filho vê em Faucher um espírito “sempre tão cheio de ternura e, por isso, inimitável no escrever para crianças.” Após o elogio, ele lhe conta que dirige “uma coleção de edições brasileiras, onde se encontram também livros para crianças. Em separado, faço remeter-lhe três dêsses livros, pedindo a sua opinião.” Ele se refere provavelmente à coleção *Biblioteca Infantil da Melhoramentos*, que estava sob a sua direção desde 1926. A troca de idéias e de livros entre eles parece ter cessado após 1940, pois não foram encontrados registros posteriores nos arquivos de nenhum deles.

Terminando a carta pela reafirmação de **simpatia intelectual** entre eles, o educador paulista se despede na qualidade de “seu confrade amigo”. O que chama a atenção é o fato de Lourenço Filho, conhecendo o trabalho de Faucher e a excelente reputação de seus livros para crianças na França, não tenha mediado o contato entre ele outros *confrades* brasileiros, como Lobato, por exemplo.

As razões pelas quais os *Albums du Père Castor* – que até hoje trazem lucros para a *Flammarion* – não teriam despertado o interesse da *Melhoramentos* pode ser um assunto interessante para discutir as diferenças entre as políticas editoriais das duas casas editoras nos anos 1930 e, a partir daí, observar algumas diferenças nas práticas de leitura dos dois países.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS

Rio 18 de abril de 1940.

Ilmo. Sr.
Paul Faucher
Meuzac. (Hte. Vienne)

Meu caro Confrade,

A sua gentileza em remeter-me cinco de seus novos livrinhos - Albums du Père Castor - tocaram-me especialmente. E, mais ainda pelos dizeres de seu cartão: "... provisoirement rendu à la vie civile..." Acredite, meu caro Confrade, que sinto os tristes momentos de guerra porque deve passar o seu espírito, sempre tão cheio de ternura e, por isso, inimitável no escrever para crianças.

Dirijo, além deste Instituto, uma coleção de edições brasileiras, onde se encontram também livros para crianças. Em separado, faço remeter-lhe três desses livros, pedindo a sua opinião.

Creia-me, com a maior simpatia intelectual, seu confrade amigo

Lourenço Filho

N.B. É favor anotar o meu novo endereço, em substituição ao anterior.

Prof. Lourenço Filho
Rua Pedro Guedes, 56
Rio de Janeiro, BRASIL

Figura 27 Carta de Lourenço Filho a Paul Faucher, 18/4/1940. Documento inédito.²²⁴

Livros como os que Faucher fazia eram desconhecidos das crianças e dos educadores brasileiros e pareciam inadequados ao projeto de leitura infantil do MEC, orientado em grande parte pelas referências estéticas e pedagógicas de Lourenço Filho.²²⁵

²²⁴ Acervo dos Archives Du Père Castor. Localização: Dossier 89.

²²⁵ As referências já foram comentadas no item 2.3.1 deste capítulo.

Álbuns de pouco texto, muitas imagens, jogos e atividades artísticas com finalidades pedagógicas modernas (e laicas) não combinavam com a rigidez do projeto de leitura tradicional dirigido pelo educador que estava à frente da *Melhoramentos*, da CLI e, a partir de 1938, do INEP.

Cabe aqui uma reflexão. Se os **álbuns do Père Castor** tivessem entrado no Brasil por outra porta, encontrariam eles um espaço no mercado editorial brasileiro? Teria Octales, orientado por Fernando de Azevedo, apostado na proposta editorial e pedagógica de Faucher? Os **álbuns do Père Castor** caberiam na **Biblioteca Pedagógica Brasileira**? Possivelmente. O ecletismo da coleção e a postura não confessional do seu diretor, além da sua defesa por uma educação do corpo e da mente, nos autorizam a pensar que sim. A questão é saber se seria comercialmente viável, se haveria consumidores para publicações assim, tão diferentes daqueles “livros de leitura” adotados nos jardins da infância e nas escolas primárias da escola pública brasileira.

A importância dos documentos até aqui reproduzidos para os objetivos desta tese, é a comprovação de que já nos anos 20, o Brasil e a França estavam participando do mesmo movimento renovador da educação que genericamente chamamos **Escola Nova**. Assim sendo, faz sentido afirmar que os educadores brasileiros e franceses nutriam uma “simpatia intelectual” que os aproximava, criando a *irmandade* da qual falara Lobato quando apresentou Anísio a Fernando. Isto significa dizer que, pelas suas relações com os escolanovistas, Lobato e Faucher compartilhavam das mesmas concepções de infância e de educação; enfim, eles faziam livros para um mesmo leitor: a criança ativa.

Pelos dados reproduzidos ao longo deste capítulo, conclui-se que os anos 30 vêm, em ambos os países, o coroamento dos esforços empreendidos em favor da renovação do livro infantil e juvenil; eles marcam, como nenhum outro tempo, a evolução do mercado editorial e a modernidade da literatura destinada a crianças. Alguns livros são considerados ícones dessa modernidade na França: *Histoire de Babar* (Jean de Brunhoff), *Les aventures de Mickey* e *Félix le chat* (Walt Disney), *Je fais mes masques* e *Je découpe* (Paul Faucher/Père Castor), todos eles publicados em 1931. A este grupo acrescentamos o clássico brasileiro *As Reinações de Narizinho*, sobre o qual falaremos detidamente no próximo capítulo, no estudo de caso que compara esta obra ao álbum *Je découpe*.

Capítulo 3

Reinações e Je découpe: um estudo de caso

O ano de 1931 marca importantes acontecimentos na história da edição e do livro em que estão inseridos os dois atores de interesse para esta tese – Monteiro Lobato e Paul Faucher. Ano de lançamento de *As Reinações de Narizinho* e de *Je découpe*, 1931 traz consigo outros começos: Lobato volta ao Brasil depois de quatro anos nos Estados Unidos atuando num cargo diplomático para o governo brasileiro. Seu retorno está ligado à saída do presidente Washington Luís e a entrada de Vargas no poder, após a Revolução de 30 – que traçava um novo sistema político para o país.

É também nesse início de década que surgem o *Ministério da Educação e Saúde Pública* (14/11/1930) e os decretos da *Reforma Francisco Campos* (abril de 1931),²²⁶ em meio à disputa de dois movimentos que dividiam os intelectuais educadores do país em *católicos* e *escolanovistas*, sobre a laicização da escola pública.

A chegada de *Reinações* encontra seu lugar em uma nova política editorial adotada pela Companhia Editora Nacional (C.E.N.) que, recuperando-se da falência da empresa anterior e crescendo desde 1926, batia o próprio recorde de 96 títulos lançados no ano de 1931. Embora o recurso não fosse uma novidade, a partir daí as obras foram rigorosamente organizadas em **coleções**, indicando um amadurecimento da C.E.N. ao levar em conta os interesses de seu público por cada uma delas.

O aumento das tiragens e do número de títulos lançados a cada ano pela C.E.N. nos anos 30 colocou a empresa entre as maiores casas editoras do país. Esse crescimento acompanhou a expansão pela qual passava o mercado editorial brasileiro, que estaria vivendo uma “década de ouro”.²²⁷ Pelas profundas mudanças tecnológicas e econômicas que afetaram a indústria da edição, as décadas de 20 e 30 parecem receber

²²⁶ Esses decretos organizam o ensino secundário e universitário, e também facultam o ensino religioso na escola pública, atestando assim a aliança do Ministério da Educação e Saúde com a Igreja Católica.

²²⁷ Termo usado por BEDA (op. cit.).

atenção especial dos estudiosos da história cultural e, em especial da história do livro e da edição.²²⁸

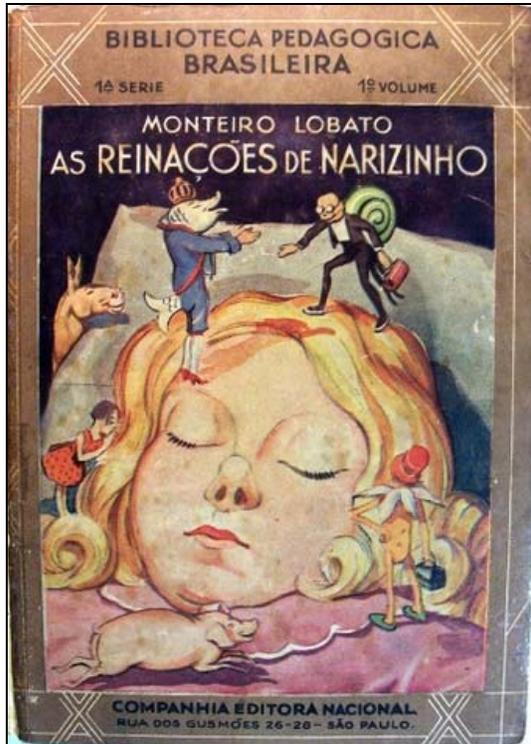


Figura 28 Capa da 1ª ed. de *As Reinações de Narizinho* (1931)²²⁹

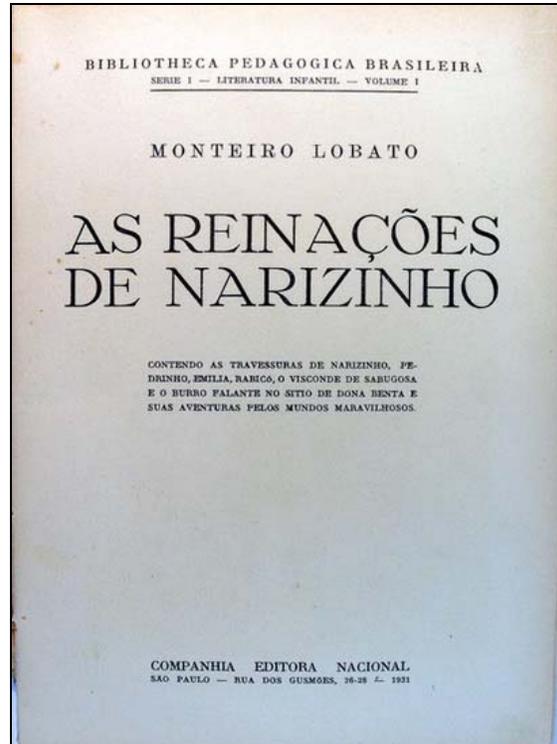


Figura 29 Folha de rosto da 1ª ed. de *As Reinações de Narizinho* (1931)

A grande coleção **Biblioteca Pedagógica Brasileira** (B.P.B.) talvez tenha sido a mais ambiciosa iniciativa de Octales Marcondes Ferreira no sentido conquistar leitores, de ampliar as vendas e de conferir um perfil político-ideológico aos livros que a sua empresa publicava. Ele convida o colega Fernando de Azevedo, que se tornara célebre pelas suas reformas enquanto diretor da instrução pública no Distrito Federal de 1926 a 1930, para dirigir e organizar a coleção B.P.B..

Com a etiqueta B.P.B. e a grife “Fernando de Azevedo” impressas na capa, quarta-capa e folha de rosto de cada volume a partir de 1931, entram em jogo uma política de vendas e uma política cultural que presidem os livros da C.E.N. daí em diante.

²²⁸ Yone Soares de Lima, Lawrence Hallewell, Gustavo Sorá, Sérgio Miceli, Claude-Anne Parmegiani, Annie Renonciat, entre outros.

²²⁹ Acervo Histórico IBEP-Nacional.

Estratégias como esta já eram praticadas há algum tempo no mercado editorial, e o próprio Lobato já trabalhava com coleções, embora não tivesse Fernando de Azevedo como um nome-etiqueta que agregaria valor ao seu produto.

A (re)edição de *Urupês* do ano de 1921 trazia na capa o selo “Colecção Brasília”,²³⁰ que teria dado início a outras coleções criadas por Lobato até 1925: “A Novella Nacional”, “Colecção Popular”, e “Bibliotheca da Rainha Mab”. Essas coleções aparecem nos catálogos de 1923, 1924 e 1925 (todos foram reproduzidos na mencionada tese de Cilza Bignotto) da Monteiro Lobato & Cia e da Cia Graphico-Editora Monteiro Lobato. Seus nomes refletem escolhas que supõem não apenas um conhecimento prévio (de Lobato) do gosto do público a quem se dirige, mas também a imagem que ele quer construir em torno dos livros e dos autores que edita.

“A Novella Nacional” traz novelas inéditas de autores brasileiros, a preços populares, e seu título sinaliza a proposta nacionalista do editor desde a Revista do Brasil; na mesma linha, a “Colecção Brasília” é destinada a baratear o livro e divulgar os grandes autores nacionais a preços baixos; a “Colecção Popular” une romances célebres de autores sul-americanos (inclusive brasileiros) a alguns títulos do francês Alexandre Dumas; a “Bibliotheca da Rainha Mab” pressupõe leitores que conhecem a personagem de Shakespeare, uma elite habituada a leituras de clássicos internacionais, potenciais consumidores do tipo de obra que compõe essa coleção de bolso, encapada em elegante couro artificial americano. Na “Rainha Mab”, Lobato coloca nomes nacionais no mesmo patamar de Oscar Wilde: Ribeiro Couto, Godofredo Rangel, Menotti Del Picchia, e Mário Sette são alguns dos nomes que figuram ao lado do escritor inglês na coleção. O objetivo da mistura de nacionalidades parece ser valorizar a literatura brasileira numa época em que a maior parte das leituras provinha de países estrangeiros.

Quando surgem as coleções criadas por Lobato em 1921, duas editoras já trabalhavam nessa política: A Casa Editora “O LIVRO”, com a coleção “Littérature pour Jeune Fille”; e a Weizsflog/Melhoramentos, com a coleção “Bibliotheca Infantil” dirigida pelo prof. Arnaldo Barreto desde 1915, e com a série “Encanto e Verdade” iniciada em

²³⁰ Capa reproduzida na tese de Cilza Carla Bignotto (op. cit.), figura 7.14, na pág 398.

1921.²³¹ Após a saída de Lobato da sociedade na C.E.N. em 1926, surge uma nova coleção que provavelmente foi a primeira a agrupar os seus livros infantis: a “Bibliotheca de Narizinho”. Assim, na quarta-capa da 5ª edição de “A Menina do Narizinho Arrebitado”, em 1928, doze títulos de Lobato são anunciados dentro da “Bibliotheca de Narizinho”. Essa coleção desaparece em 1931, quando surge a B.P.B..

Talvez influenciado pelo sucesso da coleção “Biblioteca de Educação”, lançada em 1927 pela *Melhoramentos* sob a direção de Lourenço Filho, ou mesmo seguindo os ventos favoráveis do aumento de matrículas e da expansão da escola pública, no calor das discussões sobre a educação, Octales aposta na nova coleção pedagógica, mas com cautela: mantém a média de tiragens desde 1928 e imprime 5.000 exemplares para a primeira edição de *As Reinações de Narizinho* três anos depois.²³²

Fernando de Azevedo organizou a B.P.B. em cinco séries ou sub-coleções:

- série I - Literatura Infantil;
- série II - Livros Didáticos;
- série III - Atualidades Pedagógicas;
- série IV - Iniciação Científica;
- série V - “Brasiliana”.

Reinações inaugura a primeira **série** da coleção B.P.B., abrindo caminho para os demais títulos infantis de Lobato, inclusive suas adaptações e traduções dos clássicos infantis que integram a mesma série – Literatura Infantil. Ainda no mesmo ano Lobato traduz e adapta *Alice no País das Maravilhas* (1931) de Lewis Carrol, que passa a ser o segundo volume da série. Em 1932 entram mais 6 volumes: *Viagem ao Céu*, *O Sacy*, *Aventuras de Hans Staden*, *Contos de Andersen* e *Contos de Grimm* (ambos traduzidos por Lobato), e *Alice no País do Espelho* (adaptação de Lobato).

No verso da falsa folha de rosto da 2ª edição de **Reinações** (1933), uma lista mostra que a série infantil da B.P.B. já conta com 13 volumes:

²³¹ Segundo pesquisa de Márcia Razzini, a coleção teria surgido em 1921 com “A filha da Floresta” de Thales de Andrade. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/obj_a.php?t=infantil01>. Acesso em 29 Agosto 2008.

²³² Fonte: carta de Octalles Marcondes Ferreira para Monteiro Lobato, 27/02/1941.

- 1- As Reinações de Narizinho
- 2- Alice no País das Maravilhas
- 3- Viagem ao Céu
- 4- O Sacy
- 5- Aventuras de Hans Staden
- 6- Contos de Andersen
- 7- Contos de Grimm
- 8- Alice no País do Espelho
- 9- As Caçadas de Pedrinho
- 10- História do Mundo para as Crianças
- 11- Novas Reinações de Narizinho
- 12- Aventuras do Barão de Münchhausen
- 13- Pinocchio

A primeira edição de *As Reinações de Narizinho* impressiona pela extensão: 306 páginas de texto e ilustrações. O próprio Lobato diz em carta a Godofredo Rangel,²³³

Tenho em composição um livro absolutamente original, *Reinações de Narizinho* – consolidação num volume grande dessas aventuras que tenho publicado por partes, com melhorias, aumentos e unificações num todo harmônico. Trezentas páginas em corpo 10 – *livro para ler, não para ver, como esses de papel grosso e mais desenhos do que texto.*

Em sua crítica aos “livros para ver”, feitos de “papel grosso e mais desenho do que texto”, Lobato refere-se aos **álbuns**, suporte editorial que estava no auge das preferências de editores e crianças de vários países naquela década. Vê-se que o escritor muda de opinião, já que boa parte de seus livros da década de vinte eram classificados como *álbum de figuras*. Para Lobato, o álbum parece ter sido um formato adequado enquanto seus textos eram narrativas curtas, muito ilustradas e de temática puramente

²³³ Op. cit., p. 329. A data está indicada na carta como 7/10/1934, mas pelo seu conteúdo vê-se que houve um erro de datilografia ou impressão no último algarismo, pois ela se refere ao ano de 1931. Esse erro foi mencionado em artigo de BERTOLUCCI, Denise M^a de Paiva. **O papel da pesquisa em periódicos no estudo da composição do livro *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato.** Revista Patrimônio e Memória. UNESP – FCLAs – CEDAP, v.3, n.2, 2007. Disponível em : http://www.assis.unesp.br/cedap/patrimonio_e_memoria/patrimonio_e_memoria_v3.n2/artigos/denise_pai_va_bertolucci.pdf >. Acesso em: 17 Jun. 2008.

ficcional; só a partir de **Reinações**, ele dá consistência a um projeto de leitura educativo, com finalidades pedagógicas, conforme foi discutido no capítulo anterior. Interessante é perceber que Faucher encontrou no álbum o que Lobato encontrou no texto literário: um caminho para formar um leitor ativo e crítico.

Sobre a originalidade afirmada por ele, ela pode ser considerada discutível na medida em que as **Reinações** são uma história já bem conhecida do público infantil desde 1920. O que vemos em 1931 é um livro compósito, uma reedição de 11 títulos publicados na década anterior, porém cheia de mudanças, reformulações, supressões e acréscimos de texto.



Figura 30 Folhas de guarda da 2ª ed. de *As Reinações de Narizinho* (1933), ilustradas por J. G. Villin²³⁴

Não há, nos catálogos franceses que estudamos, nenhum caso semelhante com livros infantis dessa época: ou há *lançamento* ou há *reimpressão* de títulos. Mas esse trabalho de reedição sofisticada, como vemos no livro de Lobato, parece não ter tido par. É curioso notar que justamente o fato de ser uma reescritura, compósita (em nada usuais

²³⁴ Acervo da Biblioteca Monteiro Lobato.

306 páginas), confere originalidade e modernidade a **Reinações**, pois ele inaugura um modo de produção que se prestava a releituras de si mesmo e mudanças constantes.

Lobato publicara outros livros – entre 1920 e 1930 – além desses onze, mas o que lhe permitiu selecioná-los foi provavelmente o fato de haver entre eles algumas semelhanças (o tema, as personagens e o espaço onde se dá a narrativa) recorrentes, que os caracterizariam como episódios agrupáveis. Criava então, ao que parece, a primeira **série** literária brasileira para crianças, aumentando o “rocambole” a cada novo livro de aventuras das mesmas personagens do Sítio do Picapau Amarelo.

Sobre as séries, apenas o periódico infantil *O Tico-Tico* – lançado em 11 de outubro de 1905 – trouxe em vários episódios a célebre dupla “Chiquinho” e seu cachorro “Jagunço”, ambos decalcados do original norte-americano “Buster Brown” e “Tige”. Mas uma série literária genuinamente brasileira, publicada em livros, como a que Lobato criou ao longo dos anos vinte, foi não apenas uma novidade mas também o indício de que ele encarava o livro como um produto industrial, sujeito a leis de mercado e a regras comerciais que assegurassem o seu consumo e circulação.

Não estamos considerando aqui, no caso da turma do Sítio do Picapau, a **coleção** enquanto estratégia editorial, mas a **série** enquanto estratégia literária para familiarizar e fidelizar o leitor. Os textos seriados se convertem, assim, em agentes de propaganda dos outros títulos, aguçando a curiosidade do público a respeito do que acontecerá com aquelas personagens no próximo episódio.

Trata-se de uma boa jogada comercial como o foram outros casos na literatura: a trilogia da Condessa de Ségur, publicada entre 1858 e 1859 pela Hachette; as duas *Alices* de Lewis Carroll (no País das Maravilhas e no País do Espelho), de 1865 e 1872; as sete *crônicas de Nárnia* (C. S. Lewis) e a trilogia de *O Senhor dos Anéis* (J. R. R. Tolkien), ambos publicados nos anos 50; as histórias da famosa bruxinha criada por Eva Furnari, publicadas em tirinhas de jornal nos anos 80 e depois em livros; os cinco títulos de aventura e suspense vividos pelo grupo de estudantes “os Karas”, entre os anos 80 e 90, de Pedro Bandeira; e o atual fenômeno Harry Potter, com sete volumes, da inglesa J. K. Rowling.

Acréscimos, supressões, reescritura, nova ilustração, novas cores e formato. O negócio dá tão certo que os 5.000 **Reinações de Narizinho**, surgidos no Natal de 1931,

esgotam-se rapidamente e dão lugar, em 1933, a uma segunda edição de 20.000 exemplares, dividida em 2 partes impressas com tiragem de 10.000 cada uma.²³⁵ A partir daí, o volume I da série “Literatura Infantil” da coleção B.P.B. fora reduzido para apenas 130 páginas, e o leitor que quisesse acompanhar a seqüência das aventuras deveria adquirir o volume XI da coleção, intitulado *Novas Reinações de Narizinho*.²³⁶

A segunda edição de *Reinações* (1933) traz novas alterações no texto, substituições de vocábulos ou expressões – primeiras edições riscadas de próprio punho pelo autor mostram a sua busca permanente por um texto melhor – e sem as imperfeições gráficas da primeira, com uma apresentação visual mais agradável.

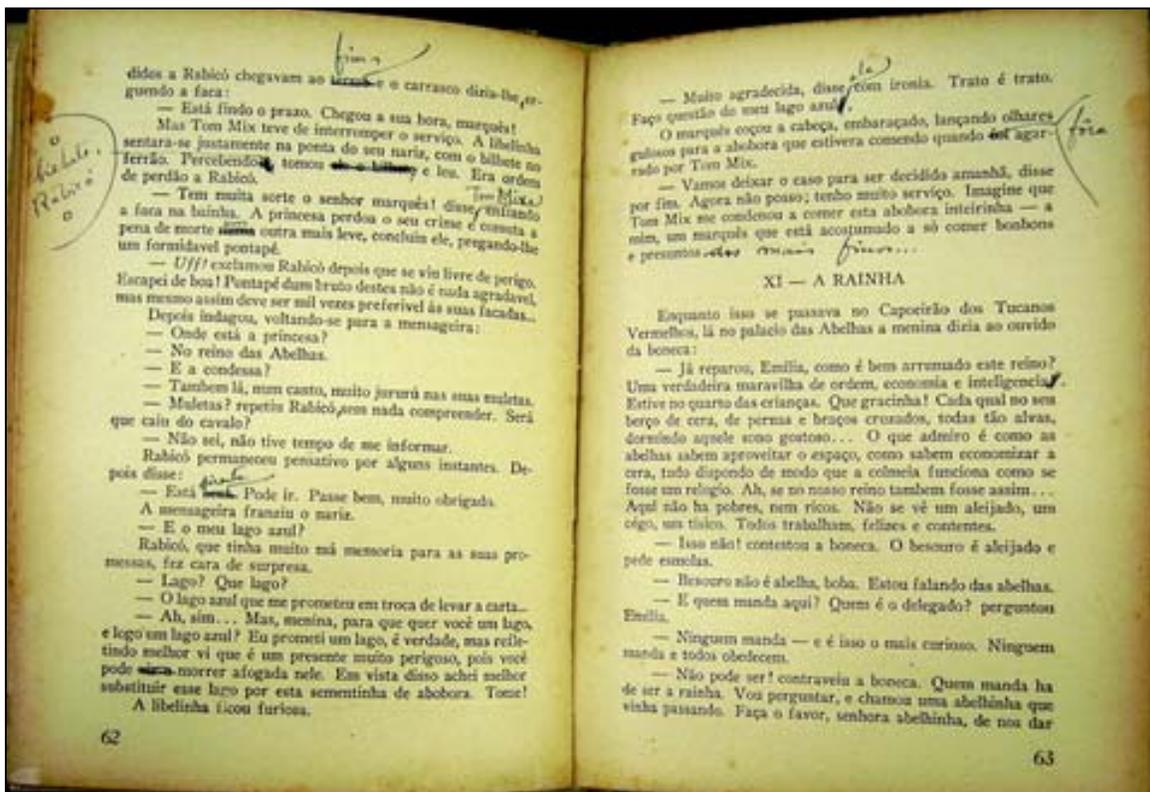


Figura 31 Páginas 62 e 63 da 2ª ed. de *Reinações*, com grifos do autor.

²³⁵ Fonte: carta de Octalles Marcondes Ferreira para Monteiro Lobato, 27/02/1941. (Op. Cit.)

²³⁶ Na edição de 1933, o volume I (*Reinações de Narizinho*) contém os capítulos de 1 a 5 e o volume XI (*Novas Reinações de Narizinho*) contém os capítulos de 6 a 11 apresentados na tabela 11.

As ilustrações não mudam, mas a organização dos elementos paratextuais como um todo dão a esta edição uma qualidade gráfica superior, tornando-a rigorosamente mais bonita e interessante que a anterior. A imagem abaixo mostram a página 48 desta edição (1933), que pertenceu provavelmente ao autor, com os riscos feitos à mão para marcar as alterações a serem impressas na edição seguinte (1937).

Retomamos um assunto que aparentemente já teria sido esgotado: qual a origem de *As Reinações de Narizinho*? Embora a nossa tese não seja especificamente sobre esta obra, é sobre ela que estamos falando para compará-la ao livro francês *Je découpe*. Nesse sentido, julgamos oportuno observar a origem e o modo de organização dessas obras, entre as categorias a serem eleitas para uma comparação. Além disso, por não haver ainda uma pesquisa que tenha esclarecido o confuso percurso de produção do livro *Reinações de Narizinho*, tentaremos preencher essa lacuna a fim de que estas informações nos ajudem a compreender como a obra se constituiu.

A gênese desse livro constitui um capítulo à parte na história editorial das obras infantis de Monteiro Lobato. Não só pelo fato de ser este um agrupamento reformulado de livros anteriores, mas porque a sua origem está imbricada com o início de sua carreira de editor e com os projetos que ela envolvia.

Biógrafos de Lobato²³⁷ e estudiosos da literatura infantil lobatiana mencionam o marco inicial de **Reinações** como sendo o livro **Narizinho Arrebitado**. Mas qual? Eles não são unânimes quanto à *versão* do **Narizinho** que teria sido o primeiro texto de *Reinações*; alguns afirmam ter sido a de 1920 e outros 1921 – esta última data é a mais difundida devido à conhecida tiragem fabulosa de 50.500 exemplares e a sua adoção nas escolas públicas paulistas. De fato, não é fácil esclarecer o que realmente foi publicado nas duas versões, e não há documentos que registrem dados da versão de 1920, exceto pela reprodução fac-similar publicada em 1982 sob os auspícios da empresa Metal Leve.

Um grande equívoco acontece na primeira biografia de Lobato, talvez a fonte mais consultada pelos pesquisadores do assunto, quando Edgard Cavalheiro afirma:²³⁸

²³⁷ Refiro-me a Edgard Cavalheiro; Carmen Lúcia de Azevedo, Márcia Camargos e Vladimir Sachetta.

²³⁸ CAVALHEIRO. Op. cit., vol. 2., p. 570.

A primeira edição de “Narizinho Arrebitado”, cartonada, elegante, muito bem ilustrada por Voltolino, nasce de uma imprudência editorial: nada menos do que uma tiragem de cinquenta mil exemplares é feita, coisa verdadeiramente absurda não só para aqueles tempos, mas até mesmo para os nossos dias.” (p. 570)

Na citação acima, o biógrafo dá informações relativas a dois livros diferentes como se fossem o mesmo: a edição cartonada e elegante a que ele se refere é o primeiro livro infantil de Lobato, **A Menina do Narizinho Arrebitado**, publicado em 1920, de formato 29 x 22cm, 43 páginas, colorido, em cuja folha de rosto lê-se “LIVRO DE FIGURAS”. Sobre ele, Lobato escreve em carta a Rangel, datada de 8/12/1921: “mandote o Narizinho colorido, formato **álbum** [grifo nosso], e com ele uma revista que mostra a minha penetração na Argentina.” (p. 240) A classificação “**livro de figuras**” e “**álbum**”²³⁹ indica que ele estava atento às tendências modernas do mercado editorial, e à importância das imagens e da estética em livros infantis – embora o seu livro não se enquadrasse em nenhuma das duas categorias, pois era um conto ilustrado, que se distinguia pelo excelente aspecto gráfico.

Voltando à citação equivocada de Cavalheiro, ele dá continuidade ao mal-entendido mencionando que essa edição de Narizinho, cartonada e elegante (1920), teve uma tiragem de 50.000 exemplares. Na verdade, esta tiragem gigantesca foi impressa para a segunda versão, a escolar, cujo título e subtítulo eram **Narizinho Arrebitado: segundo livro de leitura para uso das escolas primárias**, publicada em 1921. O biógrafo termina o parágrafo com uma nota que, segundo ele, reproduz parte de uma carta que os editores da *Monteiro Lobato & Cia* teriam recebido da gráfica que imprimiria os 50 mil *Narizinhos*, confirmando os termos do contrato. Diz a nota:²⁴⁰

A impressão foi contratada na “Cia Paulista de Papéis e Artes Gráficas”, que em 18/12/1920 confirmava aos editores os termos do contrato com a seguinte carta: “Pela presente confirmamos a encomenda que Vv. Ss. Nos confiaram de 50 mil exemplares de 1 livro escolar, impresso em

²³⁹ O conceito de **álbum** define-se, em linhas gerais, como um livro onde as imagens são predominantes, podendo ou não trazer textos para compor a narrativa. Estudiosos sobre o tema datam a sua aparição, na França, na década de 1880 e situam a sua modernização a partir da década de 1920. Jean Perrot, Annie Renonciat, Claude-Anne Parmegianni, Isabelle Nières-Chevrel e Ségolène Le Men são alguns dos nomes que publicaram importantes trabalhos sobre a história do livro para crianças na França.

²⁴⁰ A nota nº 156 (pág. 731) está no 2º vol. da obra (op. cit.), mas não há referência à fonte do documento.

papel de jornal, no formato e encadernação mais ou menos igual ao “Primeiro Livro de Leitura”, de João Köpke, de 1920, cujo exemplar Vv. Ss. Nos entregaram para amostra, pelo preço de Rs: 29.800\$000, preço feito para o livro de 144 páginas. Caso porém haja acréscimo de páginas, fica estabelecido o preço de 24\$000 por página que crescer. Condições de entrega: sendo-nos entregue os originais e respectivos clichês na próxima segunda-feira, dia 20, comprometemo-nos a fazer a entrega de 10.000 exemplares ou mais em fevereiro, e a seguir o maior número possível de livros, no mais curto espaço de tempo. Condições de pagamento: A importância total será dividida em quatro saques mensais com vencimento a começar em 30 de março de 1921, sendo o primeiro e o segundo de 7:000\$000 cada um e os dois outros do restante da importância divididos em partes iguais. O tipo da composição será igual ao do livro “Saudade”, que estamos fazendo para o Sr. Tales de Andrade, de Piracicaba. Sem mais, etc. etc.”
A edição deu 181 páginas.

Algumas informações da nota citada acima foram mencionadas por Alice Mitika Koshiyama, porém ela reproduz o equívoco iniciado por Cavalheiro quando diz: “O **primeiro** [grifo nosso] livro que editou para crianças, *Narizinho Arrebitado*, trazia o frontispício esclarecedor: “literatura escolar”.” (KOSHIYAMA: 1982, p. 81).

O fato de o editor Lobato ter levado como amostra o livro de João Köpke, para garantir que a gráfica contratada imprimisse o seu **Narizinho** escolar com o mesmo formato e encadernação, indica que o autor estava atento à materialidade dos impressos e deveria obedecer aos padrões já bem aceitos pela comunidade de leitores a que a sua obra se destinava – alunos da escola pública paulista. Vê-se que não é por acaso que Lobato escolhe João Köpke como modelo para o seu livro de estréia no gênero escolar, pois o *Primeiro livro de leituras moraes e instructivas para uso das escolas primárias* (Köpke) já estava na sua 57ª edição em 1920, sucesso de catálogo da Francisco Alves desde 1884. Também a escolha pelo papel de jornal era uma maneira de baratear a produção e poder custear a altíssima tiragem de 50 mil exemplares para um livro de 181 páginas.

Para melhor compreender como esses livros entraram na composição de **Reinações de Narizinho**, tentamos colocar as informações expostas anteriormente nas duas tabelas a seguir. A primeira recupera as características gerais dos dois livros que lhe deram origem, e a segunda mostra a trajetória de organização dos capítulos de **Reinações**.

Tabela 10 – Informações gerais e modo de organização na trajetória de Reinações

Título	A Menina do Narizinho Arrebitado	Narizinho Arrebitado: segundo livro de leitura para uso das escolas primárias	As Reinações de Narizinho
Ano	1920	1921	1931
Tiragem		50.000	5.000
Editora	Monteiro Lobato & Cia	Monteiro Lobato & Cia	Cia Editora Nacional
Impressor	Typographia da Soc. Editora Olegário Ribeiro	Cia Paulista de Papéis e Artes Gráficas	
Formato	29 x 22 cm	21 x 23,5 cm (estimado)	
Nº de páginas	43 páginas	181 páginas	306 páginas
Ilustrador	Voltolino	Voltolino	Jean-Gabriel Villin
Design gráfico	Bandeaux, texto-imagem em todas as páginas, ilustrações em 3 cores.	Texto-imagem em algumas págs, outras só com texto, tudo em preto e branco.	Texto e ilustração em páginas separadas, parte colorida e parte em P/B.
Organização	Um único conto com 7 episódios separados por títulos	Aumento e divisão em 3 partes: <i>Narizinho</i> (pp. 03-65); <i>Tempo de Jaboticaba</i> (pp. 67-132); e <i>No Reino das Abelhas</i> (pp. 133-181).	Reformulação dos 2 Narizinhos anteriores mais 9 livros, que são transformados em 11 capítulos de Reinações .
Observações	Este livro será a 1ª parte (<i>Narizinho</i>) da versão escolar em 1921	2 episódios dessa obra saíram na Revista do Brasil: <i>O enterro da Vespa</i> pp. 42-50 jan/1921; e <i>A Colméia</i> pp. 121-126 fev/1921.	Cada um dos 11 capítulos sofreu várias alterações e apresenta-se também em episódios.

Fonte: LOBATO, 1920; idem, 1921; idem 1931.²⁴¹

²⁴¹ LOBATO, Monteiro. Op. cit.. Todas as obras já foram citadas, sendo que: *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar da original de 1920) é acervo do FML-Cedae; *Narizinho Arrebitado* 1ª ed. (1921) e *As Reinações de Narizinho* 1ª ed. (1931) pertencem ao acervo da Biblioteca Monteiro Lobato.

Tabela 11 – Os livros que se transformaram em capítulos de Reinações de Narizinho

Livro original	Ano	Capítulo de Reinações (1931)
1ª parte (<i>Narizinho</i>) de <i>Narizinho Arrebitado</i>	1921	1- <i>Narizinho Arrebitado</i>
2ª parte (<i>Tempo de Jaboticaba</i>) + 3ª parte (<i>No Reino das Abelhas</i>) de <i>Narizinho Arrebitado</i>	1921	2- <i>O Sítio do Picapau Amarelo</i>
<i>O Marquez de Rabico</i>	1922	3- <i>O Marquês de Rabicó</i>
<i>O Noivado de Narizinho</i>	1928	4- <i>O Casamento de Narizinho</i>
<i>Aventuras do Príncipe</i>	1928	5- <i>Aventuras do Príncipe</i>
<i>O Gato Félix</i>	1928	6- <i>O Gato Félix</i>
<i>Cara de Coruja</i>	1928	7- <i>Cara de Coruja</i>
<i>O irmão de Pinocchio</i>	1929	8- <i>O irmão de Pinocchio</i>
<i>O circo de escavallinho</i>	1929	9- <i>O circo de escavallinho</i>
<i>A penna de papagaio</i>	1930	10- <i>A Penna de papagaio</i>
<i>O pó de pirlimpimpim</i>	1930	11- <i>O pó de pirlimpimpim</i>

Dados estatísticos do IBGE mostraram que em 1920, no estado de São Paulo, para uma população de 7 a 14 anos com 961.616 indivíduos, apenas 265.588 deste total sabiam ler e escrever.²⁴² Os números, embora decepcionantes para a nação, garantem um leitorado razoável para a aposta ousada, mas nada insana, de Lobato. Mas seus leitores não se limitaram aos alunos da escola primária paulista, pois o escritor contou com suas amigas que representavam a **Revista do Brasil** em outros estados do país, fazendo com que o seu **Narizinho** (1921) fosse adotado, segundo ele declara no catálogo de 1923,²⁴³ nas escolas da São Paulo e da Paraíba. A adoção também foi feita nas escolas públicas do Ceará quando Lourenço Filho era Diretor da Instrução Pública naquele estado.²⁴⁴

²⁴² Informações contidas no site do *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística* (IBGE). Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/seculoxx/estatisticas_populacionais.shtm>

²⁴³ As imagens dos catálogos de 1923, 1924 e 1925, das editoras *Monteiro Lobato & Cia* e *Cia Graphico-Editora Monteiro Lobato*, constam na tese de Cilza Bignotto (Op. Cit.) e nos foram gentilmente cedidas.

²⁴⁴ Em carta de julho de 1922, Lourenço Filho menciona a adoção oficial do livro de leitura de Lobato nas escolas primárias cearenses. Esse documento foi citado e transcrito no item 1.4.2 do capítulo 1 desta tese.

Em uma das entrevistas publicadas em *Prefácios e Entrevistas*, Lobato conta que “Os quinhentos exemplares a mais dos 50 mil eu os havia tirado em papel melhor e mandado de presente a todos os grupos e escolas do Estado.”²⁴⁵ (p. 214) Esses 500 exemplares a mais não constam na carta da *Cia Paulista de Papéis e Artes Gráficas* (reproduzida anteriormente), que contém os termos do contrato de impressão de *Narizinho Arrebitado*; isto nos leva a supor que uma outra gráfica teria feito o serviço em 1920, em papel melhor, já que se tratava de um “presente” a ser enviado às escolas que adotariam esse livro no currículo do ano seguinte.

O presente era um investimento de marketing que serviria como *teste* e como *propaganda* da sua primeira produção para crianças. Não há documentos conhecidos que possam nos informar qual foi a tiragem impressa para a edição anterior (álbum de 1920), tampouco qual teria sido a versão enviada como cortesia às escolas (o elegante álbum colorido e cartonado ou o livro de leitura escolar em brochura preto-e-branco?). O que fica claro é que, após o teste de recepção, a sua maior aposta foi entrar na literatura infantil pelas portas da escola. E nisso está a primeira semelhança de Lobato com Paul Faucher.

Assim como Monteiro Lobato, Paul Faucher não prescindiu da sua rede de contatos no meio educacional para assegurar seu espaço e ingressou no campo da edição para crianças através da escola pública – certamente o melhor caminho para um iniciante ganhar popularidade entre os pequenos leitores. Ambos ficaram conhecidos e circularam nas escolas e contaram com o apoio desse leitorado para se tornarem autores de sucesso, com reedições frequentes de seus títulos, que passaram a figurar entre os mais vendidos nos catálogos das livrarias nas décadas de trinta e quarenta.

Como foi exposto no capítulo 1 desta tese, as relações do escritor paulista com educadores que ocupavam cargos na instrução pública ou nas escolas normais eram antigas, desde os anos em que ele era editor e dono da **R.B.** Foi visto que no número 57 da revista há um anúncio – fato inédito nas pesquisas já publicadas sobre Lobato – indicando que ele revendia obras de pedagogia em língua estrangeira.²⁴⁶ O fato de Lobato

²⁴⁵ LOBATO, Monteiro. **Prefácios e entrevistas**. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1950.

²⁴⁶ Vol. 15, setembro-dezembro de 1920, p. 91.

revender, em 1920, livros sobre educação que circulavam na Europa, nos faz acreditar que o seu conhecimento das discussões internacionais sobre educação era um pouco maior do que supomos. Da mesma forma, o Roger Cousinet que aparece no início de 1921 traduzido na **R.B.**, com o artigo “A educação Utilitária”,²⁴⁷ é o mesmo inspetor da instrução primária que acabara de fundar a associação *La Nouvelle Education*, um dos mais ativos pedagogos do movimento na França, e também o mesmo Cousinet que troca cartas com o amigo Paul Faucher.²⁴⁸

O **Père Castor** aparece pela primeira vez no catálogo “Livres d’Étrennes”. As imagens a seguir reproduzem a capa e a folha de rosto da edição do ano de 1932:

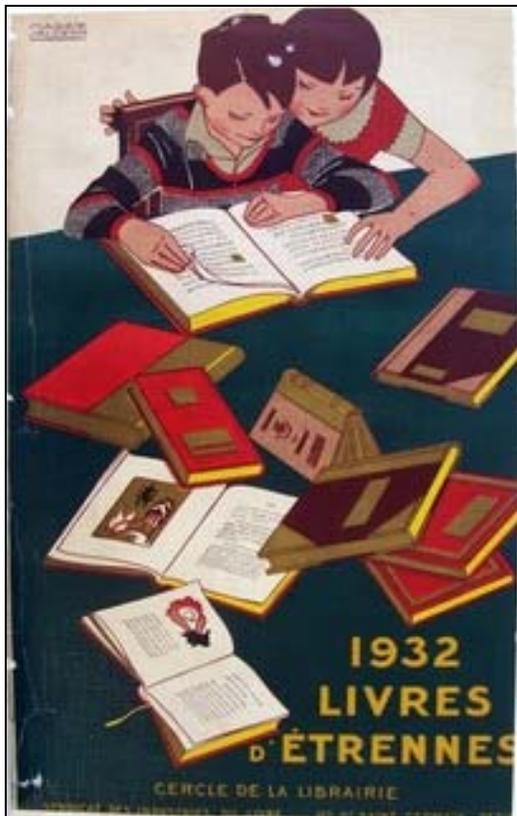


Figura 32 Capa do *Livres d'Étrennes* 1932

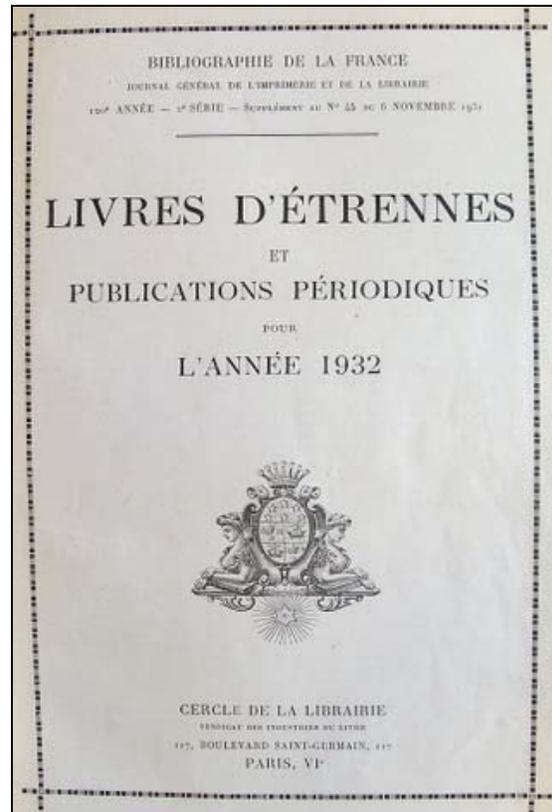


Figura 33 Folha de rosto do L. E. 1932²⁴⁹

²⁴⁷ Vol. 16, janeiro-abril de 1921, pp. 284-285.

²⁴⁸ A correspondência entre Faucher e Cousinet está nos *Archives du Père Castor*.

²⁴⁹ Acervo do *Fonds Historique de la Bibliothèque de l'Heure Joyeuse* – Paris.

Para o ano de 1932, a *Flammarion* anuncia entre as suas novidades uma dupla de álbuns: “*Je fais mes masques*” (Eu faço minhas máscaras) e “*Je découpe*” (Eu recorto). Ambos foram criações artísticas de Nathalie Parain, segundo as orientações pedagógicas de Faucher. Em carta de 21 de março de 1931,²⁵⁰ quando os 2 primeiros álbuns do Père Castor estavam sendo preparados, ele dá a sua apreciação sobre as provas que a ilustradora lhe enviara (muito provavelmente para *Je découpe*) e combina com ela os detalhes da obra:

Prezada Senhora:

Suas composições estão, creio eu, totalmente dentro da idéia que convém e são muito bem elaboradas. Obrigado. Eu lhas devolvo para que a senhora possa trabalhá-las. Eu as numerei na ordem de minhas preferências.

1 Talvez a senhora possa simplificar a máquina ainda mais;

2 Eu lhe sugiro um outro texto. Suas legendas correriam o risco, me parece, de levar a uma confusão na mente da criança. Ela poderia pensar que o “segredo” é uma adivinhação, consistindo em encontrar qual é a personagem que desarrumou o quarto;

3 Nada a dizer;

4 Há no quadro dois assuntos: o cachorro que persegue o gato e a padaria (cenário), que valeria mais a pena separar e guardar para um outro álbum.

Se a senhora pudesse me enviar as gravuras já prontas, na quarta-feira, eu poderia examiná-las quinta com um grupo de crianças.²⁵¹

Eu fico com as legendas e o prefácio, nos quais há apenas ligeiras modificações a fazer.

Eu lhe rogo, cara senhora, que dê minhas lembranças a seu marido e sua filha, e que creia na minha lembrança simpática.²⁵²

Pela carta de Faucher, nota-se a sua preocupação em simplificar o texto e as imagens do álbum, de tal sorte que ambos estejam facilmente ao alcance da mente infantil. Suas palavras apontam para o caráter pedagógico da leitura de textos e de

²⁵⁰ Documento inédito. Acervo dos **Archives du Père Castor**. Localização: cote 122.

²⁵¹ Trata-se dos **círculos de leitura** na *Bibliothèque de L'Heure Joyeuse*, tardes onde Faucher apresentava imagens e textos para testar o nível de compreensão das crianças e avaliar a recepção das obras.

²⁵² Tradução nossa. O texto em francês está na imagem da carta, reproduzida na próxima página (Figura 37)

imagens, sendo fundamental não confundir a cabeça da criança com sofisticacões que ele julga inadequadas à capacidade de compreensão de seu leitor.

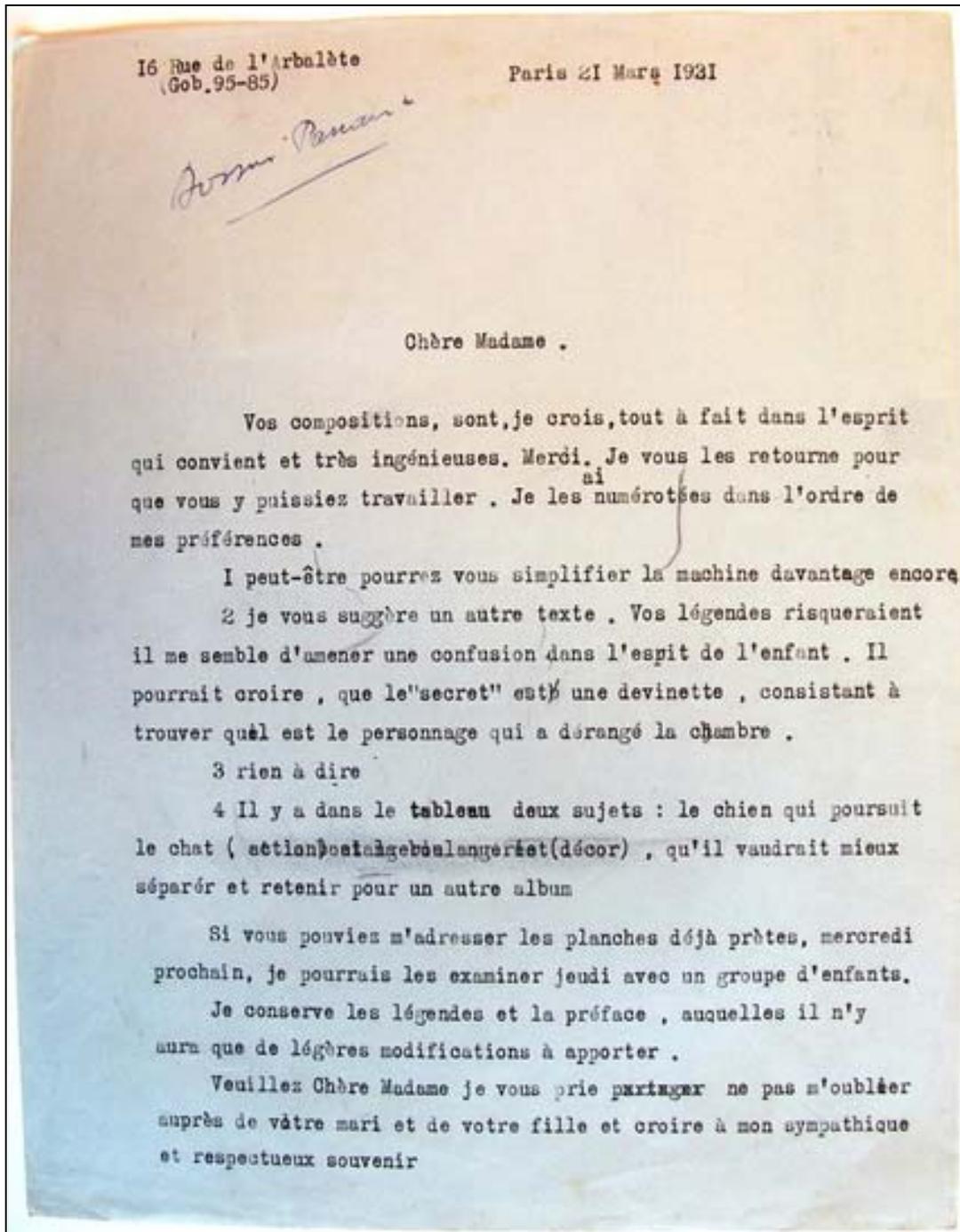


Figura 34 Carta de Paul Faucher à ilustradora Nathalie Parain. Documento inédito.²⁵³

²⁵³ Archives du Père Castor. Localização: cote 122.

Nessa questão Faucher e Lobato eram bem diferentes. Lobato se preocupava com a clareza do seu texto sim, mas não poupava o seu leitor de metáforas e ironias, de críticas de costumes ou políticas, até mesmo de alguma filosofia. As finalidades de cada um, ao fazer livros para crianças, é que poderia explicar essa diferença de abordagem, pois os álbuns do Père Castor propunham atividades e jogos onde a criança tinha que resolver suas dificuldades por iniciativa própria, em vários níveis de complexidade, mas os textos (contos, poemas, ou textos curtos) eram sempre simples e leves.

Parece que enquanto Faucher buscava o desenvolvimento cognitivo através da arte e do jogo, Lobato promovia um refinamento dessa inteligência, a emancipação das idéias, através da literatura. Talvez o texto de Lobato, de excelente qualidade literária, provocasse uma adultização precoce da criança, mas o assunto não cabe a esta tese – seria discussão para uma tese em psicologia.

Na tabela abaixo, podem ser vistas algumas características dos 2 primeiros álbuns realizados em parceria de Faucher com Nathalie Parain.

Tabela 12 – Características dos 2 primeiros álbuns do Père Castor

Título	Je fais mes masques	Je découpe
Ano	1931	1931
Tiragem	11.000	9.000
Editora	Flammarion	Flammarion
Formato	36,5 x 29,5 cm	24 x 28 cm
Coleção	Albums du Père Castor	Albums du Père Castor
Nº de páginas	36 págs	24 págs
Ilustrador	Nathalie Parain	Nathalie Parain
Atividade	Teatro de máscaras	Recorte e colagem
Observações	Este livro não foi reeditado	Este livro teve 4 edições até 1941

A imagem abaixo mostra a seção da editora *Flammarion* no catálogo *Livres d'Étrennes*²⁵⁴, onde aparecem os anúncios dos dois primeiros álbuns: *Je fais mes masques* vem na primeira página (op. cit., p. 319) e *Je découpe* na terceira (p. 321). Nas capas ainda não há a inscrição “Albums du Père Castor” que marcará os próximos livros da coleção.



Figura 35 Detalhe da pág. 319 do L.E. 1932 com o anúncio do *Je fais mes masques*²⁵⁵

Enquanto seus dois álbuns estavam no prelo, Paul Faucher também preparava uma **missão pedagógica** por 5 países: Alemanha, Tchecoslováquia, Hungria, Áustria e Polônia. A viagem ocorreu de 25 de agosto a 15 de outubro de 1931 e foi subvencionada pelo *Ministère de l'Instruction Publique et des Beaux-Arts*. O objetivo era estudar os novos métodos pedagógicos introduzidos no ensino primário daqueles países e dar

²⁵⁴ Os catálogos anuais “Livres d'Étrennes” dos anos 1930, 1931, 1932, 1933 e 1934 que foram consultados e parcialmente digitalizados pertencem ao fundo histórico da biblioteca *L'Heure Joyeuse* - Paris.

²⁵⁵ Acervo do *Fonds Historique de la Bibliothèque de l'Heure Joyeuse* - Paris.

conferências sobre a obra de Edouard Séguin e sobre a psicologia da infância. Convém lembrar que desde 1927 ele presidia o *Bureau Français d'Education* e dirigia a coleção *Education* da editora Flammarion. Assim como Lobato, Faucher era um homem de excelentes relações pessoais desde o início dos anos vinte, quando iniciara ainda jovem sua carreira de livreiro na *librairie Flammarion*, tendo participado de importantes associações de intelectuais como a *Union pour la vérité*²⁵⁶ e o movimento dos *éclaireurs unionistes de France*, uma associação de *escotismo* cristão ligada à educação popular.

Em 30 de novembro de 1931, após o retorno da viagem e tendo lançado os seus dois álbuns, Paul Faucher escreve carta ao amigo Georges Lapierre²⁵⁷:

Caro Amigo:

Aqui estão 2 álbuns-jogo para as crianças. Eles foram feitos com a colaboração dos interessados e seguindo princípios pedagógicos que você reconhecerá facilmente. Eles estão encontrando, nas crianças às quais eu os submeti, um sucesso que ultrapassa minha expectativa.

JE DÉCOUPE se dirige às crianças a partir de 7 anos.

MES MASQUES só podem ser executados por crianças mais velhas.

Quando você tiver estudado esses dois álbuns, tenha a bondade de me dizer o que você acha deles e se você encontra neles algum mérito. Eu lhe ficaria grato se os recomendasse aos seus camaradas na “*L'école libératrice*”.

Eu lhe trouxe saudações de Praga e de Varsóvia. Quando poderei vê-lo?

Bem cordialmente seu²⁵⁸

²⁵⁶ Grupo de intelectuais e artistas de vários países que se reuniam para discutir assuntos candentes da época e trocar idéias. Os encontros, promovidos de 1910 a 1939 por Paul Desjardins, incluíam passeios e jantares, duravam 10 dias e são conhecidos como “*Les décades de Pontigny*”. Paul Faucher foi convidado por Desjardins a participar de algumas *décades*; em Pontigny o Père Castor esteve com intelectuais como Gide, Malraux, Duhamel, **Piaget**, **Decroly**, Lacan, **Wallon**, entre outros. Suas impressões ficaram registradas em suas cadernetas ou diários – os *carnets de Pontigny*.

²⁵⁷ Documento inédito. Acervo dos **Archives du Père Castor**. Localização : cote 66.

²⁵⁸ Tradução nossa. No original:

Cher ami,

voici deux albums-jeux pour des enfants. Ils été [sic] établis avec la collaboration des intéressés et suivant des principes pédagogiques que vous reconnaître [sic] aisément. Ils rencontre [sic] auprès des enfants auxquels je les soumis [sic] jusqu'ici un succès qui dépasse mon attente.

JE DÉCOUPE s'adresse aux enfants à partir de 7 ans

MES MASQUES ne peuvent être exécutés que par des enfants plus âgés.

Quem era Georges Lapierre em 1931? Era o secretário-geral do sindicato nacional dos professores primários e diretor da *L'École Libératrice* – revista semanal e órgão difusor do sindicato. E quem era Paul Faucher em 1931? Um editor e diretor de coleção na *Flammarion*, que também dirigia um organismo de educação (B.F.E.) e estava em contato direto com os promotores do movimento escolanovista europeu. A posição institucional do destinatário dessa carta é apenas uma amostra de que o círculo de amizades de Faucher favorecia a sua atuação como editor de livros infantis que eram criados de acordo com os princípios das pedagogias ativas.

Os teóricos dessa corrente pedagógica se reuniam em congressos, escreviam livros, participavam das mesmas instituições, dos mesmos congressos, publicavam nos mesmos periódicos, e compartilhavam das mesmas idéias de Faucher. A correspondência encontrada em seu arquivo, ao lado de outros impressos, é um excelente registro dessas relações e mostram a dinâmica interna da *Nouvelle Education*, a posição privilegiada de Faucher entre os seus protagonistas. Isto não que os seus livros só puderam alcançar os números de vendas que tiveram porque contaram com essa rede amiga de divulgação e circulação, mas certamente este foi um dos fatores que mais contribuíram para o seu sucesso. A solidez institucional da editora, que acatava seus projetos inéditos, também lhe permitiu fazer do **Albums du Père Castor** uma marca de êxito.

Na carta de Faucher a Lapierre, ele comenta o sucesso que seus novos álbuns estavam fazendo entre as crianças que o manusearam e indica a faixa etária que ele prevê para cada álbum: um planejamento que indica as competências de leitura e habilidades manuais que ele previa para o seu público. Também o pedido ostensivo de divulgação e o aceno com retribuição de compartilhar amizades mostra que Faucher e Lobato, assim como outros atores do campo cultural, usavam (e usam) dos mesmos mecanismos para assegurar o seu espaço dentro do sistema no qual se inserem.

No primeiro capítulo desta tese foi reproduzida uma carta de Lourenço Filho a Monteiro Lobato, de julho de 1922. Conforme foi visto, a mesma carta que fala da

Quand vous aurez étudié ces deux albums, ayez la bonté de me dire ce que vous en pensez et si vous leur trouvez quelque mérite. Je vous serais reconnaissant de les recommander à vos camarades dans « L'École Libératrice ».

J'ai bien des amitiés à vous faire de Prague et de Varsovie. Quando puis-je vous voir. [sic]

Bien cordialement vôtre.

adoção de Narizinho nas escolas públicas do Ceará ilustra o esquema de troca de favores praticado também entre os nossos intelectuais. As palavras de Lourenço filho mostram como funcionava o marketing pessoal no jogo de favores e de camaradagem que é um dos lastros do sistema literário: eu adoto o seu livro e você fala bem de mim na sua revista; eu instituo a matrícula obrigatória e você ganha mais leitores para a **Revista do Brasil** e para seus livros infantis. Expedientes assim são largamente utilizados com proveitos para ambos os lados: proveitos de capital simbólico que legitimam os nomes em questão.

O planejamento cuidadoso, a preocupação em testar a legibilidade e a adequação de seus livros para o público infantil era uma das características marcantes de Paul Faucher, que desde 1929 já havia trabalhado em parceria com a biblioteca infantil municipal *L'Heure Joyeuse* para testar seus projetos de publicação junto aos pequenos frequentadores, em sua maioria crianças moradoras do *quartier latin*.

Os **círculos de leitura** promovidos por ele, nas tardes de quinta-feira, foram citados em relatório²⁵⁹ anual (12/11/1929 a 12/11/1930) da biblioteca parisiense como uma iniciativa pioneira, primeira tentativa de colaboração de um editor com uma biblioteca pública infantil. De acordo com o relato das bibliotecárias,²⁶⁰ durante as sessões, Paul Faucher observava as reações das crianças, o nível de compreensão das imagens e dos textos, e os modificava de acordo com os resultados. Além disso, ele aplicava questionários para solicitar opiniões justificadas de alguns leitores voluntários para a tarefa. Um documento datilografado dos arquivos desta instituição registra o fato:

Senhor Faucher, não querendo cair em um erro frequente dos editores – a publicação de livros para a infância que não interesse às crianças, pediu à *L'Heure Joyeuse* sua colaboração. Ele desejava ler os livros, antes da sua publicação, para um grupo de crianças, a fim de ver as suas reações e até mesmo de obter delas uma crítica. A *L'Heure Joyeuse* que, na qualidade de primeira biblioteca para a infância na França, compreende que entre as suas atribuições está o desenvolvimento da literatura infantil, aceitou sem demora essa primeira tentativa de colaboração direta com os editores. Senhor Faucher constituiu então,

²⁵⁹ O documento foi reproduzido na tese de Annie Renonciat (op. cit.), vol. 2, parte III, pp 452-453.

²⁶⁰ As bibliotecárias eram Mathilde Leriche e Marguerite Gruny, que acabara de substituir Claire Huchet na direção da biblioteca.

com os leitores mais jovens inicialmente, um círculo de leitura que não obteve resultados satisfatórios; em seguida ele tentou com os maiores e pôde reunir, entre eles, após diversas tentativas, alguns leitores que, orgulhosos da confiança que nós lhe demonstrávamos, aceitaram com prazer o papel de críticos. No conjunto, entretanto, esses dois círculos não devem ser considerados senão como tentativas, primeiras desse gênero; a novidade da experiência e a falta de tempo das crianças após seu trabalho de classe impediram a obtenção de todos os resultados que nos esperaríamos em condições outras.²⁶¹

Na carta mencionada anteriormente, à Nathalie Parain (artista russa que realizou 15 álbuns entre 1931 e 1939), na qual sugere alterações nas provas de **Je découpe** e **Mes masques**, Paul Faucher faz um pedido que confirma o relato acima: “Se você pudesse me enviar as gravuras já prontas, na próxima quarta, eu poderia examiná-las quinta com um grupo de crianças.”²⁶²

Embora Lobato não tenha tido a mesma iniciativa de se colocar à escuta das crianças de forma sistemática e investigativa, o autor encontrou uma outra maneira de dialogar com o seu público e conhecer-lhe as preferências – através de cartas.²⁶³ A correspondência do escritor com seus leitores mostra que ele não só acatava críticas e sugestões das crianças, mas também as visitava pessoalmente nas escolas. Duas correspondentes assíduas parecem ter conquistado o afeto especial de Lobato: a gaúcha

²⁶¹ Tradução nossa. No original, em francês : *Monsieur Faucher ne voulant pas tomber dans une erreur fréquente des éditeurs : la publication de livres pour la jeunesse qui n'intéressent pas les enfants, a demandé à « L'Heure Joyeuse » sa collaboration. Il désirait lire les livres, avant leur publication, à un groupe d'enfants afin de connaître leurs réactions et même d'obtenir d'eux une critique. L'Heure Joyeuse qui, en qualité de première bibliothèque pour la jeunesse en France, comprend dans ses attributions le développement de la littérature enfantine, a accepté avec empressement cette première tentative de collaboration directe avec les éditeurs. Monsieur Faucher a donc constitué, avec les plus jeunes lecteurs d'abord, un cercle de lecture qui n'a pas obtenu des résultats satisfaisants ; il a ensuite essayé avec les plus grands et a pu réunir, parmi eux, après divers essais, quelques lecteurs qui, fiers de la confiance qu'on leur témoignait, ont accepté avec plaisir de faire oeuvre de critique. Dans l'ensemble cependant, ces deux cercles ne doivent être considérés que comme des tentatives, premières de ce genre ; la nouveauté de l'expérience et le manque de temps des enfants après leur travail de classe ont empêché d'obtenir à ce sujet tous les résultats qu'on aurait espéré dans des conditions d'autres.*

²⁶² Tradução nossa. Carta de 21/03/1931, **Archives du Père Castor**.

²⁶³ Algumas cartas estão no Arquivo Raul Andrada e Silva, do IEB-USP, e outras no CEDAE-UNICAMP. Essas cartas constituíram o objeto de pesquisa de Doutorado de Raquel Afonso da Silva (op. cit.).

Maria Luíza e a menina carioca cujo pseudônimo é “Rã”. Esta última chega a ter um papel de co-autoria em alguns trechos do livro *A Reforma da Natureza* (1941).²⁶⁴

Uma outra amostra de que Lobato tinha o mesmo escrúpulo que Faucher ao escrever para o público infantil está em algumas cartas enviadas a Godofredo Rangel. Em carta de 9 de fevereiro de 1921,²⁶⁵ quando a gráfica acabara de lhe entregar a primeira parte da encomenda, ele pede ao amigo que faça a experiência: “Mando-te o *Narizinho escolar* [grifo nosso]. Quero tua impressão de professor acostumado a lidar com crianças. Experimente nalgumas, a ver se interessam. Só procuro isso: que interesse às crianças.”

Vemos, portanto, que nem só da opinião das crianças se valem os escritores, pois eles solicitavam igualmente a apreciação de adultos a respeito das obras que publicavam. Anísio Teixeira comentava frequentemente os livros infantis que Lobato lhe enviava, registrando inclusive as reações e preferências de leitura de seus filhos, em cartas publicadas no livro “Conversa entre amigos”.²⁶⁶ Preocupado com a adequação do seu livro à capacidade de compreensão de seus leitores, assim como Faucher pede a opinião do amigo Georges Lapierre antes de se tornar o Père Castor, Lobato conta com o parecer de Rangel antes mesmo de lançar seu primeiro *Narizinho*:

Tive idéia do livrinho que vai para experiência do publico infantil escolar, que em matéria fabulística anda a nenhum. Há umas fábulas de João Kopke, mas em verso – e diz o Correia que os versos do Kopke são versos do Kopke, isto é, insulsos e de não fácil compreensão por cérebros ainda tenros. Fiz então o que vai. Tomei de La Fontaine o enredo e vesti-o à minha moda, ao sabor do meu capricho, crente como sou de que o capricho é o melhor dos figurinos. A mim me parecem boas e ajustadas ao fim – mas a coruja sempre acha lindos os filhotes. Quero de ti duas coisas: juízo sobre a sua adaptabilidade à mente infantil e anotação dos defeitos de forma. Mas pelo amor de Deus não os elogie. Ando elogiado demais – como quem se regalou demais com o mel e está com a boca a arder, e a querer tudo no mundo, menos mel... Desanca-me um pouco, Rangel. Sinto necessidade de humilhação...

²⁶⁴ Maiores detalhes em: ABREU, Tâmara C. S. Entre Guerras, Ciências e Reformas: Emília consertando a natureza. In: Marisa Lajolo; João Luís Ceccantini. (Org.). **Monteiro Lobato (infantil) livro a livro**. 1 ed. São Paulo: Ed. UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008, pp. 439-451.

²⁶⁵ Op. cit., p. 228.

²⁶⁶ Op. cit.

As duas cartas apresentadas dialogam e nos dão uma medida da importância da recepção para esses dois promotores de leitura. A consciência da necessidade de se fazer compreender pela criança parece uma particularidade da literatura a ela destinada, pois limitações diversas (lingüísticas, psicológicas e culturais) podem restringir o seu *horizonte de expectativa*, para usarmos uma terminologia cara à estética da recepção. Lobato e Faucher se mostram, pois, atentos às competências de leitura do seu público.

No caso de *Je découpe*, vimos que a realização do álbum foi precedida de pesquisas e de uma campanha promocional, embora informal, junto a órgãos e pessoas ligadas à educação primária. O mesmo se deu com os livros *Narizinho Arrebitado* (1921) e *Fábulas* (1922), ambos adotados nas escolas públicas. No entanto **Reinações** (1931) teve outra trajetória, que contou com o nome de Fernando de Azevedo para dar valor pedagógico simbólico à obra inscrita na coleção dirigida por ele.

Je découpe teve quatro edições: 1931 (tiragem de 9.000 exemplares); 1934 (7.000); 1938 (6.000); e 1941 (8.000). Três delas foram localizadas no acervo pessoal de François Faucher, na sua casa de campo em Forgeneuve (vizinha à *Mediathèque du Père Castor*), onde estava também toda a coleção que constituiria a biblioteca dos *Archives du Père Castor*, ainda em fase de organização na época de nossa pesquisa.

Em nosso estudo, analisamos as diferenças entre as seguintes edições de *Je découpe*: a primeira (1931), a terceira (1938) e a quarta (1941). Pudemos constatar que elas são praticamente idênticas, exceto por pequenas alterações feitas em poucos elementos que comentaremos em seguida.

A primeira coisa que chama a atenção é a simplicidade do álbum: um volume fino, em brochura, muito leve, cuja capa tem um aspecto visual límpido, como se o autor fosse uma criança.²⁶⁸ O tom pastel das cores; o tipo escolhido, parecendo letras recortadas; e os motivos (casa, árvore e coelho) dão a impressão de um trabalho escolar infantil. Vejamos as imagens da capa e da folha de rosto:

²⁶⁷ Carta de 13 de abril de 1919. Op. cit., p. 193.

²⁶⁸ As imagens são da capa e da folha de rosto da primeira edição (1931). **Archives du Père Castor**.

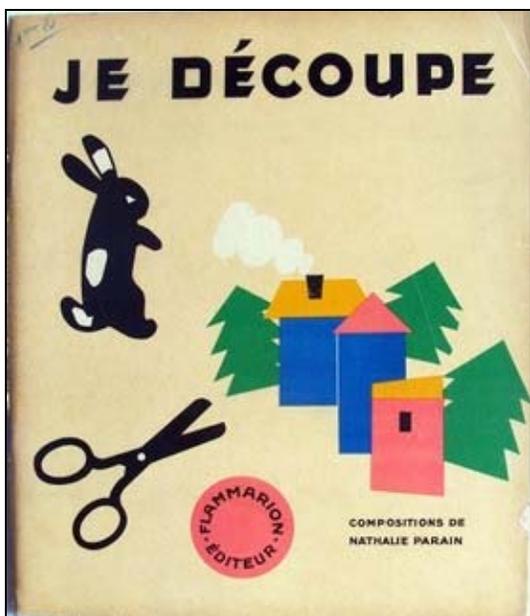


Figura 36 Capa da 1ª ed. de *Je découpe* (1931)

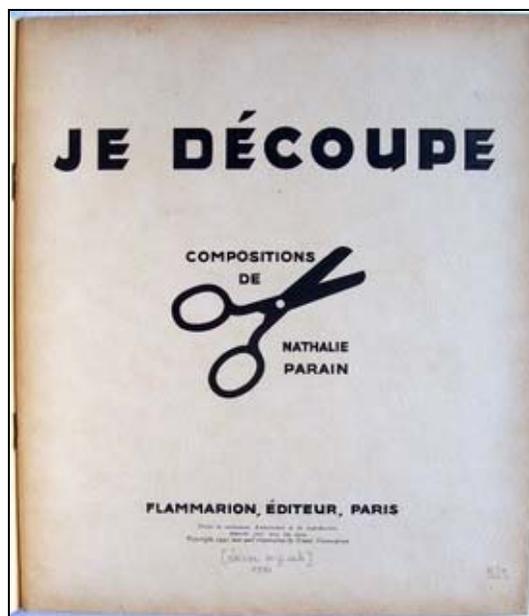


Figura 37 Folha de rosto (op. cit.)

O próprio título – **Eu recorto** – já sugere a proposta do livro: atividades manuais de recorte e colagem. A folha de rosto traz o nome da artista autora das composições, em posição central, além do título, editora e data do copyright; e o prefácio amigável traz instruções e sugestões sobre como fazer um bom proveito do álbum.

Transcrevemos o prefácio completo (tradução nossa):

Meu caro pequeno,

Você quer fazer belos quadros em cores, com folhas de papel azul, vermelho, amarelo, verde, preto, que se encontram no bolso no fim do álbum?

Sim?

Então, peça a sua mamãe tesoura, um pote de cola, e para começar, treine recortar em papel de jornal barcos como este da primeira página. Coloque a imagem diante de você e olhe-a bem. Não precisa desenhar, basta recortar pedaço por pedaço: as velas, os mastros, os cascos...

Aí está, pronto! É muito fácil, não é?

Agora recorte os barquinhos nas folhas de cor, e dá-lhe tesoura!

Coloque um pouco de cola embaixo das velas brancas ou rosas, embaixo dos cascos e dos mastros pretos, e disponha-os como os do modelo, sobre um quadrado de papel.

Bom, terminou. Bravo!

É claro que para cada imagem é preciso colar os recortes em ordem: para os coelhos, por exemplo, você recorta primeiro um grande

quadrado de papel verde, para representar a relva; você cola os coelhos recortados em papel branco e, em cima dos coelhos, você cola as manchinhas pretas.

Você não precisa copiar exatamente as imagens. Aí onde tem dois porquinhos você pode colocar quatro ou cinco se quiser. Lá onde tem uns carneiros, você pode acrescentar um avião no céu, uma barreira no prado.

Fique à vontade para compor cada imagem com as cores que você mais gosta. Para o quarto em desordem coloque cortinas verdes se você prefere cortinas verdes. Corte as velas dos barquinhos no papel amarelo se você acha mais bonito assim. Em poucas palavras, faça como quiser.

Logo, logo, você não precisará mais de modelos, você inventará e fará sozinho belos quadros que você poderá colar em papelão e pendurar nas paredes do seu quarto.

Divirta-se.
Um beijo.²⁶⁹

Este prefácio da primeira edição não traz a assinatura do **Père Castor** ao final do texto, mas todas as edições a partir de 1933 passam definitivamente a trazê-la. As

²⁶⁹ PARAIN, Nathalie. **Je découpe**. Albums du Père Castor. Paris : Flammarion, 1931. 1^a ed. Tradução nossa. No original, em francês :

Mon cher petit,

Veux-tu faire de jolis tableaux en couleurs, avec les feuilles de papier bleu, rouge, jaune, vert, noir, qui se trouvent dans la pochette à la fin de l'album ?

Oui ?

Alors, demande à ta maman des ciseaux, un pot de colle, et pour commencer, essaie de découper dans du papier de journal des bateaux comme ceux de la première page.

Place l'image devant toi et regarde-la bien. Ce n'est pas la peine de dessiner, il suffit de découper morceau par morceau : les voiles, les mâts, les coques...

Là, ça y est ! C'est très facile, n'est-ce pas ?

Découpe maintenant les petits bateaux dans les feuilles de couleur, et hardi les ciseaux !

Mets un peu de colle sous les voiles blanches ou roses, sous les coques et les mâts noirs, et dispose-les, comme ceux du modèle, sur un carré de papier.

Bon, c'est fini. Bravo !

Bien sûr, pour chaque image il faut coller les découpages dans l'ordre : pour les lapins, par exemple, tu découpes d'abord un grand carré de papier vert, pour représenter l'herbe, tu colles dessus les lapins découpés dans du papier blanc et sur les lapins tu colles les petites taches noires.

Tu n'as pas besoin de copier exactement les images. Là où il y a deux petits cochons tu peux en mettre quatre ou cinq si tu veux. Là où il y a des moutons, tu peux ajouter un avion dans le ciel, une barrière dans le pré.

Tu es libre aussi de composer chaque image avec les couleurs que tu aimes le mieux. Pour la chambre en désordre mets des rideaux verts si tu préfères des rideaux verts. Taille les voiles des petits bateaux dans du papier jaune si tu trouves cela plus joli. En un mot, fais à ta tête.

Bientôt, tu n'auras plus besoin de modèles, tu inventeras et tu feras tout seul de gentils tableaux que tu pourras coller sur du carton et accrocher aux murs de ta chambre.

Amuse-toi bien.
Je t'embrasse.

alterações feitas por Faucher nos prefácios das edições seguintes são poucas, limitando-se a substituição de cores (do papel a ser recortado) e de algumas poucas palavras a fim de tornar o tom do seu discurso ainda mais simples e amistoso.

Dentro do volume de páginas não numeradas, a mancha gráfica ocupa a página quase inteira como se fosse uma tela, trazendo desenhos com formas geométricas, cores básicas (além do trio primário vermelho-azul-amarelo, há apenas verde, preto e branco), e temas familiares à infância.

Diz a legenda da primeira imagem: *LES BATEAUX – La mer est calme, les bateaux rentrent au port.* Em português: OS BARCOS – o mar está calmo, os barcos voltam para o porto. (Tradução nossa). Assim, uma seqüência de 4 ilustrações, ocupando sempre a página esquerda, são acompanhadas, na página à direita, de uma pequena legenda (título e frases curtas) que parece uma tarja no meio da página em branco, como ilustra a imagem a seguir.

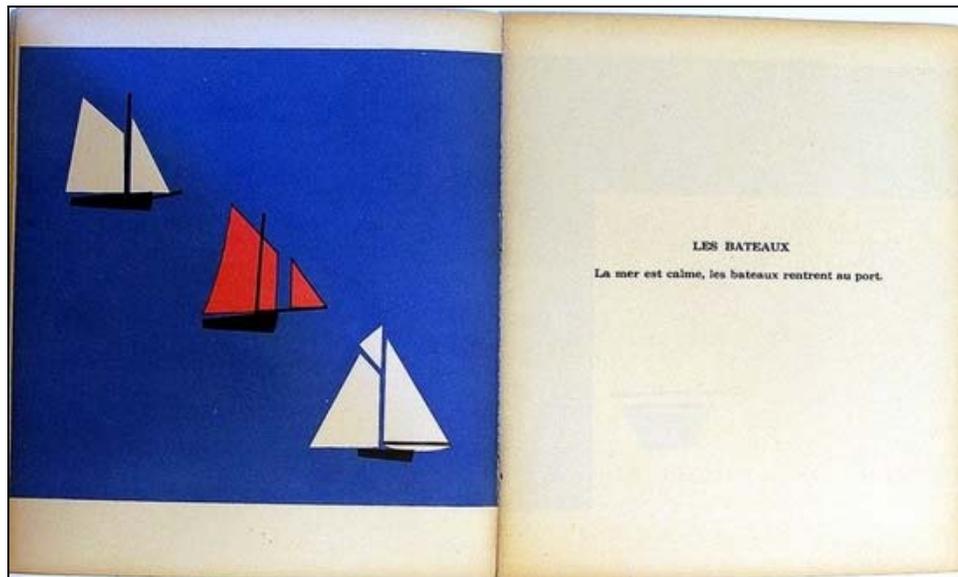


Figura 38 Páginas 4 e 5 da 1ª ed. do *Je découpe* (1931)²⁷⁰

Em seguida, na folha grampeada que marca o meio da encadernação, temos uma dupla de ilustrações, uma em cada página, trazendo o título da cena acima e a legenda abaixo da mancha gráfica colorida, como ilustra a próxima imagem.

²⁷⁰ Acervo pessoal de François Faucher.

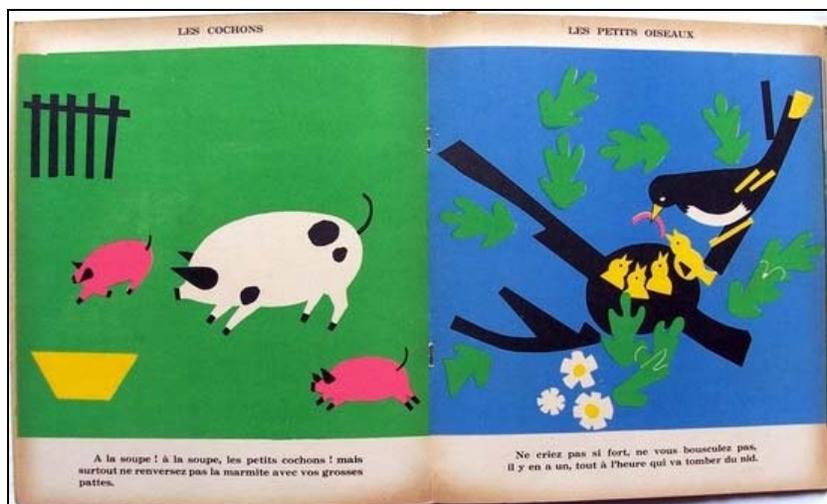


Figura 39 Páginas 12 e 13 da 1ª ed. do *Je découpe* (1931)

Os textos que acompanham estas duas cenas (*Os porcos* e *Os passarinhos*) são um pouco maiores do que a legenda da imagem anterior, mas igualmente simples. As frases dizem, respectivamente: “Olha a sopa! Olha a sopa, porquinhos! Mas muita atenção para não virarem a tigela com suas patonas.”; “Não gritem tão alto, não fiquem se acotovelando, daqui a pouco um de vocês vai cair do ninho.”²⁷¹

As posições imagem-texto se invertem nas 5 cenas finais, primeiro aparecem os textos à esquerda e depois as imagens à direita, conforme o exemplo a seguir:

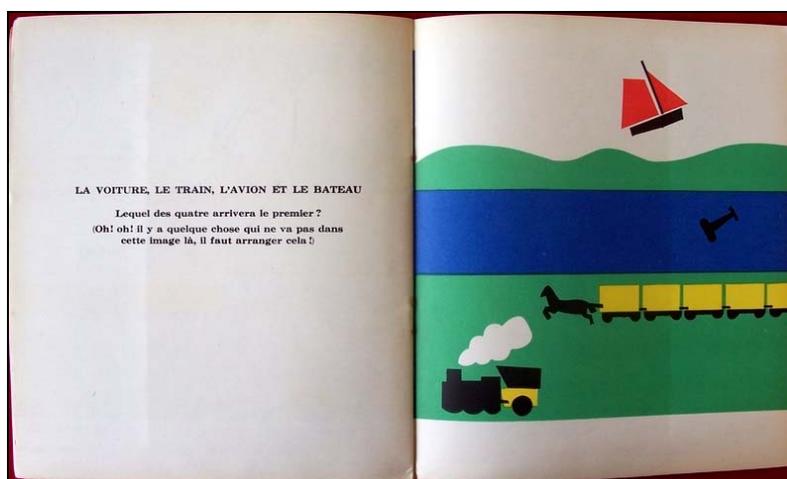


Figura 40 Páginas 18 e 19 da 1ª ed. do *Je découpe* (1931)

²⁷¹ Tradução nossa. Em francês, respectivamente: « A la soupe ! à la soupe, les petits cochons! Mais surtout en renversez pas la marmite avec vos grosses pattes. » ; « Ne criez pas si fort, ne vous bousculez pas, il y en a un, tout à l’heure qui va tomber du nid .»

E, ao final do volume, no verso da contracapa, um presente para o leitor: um envelope com folhas coloridas de papel celofane.



Figura 41 verso da contracapa (op. cit.)



Figura 42 idem

Paul Faucher faz poucas e sutis mudanças nos livros que dirige, e elas são quase sempre de natureza morfológica, isto é, incidem na materialidade do impresso resultando numa diferença gráfica pouco perceptível à primeira vista. Raras são as mudanças no texto, e no caso de *Je découpe*, apenas uma palavra é retirada da frase correspondente à cena “*Les cochons*” (Os porcos), deixando a sentença mais leve e delicada. Assim, na página 12, quando a mamãe-porco chama a atenção dos porquinhos para tomarem a sopa sem derrubar a tigela, em vez de “(...) *avec vos gros pattes*” (com suas patonas) na primeira edição, há apenas “*avec vos pattes*” (com suas patas) na terceira e na quarta edições.

Quanto ao paratexto, alguns detalhes diferenciam as demais edições da primeira: os papéis celofane citados anteriormente, na primeira edição ficavam dentro de um bolso transparente de papel manteiga, em forma de envelope, colado à parte interna da quarta capa, enquanto nas edições seguintes eles passam a vir grampeados e dobrados no meio da encadernação, para serem dali destacados pelo leitor; o matiz das cores e a gramatura do papel são diferentes, assim como a gráfica que imprime as edições, cujo nome quase sempre vem impresso no canto inferior da última página; na folha de rosto da primeira edição não consta um detalhe que fará parte de todos os álbuns dali em diante – a inscrição “Albums du Père Castor” acima do título da obra; finalmente, ausente na primeira edição e incluída nas demais, passa a existir uma lista-propaganda dos outros

álbuns que compõem a coleção, impressa em formato quadrangular na última página do álbum.

Na 3ª edição (1938) há 25 obras sob o título “Quelques albums du Père Castor – Série LA JOIE D’INVENTER”;²⁷² e na 4ª edição (1941), são anunciados 27 álbuns sob o novo título “Albums-Jeux du Père Castor”, agrupados em 5 classificações diferentes:

- 1- jogos de cartas;
- 2- recortes-montagens;
- 3- recortes-colagens;
- 4- para colorir; jogos e lotos inéditos;
- 5- jogos variados.²⁷²



Figura 43 Propaganda da coleção na 1ª ed.

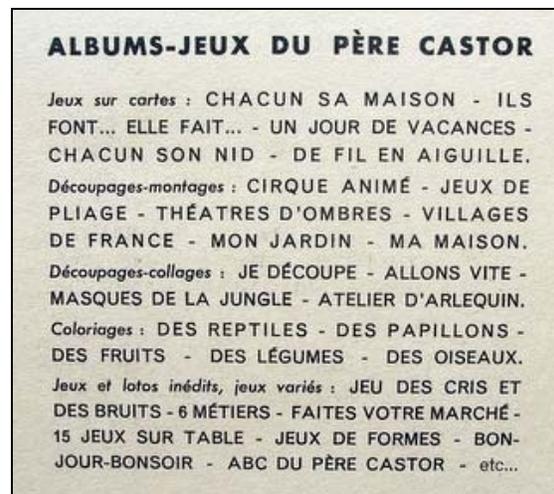


Figura 44 Propaganda da coleção na 3ª ed.

Este é um dos detalhes que parecem irrelevantes mas, para o estudo dos livros que leva em conta também o seu aspecto material, a maneira como eles se constituem graficamente e as palavras escolhidas para apresentá-los nos paratextos (títulos, prefácios, folha de rosto, quarta capa, orelhas, jaquetas, etc.) sinalizam algumas intenções do editor e nesse caso o esforço para enquadrá-los numa série.

²⁷² A lista, com as cinco classificações citadas, está em francês no original, a tradução é nossa.

O que se poderia dizer, ainda, de um paralelo entre **Reinações de Narizinho** e *Je découpe*? Dois livros que podem estar tão distantes quanto próximos, a depender do critério adotado para tal reflexão. Eles foram escolhidos por duas razões: em função da sua importância enquanto obras que inauguram um período novo na produção de seus autores; e também em função do ano de publicação, enquanto obras inscritas em um momento particular da história cultural de seus países, pela possibilidade que esses livros nos oferecem de obter um parâmetro do sistema literário a que pertencem no momento em que são criados e assim cotejar duas iniciativas que pontuam a história do livro infantil no Brasil e na França dos anos 30.

Para realizar a análise proposta, tentamos eleger algumas categorias, além daquelas que não foram declaradas anteriormente – embora algumas questões tenham sido abordadas e os comentários comparativos (de Lobato e Faucher) se encontrem diluídos ao longo do texto. Dez categorias de comparação foram escolhidas em função dos objetivos desta tese, abordando os seguintes aspectos: origem; gênero; projeto editorial; título; público-alvo; dispositivos formais (materiais); reedições/tiragens/vendas; estética; estrutura editorial; e filosofia (educacional) subjacente aos livros.

3.1 Quanto à origem dos livros

Apesar de terem surgido no mesmo ano de 1931, vemos duas trajetórias de criação bem diferentes. **Reinações** é um livro híbrido e contraditório: já nasce com 10 anos de idade, mas ao mesmo tempo é novo porque traz uma reescritura de textos dos anos 1920, reformulados, aumentados, modificados tanto no texto quanto nas ilustrações e nos dispositivos formais em geral. Não se pode dizer que ele é uma história nova, mas na sua totalidade ele é um livro inteiramente novo. *Je découpe*, por sua vez, é um livro simples, bem mais curto e homogêneo, planejado e executado de forma minuciosa, a fim de atender aos objetivos pedagógicos para os quais fora criado.

3.2 Quanto ao seu gênero ou classificação:

Je découpe sempre foi um álbum de recortes para crianças de 7 anos ou mais, mas só entrou numa coleção a partir da segunda edição. A clareza de objetivos da publicação, educar pelo trabalho manual e pela arte, lhe conferiu estabilidade e pouquíssimas alterações ao longo das reimpressões. O livro de Lobato, pelo contrário, até chegar a ser um “livro para ler e não para ver” como disse o autor, passou por muitas denominações. Um aspecto não explorado pelos pesquisadores e críticos que já se debruçaram sobre **Narizinho** é o fato de este livro ter sofrido alterações não apenas no seu texto ou na sua forma, mas no gênero dentro do qual esta obra se inscrevia, quer dizer, no público visado pelo seu editor. Lobato fez, de uma “mesma” obra, três livros distintos: um *livro de figuras* (1920), depois um *livro de leitura escolar* (1921), e finalmente um livro de *literatura infantil* (1931). Tal mobilidade pode ser reveladora de alguns propósitos: a busca por adequação mercadológica (seguir tendências do setor) e sua conseqüente garantia de vendas; também pode indicar a mudança de perspectiva do autor de livros enquanto ele é editor e quando deixa de sê-lo, passando a ser apenas escritor.

3.3 Quanto ao projeto editorial

O que nos parece razoável é a existência de um projeto pedagógico (de expansão da leitura) subjacente ao projeto editorial e literário de Lobato do início ao fim de sua carreira. O projeto não se altera, mas a maneira como ele prevê a realização desse projeto sofre uma mudança de método: da leitura pública e institucionalizada (escolar) para a leitura privada e individual. Saindo da prescrição escolar para o embrulho de um presente de Natal, o livro infantil ganha outros significados e usos. Ao sair do âmbito escolar dos anos 20, Lobato estaria alçando a sua literatura infantil a um status talvez mais qualificado aos seus olhos: da escola para a livraria, da indicação curricular ao gosto pessoal, do cliente governamental ao consumidor doméstico. Assim, nos anos 30, ele ganha o pequeno leitor e perde a simpatia da escola pela sua obra, que passa a ser vista como subversiva e de conotação comunista.

Esta saída de circulação dos livros de Lobato na escola não foi uma escolha consciente, pelo contrário, pois ele lamentava ter perdido um comprador de vulto – o

governo. Ela se deve a um conjunto de fatores, entre eles, a criação de um Ministério da Educação (1930) de posicionamento católico e conservador. Durante a gestão de Gustavo Capanema, que sofria pressões e interferência de intelectuais católicos como Alceu de Amoroso Lima, houve perseguição aos escolanovistas e aos escritores considerados afeitos às idéias liberais – isso inclui os amigos de Lobato (Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo) e ele próprio, que chegou a ser banido das bibliotecas de escolas católicas, tornando-se leitura proibida para alunos dessas instituições. A mesma escola que lhe dá notoriedade nos anos vinte é aquela que lhe fecha as portas nos anos trinta.

Se o Lobato dos anos vinte escrevia histórias do sítio do picapau amarelo, do reino das águas claras, de sacis, de fábulas e do mundo das maravilhas, o Lobato dos anos trinta escreve aventuras de física e astronomia, histórias das civilizações do mundo, do país da gramática, do reino da aritmética, da geografia de Dona Benta e da geologia do Visconde. Continua a escrever para crianças de nariz arrebitado, porém os temas tomam caminhos diferentes: da pura fantasia à ficção pedagógica, agora os livros parecem engajados em um projeto educativo mais lúcido, que não se submete ao crivo da escola, mas faz frente à sua atuação.

Ao planejar *Je découpe*, o projeto editorial de Paul Faucher era claramente subordinado ao seu projeto pedagógico. Ele havia entrado em contato com as idéias do movimento escolanovista desde o início dos anos 1920, quando dirigia a livraria Flammarion do Havre, cidade portuária da França onde circulavam viajantes de toda parte. Sendo a sua livraria um ponto de encontro de intelectuais diversos que estavam em trânsito, não demorou a conhecer e aderir com fervor à causa da “nova educação”, pois acreditava ser este o problema essencial da sociedade do pós-guerra (1914-1918) e o único caminho para se construir um mundo mais razoável e humano. Portanto, Faucher decidiu usar sua experiência no ramo dos livros a favor do seu objetivo maior: colaborar com a **Nouvelle Education** por uma educação que forje mentes livres e espíritos ativos para um mundo de paz e igualdade.

3.4 Quanto ao título escolhido

Os dois títulos sugerem a centralidade da criança na obra. **Reinações** é um termo que remete a aventuras, travessuras, aprendizado do mundo, invenções, enfim, à ação por iniciativa da criança. “**Eu Recorto**” chama o leitor em primeira pessoa para a ação proposta, convidando a criança a tomar a iniciativa de criar, construir imagens e manejar cores que estão à sua disposição segundo a sua imaginação. Ambos estão em consonância com a postura das pedagogias ativas, onde a criança é o agente do próprio conhecimento, influenciada em ambos os continentes pela palavra de ordem da filosofia de John Dewey: *Learning by doing* (aprender fazendo).

3.5 Quanto ao público visado (classe social)

Ambos anunciavam preços de catálogo dentro da média ou mesmo abaixo, mas Faucher era mais preocupado em atingir as massas, trazendo livros de excelente qualidade gráfica, encadernação simples e poucas páginas para garantir o baixo custo. Seus preços eram módicos, tendo em vista as qualidades artísticas de alguns álbuns, e se adequavam ao poder aquisitivo dos professores primários de acordo com seus salários.²⁷³

Já Lobato procurava atingir todas as classes sociais com os mesmos livros em versão popular (material mais barato, brochura) e em versão luxo (capa dura e papel melhor), anunciando dois preços diferentes para cada título em algumas coleções. Talvez pela instabilidade financeira vivida pelo editor, com mudanças de endereço, de razão social e falências resultantes de uma série de fatores até 1925, a preocupação de Lobato com a comerciabilidade de seus livros fosse maior do que a de Faucher. A solidez da empresa francesa lhe permitia realizar projetos prioritariamente pedagógicos com seus álbuns e, embora não fosse este o objetivo primeiro de Faucher, os relatórios de venda que consultamos nos **Archives du Père Castor** mostram números animadores.

²⁷³ Uma tabela mostra a evolução dos preços de um álbum do père castor (Michka, tomado como parâmetro) e dos salários dos professores, em comparação com outros bens culturais (jornal, cinema, bilhete de metrô) entre 1940 e 1985. O documento pertence aos **Archives du Père Castor** e foi reproduzido na tese de BONTEMPS-DELBARD, Claire. **COMMENT INNOVER DANS LA CONTINUITÉ?** Les collections *Castor Poche* (1980-1990) et le renouvellement de la littérature pour la jeunesse à la fin du XXe siècle. Tese. (Doctorat en Histoire). U.F.R. des Sciences Sociales et Humaines, Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines, Versailles, 2004. Uma cópia desse trabalho nos foi gentilmente cedida pelo Prof. Jean-Yves MOLLIER, orientador da tese.

3.6 Quanto aos dispositivos formais

Uma diferença que se nota à primeira vista no estudo desses dois livros está no modo como são colocadas as informações bibliográficas na folha de rosto e na última página, o que nos leva a supor que há diferenças nas leis e nas regras determinadas pela Biblioteca Nacional e pela Bibliothèque Nationale de France para o registro de obras. Vê-se, portanto, duas características de natureza técnica que remetem a aspectos de natureza jurídica. Ao observar a folha de rosto de *Je découpe*, entendemos que, em 1931, provavelmente as leis de direitos autorais na França previam a declaração da *data* e do detentor do *copyright* (direito de reprodução) na obra; e nos álbuns impressos a partir da década de 1940, passa a constar, na última folha, a *data do depósito legal* daquela edição, junto ao *número de impressão*, a fim de facilitar o controle de reprodução não autorizada.

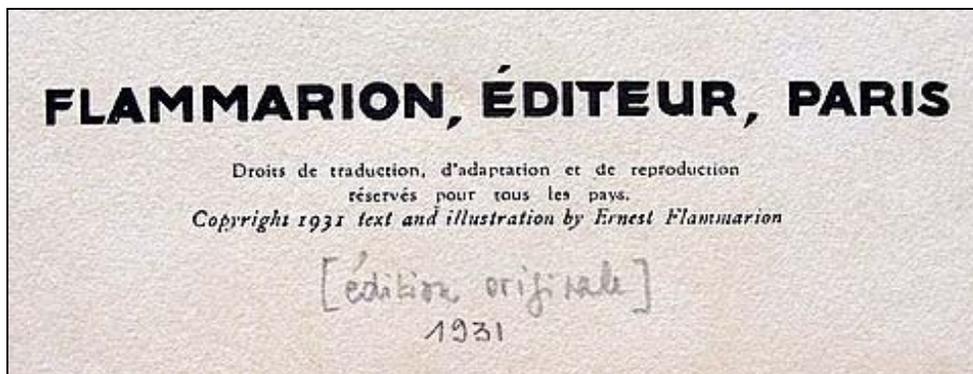


Figura 45 Copyright na folha de rosto da 1ª edição (op. cit.)

O mesmo não se dá com os livros de Lobato, editados naquela época pela C.E.N., que trazem na parte inferior da folha de rosto apenas o *nome e endereço da editora* e o *ano de publicação* da obra; em suas edições não há qualquer indicação de propriedade autoral com direitos reservados, talvez devido ao menor rigor da nossa legislação autoral nos anos 30. De fato, a proteção ao direito autoral no Brasil existe em todas as cartas constitucionais desde 1891,²⁷⁴ mas só em 1973 é criada a lei n° 5.988, que

²⁷⁴ As Constituições de 1891, 1934 e 1946 falam apenas em “reprodução”; a de 1967 fala em “utilização”; só a carta de 1988 diz que o autor tem direito exclusivo de “utilização, publicação ou reprodução de suas obras”.

regula os direitos autorais no país – revogada em 1998 pela lei nº 9.610,²⁷⁵ atualmente em vigor.



Figura 46 Detalhe da folha de rosto de *Reinações* 1ª ed. (1931)

Nos livros de Lobato, a partir da 2ª impressão de um mesmo título, vemos declarado o **número da edição**. Isto nos permite saber exatamente que versão temos em mãos – informação indispensável para o estudo da obra de um autor.

A omissão do número da edição nos livros franceses e a quase inexistência de alterações nos álbuns de Faucher²⁷⁶ nos dificultaram a identificação das obras consultadas, já que todas elas tinham apenas a data do copyright (que é a mesma data da 1ª edição). Mas se, tanto na 1ª quanto na 4ª edição da obra, a data do *copyright* é sempre a mesma, como distingui-los então? Ter 3 livros aparentemente idênticos em mãos, sem saber de que edição se tratava cada volume, nos levou a contar com duas fontes alternativas de informação: as *fichas de cada livro* com datas de reimpressão e tiragens (encontradas nos arquivos), além do *nome da tipografia*, impresso no fim da obra. Tal detalhe aponta para a importância dos elementos paratextuais no estudo dos livros, pois o fato de haver em 2 objetos iguais a indicação de impressores diferentes nos mostra que se trata de edições distintas.

No caso de *Je découpe*, a primeira edição é de 1931 e a quarta edição foi publicada em 1941, ou seja, são dez anos de distância – tempo em que se podem produzir diversas hipóteses a respeito da produção e da recepção de um impresso. A tabela a seguir é uma tentativa de comparar os livros em questão em seu aspecto bibliográfico, de acordo com a composição dos dados técnicos informados na obra.

²⁷⁵ Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/Leis/L9610.htm>>. Acesso em: 02 Março 2010.

²⁷⁶ Só as versões escolares de *Narizinho* (1921) e *Fábulas* (1922) informam a 1ª edição na folha de rosto.

Tabela 13 – Diferenças bibliográficas entre os livros de Lobato-Faucher

DADO BIBLIOGRÁFICO	LOBATO	FAUCHER
Título	Sim	Sim
Autor	Sim	Sim
Coleção	Sim	Sim
Editora	Sim	Sim
Ano da edição	Sim	Não
Número da edição	Sim	Não
Ano do <i>copyright</i> (direito de reprodução da obra)	Não	Sim
Nome do impressor (tipografia/gráfica)	Sim	Sim
Data da impressão	Não	Sim
Data do depósito legal	Não	Sim
Número de impressão	Não	Sim

Os **prefácios** são um outro aspecto digno de atenção: **As Reinações de Narizinho** não possui prefácio mas **Je découpe** sim. Comparando esses dois livros ao conjunto de sua obra, constatamos que Paul Faucher incluía prefácios na maior parte de seus livros, enquanto Lobato os dispensava.²⁷⁷ Isto se deve provavelmente à proposta da publicação, pois Faucher tinha muito mais álbuns de atividades manuais do que livros de texto (algumas coleções traziam contos e pequenos romances), criando assim a demanda por prefácios explicativos. O tom afável dos prefácios, mencionado anteriormente, além de ser escrito por um amigo chamado “Pai Castor”, também era uma maneira de provocar na criança o sentimento de afeição pelo seu álbum.

Em vez de álbuns de atividades manuais, Lobato publicava unicamente textos para crianças, diminuindo portanto a necessidade de prefácios para introduzir a obra ao leitor e explicar como ele pode tirar proveito daquele material.²⁷⁸ É curioso notar que,

²⁷⁷ Exceto em dois casos, onde foram encontrados prefácios de Lobato: *Fábulas de Narizinho* (1921) e *Aventuras de Hans Staden* (tanto na 1ª edição de 1927, quanto na 2ª edição de 1932).

²⁷⁸ Somente nos anos 40 sua obra aparece em um novo suporte, que a aproxima materialmente do trabalho de Faucher: em vez de livro-texto, Lobato é publicado em forma de livro-jogo (edicoes-juguetes) na

mesmo quando se tratava de traduções e adaptações, o escritor se limitava a explicar a origem da história pela fala das personagens (Dona Benta contava muitas) ou do narrador, no decorrer do texto, em vez de fazê-lo em forma de prefácio. Algumas obras, no entanto, trazem pequenas notas no seu início (na capa ou na folha de rosto), informando o leitor a respeito do que ele vai encontrar naquele volume; em outros casos, as notas ficam na última página (ou mesmo no meio do texto) e falam em que livro ele poderá ler a seqüência daquele episódio. Constituem exceção enquanto obras prefaciadas **Fábulas de Narizinho** (1921) e **Aventuras de Hans Staden** (1927).

Os **índices** são elementos largamente usados por Lobato desde a sua primeira obra, ao contrário de Faucher. Mais uma vez, é a necessidade de organização da obra que demanda a existência de índices: ao contrário do francês *Je découpe*, **Reinações** é um livro longo, dividido em capítulos e episódios, que requer, portanto, uma prévia informação ao leitor sobre a seqüência de leitura do texto que ele tem em mãos.

Em oposição à simplicidade pueril da capa do álbum de Faucher, a capa dura de **Reinações** traz a ilustração sofisticada de J. G. Villin: uma imagem onírica do rosto de Narizinho dormindo, os olhos cerrados, e ao seu redor personagens não humanas em movimento: (do Sítio) Visconde, Emília, Rabicó, o Burro Falante; (do Reino das Águas Claras) Doutor caramujo e o Príncipe Escamado.

O espaço concedido à “auto-publicidade” nos livros de maneira geral, é uma semelhança entre Lobato e Faucher. Ambos costumavam divulgar seus outros títulos e coleções nas páginas dos livros, embora Lobato o fizesse de maneira mais ostensiva, alternando propagandas de si mesmo nos paratextos iniciais e finais (verso da folha de rosto e quarta capa), e também no meio do volume, dentro do próprio texto. Faucher mantinha como padrão a última página para inserir a lista dos seus álbuns.

3.7 Quanto às reedições, tiragens e vendas

Os números de reedições, tiragens e vendas não foram o critério principal para comparar os livros em questão, como já explicamos anteriormente. **Je découpe** não

Argentina pela editorial Codex. Cartas do ano de 1947, que documentam a negociação do autor com a editora argentina, estão no acervo Monteiro Lobato do CEDAE no IEL-UNICAMP.

foi, nem de longe, a obra mais vendida por Faucher. *Reinações* pode ser considerada a obra mais vendida se entrarem nos cálculos todos os livros que lhe deram origem desde 1920, o que não faremos. Nesse caso, consideraremos apenas o título **As Reinações de Narizinho**, excluindo a tiragem da sua divisão em 1933, quando teve metade do seu conteúdo publicado em outro volume intitulado “Novas Reinações de Narizinho”.²⁷⁹

A tabela que veremos em seguida mostra os números comparados de reimpressões e tiragens de **Reinações de Narizinho** (1931) e de *Je découpe* (1931) e os coloca em relação a dois *best sellers* dos seus autores: **História do Mundo para Crianças** (1933) e *Ribambelles* (1932). Os dados da tabela referem-se ao período de 1931 a 1941. Esse recorte deve-se a dois fatores: à dificuldade encontrada, durante a pesquisa, para obter os dados das edições Lobato nos anos 40, já que o *acervo histórico* da antiga C.E.N. (hoje IBEP-Nacional) esteve de portas fechadas para reforma e reorganização dos arquivos durante meses;²⁸⁰ e ao fato, sobretudo, de o álbum *Je découpe* não ter sido mais reimpresso após o ano de 1941.

Tabela 14 – Tiragens de *Reinações/Je découpe* versus *História do Mundo/Ribambelles* entre 1931 e 1941

Reinações		Je découpe		História do Mundo		Ribambelles	
Ano	Tiragem	Ano	Tiragem	Ano	Tiragem	Ano	tiragem
1931	5.500	1931	9.000	1933	12.500	1932	8.000
1933	10.000	1934	7.000	1934	12.500	1933	8.000
1937	8.009	1938	6.000	1935	6.048	1934	8.000
1940	7.161	1941	8.000	1936	6.000	1936	8.000
				1938	6.052	1938	10.000
				1940	6.984	1940	10.000
TOTAL	30.670	TOTAL	30.000	TOTAL	50.084	TOTAL	52.000

²⁷⁹ Cf. anúncio dos 2 títulos nas págs 35 e 36 do catálogo reproduzido no Anexo 14.

²⁸⁰ Em 1980, o IBEP (Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas), editora de livros didáticos comprou a Companhia Editora Nacional, tornando-se uma das maiores no mercado nacional de livros didáticos.

As fontes documentais utilizadas para compor a tabela acima foram as seguintes: para a obra de Lobato, consultamos a **carta** (op. cit.)²⁸¹ que lhe foi enviada pelo seu editor (Octalles), contendo um balanço das edições do escritor publicadas de 1918 até 1940, e as **fichas de movimento de edições**, consultadas posteriormente nos arquivos da CEN;²⁸² e para os livros de Paul Faucher, consultamos as **fichas** datiloscritas originais de cada livro (contendo praticamente os mesmos dados que as fichas da CEN), gentilmente cedidas pelo proprietário do acervo, François Faucher.

A proximidade dos números que mostram as tiragens impressas entre 1931 e 1941, para os dois pares de livros em questão, chama a atenção. Vê-se que tanto *Reinações* quanto *Je découpe* tiveram 4 edições, totalizando 30.670 e 30.000 exemplares respectivamente. Da mesma forma, *História do Mundo* e *Ribambelles* tiveram 6 edições, totalizando 50.084 exemplares para a obra de Lobato e 52.000 para o álbum de Faucher. A paridade é curiosa se pensarmos que Brasil e França tinham uma população de leitores – em potencial – diferentes, pelos números de alunos matriculados na escola primária.

3.8 Quanto ao número de leitores (alunos no ensino primário)

Apesar de não haver um serviço governamental específico para estatísticas escolares na França antes dos anos 50,²⁸³ com indicadores oficiais de analfabetismo e escolarização, algumas pesquisas recentes trazem números que nos dão parâmetros para supor qual era o possível mercado consumidor de literatura infantil naquele país. De acordo com o quadro evolutivo dos *efetivos escolares* entre 1891 e 1950,²⁸⁴ no ano de

²⁸¹ Carta de 27/02/1941. Acervo do FML/CEDAE. Localização MLb 3.2.00407 cx9.

²⁸² As fichas da CEN mostram números quase idênticos à carta de Octalles, com algumas discrepâncias que ele parece ter provocado para “arredondar” os números das tiragens; nelas há informações precisas sobre os livros (como a data, edição, nº de ordem, tiragem, tipografia e preço cobrado pela tipografia). Estima-se que elas são documentos mais fidedignos do que a carta do editor, por isso, prevaleceram os seus números conforme estão reproduzidos na tabela.

²⁸³ De 1840 até 1940 a SGF (*Statistique Générale de La France*), órgão do Ministério da Agricultura e do Comércio, se ocupou das estatísticas mas elas se restringiam à demografia e aos índices relativos ao custo de vida (agricultura, indústria e comércio). Após a II Guerra, surge o INSEE (*Institut National de La Statistique et des Etudes Economiques*).

²⁸⁴ CONIHOUT, Isabelle de. *La conjoncture de l'édition*. In : CHARTIER, Roger ; MARTIN, Henri-Jean. Op. Cit., pp. 70-96.

1930 a França tinha **136.000** inscritos na escola *primária superior*, isto quer dizer, 136 mil alunos acima de 12 anos que já haviam completado o ciclo primário que eles chamavam “elementar” (6-11 anos).

No Brasil, segundo o censo escolar de **1933**, havia **2.221.904** alunos matriculados na escola primária (ensino fundamental) e apenas **66.420** matriculados na escola secundária (ensino médio)²⁸⁵ – o que nos indica seja uma alta taxa de evasão escolar antes da conclusão do secundário, seja uma interrupção dos estudos ao concluir o ciclo primário, deixando entrever a tendência de uma formação escolar incompleta dos brasileiros no início da década de trinta.

Vale ressaltar que esses dados, se nos dão algumas pistas, não refletem claramente a realidade educacional de cada país. Na França, por exemplo, as crianças de 12 anos podiam se apresentar para o exame que emitia o certificado de conclusão do nível primário elementar sem ter passado por uma instituição escolar. A instrução era obrigatória, mas a escola não. Logo, o ensino no âmbito domiciliar era uma maneira não-oficial de habilitar possíveis leitores.

Os números tampouco mostram que durante a guerra de 1914-1918, houve uma considerável queda demográfica e a conseqüente queda do número de alunos nas escolas primárias durante toda a década de 20.²⁸⁶

Segundo Antoine PROST, a rede escolar se mantém praticamente inalterada de Jules Ferry (nos arredores de 1880) até 1940, com um número aproximado de 80 mil escolas primárias (públicas e privadas) na França.²⁸⁷

Em um quadro intitulado *Statistique de l'enseignement primaire élémentaire* (p. 294), são mostrados os seguintes dados:

Tabela 15 – Ensino primário na França de 1922 a 1938

²⁸⁵ Disponível em http://www.ibge.gov.br/seculoxx/estatisticas_populacionais.shtml

²⁸⁶ Para maiores informações, consultar: PROST, Antoine. **Histoire de l'enseignement en France 1800-1967**. Paris : Armand Colin, 1968. 524 p. (Série Collection U)

²⁸⁷ PROST (op. cit.), p. 294.

Ano	Alunos	Escolas	Professores
1922-1923	4.210.000	81.771	120.000
1932-1933	5.112.000	80.607	138.000
1937-1938	5.437.000	81.590	150.000

Fonte: PROST, 1968.

Publicando estatísticas oficiais do país desde o século XIX, tanto em nível nacional quanto por regiões e estados, o Brasil mostra uma situação diferente do ensino primário nos arredores da década de trinta: o país tinha menos escolas primárias do que a França, mas a quantidade de alunos e de professores por escola era muito maior. Tomando os anos de 1933 e 1938 como referência, a tabela abaixo traz as estatísticas do ensino primário nos dois países:

Tabela 16 – Ensino Primário na França e no Brasil em 1933/1938

Ano	1933		1938	
	Brasil	França	Brasil	França
Matrículas/Alunos	1.817.205	5.112.000	3.108.176	5.437.000
Escolas (pública + privada)	28.779	80.607	39.649	81.590
Professores	44.094	138.000	58.274	150.000

Fonte: IBGE, 2003; PROST, 1968.²⁸⁸

Embora hoje a população do Brasil conte com uma população 3 vezes maior do que a da França (e um território 12x maior),²⁸⁹ nos anos 30 esse número era muito próximo, pois ambos os países tinham em torno de 40 milhões de habitantes – conforme a tabela 3 do capítulo dois. Partindo desse ponto comum, as diferenças nas estatísticas educacionais separam esses países em duas realidades bem distintas, mostrando que,

²⁸⁸ Disponível em : <http://www.ibge.gov.br/seculox/arquivos_pdf/educacao.shtm>. Acesso em: 02 Março 2010; PROST, Antoine. Op. cit. p. 294.

²⁸⁹ A população do Brasil hoje é de pouco mais de 192,6 milhões de habitantes, segundo o IBGE; a da França é de 64,7 milhões de habitantes, segundo o INSEE.

naquela época, a França estava à frente do Brasil em termos de escolarização no ensino primário.

Para um número estável de cerca de 80 mil escolas de ensino primário na França durante a década de 30, apesar do crescimento de mais de 70% da nossa rede escolar, em 1938 estávamos chegando à metade desse número de escolas primárias francesas. O número de alunos no Brasil também era menor, pois mesmo tendo quase dobrado o número de matrículas no decorrer da década, o Brasil tinha menos de 60% do alunato francês em 1938. O professorado brasileiro teve o menor crescimento (41%), pois representava um terço do contingente francês em 1933 (32%), aumentando para 39% do número de professores primários franceses em 1938.

As taxas de escolarização não nos informam sobre as práticas de leitura dessas crianças, se elas tinham acesso à leitura literária, se freqüentavam bibliotecas, ou se já tinham entrado em uma livraria para adquirir um livro ou álbum. Considerando as limitações de interpretação impostas pela complexidade da história do sistema escolar e da política cultural de cada país, cabe-nos tecer alguns comentários que permitam dar continuidade à comparação proposta nesta tese.

Foi visto na tabela 14 que as tiragens impressas para os livros de Lobato e de Faucher eram muito parecidas. Estimando uma média aproximada para as tiragens e vendas dos livros de Lobato (no Brasil) e de Faucher (na França) durante a década de 30, pode-se dizer que, de **Reinações de Narizinho** e ***Je découpe*** venderam-se 3.000 exemplares por ano – assim como ***História do mundo para as crianças*** e ***Ribambelles*** tiveram uma média de 7.000 exemplares vendidos por ano. Com um alto índice de analfabetismo e número de vagas ainda em expansão, ou seja, muitas crianças ainda fora da escola, somado ao fato de haver poucas escolas aparelhadas com bibliotecas e nenhuma biblioteca pública infanto-juvenil no país até 1936, os números tomam ares de sucesso no Brasil.

As estatísticas apresentadas indicam que Paul Faucher encontrou um terreno mais propício ao consumo de livros infantis nesse início de década. A par disto, a ampla gama de editores e títulos presentes nos catálogos atestavam a diversidade do mercado de livros para crianças e jovens; as bibliotecas escolares e a biblioteca *L'Heure Joyeuse*

(inaugurada em 1924 em Paris), destinada especialmente ao público infantil, eram importantes promotores de leitura dentro do sistema literário francês.

Some-se aos fatores já discutidos, o fato de que no Brasil os livros para crianças custavam mais caro do que na França. Se comparados aos valores de outros títulos presentes nos catálogos que anunciavam essas obras, o preço anunciado de **Reinações** era muito mais caro do que o de *Je découpe*, o que supõe um caráter menos popular para o público visado no caso de Lobato. Enquanto a média de preços do catálogo da *Companhia Editora Nacional* era de 4 mil réis, inclusive para os outros títulos infantis de Lobato, **Reinações** foi lançado com o preço de 10 mil réis.²⁹⁰

Já o álbum de Faucher, que custava 8 francos, estava dentro da média da **Flammarion**, que variava de 7 a 12 francos para os demais álbuns lançados no mesmo ano (as exceções são as coleções *Petit Coloriste* e *Beaux Albums*, que custavam 4 e 15 francos respectivamente). Tal diferença de preço no caso de **Reinações** nos remete ao lançamento, também em 1931, do primeiro álbum do elefante **Babar**, sucesso indiscutível da editora *Jardin des Modes* que custava 35 francos por suas belas ilustrações em cores e encadernação de luxo.²⁹¹

O alto preço da obra de Lobato (e talvez as vendas menores do que se esperava) provavelmente foi a razão de ele ter sido dividido em dois volumes na segunda edição, de 1933, custando 6 mil réis cada uma. Daí depreende-se que crianças de famílias modestas não podiam se deleitar com a leitura de **Reinações de Narizinho**, ao contrário do que se deu com a versão escolar de 1921 que lhe deu origem: leitura para o povo.

O investimento na qualidade gráfica, assim como o número de páginas e de ilustrações de cada livro certamente explicam algumas diferenças nos preços praticados pelos editores. Todavia, o fato de Lobato ter construído **Reinações** com o entusiasmo que ele declarou em carta a Rangel,²⁹² com a intenção de causar impacto pela originalidade e pela extensão do texto, indica que o autor apostou primordialmente na qualidade literária para conquistar um público que andava mais familiarizado com as imagens, segundo ele.

²⁹⁰ *Catálogo Geral da Companhia Editora Nacional*, 1932. Documento pertencente ao acervo histórico IBEP-Nacional.

²⁹¹ *Histoire de Babar* é o título do primeiro álbum de Jean de Brunhoff, que se dirigia a um público infantil de delicado senso estético e poder aquisitivo distinto dos filhos do povo.

²⁹² Op. cit.

3.9 Quanto à estética

Se, por um lado, *Je découpe* não tem semelhança formal com **As Reinações de Narizinho**, por outro lado, as escolhas feitas para compor visualmente esses objetos culturais podem nos dar algumas pistas sobre como Monteiro Lobato (e talvez seu editor) e Paul Faucher concebiam a estética dos seus livros.

A ilustração é o primeiro aspecto que distancia essas obras, pois a arte vanguardista aprendida no Instituto de Artes Decorativas e Aplicadas *Stroganov* pela russa **Natacha Tchelpanova**²⁹³ em nada se aproxima do estilo da *école Bernard Palissy*, onde **Jean-Gabriel Villin** – primeiro ilustrador de **Reinações** em 1931 – especializou-se na arte da pintura em cerâmica. Ele veio trabalhar como desenhista na fábrica de louças de Porto Ferreira (São Paulo) em 1925 e foi convidado por Lourenço Filho a se fixar em São Paulo por volta de 1927, onde se firmou como ilustrador de livros e cartilhas para crianças, além de ter se destacado como desenhista publicitário. Foi provavelmente esta a trajetória que levou o artista francês até os livros de Lobato.²⁹⁴

Os dois livros possuem ilustradores estrangeiros, trazendo um componente estético de outra tradição artística para **Reinações** e *Je découpe*. As linhas retas e formas geométricas herdadas do construtivismo e do suprematismo russos para os álbuns de Faucher, assim como o purismo das suas cores e a simplicidade dos temas, garantem uma exigência do editor com relação aos seus álbuns: a legibilidade. As representações da natureza, com cenas de animais, flores e paisagens trazem um universo singelo com poucos elementos em cada imagem; e o único registro de um ambiente interior é o quarto de uma criança em desordem, cena familiar ao leitor. Também a interação texto-imagem mostra o domínio desta sobre o texto, com ilustrações de página inteira e poucas frases dando suporte à linguagem visual.

Lobato, por sua vez, traz um extenso e rico texto ornado com ilustrações sofisticadas de página inteira. Nem todas as ilustrações foram reproduzidas em cores, o

²⁹³ A artista se casou em 1926 com Brice Parain (então adido cultural francês em Moscou) e tornou-se **Nathalie Parain**, a amiga e colaboradora de Paul Faucher que ilustrou 15 álbuns do Père Castor.

²⁹⁴ J. G. Villin foi ilustrador de outros títulos de Lobato no início dos anos 30, além de ter ilustrado o célebre “Saudade” de Thales de Andrade, publicado pela C.E.N. a partir de 1927. A única fonte encontrada com informações biográficas sobre Villin está em site sobre a cidade de Porto Ferreira. Disponível em: <http://www.portoportal.com.br/materias/0050.htm>

que leva a supor que o alto custo de impressão determinou um padrão alternado de imagens em preto-e-branco e em cores para o mesmo livro. No fino traço do artista, a representação das crianças mostra roupas e adereços tradicionais (Narizinho com laço de fita no cabelo e Pedrinho de boné à francesa) de crianças filhas da elite, crianças de boa família que certamente não se parecem com a maneira como elas são representadas no texto de Lobato. Suas personagens são meninos que correm livremente na mata e pescam no ribeirão, de maneiras simples e sem os artifícios das crianças de educação rigorosa e hábitos refinados.

Ao cotejar os livros dos atores em questão nesta tese, chega-se à conclusão de que ambos modernizaram o livro para crianças, mas a modernidade de Lobato estava no texto literário, ao passo que a de Faucher estava na estética e na pedagogia das atividades propostas em seus álbuns.

3.10 Quanto à estrutura da casa editora

Desde a sua abertura em fins de 1925, a **Companhia Editora Nacional** vinha se recuperando progressivamente da falência vivida pela empresa anterior e se tornara a maior editora de livros de São Paulo no início dos anos trinta. Sua liderança ultrapassa os limites do mercado paulista, pois “A virtude de Octalles Marcondes Ferreira de promover uma divisão do trabalho, possibilitou à CEN alcançar, a poucos anos de sua fundação, o lugar de maior empresa editora do país até a década do setenta.” (SORÁ: 1998, p. 123). Comparando ainda as tabelas publicadas no livro de Lawrence Hallewell²⁹⁵ e na dissertação de Mestrado de Ephraim de Figueiredo Beda,²⁹⁶ que mostram a quantidade de títulos e de tiragens impressas nos anos 20 e 30, vemos algumas discrepâncias no número de **títulos** que a CEN teria publicado.²⁹⁷

Se os números divulgados estiverem corretos, no ano de **1932**, por exemplo, dos 177 títulos publicados pelas editoras de São Paulo, 133 (75%) eram da CEN; e dos

²⁹⁵ Op. cit.. Tabelas 6 e 9, pág. 238 e 292, respectivamente.

²⁹⁶ Op. cit., pp. 220-238.

²⁹⁷ Para os números referentes ao movimento editorial de São Paulo a fonte usada foi Hallewell; e para os números específicos da CEN, optou-se por aqueles encontrados por Beda nos arquivos da própria editora.

789.500 exemplares impressos para esses títulos nas gráficas paulistanas, 619.500 (78%) foram encomendados pela CEN. **Reinações de Narizinho** nasce, portanto, em uma casa editora próspera, amparada pela segurança de uma coleção dirigida por Fernando de Azevedo. Tal panorama provavelmente incentivou o autor (e o editor) a apostar num livro fora dos moldes habituais, com 320 páginas de texto e encadernação mais cara.

Je découpe é um investimento novo num terreno também seguro, pois a **Flammarion** já era uma casa consolidada no mercado e constituía, às vésperas da guerra (1914-1918), o segundo maior grupo do mercado editorial francês – perdendo apenas para a líder *Hachette*. Ao contrário da CEN, que publicava literatura infantil desde o começo, a **Flammarion** faz fortuna através das coleções científicas, de livros práticos, e de literatura popular. Somente a partir de 1930, começa a explorar duas novas fatias do mercado editorial: livros religiosos e livros para crianças.²⁹⁸

De fato, acompanhando a evolução dos anúncios da editora nos catálogos dos primeiros anos da década de trinta, pode-se confirmar a sua tímida entrada nesse filão. Os anúncios do *Livres d'étrennes* para **1930** – publicado em novembro de 1929 – trazem, na seção *nouveautés* da **Flammarion** (pp. 404-405), apenas **6 obras**: uma religiosa (sobre S. Francisco de Assis); uma de literatura infantil; duas cantigas de roda; e dois álbuns com imagens de animais. Na mesma página constam mais 6 títulos infanto-juvenis da coleção *Beaux Albums*, todos adaptações de clássicos como Robinson Crusoe, Gulliver, Contos de Perrault, fábulas de La Fontaine, entre outros.

No ano seguinte, além dos doze já existentes, são lançados 13 títulos novos: 5 álbuns infantis e coloridos mostrando a vida animal; mais um título da série *Beaux Albums* (contos de Grimm); 5 álbuns de colorir da coleção *Petit Coloriste*; e mais 2 álbuns religiosos (*La Sainte Vierge* e *Saint Nicolas*).²⁹⁹ Se compararmos os 25 títulos da **Flammarion** aos mais de 117 da *Hachette* (uma vez que algumas coleções não anunciam todos os seus títulos e que não contamos as grandes *Bibliothèque Rose, Blanche, Bleue e Verte*), fica evidente a rentabilidade da literatura infanto-juvenil e a primazia de uma “fórmula-álbum” para a indústria editorial francesa da década de 30.

²⁹⁸ PARINET, Elisabeth. *L'édition Littéraire, 1890-1914*. In: In : CHARTIER, Roger ; MARTIN, Henri-Jean. Op. Cit., 205.

²⁹⁹ *Livres d'Étrennes pour l'année 1931* (publicado em 07 de novembro de 1930). Op. cit. pp. 320-322.

A **Flammarion** segue os passos da líder e abraça o projeto proposto por Paul Faucher: em novembro de 1931 (*Livres d'Etrennes* 1932), saem os dois primeiros títulos da promissora coleção *Les Albums do Père Castor*. Nesse mesmo catálogo em que a casa já mostra um aumento de obras infanto-juvenis com 52 títulos, a líder Hachette lança os álbuns *Mickey* e *Gato Félix*, verdadeiros êxitos editoriais que precedem a entrada dos quadrinhos americanos no país em 1934.

Comparando os catálogos de livros infantis da **CEN** e da **Flammarion** entre 1930 e 1937, vê-se o progresso do gênero dentro da política de vendas de ambas as empresas: aumento de títulos, melhor organização em coleções variadas, aperfeiçoamento dos anúncios e vinhetas (mais informação e imagens ilustrando o produto), maior cuidado estético e organização visual dos catálogos ao longo dos anos.

3.11 Considerações finais deste capítulo

Tanto a obra de Lobato quanto a obra de Faucher exprimem representações de infância e de educação que se coadunam com as teorias que fundamentaram o movimento renovador da educação no Brasil e na França dos anos trinta. A semelhança entre eles estaria no projeto pedagógico – ancorado no ideário escolanovista – que é subjacente aos seus livros.³⁰⁰ Entre os vários nomes que promoveram as principais linhas de pensamento da *Escola Nova* no mundo, um ponto de convergência parece interligar as crianças do Sítio do Picapau Amarelo e as crianças dos álbuns do Père Castor: John Dewey.

Reinações de Narizinho, através do texto literário, e *Je découpe*, através da atividade proposta desde o prefácio, parecem supor a criança como um ser inteligente, ativo, livre, autônomo e lúdico. Circos de escavaliños, bois de chuchu, papéis coloridos, quadros feitos com cola, papel, tesoura e imaginação: Para Dewey, “os jogos têm um fim,

³⁰⁰ Esta semelhança, mesmo não havendo nenhuma relação de influência ou apropriação entre Lobato e Faucher, remete à noção de *parentesco morfológico*, segundo a qual pode haver identidade, recorrência ou repetição de formas nas produções simbólicas separadas no tempo e no espaço, sem nenhum contato umas com as outras. Os historiadores que defendem essa abordagem são Carlo Ginzburg, Roger Chartier e Aby Warburg.

no sentido de uma idéia orientadora que dá sentido aos atos sucessivos.”³⁰¹ A recreação é salutar e constitui uma das responsabilidades mais sérias da educação, pois exercita faculdades e hábitos construtivos para a formação de mentes livres. Nas suas palavras:

Relativamente à liberdade, o importante é ter-se em mente que ela designa mais uma atitude mental do que uma ausência de restrição exterior de movimentos, mas que esta qualidade espiritual não pode desenvolver-se sem grande produção de movimentos para os atos de explorar, experimentar, aplicar, etc. (...) Uma sociedade progressiva considera preciosas as variações individuais desde que nelas encontre meios para seu próprio desenvolvimento. Por conseguinte, uma sociedade democrática deve, em sua interferência na educação e coerente com seu ideal, permitir a liberdade intelectual e a manifestação das várias aptidões e interesses. (*Ibid.*, p. 337)

Recortando, o leitor de Paul Faucher também está aprendendo, fazendo, experimentando, *reinando*. Reinando, as personagens de Lobato também estão imaginando, criando, descobrindo, produzindo conhecimento. Em que medida esses autores se aproximam? Na medida em que seus livros promovem, cada um à sua maneira, um chamado à liberdade de agir e pensar, ao aprendizado pela experiência, à nova educação.

³⁰¹ DEWEY, John. *Democracia e Educação*: introdução à filosofia da educação. 4ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979. (Atualidades Pedagógicas). p. 224.

Conclusão

Sendo o doutorado um período de formação em sentido amplo, ao concluí-lo, vemos que os seus resultados vão além daqueles apresentados na tese. Aprende-se a construir hipóteses, a comprová-las ou refutá-las; aprende-se a mudar os métodos de trabalho em função dos objetivos, e a mudar os próprios objetivos se eles parecerem inalcançáveis ou perderem o sentido. Diminuem-se as ambições, percebe-se que há outros caminhos a seguir, aprende-se a perseverar diante dos desafios impostos pela pesquisa em arquivos históricos.

Para realizar esta tese, o maior desafio a que nos propusemos foi construir uma comparação entre dois elementos sem nenhuma relação aparente ou comprovada. Comparar o trabalho de Monteiro Lobato e o de Paul Faucher, enquanto “fazedores” de livros para crianças, parecia não fazer muito sentido. No entanto, compará-los a partir das suas relações com o movimento de idéias promovido pelos intelectuais da educação – ou simplesmente Escola Nova – foi o que deu sentido a este trabalho, do início ao fim.

A história da literatura para crianças, que naquele momento estava imantada à história da educação, mostrou-nos sinais de uma possível conexão cultural entre o Brasil e a França. A primeira luz foi percebida quando textos de Fernando de Azevedo e Deodato de Moraes, publicados em 1931 na revista P.E.N.,³⁰² foram encontrados durante a nossa pesquisa em Genebra: os artigos nos apontaram as primeiras ligações entre o movimento renovador da educação no Brasil e na Europa.

Mas novos vínculos seriam formados ao encontrarmos, perdidas no longínquo distrito francês de Meuzac, algumas cartas trocadas entre Paul Faucher, Lourenço Filho, Gustavo Capanema e Rubens Borba de Moraes.³⁰³ Aquelas cartas nos revelaram ter havido uma correspondência de idéias entre educadores e editores do Brasil e da França, e, mais concretamente, uma troca de livros infantis: os álbuns do Père Castor chegaram

³⁰² *Pour l'Ère Nouvelle* : Revue internationale d'éducation nouvelle. Op. cit. (cf. cap. 2, p. 66).

³⁰³ Nos *Archives du Père Castor* foi encontrado ainda o prospecto do Congresso de Nice, em 1932, que trazia Lourenço Filho na lista dos palestrantes, ao lado de nomes como Cousinet, Dewey, Fauconnet, Freinet, Kerschensteiner, Piaget e Wallon.

ao Brasil em várias remessas entre 1937 e 1940, endereçados a Rubens Borba de Moraes, Lourenço Filho e Gustavo Capanema.

As cartas revelaram que Rubens Borba declarou interesse em uma adaptação para o português e teria colocado os álbuns de Faucher em exposição nas bibliotecas infantis de São Paulo em dezembro de 1937, mas não se tem notícia da continuidade dessa correspondência – como ocorreu com Lourenço Filho. Em 1940, Lourenço Filho agradece a Faucher pelos cinco ‘novos’ álbuns recebidos e lhe envia 3 livros da coleção *Biblioteca Infantil* (Melhoramentos), dirigida por ele, pedindo a opinião do editor francês.

Desconhecemos a razão pela qual os álbuns de Faucher nunca chegaram até Lobato ou Octalles – até onde sabemos. Tampouco se sabe por que Lourenço Filho não demonstrou interesse em indicá-los para publicação pela editora Melhoramentos, ou sugerir tradução/adaptação pela *Comissão de Literatura Infantil* do governo. Talvez porque livros dessa natureza, que promovessem mais atividades artísticas do que textos literários fossem considerados de natureza recreativa em vez de educativa, não se adequando portanto às diretrizes educativas do ministério Capanema – cujas bases estavam na educação formal através da escola e nos livros de *leitura literária* para a “formação” das mentalidades. Essa formação excluía a pedagogia da autonomia e a moral laica dos livros de Faucher.

Após o estudo dos livros produzidos por Monteiro Lobato e Paul Faucher, chegamos a algumas conclusões que não julgamos absolutas. Vamos a elas.

Ao que nos parece, no Brasil e na França dos anos 20, 30 e 40, o *sistema literário*, no que concerne especificamente aos **livros para crianças**, possui mecanismos de funcionamento semelhantes, dependendo tanto da rede de contatos pessoais de editores e autores quanto da mediação institucional garantida por escolas, bibliotecas, e órgãos governamentais. Desde os anos cinqüenta, este *sistema literário* conta com outros tipos de mediação institucional que colaboram com o seu crescimento: organismos de difusão e promoção da leitura, como as seções do IBBY (*International Board on Books for Young People*) em diversos países,³⁰⁴ além das feiras internacionais e grandes bienais do livro infanto-juvenil, como a *Bologna Children’s Book Fair* (Itália) e o *Salon du livre et de la Presse Jeunesse en Seine-Saint-Denis* (França).

³⁰⁴ No Brasil é a FNLIJ e na França a *La Joie par Les Livres*.

Tanto na França quanto no Brasil dos anos vinte e trinta, havia uma visão redentora da **educação** como o principal instrumento de ação para melhorar o mundo. Todavia, o conceito de mundo melhor tinha nuances diferentes aqui e lá: no Brasil, a *escola nova* devia favorecer o “desenvolvimento”, o “progresso” econômico e social da nação, formando homens preparados para uma sociedade moderna através da ciência e da tecnologia; já a França, marcada pelo desastre da Primeira Guerra, entendia que a *nova educação* devia favorecer o pleno desenvolvimento afetivo-psicológico do indivíduo, suscitar o espírito de iniciativa e o pensamento científico, e tinha como principal missão promover uma cultura de tolerância e paz entre os povos.

Lobato e Faucher partiam de uma mesma concepção elementar sobre infância e educação, compartilhada pelos escolanovistas nos anos 30; porém eles transferiram essa visão (de missão social) da **escola** para o **livro infantil**. O estudo dos catálogos feito no capítulo 2 tentou mostrar, através dos títulos anunciados, os dados gerais da sua produção para crianças (temas abordados, lançamentos, reedições e tiragens a cada ano); a partir daí, foi possível perceber como a adesão de Lobato e de Faucher à **Escola Nova** resulta em **livros para crianças**.

A maneira que eles encontraram de contribuir para a construção de um mundo melhor, foi interferir na educação das crianças que os liam. Percebemos, no conjunto de sua obra, um ponto comum: **o objetivo de formar um leitor ativo**, formar uma criança de mente livre e autônoma, apta a pensar criticamente e agir refletidamente. Os seus fins são semelhantes mas os seus métodos são diferentes: os livros de Faucher educam através do trabalho manual e das artes, pelas imagens e pela sensibilidade; os livros de Lobato educam através da palavra e da atividade intelectual, pelo discurso racional e pelo maravilhoso no texto literário.

Embora a França apresentasse condições mais favoráveis à produção e ao consumo de literatura infantil, com um mercado editorial mais desenvolvido, um maior número de escolas, de bibliotecas (além de uma excelente biblioteca pública infanto-juvenil em Paris) e de alunos matriculados no ensino primário, os dados indicam que Monteiro Lobato vendia mais do que Paul Faucher. Isto é, uma vez que os seus números de tiragens e vendas eram parecidos e o Brasil tinha menos leitores potenciais do que a França, isto leva a pensar que Lobato atingiu um número maior de leitores.

A respeito do público a que eles se dirigem, há uma característica que os difere: a indicação de faixa etária, e indiretamente, do nível de desenvolvimento cognitivo da criança. Enquanto a maior parte dos livros de Faucher trazia a indicação da idade nos catálogos, Lobato não fazia tal prescrição aos destinatários de sua literatura infantil. Faucher se dirigia a crianças todas as faixas etárias, de 0 a 14 anos, isto é, uma parte de seus “leitores” nem sabia ainda ler textos mas já manuseava livros, lia imagens e compreendia as regras do jogo contidas nos prefácios, explicadas por uma criança mais velha ou por um adulto.

A *mediação* da leitura é um fator muito importante nos álbuns de Faucher destinados à pequena infância; é por isso que alguns prefácios se dirigem aos pais e professores, enquanto possíveis mediadores do contato da criança com o álbum. No entanto, a mediação parece ser um aspecto ignorado por Lobato, que só escrevia para quem sabia ler sozinho. Lobato escrevia para uma criança mais perspicaz do ponto de vista intelectual. O fato de não subestimar a inteligência do seu leitor indica um provável direcionamento de sua obra a um público específico de crianças, um leitor mais experiente, acima de 8 anos, capaz de alcançar as suas conjecturas, metáforas e ironias em meio à ludicidade da sua ficção infantil.

A partir daí, depreendemos uma outra diferença entre eles: Lobato previa práticas de leitura individuais e Faucher, ao contrário, previa práticas de leitura socializadas para seus livros. O que isso quer dizer? Não sabemos ao certo. Julgamos que a **leitura** seja concebida de maneira diferente em cada um, embora os resultados esperados dessa prática possam ser os mesmos. Lobato parece entender que a leitura é um ato silencioso, momento de crescimento interior, individual, e os seus proveitos não se dividem. Faucher parece considerar a leitura como uma oportunidade de socializar conhecimentos, promover certa comunhão de idéias e emoções através das atividades e leituras compartilhadas. Tais visões estariam alinhadas com uma função mais pedagógica da leitura, da parte de Faucher, e uma função mais estética da leitura, da parte de Lobato.

Ainda sobre o público a que se dirigiam, percebe-se uma contradição entre as intenções e as realizações de Lobato e de Faucher. Mesmo que tenham se esforçado, em iniciativas importantes, para baratear ou popularizar seus livros, no final das contas, eles teriam atingido um leitor sofisticado, não-trivial. De um lado, belíssimas imagens, linhas

retas e formas geométricas herdadas do construtivismo e do suprematismo russos, muitas atividades artísticas, textos simples e propostas pedagógicas refletidas; de outro lado, cartonagem elegante, ilustrações muito coloridas, prosa de alta qualidade literária, com metáforas, ironias e críticas políticas. Tais características se ajustam mais a filhos de pais intelectuais ou profissionais liberais do que a filhos de operários e assalariados.

Pelo teor dos jogos da série *Pour les tout petits* e pela simplicidade dos textos dos álbuns do Père Castor na série *Le Bonheur de Lire*, vê-se que Faucher supunha um leitor tão inteligente quanto o de Lobato, entretanto menos maduro; em Faucher havia um estudo e uma real preocupação “pedagógica” em respeitar o nível cognitivo dos leitores. Apenas nas séries *Le Plaisir de Jouer* e *La Joie d’inventer* vemos jogos e atividades mais complexas, que exigem mais reflexão e maior desenvolvimento das operações mentais.

Por uma questão de tempo, esta tese deixou de contemplar alguns assuntos que poderiam apontar caminhos para futuras pesquisas. Por exemplo, deixamos de abordar os ilustradores das obras de Lobato porque não foram encontradas informações suficientes a respeito, nem sequer os desenhos originais, um contrato ou carta nos arquivos da antiga Companhia Editora Nacional (na França esses documentos estão em excelente estado de conservação e foram consultados sem dificuldade). Numa outra perspectiva, as diversas nacionalidades e estilos desses artistas (italiana em Voltolino, alemã em Kurt Wiese, e francesa em Jean-Gabriel Villin) trazem para a literatura infantil brasileira uma linguagem estética europeia que mereceria uma comparação com a internacionalidade dos ilustradores dos álbuns do Père Castor – em grande parte artistas de origem russa, mas de escolas e estilos diversos.

Tampouco foram aprofundadas, no estudo dos catálogos, duas questões que remetem à materialidade da leitura e ao público visado pelos autores e editores analisados: os preços praticados para os livros de Lobato e de Faucher em relação ao mercado, e as características gráficas desses livros produzidos na década de trinta. Estas constituem apenas algumas sugestões de trabalhos futuros aproveitando-se o vasto material de pesquisa que deu fundamento a esta tese.

No início do projeto de doutorado, a primeira pergunta que provocou o nosso estudo foi a seguinte: no início do século XX, teria havido um Lobato na França? Hoje podemos afirmar que não houve um Monteiro Lobato na história da literatura infantil

francesa, assim como não houve um Paul Faucher na história da literatura para crianças no Brasil. Homens como Lobato e Faucher, cujas diferentes ações interferiram na história cultural e transformaram definitivamente o livro e a edição para crianças em seus países, são raros e constituem duas faces de uma mesma moeda, tanto pela originalidade de seus livros quanto pela modernidade de suas idéias.

Estudar a história dos livros de Monteiro Lobato e de Paul Faucher nos levou a constatar que entre eles não há semelhança formal, de natureza gráfica ou estética, tampouco literária. As analogias existem, entretanto, nas representações de infância e educação presentes em sua obra e no projeto pedagógico de orientação escolanovista que permeia os álbuns de Faucher e os livros de Lobato.

Ao que nos parece, um projeto de leitura ideal para promover uma formação integral da criança, de acordo com pressupostos escolanovistas, incluiria livros tanto de Faucher quanto de Lobato. Seus livros estariam inscritos num programa amplo de edição para crianças que atenderia aos interesses de todas as idades: jogos diversos (individuais e coletivos), brincadeiras, desenho, pintura, escultura, música, dança, teatro, dobradura, imagens, poemas, contos, novelas, romances, gramática, aritmética, geografia, história, física, astronomia, geologia, biologia, filosofia, mitologia grega, técnicas diversas.

Considere-se que essas aproximações talvez sejam a visão romantizada de uma pesquisadora que não teve êxito em separar as suas reflexões analíticas das suas impressões de leitora – mesmo estando ciente de que um trabalho acadêmico que não toma distância do seu objeto corre o risco de perder o valor científico. Mas, entrever nos álbuns do Père Castor destinados à pequena infância um lastro cognitivo que daria subsídios para a leitura dos textos de Lobato, não parece assim desarrazoado. A pedagogia subjacente aos seus livros era escolanovista, e talvez utópica: seu intento era formar sujeitos ativos, de espírito crítico, socialmente responsáveis e mentalmente livres.

Referências Bibliográficas

ABREU, Tâmara C. S. Entre Guerras, Ciências e Reformas: Emília consertando a natureza. In: Marisa Lajolo; João Luís Ceccantini. (Org.). **Monteiro Lobato (infantil) livro a livro**. 1 ed. São Paulo: Ed. UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008, pp. 439-451.

ALBIERI, Thaís de Mattos. **São Paulo-Buenos Aires**: a trajetória de Monteiro Lobato na Argentina. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária). Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2009.

ALMEIDA JÚNIOR, A. Formação profissional de Lourenço Filho. In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO (org.). **Um educador brasileiro**: Lourenço Filho. Livro jubilar. São Paulo: Melhoramentos, s/d, pp. 27-44.

ANNUARIO BRASILEIRO DE LITERATURA. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1937.

AZEVEDO Fernando de. L'Ecole Nouvelle et la réforme. In : **P.E.N.**. Genève, n° 67, 10^{ème} année, pp. 90-95, avril-mai 1931.

BEDA, Ephraim de Figueiredo. **OCTALES MARCONDES FERREIRA**: formação e atuação do editor. Dissertação (Mestre) – Escola de Comunicação e Artes, USP, São Paulo, 1987.

BERTOLUCCI, Denise M^a de Paiva. O papel da pesquisa em periódicos no estudo da composição do livro *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato. In: **Revista Patrimônio e Memória**. UNESP – FCLAs – CEDAP, v.3, n.2, 2007. Disponível em : <http://www.assis.unesp.br/cedap/patrimonio_e_memoria/patrimonio_e_memoria_v3.n2/artigos/denise_paiva_bertolucci.pdf>. Acesso em: 17 Jun. 2008.

BIBLIOGRAPHIE DE LA FRANCE. **Livres d'Étrennes et publications périodiques pour l'année 1930**. Paris: Cercle de La Librairie, 1929.

BIBLIOGRAPHIE DE LA FRANCE. **Livres d'Étrennes et publications périodiques pour l'année 1931**. Paris: Cercle de La Librairie, 1930.

BIBLIOGRAPHIE DE LA FRANCE. **Livres d'Étrennes et publications périodiques pour l'année 1932**. Paris: Cercle de La Librairie, 1931.

BIBLIOGRAPHIE DE LA FRANCE. **Livres d'Étrennes et publications périodiques pour l'année 1933**. Paris: Cercle de La Librairie, 1932.

BIBLIOGRAPHIE DE LA FRANCE. **Livres d'Étrennes et publications périodiques pour l'année 1934**. Paris: Cercle de La Librairie, 1933.

BIGNOTTO, Cilza Carla. **Novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato (1918-1925)**. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária). Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2007.

BONTEMPS-DELBARD, Claire. **COMMENT INNOVER DANS LA CONTINUITÉ?** Les collections *Castor Poche* (1980-1990) et le renouvellement de la littérature pour la jeunesse à la fin du XXe siècle. Tese. (Doctorat en Histoire). U.F.R. des Sciences Sociales et Humaines, Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines, Versailles, 2004.

BUYSE, Omer. **Méthodes américaines d'éducation générale et technique**. Paris : H. Dunod & E. Pinat ; etc., etc., 1908.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos**. 6ª ed. Belo Horizonte, Editora Itatiaia Ltda, 2000.

CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato: vida e obra**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955. Tomos I e II.

CECCANTINI, João e LAJOLO, Marisa (orgs.). **Monteiro Lobato livro a livro: Obra infantil**. 1ª ed. São Paulo: Editora UNESP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

CHARTIER, Roger ; MARTIN, Henri-Jean. **Histoire de l'édition française**, t. IV, *Le Livre concurrencé*, 1900-1950, Fayard-Cercle de la librairie, 1991.

COMPANHIA EDITORA NACIONAL. **Catálogo Geral 1932**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1932.

COMPANHIA EDITORA NACIONAL. **Catálogo Geral nº 10** – Setembro 1933. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933.

COMPANHIA EDITORA NACIONAL. **Catálogo Geral nº 11** – Junho 1934. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.

COMPANHIA EDITORA NACIONAL. **Catálogo Geral nº 12** – Setembro 1935. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935

COMPANHIA EDITORA NACIONAL. **Catálogo Geral nº 13** – 1937. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.

CONIHOUT, Isabelle de. *La conjoncture de l'édition*. In : CHARTIER, Roger ; MARTIN, Henri-Jean. _____ . Paris : Fayard-Cercle de la librairie, 1991, pp. 70-96.

DECROLY, O. e BUYSE, R.. Le rêve entrevu: une journée à Park School (U.S.A.). In: **Pour l'Ère Nouvelle** : Revue internationale d'éducation nouvelle. Genève, n°4, 1^{ère} année, pp. 70-75, octobre 1922.

DEWEY, John. *Democracia e Educação*: introdução à filosofia da educação. 4^a ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979. (Atualidades Pedagógicas)

ERNST FLAMMARION ÉDITEURS. **Les Albums du Père Castor – Étrennes 1935**. (Catálogo) Paris : Ernst Flammarion Éditeurs, 1935.

ESCOLA PROFISSIONAL MASCULINA DO BRÁS. In: ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL DE ARTES VISUAIS. São Paulo: Itaú Cultural, 2006. Disponível em: http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia_IC/index.cfm?fuseaction=instit_uicoes_texto&cd_verbete=5397. Acesso em: 28 jul. 2009.

FAUCHER, François. Aux sources d'une création en mouvement. In : **Le Père Castor PAUL FAUCHER 1898-1967**: um Nivernais, inventeur de l'album moderne. Actes Du Colloque de Pougues-les-Eaux, 20 et 21 novembre 1998. Conseil Général de la Nièvre, 1999, pp. 15-48.

_____. **Une pédagogie de la vie par la vie**: František Bakule. Paris : Fleurus, 1975.

FAUCHER, Paul. FAUCHER, Paul. **Comment adapter la littérature enfantine aux besoins des enfants**. Meuzac : Les amis du Père Castor, 1998.

_____. **L'Éducation, L'Homme et l'Enfant**. Meuzac: Les amis du Père Castor, 1998.

_____. **La mission éducative des albums du Père Castor**. Meuzac: Amis Du Père Castor, 1998.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Diário pessoal, autobiografia e fontes orais: a trajetória de Pierre Deffontaines. XXII ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 1998, Caxambu. Anais. Disponível em: <<http://ivairr.sites.uol.com.br/deffontaines1.htm>.> Acesso em: 15 Jul. 2009.

FERREIRA, Rita de Cássia Cunha. **A Comissão Nacional do Livro Didático durante o Estado Novo (1937-1945)**. Dissertação (Mestre) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2008.

FERRIÈRE, Adolphe. L'École active et l'esprit de service. Discours d'inauguration. In : **Pour l'Ère Nouvelle** : Revue internationale d'éducation nouvelle. Genève, n° 8, 2^{ème} année, pp. 72-79, octobre 1923.

_____. L'École « nouvelle » et le Bureau international des Ecoles nouvelles. In : **P.E.N.**. Genève, n° 15, 4^{ème} année, pp. 04-08, avril 1925.

_____. L'Éducation Nouvelle au Brésil. In : **P.E.N.**. Genève, n° 67, 10^{ème} année, pp. 85-90, avril-mai 1931.

_____. **Trois pionniers de l'Éducation Nouvelle** : Hermann Lietz, Lombardo-Radice, Frantisek Bakule. Paris : Ernst Flammarion Éditeur, 1928. (collection Education)

_____. V Chronique du congrès. In : **P.E.N.**. Genève, n° 32, 6^{ème} année, p. 262, novembre 1927.

FLAMMARION. **Les Albums du Père Castor 1937** . (Catálogo) Paris : Flammarion, 1937.

FRAIZ, Priscila (Org.); VIANNA, A. (Org.). **Conversa entre amigos**: correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato. 1. ed. Salvador; Rio de Janeiro: Fundação Cultural do Estado da Bahia; Fundação Getulio Vargas, 1986. 117 p.

_____. **Intelectuais, educadores e escritores no Ministério Capanema**: A Comissão de Literatura Infantil. 1999. 14 p.

FRANÇOIS, Paul e ROJANKOVSKY, Feódor **La maison des oiseaux**. Paris : Flammarion, 1942. (Les « Petits Père Castor »)

GENETTE, Gérard. **Seuils**. Paris : Editions du Seuil , 2002.

HALLEWELL, Lawrence. O livro no Brasil: sua história. Tradução de Maria da Penha Villalobos e Lélío Lourenço de Oliveira. São Paulo: T. A. Queiroz; Edusp, 1985.

IBGE. Estatísticas do Século XX. **Estatísticas populacionais, sociais, políticas e culturais**. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/seculoxx/temas.shtm> >. Acesso em: 27 jul. 2009.

LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (dir.). Faire de L'Histoire : I Nouveaux Problèmes. Paris : Editions Gallimard, 1974.

LE MEN, Ségolène. Le romantisme et l'invention de l'album pour enfants. 1994. **Revue Française d'Histoire du Livre**, n° 82-83, vol. 63, pp. 145-175.

Le Père Castor PAUL FAUCHER 1898-1967: um Nivernais, inventeur de l'album moderne. Actes Du Colloque de Pougues-les-Eaux, 20 et 21 novembre 1998. Conseil Général de la Nièvre, 1999.

LIMA, Yone Soares de. **A ilustração na produção literária**: São Paulo – década de vinte. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros-USP, 1985.

LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre: quarenta anos de correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel**. Tomos 1 e 2. São Paulo: Brasiliense, 1956.

_____. **A Menina do Narizinho Arrebitado**. (1920) Edição fac-similar. São Paulo, Metal Leve, 1982.

_____. **As Reinações de Narizinho**. 1ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1931.

_____. **Aventuras de Hans Staden**. 1ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1927.

_____. **Cartas Escolhidas**. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1970.

_____. Em redor da Escola Profissional Masculina. In: **Críticas e outras notas**. São Paulo: Brasiliense, 1965, p. 72.

_____. **História do mundo para as crianças**. 1ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933.

_____. **Mr Slang e o Brasil e Problema Vital**. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1950.

_____. **Narizinho Arrebitado: segundo livro de leitura para uso das escolas primárias**. 1ª ed. São Paulo: MONTEIRO LOBATO & C. editores, 1921.

_____. **Prefácios e entrevistas**. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1950.

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. **Introdução ao Estudo da Escola Nova**. 8ª ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1963.

LUCA, Tania Regina de. **A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação**. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1999.

MACKENZIE, D. F. **La bibliographie et la sociologie des textes**. Paris: Editions du Cercle de la Librairie, 1991.

MEDEIROS, Valéria Antônia. O jornal *O Estado de São Paulo* como principal divulgador das propostas educacionais da Liga Nacionalista de São Paulo (1916-1924). VI CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2006, Uberlândia. **Anais**. Disponível em: <http://www.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/282ValeriaAntoniaMedeiros.pdf>
Acesso em: 30 jul. 2009.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MONARCHA, Carlos. Sobre Clemente Quaglio (1872-1948): notas de pesquisa patrono da cadeira nº 31 "CLEMENTE QUAGLIO". **Boletim da Academia Paulista de Psicologia**, julho-dezembro, ano/vol. XXVII, número 002. 2007. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/946/94627205.pdf>> Acesso em: 11 ago. 2009.

MORAES, Deodato de. L'Ecole Active brésilienne d'Espírito Santo. In : **P.E.N.**. Genève, nº 67, 10^{ème} année, pp. 96-99, avril-mai 1931.

NERY, Ana Clara Bortoleto. **A Sociedade de Educação de São Paulo** : embates no campo educacional (1922-1931). Tese (Doutorado em História da Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

_____. **Impressos de professores**: representações sobre educação e ensino nos periódicos paulistas (1911-1923). In: 31ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 2008, Caxambu. **Anais**. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT02-4219--Res.pdf>> Acesso em: 23 jul. 2009.

NUNES, Clarice. **Anísio Teixeira**: a poesia da ação. Bragança Paulista, SP: EDUSF, 2000.

PAGEAUX, Daniel-Henri. **La Littérature générale et comparée**. Paris : Armand Colin, 1994.

PARINET, Elisabeth. *L'édition Littéraire*, 1890-1914. In: CHARTIER, Roger ; MARTIN, Henri-Jean. _____. Paris : Fayard-Cercle de la librairie, 1991.

PARMEGIANI, Claude-Anne. **Les petits français illustrés 1860-1940** : L'illustration pour enfants en France de 1860 à 1940, les modes de représentation, les grands illustrateurs, les formes éditoriales. Paris : Éditions du Cercle de la Librairie, 1989. (*Collection Bibliothèques*)

PARAIN, Nathalie. **Je découpe**. Albums du Père Castor. Paris : Flammarion, 1931.

_____. **Je fais mes masques**. Albums du Père Castor. Paris : Flammarion, 1931.

_____. **Ribambelles**. Albums du Père Castor. Paris : Flammarion, 1932.

PERROT, Jean. Recherche et littérature de jeunesse en France – Recherche pure ou appliquée ? In : **Bulletin des Bibliothèques de France**. BBF 1999. Paris, t. 44, nº 3, p. 13-24. Disponível em : <<http://bbf.enssib.fr/consulter/bbf-1999-03-0013-002>>. Acesso em : 22 mar. 2006.

PIMENTA, Jussara Santos. Pavilhão Mourisco: biblioteca e educação em Cecília Meireles. In: 24ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 2001, Caxambu. **Anais**. Disponível

em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/24/T0203884598885.doc>> Acesso em: 03 nov. 2009.

PROST, Antoine. **Histoire de l'enseignement en France 1800-1967**. Paris : Armand Colin, 1968. 524 p. (Série Collection U)

RAYMOND, Annick. **L'Éducation Morale dans le mouvement de l'Éducation Nouvelle** : comment éduquer moralement un enfant ? Paris : L'Harmattan, 2002. 264 p.

RAZZINI, Márcia de Paula Gregório. A Produção de Livros Escolares da Editora Melhoramentos na Primeira República. XXX INTERCOM – CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2007, Santos-SP. **Anais**. Disponível em: <<http://intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1479-2.pdf>>. Acesso em: 15 de jun. 2008.

RENONCIAT, Annie. **Les livres d'enfance et de jeunesse em France dans les années vingt (1919-1931)**. Tese (Doutorado em Histoire et Sémiologie du Texte et de l'image). UFR Sciences des textes et documents, Université Paris 7 - Denis Diderot, Paris, 1997. 3 vol.

REVISTA DO BRASIL. Volumes 1-24, Janeiro 1916-Dezembro 1923.

ROCHA, Jaqueline Negrini. **De caçada às caçadas** : o processo de re-escritura lobatiano de *Caçadas de Pedrinho* a partir de *A Caçada da Onça*. 2006. Dissertação (Mestre) – Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2006.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Émile ou de l'éducation**. Paris : Garnier-Flammarion, 1966.

RUGG, Harold O. Comment libérer les programmes. In : **Pour l'Ere Nouvelle** : Revue internationale d'éducation nouvelle. Genève, n°31, 6^{ème} année, p. 195, septembre-octobre 1927.

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena M^a B.; e COSTA, Vanda M^a R. **Tempos de Capanema**. São Paulo: Paz e Terra, Fundação Getúlio Vargas, 2000.

SILVA, Raquel Afonso da. **Entre livros e leituras**: um estudo de cartas de leitores. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária). Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2009.

SOARES, Gabriela Pellegrino. **Semear horizontes**: uma história da formação de leitores na Argentina e no Brasil, 1915-1954. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

SORÁ, Gustavo. **Brasilianas** : A casa José Olympio e a instituição do livro nacional. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

SORIANO, Marc. **Guide de littérature pour la jeunesse**. Paris : Flammarion, 1975.

_____. **Les livres pour les enfants** : sur la piste du Père Castor. Meuzac : Les amis du Père Castor, 1998.

SOUZA, Loide Nascimento de. Monteiro Lobato e o processo de reescritura das fábulas. In: CECCANTINI, João e LAJOLO, Marisa (orgs.). **Monteiro Lobato livro a livro: Obra infantil**. 1ª ed. São Paulo: Editora UNESP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

STRANG, Bernadete de L. S. **O Saber e o Credo: Os Intelectuais Católicos e a Doutrina da Escola Nova (1924-1940)**. 2008. Tese. (Doutorado em Educação) – PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2008.

STAUFFER, Martin. A Escola Nova brasileira como referência internacional. I SEMINÁRIO INTERNACIONAL A ESCOLA NOVA, OS IMPRESSOS E A EDUCAÇÃO BRASILEIRA, 2005, São Cristóvão/Sergipe: CEAV/UFS, 2005. (Texto enviado por e-mail)

TEIXEIRA, Anísio. Lourenço Filho e a educação. In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO (org.). *Um educador brasileiro: Lourenço Filho*. **Um educador brasileiro: Lourenço Filho**. Livro jubilar. São Paulo: Melhoramentos, s/d.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. A indústria de livros, a materialidade do impresso e o campo educacional: reflexões sobre a organização do acervo histórico da Companhia Editora Nacional. III CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2004, Curitiba. Anais. Disponível em:

<<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Individ/Eixo1/019.pdf>>

Acesso em: 28 Jul. 2008.

UNESCO. CONFÉRENCE GÉNÉRALE. **Recommandation concernant la normalisation internationale des statistiques de l'édition de livres et de périodiques**. Paris, de 20/out a 20/nov de 1964. Disponível em: <http://portal.unesco.org/fr/ev.php-URL_ID=13068&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html> Acesso em: 03 fev. 2010.

VIDAL, Diana Gonçalves (Org.). **Na Batalha da Educação: Correspondência entre AnísioTeixeira e Fernando de Azevedo (1929-1971)**. Bragança Paulista: EDUSF, 2000, 215 p.

XAVIER, Libânia Nacif e FREIRE, Américo. Educação e política na reforma da instrução pública do Distrito Federal (1927-1930). II Congresso Brasileiro de História da Educação, 2002, Natal. **Anais**. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema4/0484.pdf>> Acesso em: 15 ago. 2009.

Anexos

Anexo 1

Títulos infantis de Lobato lançados entre 1931 e 1940³⁰⁵

- 1- O pó de Pirlimpimpim (1931)
- 2- As Reinações de Narizinho (1931)
- 3 - Alice no País das Maravilhas (1931)
- 4 - Viagem ao Céu (1932)
- 5 - Contos de Grimm (1932)
- 6 - Contos de Andersen (1932)
- 7 - Novas Reinações de Narizinho (1933)
- 8 - História do Mundo para Crianças (1933)
- 9 - As Caçadas de Pedrinho (1933)
- 10 - Alice no País do Espelho (1933)
- 11 - Emília no País da Gramática (1934)
- 12 - Robinson Crusoe: aventuras dum náufrago perdido numa ilha deserta, publicadas em 1719 (1934)
- 13 - Novos Contos de Grimm (1934)
- 14 - Novos Contos de Andersen (1934)
- 15 - Contos de Fadas Perrault (1934)
- 16 - História das Invenções (1935)
- 17 - Aritmética da Emília (1935)
- 18 - Geografia de Dona Benta (1935)
- 19 - Memórias da Emília (1936)
- 20 - D. Quixote das Crianças: contado por D. Benta (1936)
- 21 - O Poço do Visconde: geologia para crianças (1937)
- 22 - Serões de Dona Benta: ciências físicas e naturais ensinadas a seus netinhos (1937)
- 23 - Histórias de Tia Nastácia (1937)
- 24 - Viagem de Gulliver (1937)
- 25 - O Picapau Amarelo (1939)
- 26 - O Minotauro: maravilhosas aventuras dos netos de Dona Benta na Grécia Antiga (1939)
- 27 - A Reforma da Natureza (1940)

³⁰⁵ Os obras de autoria de Lobato e também as traduções/adaptações. Nesta lista constam apenas os títulos novos lançados a cada ano, sem reedições.

Anexo 2

Títulos publicados pela coleção *Education* (Flammarion)

FERRIERE Adolphe *Trois pionniers de l'éducation nouvelle : Hermann Lietz, Giuseppe Lombardo-Radice et Frantisek Bakulé*, Paris, Flammarion, 1928 (26 avril), 247 p.

CANFIELD-FISHER Dorothy *La confiance en soi* (Adaptation de l'anglais par A. et R. Hugues), Paris, Flammarion, 1928 (16 novembre), X p.

BOVET Pierre *L'instinct combatif*, Paris, Flammarion, 1928 (10 décembre), 283 p.
Remarque : Il s'agit d'une « nouvelle édition revue », la première édition datant de 1917. Notons que le titre de la collection « Education » n'apparaît pas sur la couverture du livre !

FERRIERE Adolphe *Bakulé et son œuvre éducatrice*, Paris, Flammarion, 1929, 32 p.

ROBIN Gilbert Dr *L'enfant sans défaut*, Paris, Flammarion, 1930, 285 p.

ZULLIGER Hans *La psychanalyse à l'école* (Traduit par Jean-Pierre Peyraube, agrégé de l'Université), Paris, Flammarion, 1930, 271 p.

DEWEY John et Evelyn *Les écoles de demain* (Traduit de l'anglais par R. Duthil), Paris, Flammarion, 1931 (9 mars), 284 p.

BARKER Mabel *Utilisation du milieu géographique*, Paris, Flammarion, 1931 (12 juin), 250

DURDIKOVA Lida *Les enfants aux yeux éteints* (Traduction de Zuza Hanouche. Illustrations de Sarkan), Paris, Flammarion, 1931, 129 p.

SEGUIN Edouard Dr *L'éducation physiologique*, Paris, Flammarion, 1931, 259 p.

HAZARD Paul *Les livres, les enfants et les hommes*, Paris, Flammarion, 1932 (27 octobre), 283 p.

DUPERTUIS Jean *Vers l'Ecole unique. Les internats publics de Vienne* (10 illustrations hors texte), Paris, Flammarion, 1933 (24 février), 249 p.

HUGUENIN Elisabeth *Education et culture d'après Georg Kerscheinsteiner*, Paris, Flammarion, 1933 (6 juin),

BOVET Pierre *La paix à l'école* (Travaux de la conférence internationale tenue à Prague du 16 au 20 avril 1927).

Anexo 3

Títulos da Série ATUALIDADES PEDAGÓGICAS (Cia Editora Nacional)³⁰⁶

- 1- AZEVEDO, Fernando de. *Novos caminhos e novos fins: a nova política de educação no Brasil*. 1932
- 2- DEWEY, John. *Como pensamos*. Tradução de Godofredo Rangel. 1933
- 3- TEIXEIRA, Anísio. *Educação Progressiva: uma introdução à filosofia da educação*. 1933.
- 4- CLAPARÈDE, Edouard. *A educação funcional*. 1933.
- 5- PEIXOTO, Afrânio. *Noções de Historia da Educação*. 1933.
- 6- DELGADO DE CARVALHO, Carlos Miguel. *Sociologia Educacional*. 1933.
- 7- RAMOS, Arthur. *Educação e Psicanálise*. 1933.
- 8- CZERNY, Adalbert. *O médico e a educação da criança*. 1933.
- 9- ALMEIDA JUNIOR, Antonio F. de. *Escola Pitoresca*. 1934
- 10- KELLY, Celso. *Educação social*. 1934.
- 11- PIÉRON, Henri. *Psicologia do comportamento*. Trad. J. B. Damasco Penna. 1935.
- 12- WALLON, Henri. *Princípios de psicologia aplicada*. 1935.
- 13- MENEZES, Djacir. *Dicionário psycho-pedagógico*. 1935.
- 14- RABELLO, Sylvio. *Psichologia do desenho infantil*. 1935.
- 15- AGUAYO, Alfredo Miguel. *Didactica da Escola Nova*. 1935.
- 16- CARNEIRO LEÃO, A. *O ensino das línguas vivas*. 1935.
- 17- CARVALHO, Delgado de. *Sociologia aplicada*. 1935.
- 18- AGUAYO, A. M. *Pedagogia Científica*. 1936.
- 19- RICARDO, Aristides. *Biologia aplicada à educação*. 1936.
- 20- RICARDO, Aristides. *Noções de higiene escolar*. 1936.
- 21- DEWEY, John. *Democracia e Educação*. 1936.
- 22- AZEVEDO, Fernando de. *Educação e seus problemas*. 1937.
- 23- RABELLO, Sylvio. *Psicologia da infância*. 1937.

Obs : SAMPAIO DÓRIA não está na série mas tinha vários títulos publicados pela CEN, na seção “Livros Escolares”; e já estava nos catálogos dos anos 20 da *M. Lobato e Cia*, seção “Didacticos”.

³⁰⁶ Títulos anunciados no catálogo 13, de 1937.

Anexo 4

Autores estrangeiros publicados nas coleções “Bibliotheca de Educação” e “Atualidades Pedagógicas”

BIBLIOTHECA DE EDUCAÇÃO (Melhoramentos)	ATUALIDADES PEDAGÓGICAS (Cia Editora Nacional)
Henri Piéron (1927) - Psychologia experimental	John Dewey (1933) - Como pensamos
Edouard Claparède (1928) - A escola e a psychologia experimental	Edouard Claparède (1933) - A Educação funcional
Emile Durkheim (1929) - Educação e sociologia	Adalbert Czerny (1933) - O médico e a educação da criança
Adolphe Ferrière (1929) - A lei biogenética e a escola ativa	Henri Piéron (1935) - psicologia do comportamento
Alfred e Simon Binet(1929) - testes para a medida do desenvolvimento da inteligência nas crianças	Henri Wallon (1935) - Princípios de psicologia aplicada
John Dewey (1930) - Vida e educação	Alfredo Miguel Aguayo (1935) - Didactica da Escola Nova
André Cresson (1931) - Situação actual dos problemas philosophicos	Alfredo Miguel Aguayo (1936) - Pedagogia scientifica
William Heard Kilpatrick (s/d) – Educação para uma civilização em mudança	John Dewey (1936) - Democracia e Educação
Lorenzo Luzuriaga (1934) - A escola única	

- A maioria dos autores estrangeiros eram franceses;
- 3 autores aparecem em ambas as coleções (Piéron, Claparède e Dewey);
- Todos os autores eram ligados à Escola Nova, exceto André Cresson (autor de livros de filosofia).

Anexo 5

Tabela com artigos sobre *Infância e Educação* publicados na Revista do Brasil

ANO	VOL.	MESES	PÁG.	TEMA	AUTOR	TÍTULO
1916	1	Jan-abr	73	Infância	E. F. Brown	A alimentação das creanças nas escolas dos EUA
1916	1	Jan-abr	219-220	Educação	Gregório Alfaro	Orientação social dos estudos universitários
1916	1	Jan-abr	225-226	Educação	George Van Ness	Como se deve estudar
1916	1	Jan-abr	351-352	Educação	Minerva	As Mútuas Escolares na Itália
1916	1	Jan-abr	443-446	Educação	R. M. (?)	As promessas do escotismo
1916	2	Mai-ago	31-69	Educação	João Köpke	O ensino da leitura pelo methodo analytic
1916	2	Mai-ago	83-85	Educação		Biografia de João Köpke
1916	2	Mai-ago	146-165	Educação	João Köpke	Educação moral e cívica (a propósito de um livro didático) parte I
1916	2	Mai-ago	225-243	Educação	João Köpke	Educação moral e cívica (a propósito de um livro didático) parte II
1916	3	Set-dez	101-102	Educação	s/a	A Educação Nacional
1916	3	Set-dez	336-347	Educação	Sampaio Dória	Finalidade Educativa (contribuição da sociologia)
1916	3	Set-dez	??	Educação	Os editores	* nota sobre a revista dos inspetores escolares do DF: "A Escola Primária" (na seção "Publicações recebidas")
1917	4	Jan-abr	110	Educação	Os editores	* nota sobre o livro "O Brasil e a educação popular" de Carneiro Leão (na seção "Publicações recebidas")
1917	4	Jan-abr	202-205	Educação	Carlos da Silveira	Fins da educação sob o ponto de vista brasileiro (sugestões)
1917	4	Jan-abr	322-324	Educação	Carlos da Silveira	PEDAGOGIA: requisitos necessários a quem se propõe ao trabalho educativo – habilitação técnica do professor
1917	4	Jan-abr	508-512	Educação	Carlos da Silveira	Ensino Primário: colaboração da família no trabalho escolar
1917	5	Mai-ago	74-81	Educação	Fernando de Azevedo	Educação Hygienica
1917	5	Mai-ago	154-167	Educação	Oliveira Lima	O meu professorado em Harvard
1917	5	Mai-ago	240-244	Educação	Carlos da Silveira	Missões de professores paulistas
1917	5	Mai-ago	248-249	Infância		A paralyasia infantil
1917	5	Mai-ago	249-250	Infância	s/a	A vista das creanças (sic)
1917	5	Mai-ago	??	Educação	Os editores	* nota sobre o livro "O método Montessori" de Luisa Sergio (na seção "Publicações recebidas")
1917	5	Mai-ago	447-485	Educação	Sampaio Dória	Methodologia do ensino e Literatura Didactica: o atributo específico da literatura didactica é a intuição analytica

continuação I (Anexo 5)

ANO	VOL.	MESES	PÁG.	TEMA	AUTOR	TÍTULO
1917	5	Mai-ago	521-524	Educação	Carlos da Silveira	Questões de ensino público: a medicina pedagógica e sua acção no lar e na escola - gabinetes de anthropometria escolar
1917	5	Mai-ago	540-541	Educação	Alfredo Bensaúde	A instrucção technica em Portugal
1917	6	Set-dez	228-230	Educação	M. F. Pinto Ferreira	O Brasil e o professor primário
1917	6	Set-dez	260-262	Educação	Visc. de Santo Thyrso	Educação alleman e educação ingleza
1918	7	Jan-abr	89-92	Educação	Carlos da Silveira	Ensino e Nacionalismo
1918	7	Jan-abr	170	Educação	Os editores	* nota sobre a 2ª edição do livro "O Brasil e a educação popular" de Carneiro Leão
1918	7	Jan-abr	180-185	Educação	Afrânio Peixoto	A educação e a defesa nacional
1918	8	Mai-ago	470	Educação	Os editores	* nota sobre a conferência "A educação popular" de Firmino Costa, realizada em Belo Horizonte.
1918	8	Mai-ago	471	Educação	Os editores	Noticia-resenha sobre o "Anuario do ensino do estado de S. Paulo", publicação da Diretoria da Instrucção Publica
1918	8	Mai-ago	495-498	Educação	Afrânio Peixoto	O ensino da linguagem
1918	9	Set-dez	119-120	Educação	Afrânio Peixoto	Educação e sanemanento
1918	9	Set-dez	365	Educação	Os editores	* nota sobre a publicação da conferência "O ensino como factor de resurgimento (sic) nacional" de Antonio Sergio
1918	9	Set-dez	365	Educação	Os editores	* nota sobre o livro "A união e o ensino primário", de A. Monteiro de Souza
1918	9	Set-dez	376-377	Infância	Henri Goy	A protecção da infancia nos Estados Unidos
1919	10	Jan-abr	32-43	Educação	Hugo Pizzoli	Psychologia pedagogica - harpa immensa
1919	10	Jan-abr	483-484	Educação	Os editores	* texto-anúncio do livro "Guia brasileiro de escotismo", de Hilário Freire
1919	10	Jan-abr	498-502	Infância	Dr. Franco da Rocha	Psychiatria
1919	11	Mai-ago	89-91	Educação	João Ribeiro	Livros Didacticos
1919	12	Set-dez	74	Infância	Fernandes Figueira	Consultas práticas de hygiene infantil
1919	12	Set-dez	179-180	Educação	Mário Pinto Serva	Conselho Nacional de Educação
1919	12	Set-dez	281-284	Educação	Mário Pinto Serva	O ensino no Brasil: a situação do ensino nos diferentes estados
1919	12	Set-dez	360	Educação	Aprígio Gonzaga	Em redor da escola profissional masculina
1920	13	Jan-abr	91-92	Educação	Barbosa Vianna	O Livro
1920	13	Jan-abr	191-195	Educação	Noé de Azevedo	Educação Republicana

continuação II (Anexo 5)

ANO	VOL.	MESES	PÁG.	TEMA	AUTOR	TÍTULO
1920	14	Mai-ago	265-266	Educação	Os editores	* texto-anúncio do livro "Da Educação Physica", de Fernando de Azevedo.
1920	14	Mai-ago	368-369	Infância	s/a	O que as creanças sonham
1920	15	Set-dez	91	Educação	Os editores	lista intitulada "Obras de Pedagogia", aparentemente um catálogo informal dos livros vendidos pela Revista do Brasil
1920	15	Set-dez	91	Educação	Spencer	Education (em inglês)
1920	15	Set-dez	91	Educação	Montessori	Les "Case dei bambine" (em francês)
1920	15	Set-dez	91	Educação	Compayré	Histoire de la Pédagogie (em francês)
1920	15	Set-dez	91	Infância	Monin	Médecine de l'enfance (em francês)
1920	15	Set-dez	91	Infância	Perez	Les trois premières années de l'enfant (em francês)
1920	15	Set-dez	91	Educação	Perez	L'éducation dès le berceau (em francês)
1920	15	Set-dez	91	Educação	Munch	Parents et professeurs d'aujourd'hui (em francês)
1920	15	Set-dez	91	Educação	Pizzurno	La escuela primaria (em espanhol)
1920	15	Set-dez	91	Educação	Souquet	Les écrivains pédagogiques (em francês)
1920	15	Set-dez	91	cultura alemã	V. Tissot	* há 3 obras desse autor na lista: "Les prussiens et l'Allemagne"; "Les russes et les allemands"; e "Vienne et les viennois"
1920	15	Set-dez	338-341	Educação	Amadeu Amaral	Um artigo proibido às creanças
1921	16	Jan-abr	136-147	Infância	Amadeu Amaral	Cuidar da Infância!
1921	16	Jan-abr	177-179	Educação	Lourenço Filho	O descaso pela instrução popular
1921	16	Jan-abr	284-285	Educação	Roger Cousinet	A educação utilitária (resumo do artigo de Cousinet publicado na Revue Pédagogique)
1921	17	Mai-ago	158-168	Educação	Afrânio Peixoto	O regimen universitario e a educação nacional
1921	17	Mai-ago	281	Educação	Os editores	* notícia sobre a "Revista de Educação" e a "Revista da Escola Normal de S. Carlos" com o sumário completo de ambas
1921	17	Mai-ago	353	Educação	Os editores	* nota sobre o livro "O ensino primário" de Firmino Costa
1921	17	Mai-ago	470-471	Educação	Francisco Falcão	A educação da mulher e as creanças
1921	18	Set-dez	118-126	Infância	Marcel Braunschvig	A literatura Infantil
1922	19	Jan-abr	110-119	Educação	Sampaio Dória	A educação cívica
1922	19	Jan-abr	342	Educação	Os editores	* resenha do livro "Como se aprende a língua", de Sampaio Dória, publicado pela Editora Monteiro Lobato e Cia em 1922

continuação III (Anexo 5)

ANO	VOL.	MESES	PÁG.	TEMA	AUTOR	TÍTULO
1922	20	Mai-ago	319-320	Educação	Sampaio Dória (?)	A instrução Publica (artigo-resenha sobre a reforma do ensino no estado de SP, com dados de matrículas de 1907-1921)
1922	20	Mai-ago	383	Educação	Os editores	* anúncio de publicação da conferência "EDUCAÇÃO", de Paulo Monte Serrat, pela Typographia Nacionalista - S. Paulo
1922	20	Mai-ago	389-391	Educação	s/a	Sociedade de Educação (artigo-resenha sobre esse órgão que acabara de ser fundado em São Paulo)
1922	20	Mai-ago	392-394	Educação	Arthur Neiva	Do Esporte (resenha sobre o tema explorado por Fernando de Azevedo: a educação física)
1922	21	Set-dez	186-188	Educação	s/a	O Destino das elites (texto fala da relação entre letramento, alfabetização e voto)
1922	21	Set-dez	260	Educação	Os editores	* nota-anúncio de publicação de "O ensino Universitário", de A. Monteiro de Souza, pela Typographia Cá e Lá - Manaus
1922	21	Set-dez	261	Educação	Os editores	* notícia de publicação de "La Bibliotheca de Maestros", de Antenor Urioste, pela Ed. Barreiros & Cia - Montevideo
1922	21	Set-dez	274-278	Lit. Infantil	s/a	(parte 1) Reabilitemos a imaginação e (parte 2) Narizinho Arrebitado (artigo publicado n'O Estado de SP)
1922	21	Set-dez	355-360	Educação	Fernando de Azevedo	Evolução Esportiva
1923	22	Jan-abr	64-67	Educação	Américo Bruschini	Literatura escolar
1923	23	Mai-ago	169-173	Lit. Infantil	J. A. Nogueira	Fábulas, por Monteiro Lobato
1923	24	Set-dez	171-172	Educação	Os editores	*notícia do recebimento da "Revista de Educação" na seção Bibliographia
1923	24	Set-dez	173-175	Educação	Franco da Rocha	História Natural - Como deve ser ensinada
1923	24	Set-dez	366-368	Lit. Infantil	Gilberto Amado	Livros para creanças

Anexo 6

Carta de Paul Fauconnet a Lourenço Filho³⁰⁷

LF 25.08.25

2 Paris 1^{er} Septembre
1930

Cher Monsieur et Ami

Je trouve votre
livre, en traversant
Paris entre deux voyages.
Je vais le lire avec plaisir
et je ferai volontiers
un article pour
l'Estado. Cet article
partira probablement
fin septembre.

Mes meilleurs souvenirs et
un sentiment cordialement
dévoué

Paul Fauconnet

18

³⁰⁷ Documento inédito. Arquivo Lourenço Filho, Cpdoc-FGV, localização: LFc 25.08.25.

Anexo 7

Relatório *Vente des albums du Père Castor* 1936-1937³⁰⁸

<u>VENTE DES ALBUMS DU PERE CASTOR - ANNEE 1936-1937</u>			
(Juin à Juin)			
	Chiffre théorique	Différence	Chiffre réel
ABC DU PERE CASTOR	9.017	- 165 =	8.852
BABA YAGA	1.008		1.008
BETES QUE J'AIME	4.601		4.601
CHANSONS DE JEUX ?.....	445		445
CONTE DU PETIT POISSON D'OR	1.054		1.054
EN FAMILLE	1.803		1.803
JEUX EN IMAGES	856		856
PETITE SIRENE	4.169	- 265 =	3.904
PETITS ET GRANDS	1.605	- 400 =	2.005
TAPIS VOLANT	144		144
DES FRUITS	24.702	- 30 =	24.672
BOURRU	12.955	+ 1.000 =	13.955
FROUX	7.227	- 100 =	7.127
PANACHE	5.915	+ 575 =	6.490
FLOUF	7.708	+ 250 =	7.958
SCAF	8.236	+ 560 =	8.796
ROMAN DES BETES	42.041	+ 2.285 =	44.326
CALENDRIER DES ENFANTS	5.974	+ 100 =	6.074
CONTE DE LA MARGUERITE	4.907	+ 900 =	5.807
A Reporter	66.743	+ 2.255 =	68.998

³⁰⁸ Documento inédito. *Archives du Père Castor*.

-2-

	Chiffre théorique	Différence	Chiffre réel
REPORT	66.743	+ 2.255	= 68.998
HISTOIRE DE PERLETTE	7.833	+ 750	= 8.583
JEUX DE NOURRICES	4.750	+ 1.090	= 5.840
ROYAUME DES ABEILLES	2.726	+ 1.050	= 3.776
COLLECTION CIGALOU	26.190	+ 3.890	= 30.080
COCORICO	455		455
POUR LES TOUT PETITS	455		455
AH ! LA BELLE JOURNEE	1.085		1.085
CRAYONS ET CISEAUX	1.225		1.225
DES FRUITS	3.120		3.120
DES LEGUMES	2.349		2.349
DES OISEAUX	2.894		2.894
DES POISSONS	1.951		1.951
COLORIAGES	12.624		12.624
JE FAIS MES JOUETS	1.811		1.811
TRAVAUX MANUELS	1.811		1.811
ALLONS VITE	1.128		1.128
A reporter	107.823	+ 6.145	= 113.968

-3-

	Chiffre théorique	Différence	Chiffre réel
REPORT	107.823	+ 6.145	= 113.968
FAUVES EN PAPIER	1.809		1.809
JE DECOUPE	1.834		1.834
JE FAIS MES MASQUES	1.230		1.230
JEUX DE PLIAGE	5.382	+ 40 =	5.403
MASQUES DE LA JUNGLE	772		772
MON JARDIN	5.628	- 225 =	5.403
RIBAMBELLES	5.445	+ 45 =	5.490
DECOUPIGES PLIAGES	23.228	- 140 =	23.088
AU PAYS DES 1.001 NUITS	2.500		2.500
BEAU JEU DES VITRAUX	1.384		1.384
CONTES DE FEES EN IM. LUM.	3.485	+ 50 =	3.535
FABLES DE LA FONTAINE	3.726	+ 45 =	3.771
IMAGES LUMINEUSES.....	3.341	+ 10 =	3.351
LANTERNE MAGIQUE	2.867		2.867
SUISSE EN IMAGES LUMINEUSES	11.978	+ 260 =	12.238
VIEILLES CHANSONS EN IM. LUM.	7.270	- 90 =	7.180
ZODIAQUE	823		823
IMAGES LUMINEUSES	37.374	+ 275 =	37.649
A REPORTER	168.425	+ 6.280 =	174.705

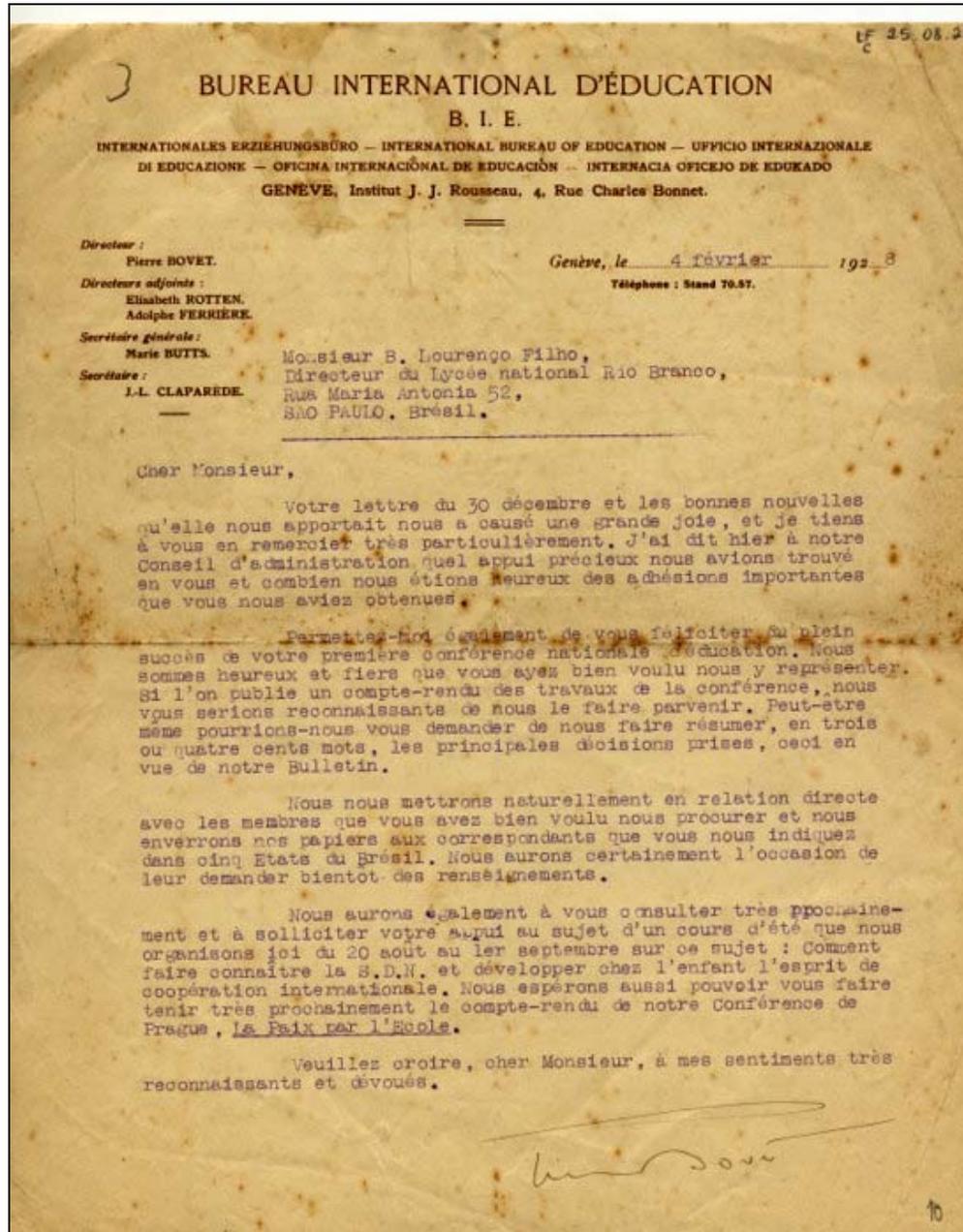
-4-

	Chiffre théorique	Différence	Chiffre réel
REPORT	168.425	+ 6.280	174.705
ALBUM FEE	993		993
ALBUM MAGIQUE	512		512
BONJOUR BONSOIR	657		657
CHACUN SA MAISON	1.182		1.182
CHACUN SON NID	4.606	+ 450 =	5.056
CHEZ NOUS IL Y A	870		870
CIRCULEZ	1.852		1.852
DE FIL EN AIGUILLE	272		272
FAITES VOTRE MARCHÉ	2.050		2.050
ILS FONT COMME CI	648		648
JEU DES PORTRAITS	1.016		1.016
JEUX DE FORMES	1.561		1.561
QUINZE JEUX SUR TABLE	6.291	+ 158 =	6.449
RONDS ET CARRÉS	914		914
SIX METIERS	719		719
THEATRE D'OMBRES I	7.996	+ 55 =	8.051
THEATRE D'OMBRES II	6.073	+ 797 =	6.870
TOUT CHANGE	650		650
TROIS OURS	1.405		1.405
UN JOUR DE VACANCES	4.488	+ 450 =	4.938
ALBUMS JEUX	44.755	+ 1.910 =	46.665
CRECHE	1.040		1.040
HORS CASTOR	1.040		1.040
T O T A L	214.220	+ 8.187 =	222.407

Anexo 8

Conjunto de cartas do Arquivo Lourenço Filho

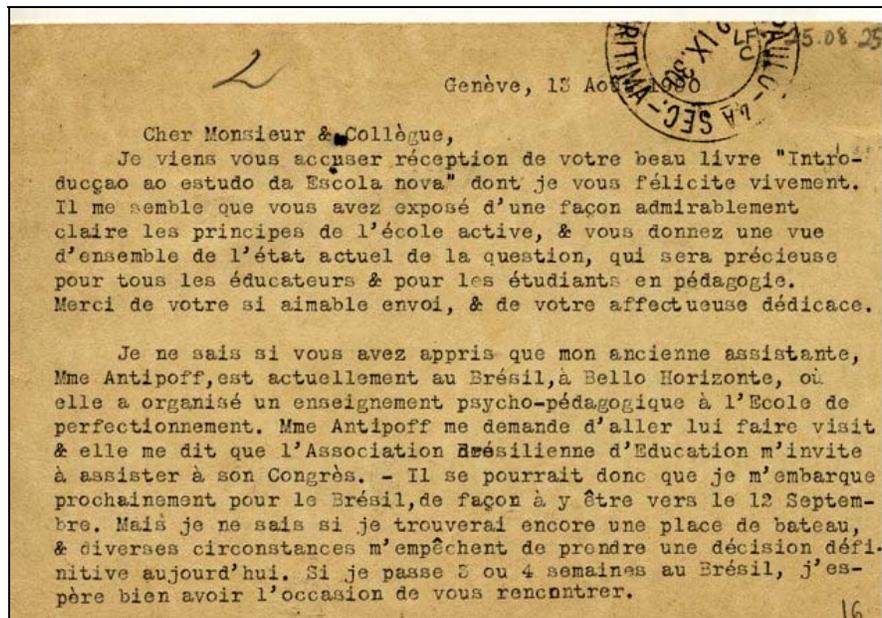
Documento 1³⁰⁹



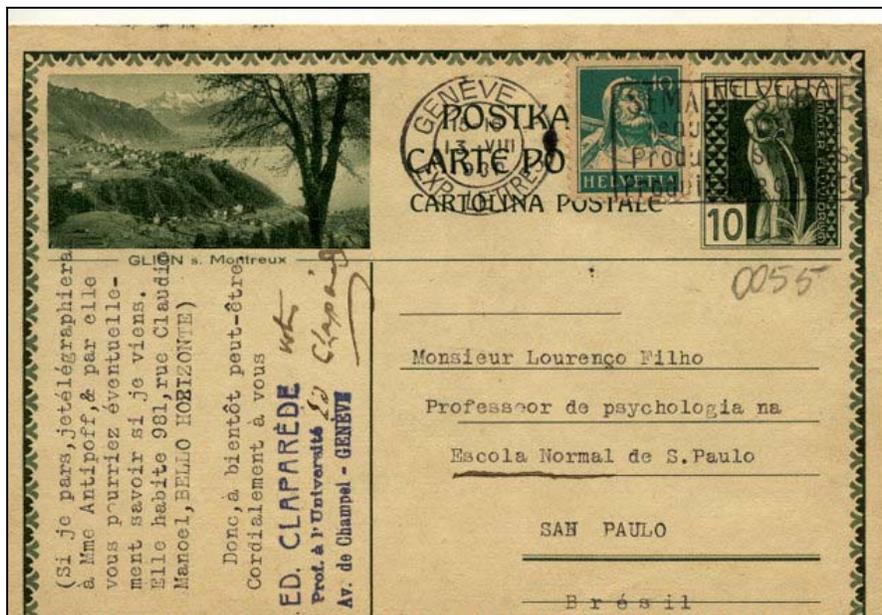
³⁰⁹ Carta de Pierre Bovet a Lourenço Filho. Documento inédito. Arquivo Lourenço Filho, Cpdoc-FGV. Classificação: LF c 1925.08.25, rolo 1, fotograma 0051.

Continuação I (Anexo 8)

Documento 2 (parte I)³¹⁰



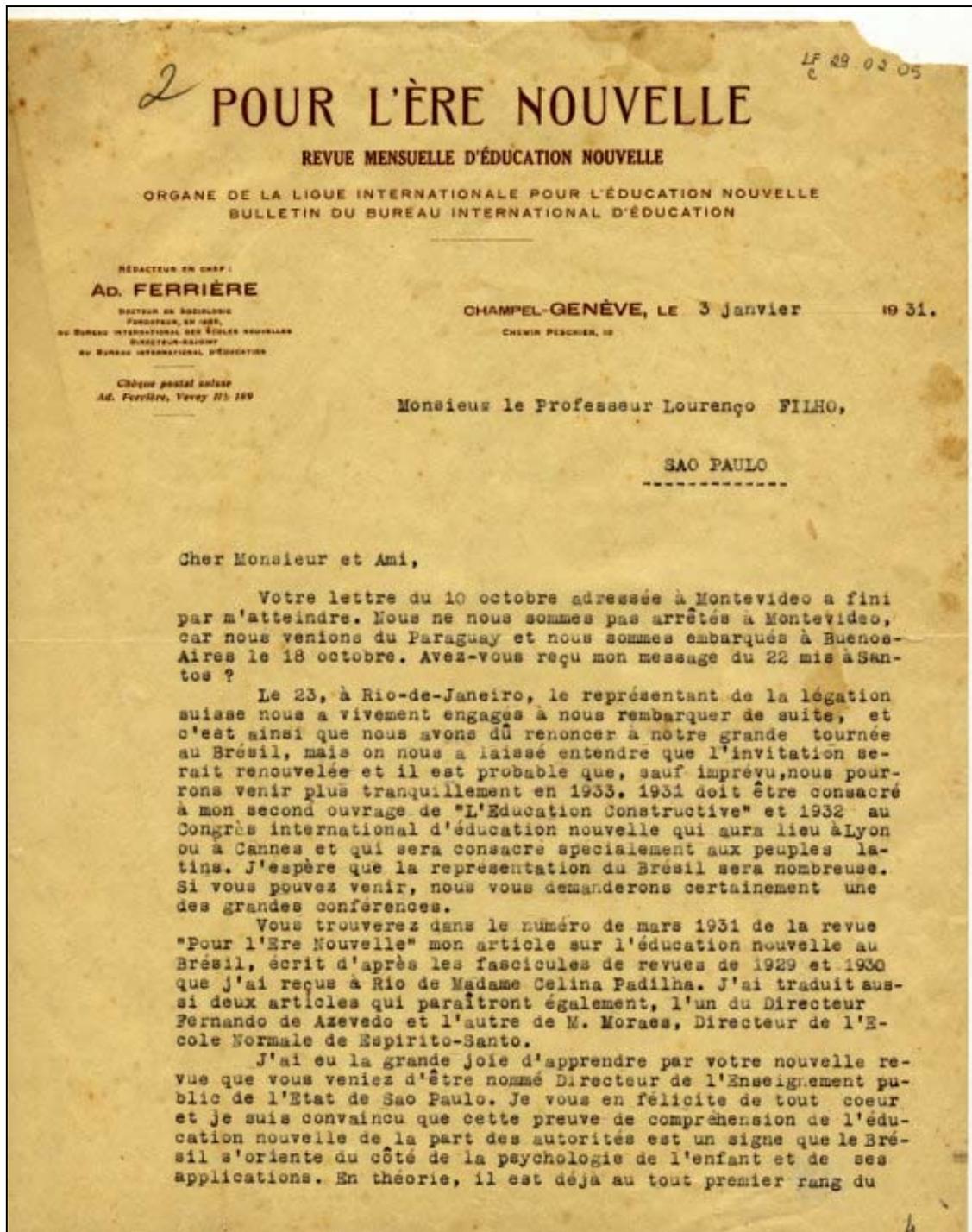
Documento 2 (parte II)



³¹⁰ Carta de Édouard Claparède a Lourenço Filho. Documento inédito. Arquivo Lourenço Filho, Cpdoc-FGV. Classificação: LF c 1925.08.25, rolo 1, fotografamas 0054 - 0055.

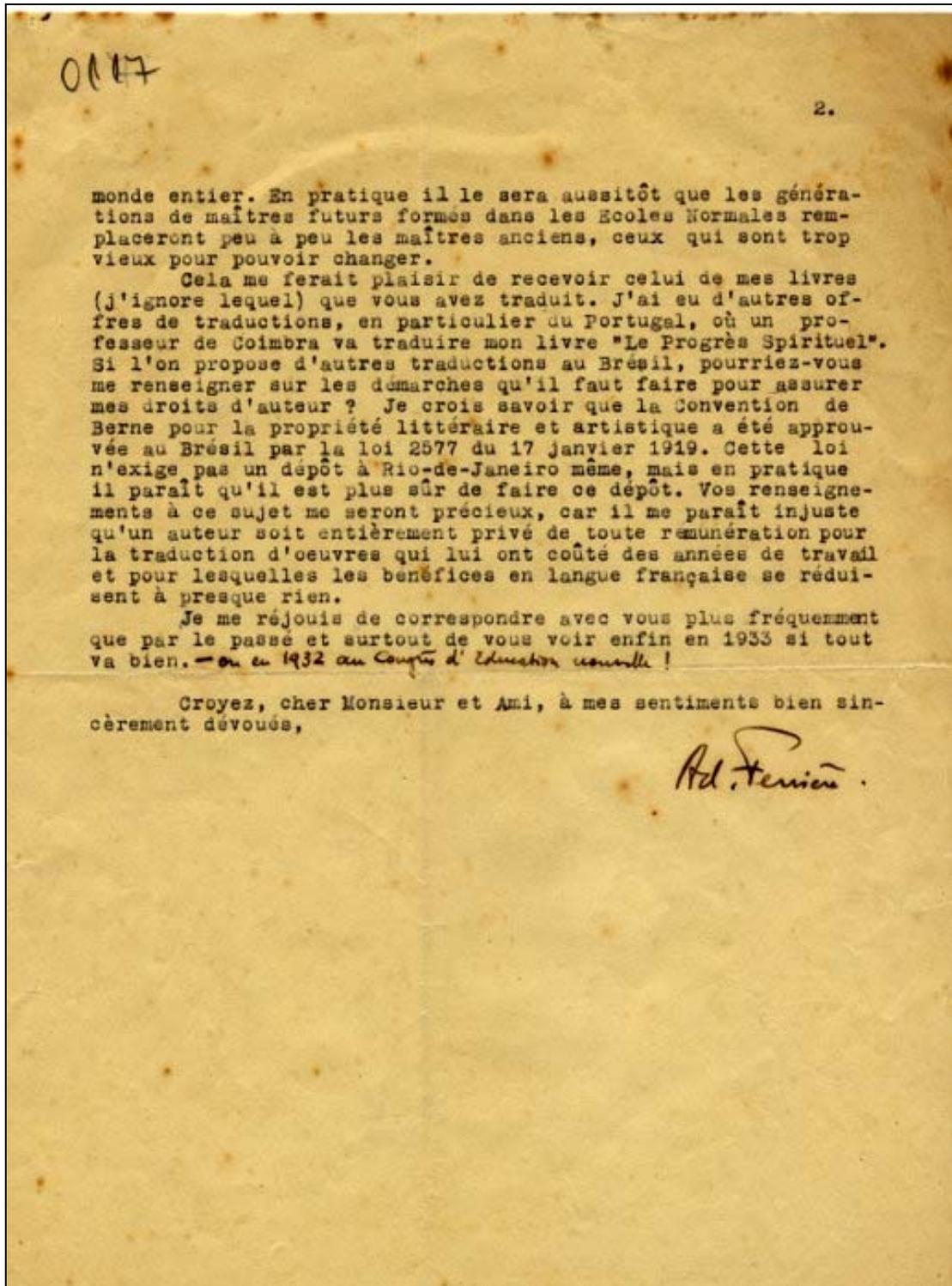
Continuação II (Anexo 8)

Documento 3 (Parte I)³¹¹



³¹¹ Carta de Adolphe Ferrière a Lourenço Filho. Documento inédito. Arquivo Lourenço Filho, Cpdoc-FGV. Classificação: LF c 1929.02.05, rolo 1, fotografamas 0116 e 0117.

Documento 3 (Parte II)



0117

2.

monde entier. En pratique il le sera aussitôt que les générations de maîtres futurs formés dans les Ecoles Normales remplaceront peu à peu les maîtres anciens, ceux qui sont trop vieux pour pouvoir changer.

Cela me ferait plaisir de recevoir celui de mes livres (j'ignore lequel) que vous avez traduit. J'ai eu d'autres offres de traductions, en particulier du Portugal, où un professeur de Coimbra va traduire mon livre "Le Progrès Spirituel". Si l'on propose d'autres traductions au Brésil, pourriez-vous me renseigner sur les démarches qu'il faut faire pour assurer mes droits d'auteur ? Je crois savoir que la Convention de Berne pour la propriété littéraire et artistique a été approuvée au Brésil par la loi 2577 du 17 janvier 1919. Cette loi n'exige pas un dépôt à Rio-de-Janeiro même, mais en pratique il paraît qu'il est plus sûr de faire ce dépôt. Vos renseignements à ce sujet me seront précieux, car il me paraît injuste qu'un auteur soit entièrement privé de toute rémunération pour la traduction d'oeuvres qui lui ont coûté des années de travail et pour lesquelles les bénéfices en langue française se réduisent à presque rien.

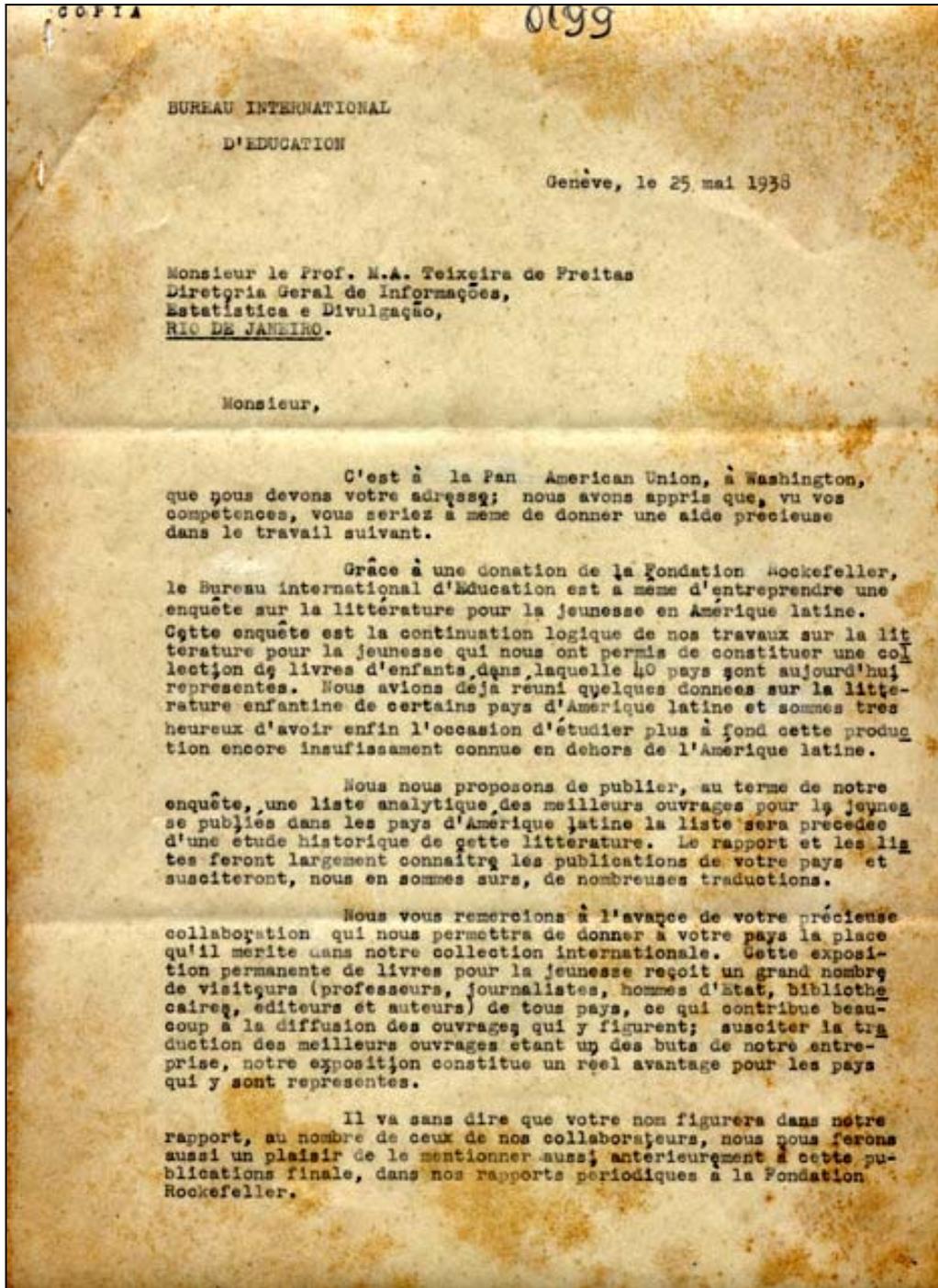
Je me réjouis de correspondre avec vous plus fréquemment que par le passé et surtout de vous voir enfin en 1933 si tout va bien. — en ce 1932 au *Compte d'Education nouvelle* !

Croyez, cher Monsieur et Ami, à mes sentiments bien sincèrement dévoués,

Ad. Ferrer .

continuação IV (Anexo 8)

Documento 4³¹² (Parte I)



³¹² Carta de Blanche Weber a Teixeira de Freitas. Documento inédito. Arquivo Lourenço Filho, Cpdoc-FGV. Classificação: LFc 36.06.01, rolo 1, fotogramas 0199 e 200.

continuação V (Anexo 8)

Documento 4 (Parte II)

2

Nous nous tenons à votre entière disposition pour vous fournir, si vous le désirez, des renseignements sur la littérature enfantine étrangère, nous serions en particulier très heureux de vous faire parvenir nos listes d'ouvrages recommandés pour la traduction qui ont été établies par des spécialistes de divers pays.

Vous trouverez ci-joint un petit rapport sur l'activité de notre Section, ainsi qu'un questionnaire se rapportant à la présente enquête sur les ouvrages pour la jeunesse en Amérique latine. Nous vous serions très obligés de bien vouloir répondre à notre enquête avant le 31 juillet si possible.

Veillez agréer, Monsieur, avec nos remerciements réitérés, l'expression de notre considération distinguée.

(a) Blanche Weber

Service de Littérature enfantine

Anexo 9

Déclaration de principes (du Bureau Français d'Éducation)

- 1- L'enfant est une espérance à respecter, à protéger, à aider.
- 2- L'enfant a droit à la santé physique et morale. Ne pas nuire est le premier devoir de ceux qui vivent avec l'enfant.
- 3- L'enfant a droit à une éducation et à une instruction qui lui permettent de vivre la vie complète-complète et féconde d'un civilisé moderne, appelé lui-même à prolonger et à enrichir la civilisation.
- 4- Cette éducation et cette instruction ne peuvent être fructueuses que par une action concertée de la famille, de l'école et de la société.
- 5- L'action des parents, des éducateurs, des corps sociaux et des pouvoirs publics, pour être efficace, doit être fondée en raison sur les bases scientifiques les plus sûres, en faisant appel aux constatations, aux résultats et aux méthodes de la biologie, de la psychologie et de la sociologie, seules disciplines qualifiées pour faire connaître l'enfant, sa nature, ses besoins, son milieu.
- 6- Les résultats de ces différentes sciences appliquées à la connaissance de l'enfant conduisent au rejet de la contrainte comme moyen d'élevage des enfants et au remplacement du dressage par l'autonomie, le respect de l'individualité enfantine, l'appel à la spontanéité.
- 7- La mission de ceux à qui sont confiés la vie et l'éducation de l'enfant consiste d'abord à lui fournir les aliments matériels et spirituels dont il a besoin puis à le laisser croître, agir et créer en paix, dans un milieu naturel et sain. Son initiation à la vie et à la civilisation sera d'abord le fait de son expérience personnelle : (travaux des champs, co-éducation, travaux manuels, élevage des animaux, travaux libres, gymnastique naturelle, voyages, excursions, campements, etc.).
- 8- Cette libération de l'enfant a pour corollaire le développement du sentiment de sa responsabilité, de la maîtrise de soi, et sa subordination de son activité et de ses intérêts individuels (par la pratique de la coopération et du travail collectif) à la suprématie d'un idéal spirituel. (Républiques scolaires, self-gouvernement, coopératives scolaires, charges sociales, sanction de réparation, entraide, tâches volontaires, récréations et émotions esthétiques, musiques et représentations collectives). L'action des adultes et leurs suggestions apparaît seulement pour faire converger toute la vie de la pensée enfantine vers l'accroissement de puissance de l'esprit, qu'on se place ou non, à un point de vue confessionnel.
- 9- Cette thèse a actuellement pour pionniers, avec des nuances et des différences qui ne sont pas des oppositions, les théoriciens et les praticiens des Écoles nouvelles actives : - en Amérique : Dewey et Angélo Patri ; - en Suisse : l'Institut Jean-Jacques Rousseau de Genève, Claparède, Bovet, Ferrière, - en Allemagne : Kerschensteiner, - en Italie : Maria Montessori et Lombardo Radice, - en Tchécoslovaquie : Bakule, - en Belgique : Decroly, Demoor, Jonckhere, - en France, la Nouvelle Éducation : Bertier, Cousinet, Madame Guéritte. C'est dans le même sens que nous souhaitons voir s'orienter l'action des forces éducatives françaises, pour *adapter progressivement* et *prudemment* l'éducation actuelle à l'état que nous visons.
- 10- Une collaboration fréquente, permanente même de tous les groupes français qui s'intéressent à l'enfant à des titres divers, est souhaitable car une vaste action commune peut seule permettre de réaliser ce vœu prophétique : faire du XX^e siècle le siècle de l'enfant.

Marguerite Reynier, Jean Baucomont et **Paul Faucher** (président du Bureau Français d'Éducation)

Anexo 11

Tabela com álbuns do Père Castor publicados entre 1931 e 1949

ANO	TÍTULO	AUTOR	ILUSTRADOR	COLEÇÃO	ATIVIDADE
1931	Je fais mes masques	Nathalie Parain	Nathalie Parain	La joie d'inventer	recorte/teatro de máscaras
1931	Je découpe	Nathalie Parain	Nathalie Parain	La joie d'inventer	recorte/colagem
1932	Album Magique	Rose Celli	N. Parain e Hélène Guertik	Le bonheur de lire	leitura/ilusionismo
1932	Baba Yaga	adaptação de Rose Celli		Le bonheur de lire	leitura
1932	Crayons et Ciseaux	Nathalie Parain	Nathalie Parain	La joie d'inventer	recorte/desenho/pintura
1932	Ribambelles	Nathalie Parain	Nathalie Parain	La joie d'inventer	dobradura
1932	Ronds et carrés	Nathalie Parain	Nathalie Parain	Le plaisir de jouer	recorte/jogo multi-uso
1933	Álbum fée	R. Celli e Marguerite Reynier	Nathalie Parain	Le bonheur de lire	leitura/ilusionismo
1933	Allons Vite	Rose Celli	Nathalie Parain	La joie d'inventer	leitura/recorte/colagem
1933	Chacun sa Maison	G. Deffontaines e P. Faucher	Chem	Le plaisir de jouer	jogo de imagens
1933	Chansons de Jeux	G. Tcherkessof	S. Sestier	Pour les tout petits	cantigas e brincadeiras
1933	Conte du Petit Poisson D'or	Rose Celli	Ivan Bilibine		leitura
1933	Fauves en Papier	Charcane		La joie d'inventer	recorte
1933	Je Fais mes Jouets Avec des Plantes	Ruda		La joie d'inventer	escultura
1933	Jeux en Images	Rose Celli	Nathalie Parain	Pour les tout petits	imagens e rimas
1933	Jeux de Pliage	Ferdinand Coeur		La joie d'inventer	dobradura
1933	Masques de la Jungle	Nathalie Parain		La joie d'inventer	recorte/teatro de máscaras
1933	Les Petits et les Grands	Rose Celli	Rojankovsky	Le bonheur de lire	leitura
1933	Les Trois Ours	Rose Celli	Chem	Pour les tout petits	leitura/jogo de imagem
1934	Ah! Labelle Journée		Hélène Guertik	La joie d'inventer	desenho
1934	Les Bêtes que J'Aime	Louv'a	Hélène Guertik	Pour les tout petits	leitura
1934	Bonjour-Bonsoir		Nathalie Parain	Pour les tout petits	jogo de imagens em cartões
1934	Chez Nous II Y A		Angèle Malclés	Le plaisir de jouer	jogos/lotos em cartões

continuação I (Anexo11)

ANO	TÍTULO	AUTOR	ILUSTRADOR	COLEÇÃO	ATIVIDADE
1934	Contes de Fées en Images Lumineuses	Dessins de Lalouve		La joie d'inventer	teatro de sombras
1934	De Fil en Aiguille		Charcane	Le plaisir de jouer	jogo de imagem em cartões
1934	En Famille	Marguerite Reynier	Rojankovsky	Le □onheur de lire	leitura
1934	Ils font comme ci...elle fait comme ça	Père Castor	Dessins de Charcane	Le plaisir de jouer	jogo de imagens
1934	Images Lumineuses		Dessins de Lalouve	La joie d'inventer	brincadeira de vitrais
1934	Jeux de Formes	Serge Wishnevsky		Le plaisir de jouer	montagem/jogo de cartas
1934	Jeu des Portraits	Georges Tcherkessof		Le plaisir de jouer	Teatro de máscaras
1934	Panache L'Ecureuil	Lida	Rojankovsky	Le □onheur de lire	leitura
1934	Tout Change		Tcherkessof	Le □onheur de lire	ilusionismo
1934	Le Beau Jeu Des Vitraux		Lalouve	La joie d'inventer	brincadeira de vitrais
1934	Les Douze Signes du Zodiaque	Dessins de Kate Wolff		La joie d'inventer	brincadeira de vitrais
1934	La Crèche et Les Santons	Ruda		Le plaisir de jouer	presépio de natal
1935	Circulez	Mireille Nelly-Roussel	A. Malclès	Le plaisir de jouer	recorte/montagem/jogo
1935	Cocorico	Lada	Lada	Pour les tout petits	jogo de imagem em cartões
1935	Conte de La Marguerite	Béatrice Appia	Béatrice Appia	Le □onheur de lire	Leitura
1935	Des Fruits	Hélène Guertik	Hélène Guertik	La joie d'inventer	pintura a lápis de cor
1935	Des Légumes	Hélène Guertik	Hélène Guertik	La joie d'inventer	pintura a lápis de cor
1935	Des Oiseaux	Hélène Guertik	Hélène Guertik	La joie d'inventer	pintura a lápis de cor
1935	Des Poissons	Hélène Guertik	Hélène Guertik	La joie d'inventer	pintura a lápis de cor
1935	Fables de La Fontaine en images lumineuses	Lalouve	Lalouve	La joie d'inventer	brincadeira de vitrais
1935	Faites Votre Marché	Nathalie Parain	Nathalie Parain	Le plaisir de jouer	multi-jogos em cartões
1935	Froux le Lièvre	Lida	Rojankovsky	Le □onheur de lire	Leitura
1935	Lanterne Magique	Dessins de Lalouve	Lalouve	Le plaisir de jouer	brincadeira de vitrais
1935	Au Pays des Mille et Une Nuits	Dessins de Lalouve	Lalouve	Le plaisir de jouer	brincadeira de vitrais
1935	Plouf, Canard Sauvage	Lida	Rojan	Le □onheur de lire	Leitura

continuação II (Anexo 11)

ANO	TÍTULO	AUTOR	ILUSTRADOR	COLEÇÃO	ATIVIDADE
1935	Le Royaume des Abeilles	Lida	Ruda	Le bonheur de lire	Leitura
1935	Six Métiers	Père Castor	Nathan Altman	Le plaisir de jouer	multi-jogos em cartões
1935	Le Tapis Volant	Marguerite Reynier	Ivan Bilibine	Le bonheur de lire	Leitura
1935	Théâtre D'Ombres I	Décors de H. de Renaucourt		Le plaisir de jouer	Teatro de sombras
1936	A.B.C. du Père Castor	Rojan	Rojan	Pour les tout petits	livro de imagens
1936	Bourru, L'Ours Brun	Lida	Rojan	Le bonheur de lire	Leitura
1936	Calendrier des Enfants	Y. Lacôte	Rojan	Pour les tout petits	Leitura
1936	Chacun Son Nid	Lida	Charcane	Le plaisir de jouer	?
1936	Mon Jardin	Alexandra Exter	Alexandra Exter	La joie d'inventer	?
1936	Jeux de Nourrices	François Estachy	François Estachy	Pour les tout petits	?
1936	Quinze Jeux Sur Table	Ferdinand Coeur		Le plaisir de jouer	?
1936	Un Jour de Vacances	Charcane	Charcane	Le plaisir de jouer	?
1936	Perlette, Goutte D'Eau	Marie Colmont	Béatrice Appia	Le bonheur de lire	?
1936	Scaf, Le Phoque	Lida	Rojankovsky	Le bonheur de lire	?
1936	La Suisse en images lumineuses	Lalouve	Lalouve	La joie d'inventer	?
1936	Theatre D'Ombres II	Lalouve	Lalouve	Le plaisir de jouer	?
1936	Vieilles Chansons	Lalouve	Lalouve	La joie d'inventer	?
1937	L'Atelier D'Arlequin	Bellenfant	Bellenfant	La joie d'inventer	?
1937	La Ferme du Père Castor	Lida	Hélène Guertik	Pour les tout petits	?
1937	Panorama du Fleuve	Marie Colmont	Alexandra Exter	Le plaisir de jouer	?
1937	Papillons	Angèle Malclés			?
1937	La Petite Sirène	Andersen	J.Bilibine		?
1937	Paris Illuminé	Lalouve			?
1937	Quipic, le Hérisson	Lida	Rojankovsky		?
1937	Village du Nord	Dessins de A. Mentzel+C1			?
1937	Village Basque	Guite Deffontaines	Dessins de A. Mentzel		?
1937	Graines D'Or	R.E.Savitry Bhattacharjee	R.E.Savitry Bhattacharjee		?
1937	Je Construis Paris	Dessins de A. Mentzel			?
1937	Ombres Chinoises	M. Mascarelli	Lalouve		?
1938	Le Cirque Animé	A. Mentzel			?

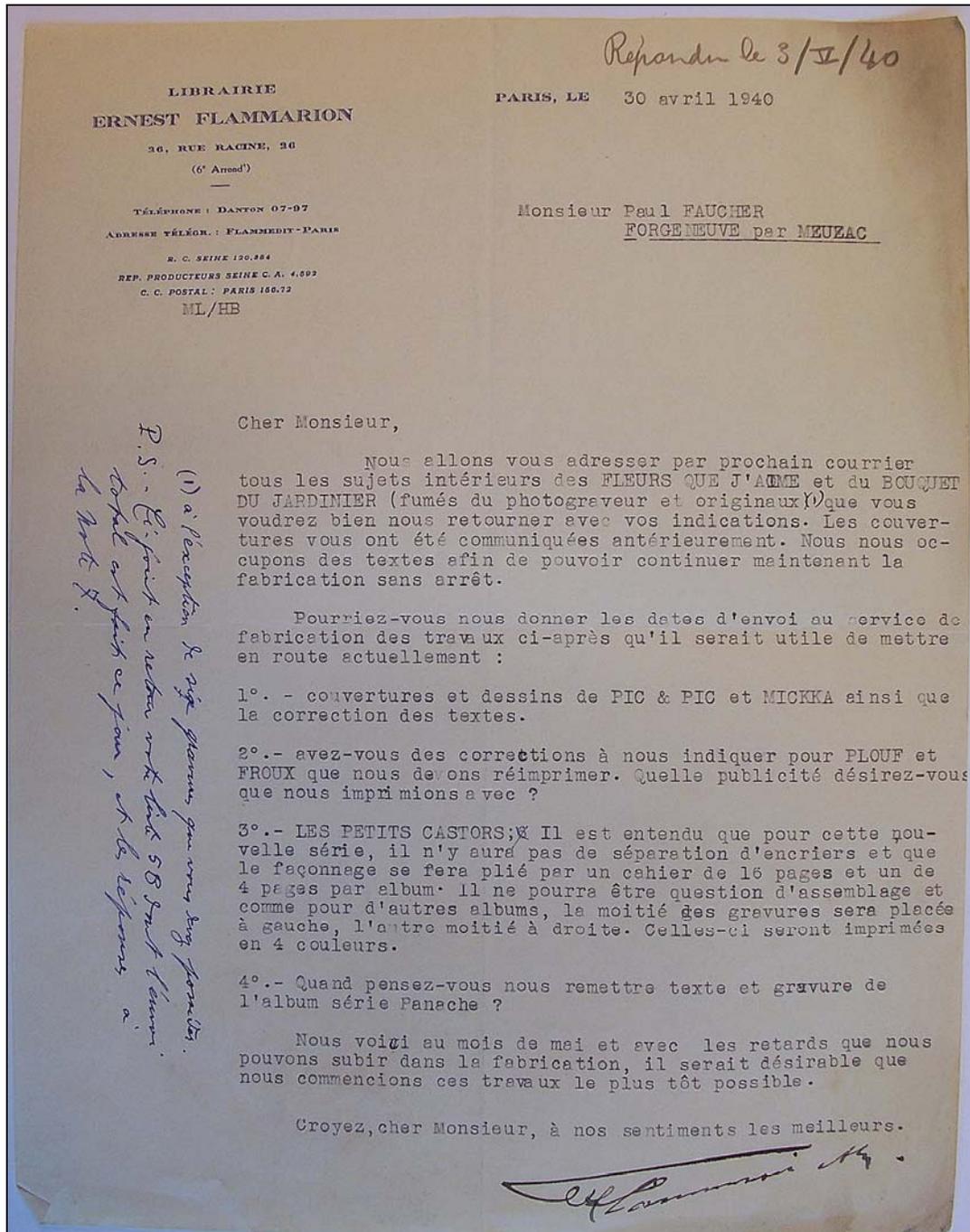
continuação III (Anexo 11)

ANO	TÍTULO	AUTOR	ILUSTRADOR	COLEÇÃO	ATIVIDADE
1938	Jeu Des Cris et Des Bruits	Dessins de N. Parain			?
1938	Ma Maison	Dessins de R. Citroen			?
1938	Mon École	R. Citroen			?
1938	Martin-Pêcheur	Lida	Rojankovsky		?
1938	Modelage	Bellefant			?
1938	Panorama de La Cote	Marie Colmont	Alexandra Exter		?
1938	Panorama de La Montagne	Marie Colmont	Alexandra Exter		?
1938	Reptiles	Hélène Guertik			?
1938	Village D'Alsace	A. Mentzel	Guite Deffontaines		?
1939	Cigalou	Marie Colmont	Rojankovsky		?
1939	Ce Que Fait le Vieux	Conte d'Andersen	Rojankovsky		?
1939	Coucou	Lida	Rojankovsky		?
1939	Tricoti Tricota	May d'Alençon	François Themerson		?
1939	T.T.S. Cochon Aérodynamique	May d'Alençon	François Themerson		?
1939	Les Marionettes	J. Chesnais			?
1940	Le Beau Chardon D'Ali Boron	M. d'Alençon	Nathalie Parain		?
1940	Noix de Coco et Son Ami	Marie Colmont	Nathalie Parain		?

Anexo 12

Conjunto de cartas trocadas entre Paul Faucher e os Flammarion

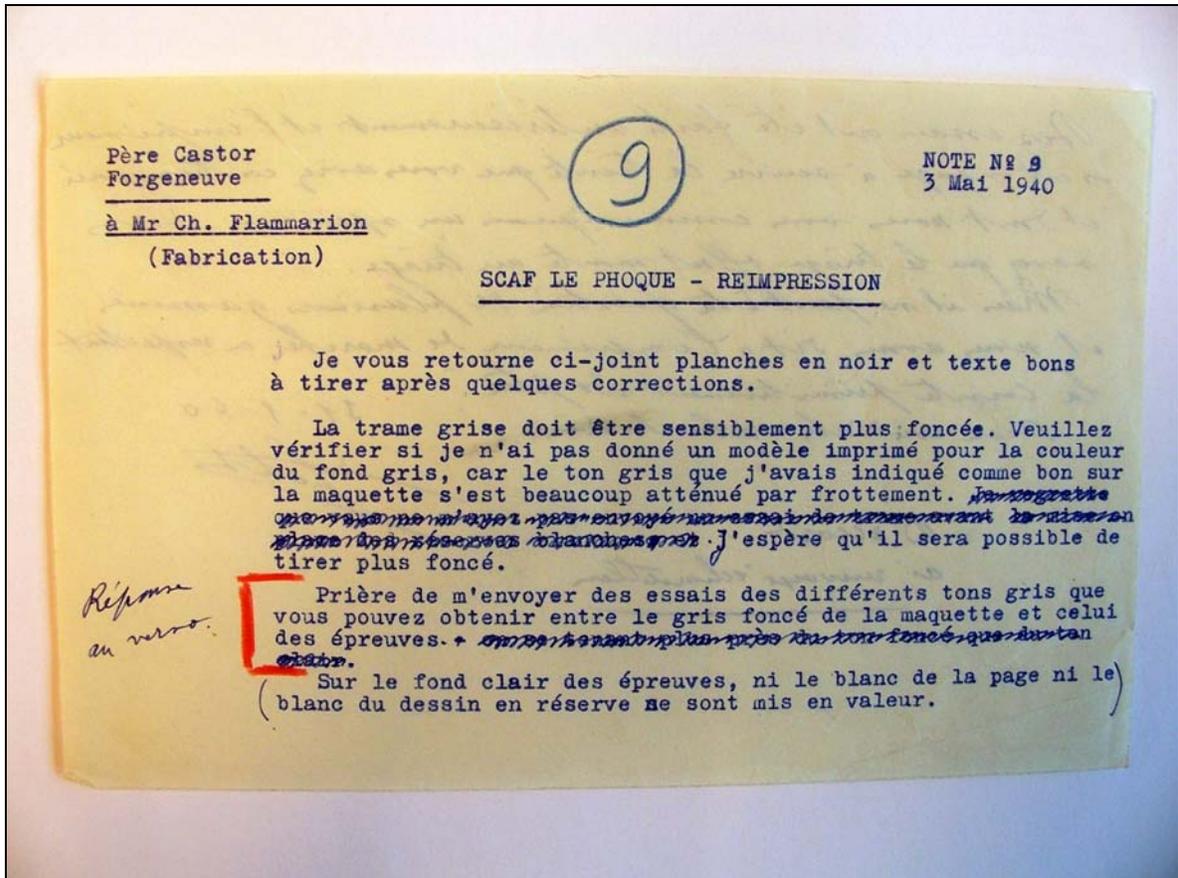
Documento 1³¹³



³¹³ Carta de M. Flammarion à Paul Faucher, 30/04/1940. Documento inédito. Archives du Père Castor. Localização : cote 71

continuação I (Anexo 12)

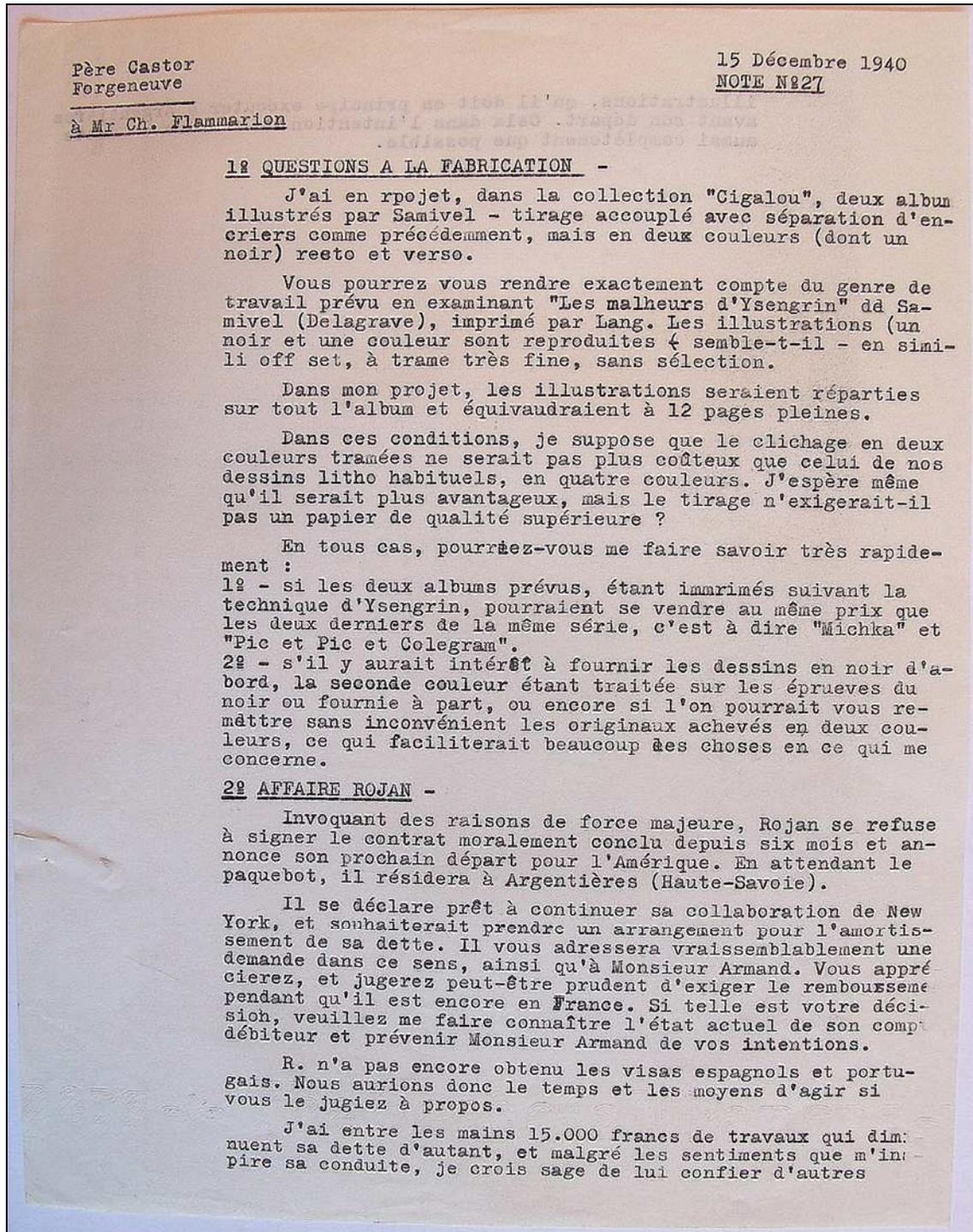
Documento 2³¹⁴



³¹⁴ Carta de Paul Faucher a Charles Flammarion 03/05/1940. Documento inédito. Archives du Père Castor. Localização : cote 71

continuação II (Anexo 12)

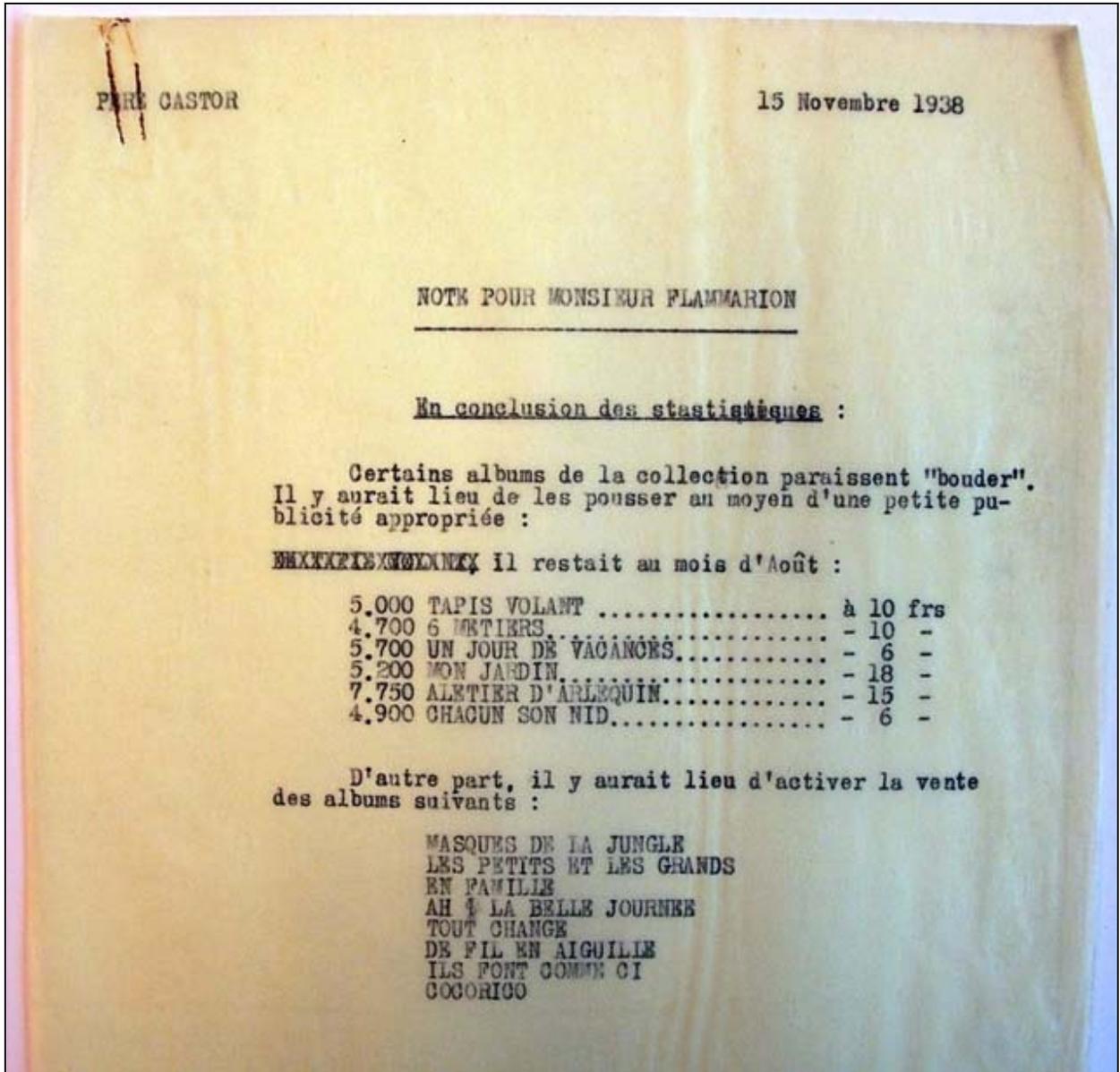
Documento 3³¹⁵ (Parte I)



³¹⁵ Carta de Paul Faucher a Charles Flammarion 15/12/1940. Documento inédito.
Archives du Père Castor. Localização : cote 71

continuação IV (Anexo 12)

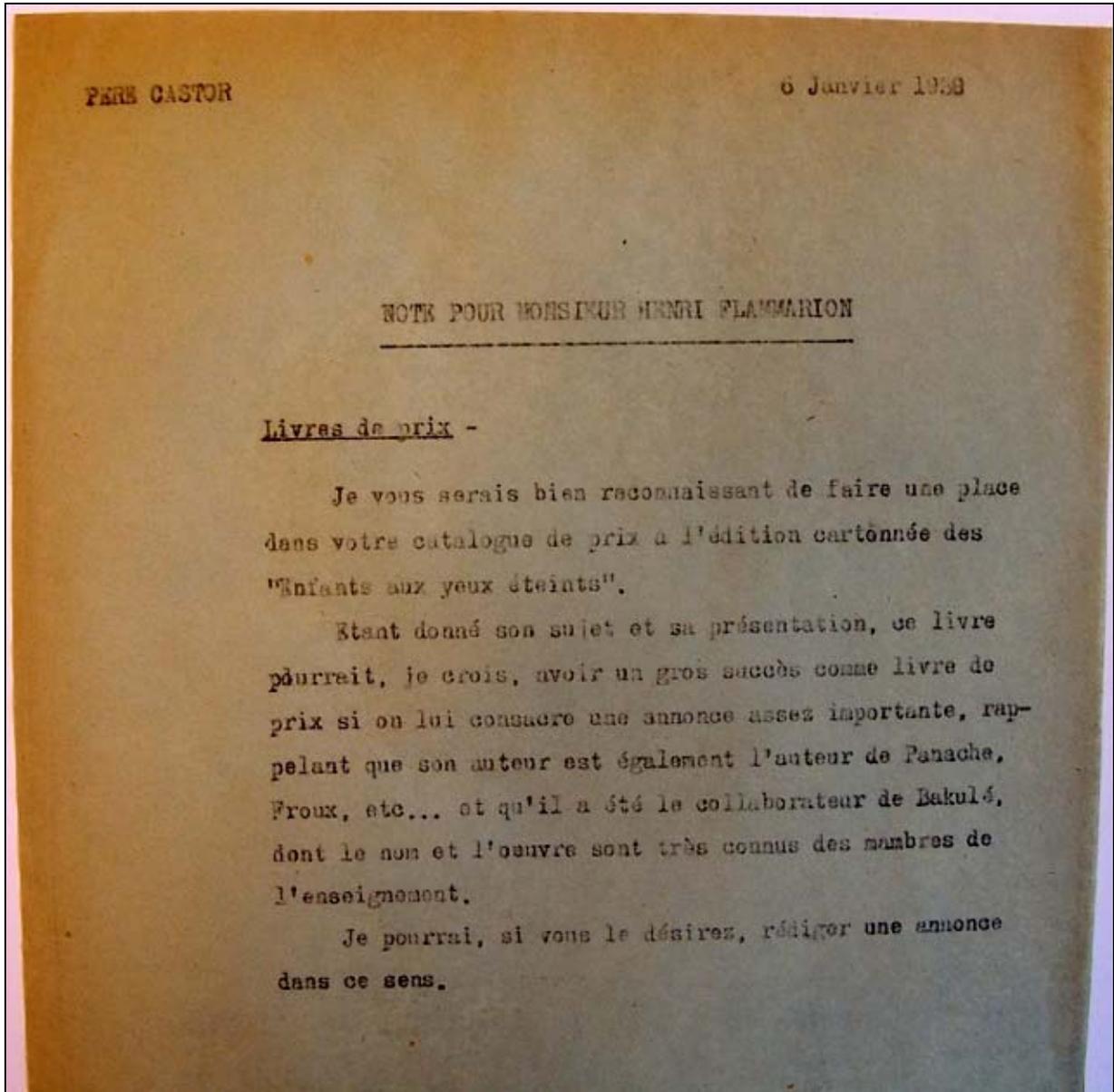
Documento 4³¹⁶



³¹⁶ Carta de Paul Faucher a Monsieur Flammarion 15/11/1938. Documento inédito.
Archives du Père Castor. Localização : cote 71

continuação V (Anexo 12)

Documento 5³¹⁷



³¹⁷ Carta de Paul Faucher a Henri Flammarion 06/01/1938. Documento inédito. Archives du Père Castor. Localização : cote 71

Anexo 13

Conjunto de cartas trocadas entre Paul Faucher e a ilustradora Nathalie Parain

Documento 1³¹⁸

31/V 1932

Cher ami, vous devez attendre de mes nouvelles
J'ai fini les "Crayons et Linceaux" et je les ai re-
mus hier à M. Lebretton. J'ai dû beaucoup les re-
travailler. Je ne vous envoie pas les calques,
malgré qu'ils sont faites, car après avoir bien
refléchi, je trouve qu'il est indispensable de
faire ce travail ensemble. M. Lebretton n'a
pas encore pu me donner les indications pour
l'"Album Magique" - et je ne peux pas commen-
cer à le faire. L'affaire de l'"Alca" malgré
tous mes efforts n'est pas encore réglée. M.
Lebretton me demande le titre du conte russe.
J'ai consulté Rose Celli; voilà sa réponse.
Après tout je suis d'accord avec elle. Baba-
Jaja est encore ce qu'il y a de plus joli. Nous
trouvons que son texte est très bien; il est déjà
chez moi. Je crois que c'est tout. Reposez vous,
j'espère que vous avez meilleur temps à Prague.
Merci à Lida pour sa bonne lettre et nos
meilleures amitiés à vous deux
Natacha
Parain

³¹⁸ Carta de Nathalie Parain a Paul Faucher, 31/05/1932. Documento inédito.
Archives du Père Castor. Localização : cote 122.

Continuação I (Anexo 13)

Documento 2³¹⁹

26/2/1933

Cher ami,

J'ai retrouvé mes dessins du "Je découpe"
et je me suis aperçue qu'ils étaient
exactement du même format que le livre.
Ne vous donnez donc pas la peine de
prendre des renseignements. Je fais "Allons
vite" aux mêmes dimensions que "Je découpe".
Soyez sûr de vous m'envoyer sans tarder
les 2 pages restées chez vous, "L'Avion" et
"L'éléphant". Je viendrai probablement
vous voir à la fin de la semaine
pour mettre encore une fois tout au
point ce qui concerne cet Album.
Mes meilleures amitiés à vous deux

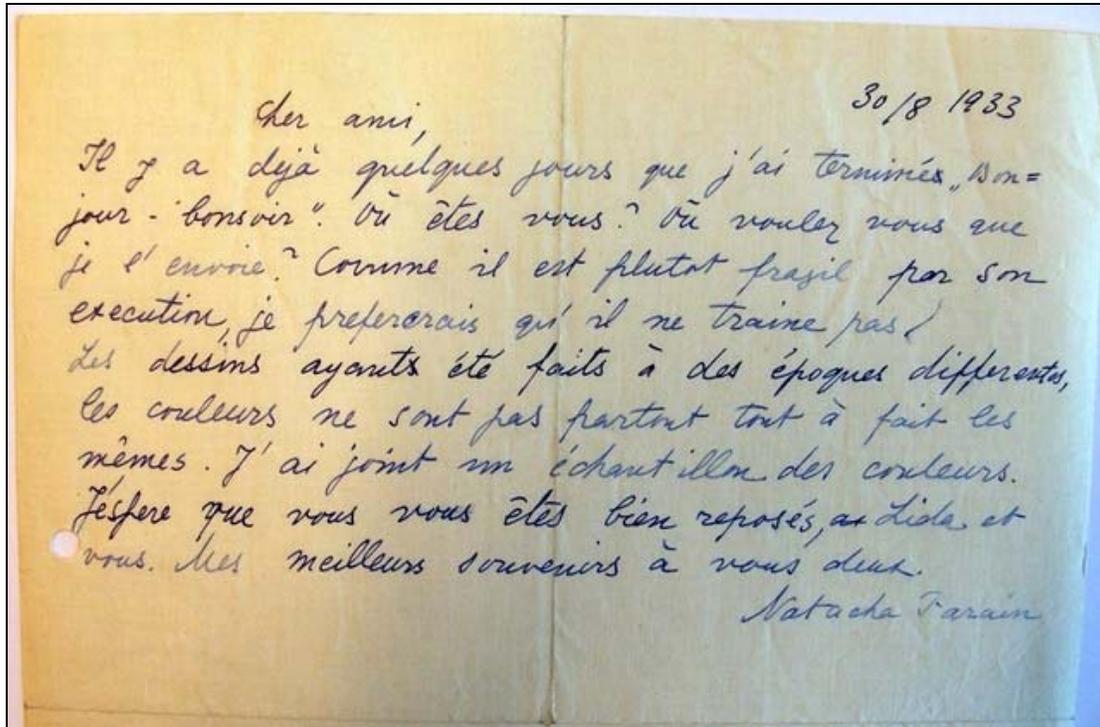
Natacha Parain

2 Planches
renvoyer par me
Parain

³¹⁹ Carta de Nathalie Parain a Paul Faucher, 26/02/1933. Documento inédito.
Archives du Père Castor. Localização : cote 122

Continuação II (Anexo 13)

Documento 3³²⁰



30/8 1933

cher ami,

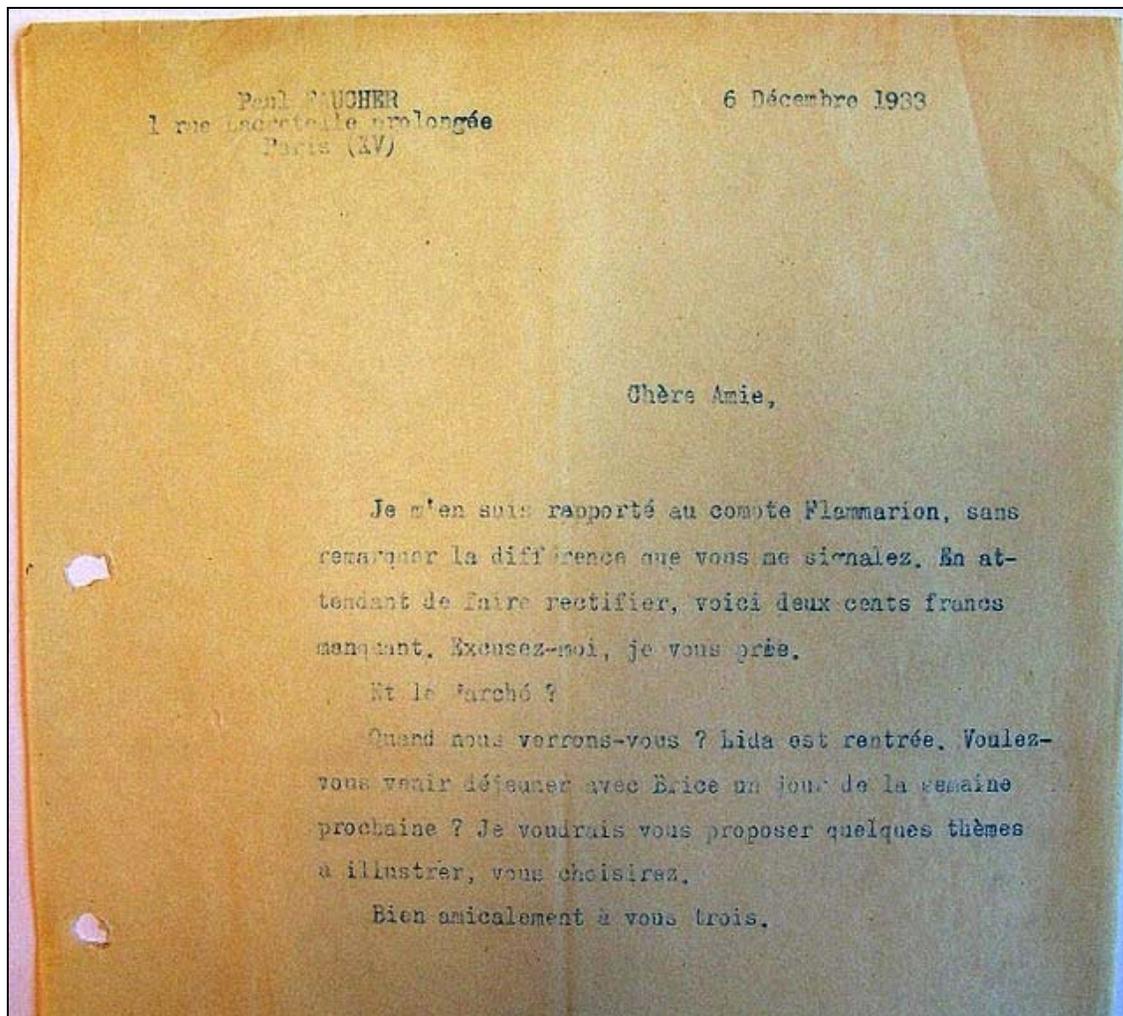
Il y a déjà quelques jours que j'ai terminés, "Bon-
jour - bonsoir". Où êtes vous? Où voulez vous que
je l'envoie? Comme il est plutôt fragile par son
exécution, je préférerais qu'il ne traîne pas.
Les dessins ayant été faits à des époques différentes,
les couleurs ne sont pas partout tout à fait les
mêmes. J'ai joint un échantillon des couleurs.
J'espère que vous vous êtes bien reposés, au Lida, et
vous. Mes meilleurs souvenirs à vous deux.

Natacha Parain

³²⁰ Carta de Nathalie Parain a Paul Faucher, 30/08/1933. Documento inédito.
Archives du Père Castor. Localização : cote 122

Continuação III (Anexo 13)

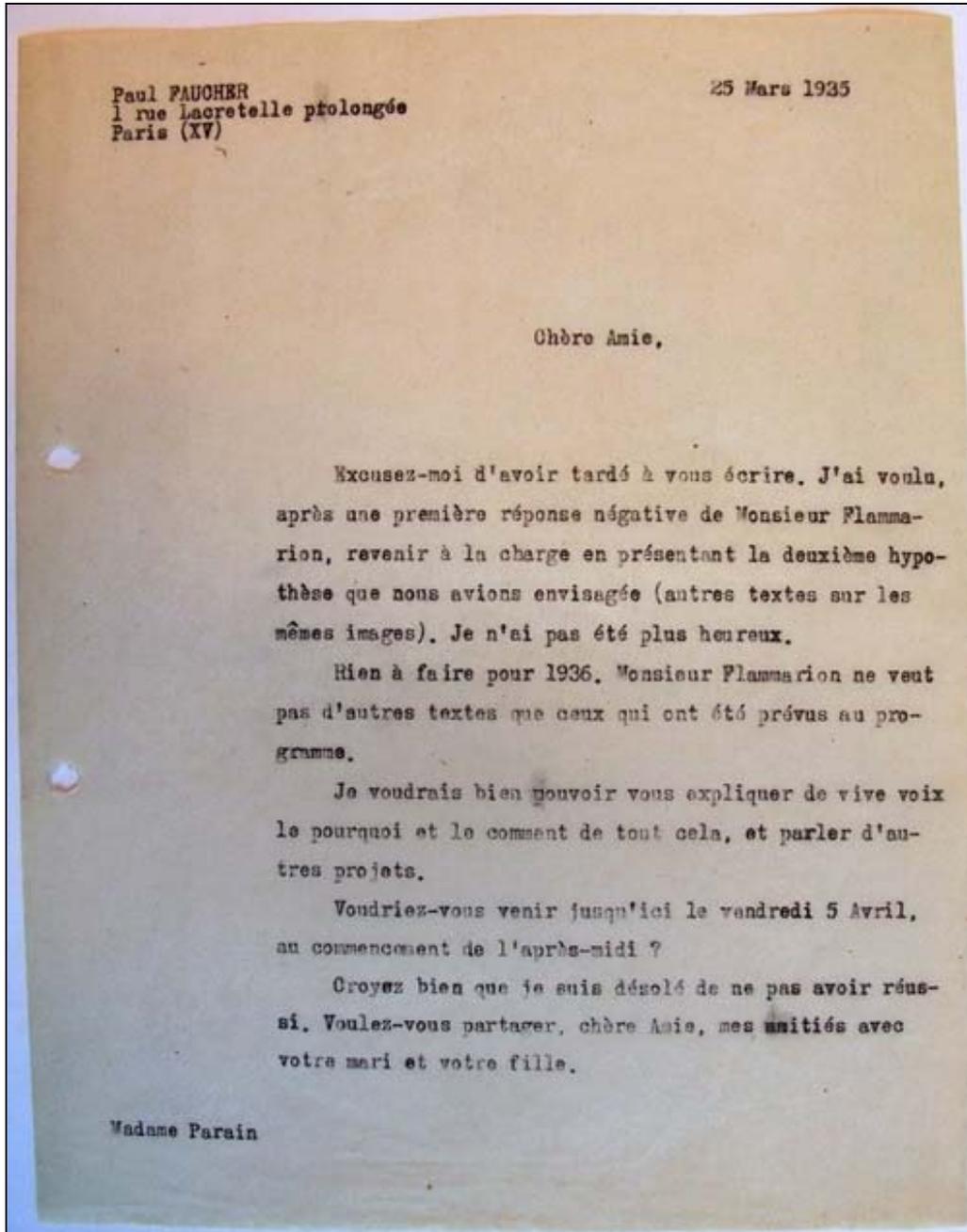
Documento 4³²¹



³²¹ Carta de Paul Faucher a Nathalie Parain, 06/12/1933. Documento inédito. Archives du Père Castor. Localização : cote 122

Continuação IV (Anexo 13)

Documento 5³²²



³²² Carta de Paul Faucher a Nathalie Parain, 25/03/1935. Documento inédito. Archives du Père Castor. Localização : cote 122

Continuação V (Anexo 13)

Documento 6³²³ (Parte I)

72. Rue des Châteaux
Seaux. Seine

24/VI

Cher ami

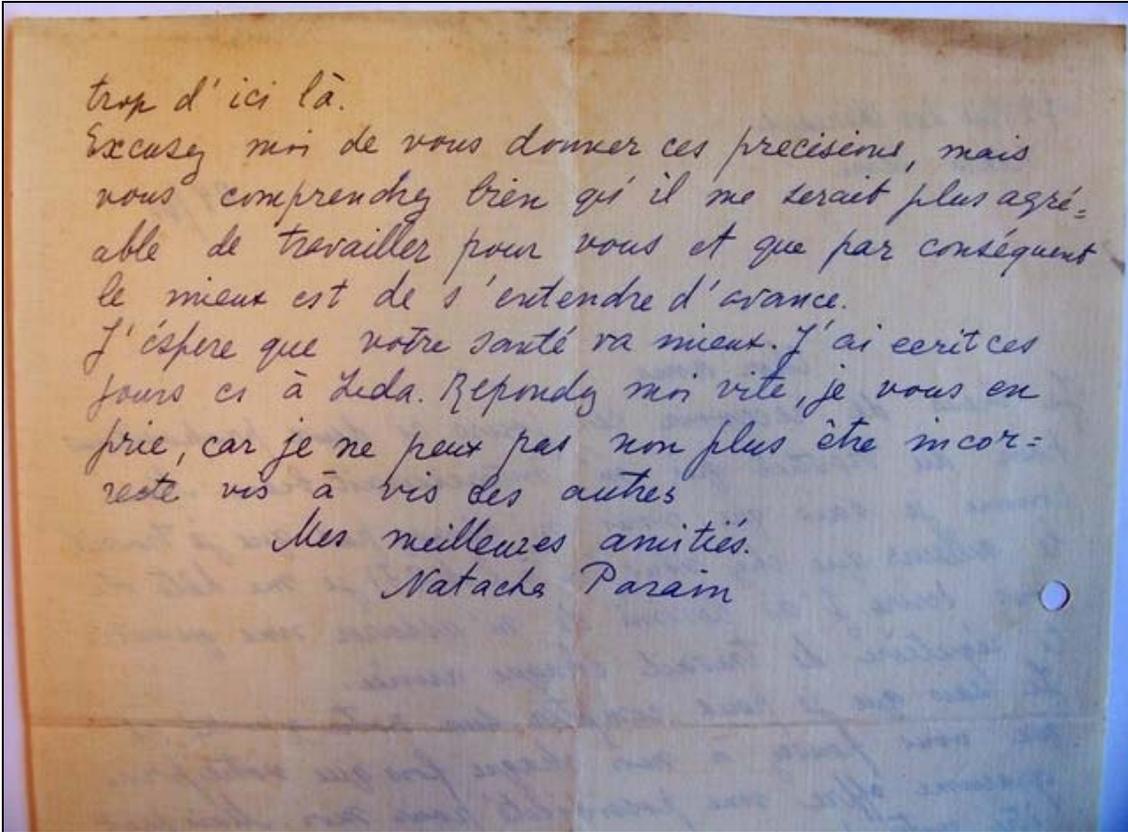
Je viens de recevoir ces jours ci deux propositions pour du travail qui m'intéresserait bien. Mais comme je sais que vous n'aimez pas que je travaille ailleurs que chez vous (ou à l'A.R.F.) je me hâte de vous écrire. J'ai besoin de m'assurer une quantité régulière de travail chaque année.

Je sais que je peux compter sur votre amitié et que vous pensez à moi chaque fois que votre programme offre une possibilité pour moi. Mais peut être votre programme est il déjà établi pour un certain temps? Serez vous à même de me dire, en toute simplicité, si vous avez cet automne (au mois d'octobre-novembre) un ^{album} ~~livre~~ d'illustrations à me commander. Illustrations dans le genre de l'ovant dernier album d'Hilene "La Femme" ou comme ses illustrations de Mlle Anastachie pour "Les chansons de la nourrice". Et pour mettre ce travail au niveau des propositions que je reçois, j'aimerais être assurée de recevoir au moins 3.000 francs d'argent actuel, c'est à dire avec l'augmentation proportionnelle si le franc baisse trop.

³²³ Carta de Nathalie Parain a Paul Faucher, 24/06. Documento inédito. Archives du Père Castor. Localização : cote 122

Continuação VI (Anexo 13)

Documento 6 (Parte II)



trop d'ici là.
Excusez moi de vous donner ces précisions, mais
nous comprenons bien qu'il me serait plus agré-
able de travailler pour vous et que par conséquent
le mieux est de s'entendre d'avance.
J'espère que votre santé va mieux. J'ai écrit ces
jours-ci à Dada. Répondy moi vite, je vous en
prie, car je ne peux pas non plus être incor-
recte vis à vis des autres.
Mes meilleures amitiés.
Natacha Parain

Anexo 14

Catálogo Geral da Companhia Editora Nacional - 1933³²⁴



Literatura infantil

MONTEIRO LOBATO

Historia do Mundo para Creaças. — Com este livro Lobato conquistou definitivamente os corações das creanças. A melhor obra sobre a historia universal contada por D. Benta aos seus netinhos. Bellissimas illustrações feitas especialmente para este trabalho por J. U. Campos. — E' o volume X da Série I (Literatura Infantil) da Bibliotheca Pedagogica Brasileira.

Cartonado 8\$000 — D

A Menina de Narizinho Arrebitado. — Lindo album colorido onde começam as aventuras dos netos de D. Benta.

Exgottada.

As Caçadas de Pedrinho. — Mais uma aventura dos terriveis netos de D. Benta, que fugiram de casa e conseguiram matar uma enorme onça. Nova edição profusamente illustrada por Vallin. E' o IX volume da Bibliotheca Pedagogica Brasileira — Série I (Literatura Infantil).

Cartonado 6\$000 — D

Noivado de Narizinho — Continuação das aventuras de Narizinho Arrebitado, em que se contam as peripecias de seu noivado.

Exgottada.

33

³²⁴ Todas as imagens deste anexo são do Catálogo Geral 1933. Acervo Histórico IBEP-Nacional.



O Irmão de Pinocchio — Livro interessantissimo de aventuras, cuja leitura é o maior divertimento para as creanças. Bellas illustrações coloridas.

Exgottada.

O Circo de Escavallinho. — Delicioso volume de historietas, narradas com muita simplicidade e ao alcance das intelligencias infantis.

Exgottada.

Aventuras de Hans Staden. — O autor conta ás creanças as aventuras do allemão que foi prisioneiro dos indios em Yperuhybe e escreveu o primeiro livro sobre o Brasil. São lições de historia patria narradas com o sabor pittoresco que só esse escriptor sabe dar ao que conta. Este livro é tambem adoptado nas escolas. Illustrações de Weise. — Este livro faz parte da Série I, Vol. V (Literatura Infantil) da Bibliotheca Pedagogica Brasileira.

Cartonado . . 5\$000 — D

O Pó de Pirlimpimpim. — Mais uma historia da série de Narizinho, de LOBATO, o mais apreciado pelas creanças, sendo tão interessante como todos os outros. As incriveis aventuras de Narizinho e seus companheiros no mundo da historia são narradas, de um modo interessantissimo que toma a attenção das creanças que se deliciarão com a sua leitura.

Cartonado . . 5\$000 — D

Peter-Pan — E' a historia do lendario menino que não queria saber de crescer, preferindo eter-

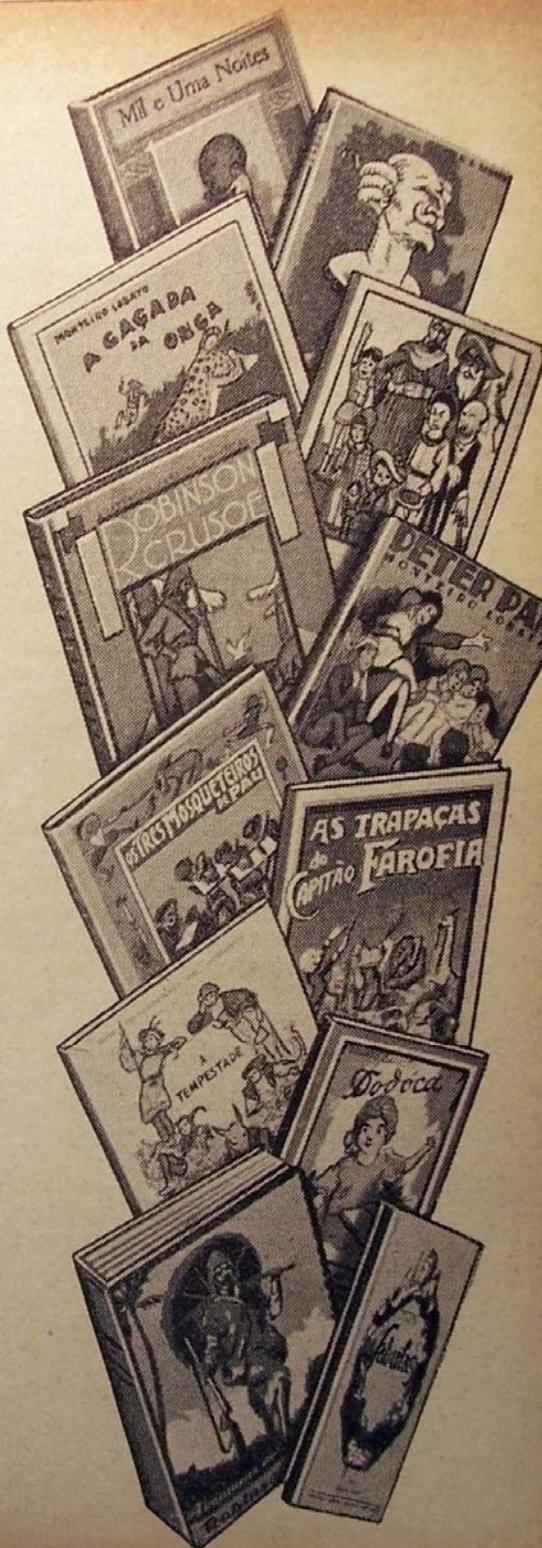
nisar a sua juventude. As suas maravilhosas aventuras no reino encantado, no mar dos piratas ; suas luctas contra estes, auxiliado pelos indios e pela fada Sininho, a sua protectora. Um livro interessantissimo como todos os demais de MONTEIRO LOBATO. Desenhos suggestivos e coloridos.

Cartonado . . . 5\$000 — D

Penna de Papagaio. — Mais uma linda historia de LOBATO para as nossas creanças. Nesta historieta, travamos conhecimento com Esopo e La Fontaine, e as suas fabulas da formiga e da cigarra, do lobo e do cordeiro e do burro e a assembléa dos animaes, contadas de uma maneira como só o sabe LOBATO. As incriveis aventuras de Narizinho, Pedrinho e os outros no reino da bicharada, e as suas peripecias para escapar do leão, o seu aprisionamento no reino dos macacos e a sua fuga devido á coragem de Penninha, uma nova e interessante personagem que LOBATO nos apresenta nos seus livros e que muito irá deliciar aos nossos petizes. Além de lindos desenhos coloridos, traz uma bellissima capa em trichromia.

Cartonado . . . 5\$000 — D

Reinações de Narizinho. — Neste livro o autor segue o que está muito em voga nos paizes que tomam a sério a formação das creanças : muito texto. Não ha no Brasil inteiro creança que não conheça Narizinho ou Pedrinho, figuras principaes de todos os demais livros para creanças do autor. Este grande volume contém todas as aventuras já publicadas em pequenos volumes, agora augmentadas de novas de modo a dar á obra perfeita unidade. Este é o 1.º vo-





lume da Série I (Literatura Infantil) da Bibliotheca Pedagogica Brasileira.

Grande volume cartonado . . . 6\$000 — D

Novas Reinações de Narizinho — 11.º volume da mesma série que o antecedente . . . 6\$000 — D

Aventuras do Príncipe — Outro riquissimo album de historias para creanças, da brilhante série "Narizinho". Exgottada.

O Gato Felix. — E' tambem um bello album de gravuras coloridas. Exgottada.

Cara de Coruja. — Outro da presente série de LOBATO, para creanças. E' um mimo delicado, que fará, como qualquer desta collecção, a delicia dos pequenos. Exgottada.

O Sacy — Outro lindo album de figuras para creanças, com linda-historias; como todos acima são de real interesse para os petizes. Este livro faz parte da Série I, Vol. IV (Literatura Infantil) da Bibliotheca Pedagogica Brasileira.

Cartonado 5\$000 — D

Alice no Paiz das Maravilhas. — Constitue um livro famoso entre os povos de lingua ingleza, sendo considerado uma das obras primas. LOBATO o traduziu, adaptando-o á nossa lingua, no seu estylo simples e claro, tão accessivel ás creanças. E' o II volume da Série I (Literatura Infantil) da Bibliotheca Pedagogica Brasileira. — Em 2.ª edição.

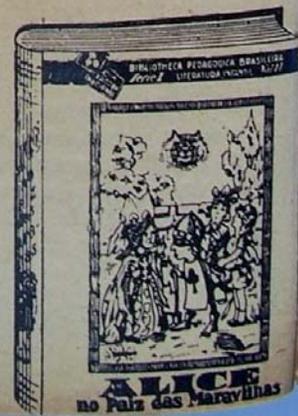
Cartonado 5\$000 — D

Alice no Paiz do Espelho. — Continuação das extraordinarias aventuras de Alice, que viajando no paiz do Espelho, encontra um mundo maravilhoso. — Livro encantador.

Cartonado 5\$000 — D

Robinson Crusó — Traducção e adaptação para as creanças, de MONTEIRO LOBATO. Deste volume excusa dizer algo, pois é conhecido em todo o mundo e a presente adaptação foi feita apropriadamente para as creanças.

Cartonado 6\$000 — D



O Marquez de Rabicó — Narizinho e seus companheiros resolvem casar o porquinho Rabicó com a condessa Emilia que é uma boneca de pano. O album conta toda a tragedia que se desenrolou.

Cartonado 4\$000 — D

Jéca-Tatuzinho. — Bellissimo album com trichromias, onde se conta a historia de um jéca que se curou e se tornou um grande homem.

Cartonadô 2\$500 — D



O Garimpeiro do Rio das Garças. — E' livro para creanças escripto por LOBATO. Formato album illustrado. Historia moral, verdadeiramente brasileira, e interessante.

Cartonado 2\$500 — D

Viagem ao Céu. — Continuação das traquinagens dos peraltas netinhos de D. Benta, os quaes com a Tia Nastacia fazem uma viagem ao Céu e percorrem todo o systema planetario numa viagem de exploração e estudos. Profusamente illustrado a côres. Desenhos de Jean G. Villin. Este é o volume III da Série I (Literatura Infantil) da Bibliotheca Pedagogica Brasileira.



Cartonado 5\$000 — D

DOLORES BARRETO

Dodóca. — Bellissimo livro profusamente illustrado por Weise em que se lê a narração da vida de uma boneca, feita por ella propria.

Cartonado 5\$000 — D

G. A. BURGER

Aventuras do Barão de Munchhausen — Nova e optima traducção das celebres aventuras do terrivel barão caçador — o homem que não sabia mentir mais porque não podia. Este volume é o XII da Série I (Literatura Infantil) da Bibliotheca Pedagogica Brasileira.

Cartonado 6\$000 — D

YANTOCK

Trapaças do Capitão Farófia. — Caprichoso livro ilustrado pelo autor, artisticamente impresso a cores.

Cartonado 4\$000 — D

X

As Mil e Uma Noites - 1.^a parte — A mais bella collecção de contos para a infancia, até hoje conhecida, edição inegualavel, finalmente illustrada. Exgottada. — Nova Edição no Prelo.

As Mil e Uma Noites. - 2.^a parte

Cartonado 5\$000 — D

FERGAN DI FERREZNONA

Os Tres Mosqueteiros de Pau — Livro encantador de muito gosto, cheio de graça ingenua e espirito infantil. Para a alegria das creanças que já sabem lêr.

Cartonado 5\$000 — D

CONDESSA DE SÉGUR

Blondina. — Album com lindas illustrações.

Cartonado 2\$500 — D



- O Bom Henriquinho.** — Outra historia bastante interessante.
Cartonado 2\$500 — D
- A Princeza Rosita.** — Fada encantada e mysteriosa que alegra as creanças. Cartonado 2\$500 — D
- O Camondongo Cinzento.** — Aventuras que fazem a felicidade das creanças. Cartonado 2\$500 — D
- Ursão.** — Outras aventuras, em um duplo volume.
Cartonado 4\$000 — D

EPICTETO FONTES

- Creanças da Minha Terra.** — Maravilhosas historias para creanças contadas em versos e lindamente illustrada por João Brito. Livro em cuja confecção não entra um unico material typographico, pois é composto de clichés de paginas inteiras, desenhos a bico de penna.
Cartonado 4\$000 — D

VIRIATO CORRÊA

- No reino da bicharada** — Historias humoristicas de grande alacridade, cheias de passagens interessantes, do gosto da creança-da. (Album). Cartonado 5\$000 — D
- Arca de Noé.** — Outro livro de historias para creanças, de VIRIATO CORRÊA. Interessante e original. Diverte e ensina.
Cartonado 2\$500 — D
- A Varinha de Condão.** — Edição exgottada.

C. COLLODI

- Pinocchio.** — Historia completa desse famoso boneco de pau já tão conhecido em todo mundo. Um dos mais interessantes livros para crianças até agora apparecido. Profusamente illustrado e traducção revista por Monteiro Lobato. Este é o volume XIII da Série I (Literatura Infantil) da Bibliotheca Pedagogica Brasileira.
Volume grande, cartonado, . . . 7\$000 — D

Contos de Grimm. — Tradução de Monteiro Lobato. Volume contendo as maravilhosas histórias que celebrisaram os seus creadores: os irmãos Grimm. Lindamente illustrado. Este é o volume VII da Série I (Literatura Infantil) da Bibliotheca Pedagogica Brasileira.

Cartonado 5\$000 — D

Contos de Andersen. — Tradução de Monteiro Lobato. — Como o volume precedente, esta obra é uma das mais celebres da Literatura Infantil mundial e somente uma penna como a de Lobato poderia dar ás creanças brasileiras uma versão magistral. Profusamente illustrado. Este é o volume VI da Série I (Literatura Infantil) da Bibliotheca Pedagogica Brasileira.

Cartonado 5\$000 — D



Bibliotheca Pedagogica Brasileira

Sob a direcção de **FERNANDO DE AZEVEDO**
Editada pela **COMPANHIA EDITORA NACIONAL**

A Bibliotheca Pedagogica Brasileira é constituída inicialmente de 5 series :

- 1.^a serie, LITERATURA INFANTIL
- 2.^a serie, LIVROS DIDACTICOS
- 3.^a serie, ACTUALIDADES PEDAGOGICAS
- 4.^a serie, INICIAÇÃO SCIENTIFICA
- 5.^a serie, BRASILIANA

1.^a SERIE - LITERATURA INFANTIL.

A 1.^a Série é uma collecção de obras de literatura infantil, destinada ás creanças brasileiras, em que se incorporarão, traduzidas por mestres, obras universalmente consagradas, de literatura infantil.

Volumes publicados :

- 1.^o — **As Reinações de Narizinho** — por MONTEIRO LOBATO.
- 2.^o — **Alice no Paiz das Maravilhas** — por LEWIS CARROLL, traducção de Monteiro Lobato.
- 3.^o — **Uma Viagem ao Céu** — por MONTEIRO LOBATO.
- 4.^o — **O Sacy** — idem.
- 5.^o — **Aventuras de Hans Staden** — idem.
- 6.^o — **Contos de Andersen** — traducção de Monteiro Lobato.
- 7.^o — **Contos de Grimm** — idem.
- 8.^o — **Alice no Paiz do Espelho** — por LEWIS CARROLL, traducção de Monteiro Lobato.
- 9.^o — **As Caçadas de Pedrinho**. — por MONTEIRO LOBATO.
- 10.^o — **A Historia do Mundo para Creanças** — idem.
- 11.^o — **Novas Reinações do Narizinho** — por MONTEIRO LOBATO.
- 12.^o — **Aventuras do Barão de Munchhausen** — por G. A. BURGER.
- 13.^o — **Pinocchio** — por C. COLLODI. — Historia completa do famoso Boneco de Pau — Traducção de Gulnara de Moraes.

NOTA — Para livros de "Literatura Infantil", vide este catalogo, pags. 33 a 40.

Anexo 15

Transcrição da carta de Octales M. Ferreira a Monteiro Lobato em 27/02/1941

São Paulo, 27 de fevereiro de 1941

Prezado Senhor,

Em resposta ao seu pedido verbal, relativo às edições de seus livros pela Cia. Gráfico-Editora Monteiro Lobato, já extinta e pela Cia. Editora Nacional, sua sucessora, temos a dizer que, segundo nossos livros, essas edições montam ao total de 1.029.500 exemplares, no valor global de 5.785:000 000. Abaixo damos a lista especificada dessas edições, ano por ano.

EDIÇÕES DA NOSSA ANTECESSORA, A CIA. GRAFICO-EDITORIA
"MONTEIRO LOBATO":

OBRA	TIRAGEM	TOTAL BRUTO
<u>1918-1925</u>		
1-9 – Urupês	30.000	120:000 000
10-15 – Cidades Mortas	23.000	92:000 000
16-18 – Idéias de Jeca Tatu	12.000	48:000 000
19-22 – Negrinha	25.000	100:000 000
23-25 – Onda Verde	12.000	48:000 000
26 – Problema Vital	2.000	4:000 000
27 – Os Negros	10.000	15:000 000
28-30 – A Men. do Nariz Arrebitado	60.000	180:000 000
31 – O Saci	5.000	15:000 000
32 – A Caçada da Onça	4.000	12:000 000
33 – Macaco que se fez homem	5.000	20:000 000
34 – How Henry Ford is regarded...	500	
35 – Avent. de Hans Staden	5.000	20:000 000
36 – Mundo da Lua	5.000	20:000 000
37 – Fábulas	10.000	30:000 000
38 – Jeca Tatuzinho	5.000	25:000 000
39 – O Garimpeiro	<u>10.000</u>	<u>20:000 000</u>
	223.500	769:000 000

EDIÇÕES DA CIA. EDITORA NACIONAL:

1926

40- Meu Cativoiro (Hans Staden)	6.000	30:000 000
41- Historia duma Viagem (Lery)	5.000	25:000 000
42- O Choque das Raças	<u>17.000</u>	<u>85:000 000</u>
	28.000	909:000 000

1927

O Saci??

43- Mr Slang e o Brasil	3.000	15:000 000
44- Avent. de Hans Staden	<u>6.000</u>	<u>24:000 000</u>
	9.000	948:000 000

1928

45- Noivado de Narizinho	5.000	15:000 000
46- O Saci	5.000	15:000 000
47- Gato Felix	5.000	15:000 000
48- Aventuras do Príncipe	5.000	15:000 000
49- Cara de Coruja	5.000	15:000 000
50- Caçada da Onça	6.000	18:000 000
51- A Men. do Narizinho Arreb.	<u>5.000</u>	<u>15:000 000</u>
	36.000	1.056:000 000

1929

52- Fabulas	5.000	15:000 000
53- Irmão de Pinocchio	5.000	15:000 000
54- Circo de Cavalinhos	5.000	15:000 000
55- Marquês de Rabicó	<u>5.000</u>	<u>15:000 000</u>
	20.000	1.116:000 000

1930

56- Jeca Tatuzinho	10.000	50:000 000
57- Garimpeiros	10.000	30:000 000
58- Pena de Papagaio	5.000	15:000 000
59- Peter Pan	<u>5.000</u>	<u>15:000 000</u>
	30.000	1:226:000 000

1931

60- Pó de Pirlimpimpim	5.000	15:000 000
61- Ferro	3.000	12:000 000

62- Reinações de Narizinho	5.000	50:000 000
63- Alice no País das Maravilhas	<u>5.000</u>	<u>25:000 000</u>
	18.000	1.328:000 000

1932

64- América	6.000	42:000 000
65- Viagem ao Céu	7.000	42:000 000
66- Avent. Hans Staden	6.000	36:000 000
67- O Saci	6.000	36:000 000
68- Contos de Grimm	6.000	30:000 000
69- Contos de Andersen	<u>6.000</u>	<u>30:000 000</u>
	37.000	1.544:000 000

1933

70- <u>História do Mundo</u>	12.500	125:000 000
71- Caçadas de Pedrinho	10.000	60:000 000
72- Alice no país das Marav.	10.000	50:000 000
73- Alice no país do Espelho	10.000	50:000 000
74- Na Antevéspera	5.000	30:000 000
75- Reinações de Narizinho	10.000	60:000 000
76- Novas Reinações	<u>10.000</u>	<u>60:000 000</u>
	67.000	1.979:000 000

1934

77- América	3.000	21:000 000
78- <u>História do Mundo</u>	6.000	60:000 000
78- Emília no país da gram.	20.000	140:000 000
79- Contos Pesados	2.500	24:000 000
80- Avent. Hans Staden	10.000	60:000 000
81- Novos Contos de Andersen	10.000	50:000 000
82- Viagem ao Céu	10.000	60:000 000
83- Novos Contos de Grimm	10.000	50:000 000
84- O Saci	10.000	60:000 000
85- Contos de Fadas	10.000	50:000 000
86- <u>História do Mundo</u>	6.500	65:000 000
87- Contos de Andersen	10.000	50:000 000
88- Fábulas	10.000	40:000 000
89- Robinson Crusoe	<u>10.000</u>	<u>50:000 000</u>
	128.000	2.759:000 000

1935

90- Contos Leves	2.500	24:000 000
91- <u>Historia do Mundo</u>	6.000	60:000 000

92- <u>Historia do Mundo</u>	6.000	60:000 000
93- Aritmética da Emilia	15.000	105:000 000
94- Emília no País da Gramática	10.000	70:000 000
95- Geografia de D. Benta	15.000	150:000 000
96- Historia das Invenções	15.000	120:000 000
97- Peter Pan	<u>10.000</u>	<u>60:000 000</u>
	79.500	3.408:000 000

1936

98- O Escandalo do Petroleo	18.000	108:000 000
99- Contos de Grimm	6.000	30:000 000
100- Caçadas de Pedrinho	7.000	42:000 000
101- D. Quixote	10.500	84:000 000
102- Memórias da Emilia	10.500	73:000 000
103- <u>Historia do Mundo</u>	<u>6.000</u>	<u>60:000 000</u>
	58.000	3.805:000 000

1937

104- América	2.000	14:000 000
105- Viagem ao Céu	7.000	42:000 000
106- Urupês	3.000	18:000 000
107- Emilia no País da Gram.	10.000	70:000 000
108- Fábulas	5.000	20:000 000
109- Contos de Fadas	7.500	37:000 000
110- Viagem de Guliver	10.000	30:000 000
111- O Garimpeiro	10.000	30:000 000
112- O Poço do Visconde	12.500	100:000 000
113- Serões de D. Benta	10.000	70:000 000
114- Histórias de Tia Nastácia	10.000	70:000 000
115- Reinações de Narizinho	8.000	80:000 000
116- O Escândalo do Petróleo	<u>2.000</u>	<u>12:000 000</u>
	97.000	4.398:000 000

1938

117- <u>História do Mundo</u>	6.000	60:000 000
118- Robinson Crusóé	7.000	42:000 000
119- Contos de Andersen	7.000	35:000 000
120- Novos Contos de Andersen	7.000	35:000 000
121- Alice no País...	7.000	35:000 000
122- Novos Contos de Grimm	7.000	35:000 000
123- Contos de Grimm	7.000	35:000 000
124- O Saci	<u>7.000</u>	<u>42:000 000</u>
	55.000	4.717:000 000

1939

125- Caçadas de Pedrinho	7.000	42:000 000
126- Peter Pan	7.000	42:000 000
127- Fábulas	5.000	20:000 000
128- Geografia de D. Benta	6.000	60:000 000
129- Hans Staden	7.000	42:000 000
130- Memórias da Emilia	6.000	42:000 000
131- Aritmética da Emilia	6.000	42:000 000
132- Sitio do Picapau	10.000	90:000 000
133- Minotauro	<u>10.000</u>	<u>120.000 000</u>
	64.000	5.217:000 000

1940

134- <u>Historia do Mundo</u>	7.000	84:000 000
135- Viagem de Gulliver	10.000	40:000 000
136- Historia das Invenções	5.000	50:000 000
137- Contos Pesados	2.000	20:000 000
138- O Garimpeiro	10.000	40:000 000
139- Emilia no Pais da Gramática	7.000	70:000 000
140- Viagem ao Céu	7.000	49:000 000
141- Robinson Crusóe	7.000	49:000 000
142- Contos de Grimm	7.000	42:000 000
143- Reinações de Narizinho	7.000	84:000 000
144- A Reforma da Natureza	<u>10.000</u>	<u>40:000 000</u>
	79.000	5.785:000 000

TOTAL {Tiragem 1.029.500
{Bruto 5.785:000 000

Sem mais, subscrevemo-nos com a maior estima,

de V. Sa.

Amigos, Atentos e Obrigados.

Companhia Editora Nacional

(Assinado) Octales M. Ferreira
Diretor

MONTEIRO LOBATO

MLL

São Paulo, 27 de fevereiro de 1941

Ilmo. Snr.
Monteiro Lobato
rua José Getúlio, 523
Capital

Prezado senhor,

Em resposta ao seu pedido verbal, relativo às edições de seus livros pela Cia. Grafico-Editora Monteiro Lobato, já extinta e pela Cia. Editora Nacional, sua sucessora, temos a dizer que, segundo nossos livros, essas edições montam ao total de 1.029.500 exemplares, no valor global de 5.785.000 000. Abaixo damos a lista especificada dessas edições, ano por ano.

EDIÇÕES DA NOSSA ANTECESSORA, A CIA.
GRAFICO-EDITORA "MONTEIRO LOBATO":

OBRA	EXEMPLARES	TOTAL BRUTO
<u>1918-1925</u>		
1 - 9 - Urupês	30.000	120.000 000
10 - 15 - Cidades Mortas	23.000	92.000 000
16 - 18 - Idéias de Jeca Tatú	12.000	48.000 000
19 - 22 - Negrinha	25.000	100.000 000
23 - 25 - Onda Verde	12.000	48.000 000
26 - Problema Vital	2.000	4.000 000
27 - Os Negros	10.000	15.000 000
28 - 30 - A Men. do Nariz Arrebitado	60.000	180.000 000
31 - O Sací	5.000	15.000 000
32 - A Caçada da Onça	4.000	12.000 000
33 - Macaco que se fez Homem	5.000	20.000 000
34 - How Henry Ford is regarded...	.500	
35 - Avent. de Hans Staden	5.000	20.000 000
36 - Mundo da Lua	5.000	20.000 000
37 - Fábulas	10.000	30.000 000
38 - Jeca Tatuzinho	5.000	25.000 000
39 - O Garimpeiro	10.000	20.000 000
	<u>223.500</u>	<u>769.000 000</u>

EDIÇÕES DA CIA. EDITORA NACIONAL:

1926

40 - Meu Cativo (Hans Staden)	6.000	30.000 000
41 - História dum Viagem (Lery)	5.000	25.000 000
42 - O Choque das Raças	17.000	85.000 000
	<u>28.000</u>	<u>909.000 000</u>

1927

43 - Mister Slang e o Brasil	3.000	15.000 000
44 - Avent. de Hans Staden	6.000	24.000 000
	<u>9.000</u>	<u>948.000 000</u>

Segue...

Primeira página da carta de Octales a Lobato em 27/02/1941³²⁵

³²⁵ Acervo do FML/CEDAE. Localização: MLb 3.2.00407 cx9.